

Meu Vizinho CEO

Mesma autora de "Uma Babá em Apuros"

Jéssica Driely

Meu Vizinho CEO

MEU VIZINHO CEO ©Copyright 2020 — JÉSSICA DRIELY

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorizações por escrito da autora.
Está é uma obra de ficção qualquer semelhança, com nome,
pessoas, locais ou fatos será mera coincidência.

Revisão: Sonia Carvalho
Imagem: Depositphotos e Pixabay



Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20

Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Epílogo

PARA MAIORES DE 18 ANOS

Sinopse: Pai solteiro e um CEO importante do ramo automobilístico, era assim que Pedro Henrique Montauban podia ser conhecido. Um homem que tinha a vida completamente planejada, mas o destino quis dar uma mudada drástica em sua rotina com o pequeno Gael, quando colocou uma mulher completamente intransigente em seu caminho.

Heloisa Marinho é uma assistente devotada. Acabou de cursar faculdade de arquitetura e está empenhada em ajudar sua melhor amiga e chefe com algumas pendências da empresa onde trabalha. Em uma pequena missão ela precisa passar alguns dias na cobertura de sua chefe, Heloisa só não esperava que o novo vizinho de sua melhor amiga fosse um osso duro de roer. E que ele acabaria estragando a sua paz.



Cada lançamento é uma aventura diferente e não teria como viver essa aventura se eu não tivesse vocês em minha vida. Então, para vocês, minhas leitoras e leitores lindos, eu só posso dizer um grande “OBRIGADA”.

Obrigada por me deixarem sonhar, obrigada por amarem meus livros, obrigada por me apoiarem.

Espero que vocês amem Heloisa, Pedro e Gael.

Capítulo 1



Aprendi que tudo na vida, mesmo que seja bem planejado, ainda pode dar errado. Eu havia construído um roteiro para o meu futuro, que foi rasgado e queimado, quando Letícia – uma mulher que conheci em uma boate e saí algumas vezes – apareceu grávida de nove meses em minha porta. Ela me ameaçou dizendo que estava esperando um filho meu e que se eu o rejeitasse, depois que ele nascesse, o colocaria em um orfanato.

Aquilo estava fora de cogitação. Porém, não podia ser hipócrita, pois por um momento, pensei que seria a melhor opção. Só que eu tendia a ser muito apegado a certas coisas e pessoas. Então, com o passar dos dias, meu coração começou a doer somente com o pensamento de ter que deixar o meu bebê em um lugar onde crianças eram abandonadas. Foi quando Gael nasceu e eu

desisti completamente daquela ideia. Ele era tão pequeno e tão parecido comigo, era impossível deixá-lo em um orfanato.

Isso havia sido há um ano. Depois disso, tudo que eu sonhava para o meu futuro, precisou de uma pausa. Já que ter um filho pequeno não era fácil, ele tomava conta de quase todos os meus segundos, e eu só tinha um minuto de paz quando ele dormia. Claro, que se eu quisesse ajuda da minha família, era só gritar socorro que minha mãe ou até mesmo meu pai viriam me salvar, mas eu não queria pedir ajuda.

Não para uma família onde o dinheiro era o mais importante. Onde só amor não bastava. Eles adoravam Gael, mas foram os primeiros a sugerirem que eu o levasse para um internato quando estivesse maiorzinho. Será que ninguém entendia que o meu filho era importante em minha vida e que eu não iria jogá-lo fora com tanta facilidade, igual fizeram comigo em minha infância?

Mas mesmo sabendo de tudo isso, e tendo noção de que meu filho era a parte mais importante da minha vida, às vezes eu era inexperiente demais para cuidar de uma criança. Por sorte, havia arrumado a babá dos sonhos. Ana Clara me ajudava bastante no decorrer do dia. Porém, ela não podia ficar no período da noite, então eu precisava me virar para dar conta sozinho de Gael.

Por isso, enquanto analisava um contrato e ouvi um resmunguinho pela babá eletrônica, senti a respiração ficar presa em minha garganta. Eram exatamente dez da noite, se Gael acordasse agora, ele não dormiria tão cedo e eu necessitava finalizar aquele contrato antes da meia-noite.

Por sorte, só ficou no resmunguinho e não ouvi mais som algum. Voltei meus olhos para o papel continuando a ler tudo que estava escrito. Eram vários termos e eu tinha que me virar para não deixar nenhuma brecha passar.

Era necessário ir à empresa alguns dias da semana, porém em sua maioria eu optava por trabalhar de casa, já que tudo que fazia dava para organizar daqui. No entanto, ser CEO de uma empresa não era fácil, por isso, não tinha hora para trabalhar, se fosse necessário eu estaria resolvendo problemas da Automobilística até de madrugada.

Quando meu pai me passou o seu cargo, para poder se aposentar, eu jurei que cuidaria da empresa que ele montou com tanto esforço. E estava fazendo o meu melhor. No fundo, tenho certeza que ele pensou que devido a Gael ter aparecido em minha vida, eu deixaria os negócios de lado, mas não foi assim.

Empenhei-me mais, me virei em dois e acabei conseguindo levar a Automobilística Montauban ainda mais longe. Gael estava se tornando um homenzinho de respeito e só isso importava.

Fiquei por mais uma hora analisando o papel, até que terminei a leitura e pude dar o meu dia como finalizado. Depois de enviar as cópias necessárias para os e-mails responsáveis, levantei-me da cadeira em meu escritório e caminhei para fora do lugar.

Estava exausto, mas antes de ir tomar um banho para depois me jogar na cama, precisava me alimentar. Era sexta-feira à noite e se fosse em uma época antes de Gael, eu não estaria em casa uma hora daquelas. Provavelmente estaria na farra com Daniel, meu melhor amigo, ou com alguma mulher em minha cama a fodendo loucamente.

Porém, aqueles dias haviam sido extintos da minha vida, desde que me tornei pai, meu mundo mudou e eu precisei começar outra rotina.

Antes de verificar o que tinha para comer, peguei um copo de água e caminhei até a vidraça da cobertura na qual estava morando há poucos dias. Havia me mudado para outro lugar, pois senti que precisava de novos ares e uma casa nova, bem maior... seria a opção.

Era um novo prédio em São Paulo, que possuía duas coberturas, mas extremamente espaçosas. Uma já havia sido comprada quando vim visitar o lugar que seria minha nova residência. Fui informado, que a pessoa que morava ao meu lado comprou-a quando ainda estava na planta, pois foi um empreendimento em que a empresa de arquitetura que ela possuía trabalhou.

Balancei minha cabeça e tirei os pensamentos da minha mente. Olhei o céu estrelado e tomei um gole de água. Era melhor algo que tivesse álcool, no entanto não queria beber tendo que cuidar de Gael.

Meu celular apitou uma mensagem, eu só não lembrava onde havia deixado o aparelho. Assim que o achei, vi que era Daniel. Ele estava me convidando para uma festa que aconteceria não muito longe dali, no entanto o lembrei que tinha um filho pequeno para cuidar.

Daniel: Cara, esqueci que agora você é um homem caseiro. Depois a gente se fala, mas Jaqueline perguntou por você.

Jaqueline era uma pedra no meu sapato, que no passado foi uma das minhas fodas sem compromisso, mas que não via há muitos meses... ainda bem. Não que eu fosse algum santo, eu amava ter uma vida agitada e com muita perversão, só que depois de Gael tudo mudou e com Jaqueline eu não queria continuar, pois ela queria relacionamento sério, o que não era meu caso, além de ser uma amiga da família que eu não queria ter algo muito pessoal.

Depois disso, Daniel não falou mais nada. Deixei novamente o celular em cima da mesa e caminhei até a cozinha, porém constatei que ainda não havia feito compras e que minha geladeira estava vazia. Por sorte, Ana Clara havia preparado a comidinha de Gael mais cedo, antes de ir embora, com o que tinha sobrado e até o tinha alimentado. Por outro lado, eu era filho de Deus e necessitava comer algo.

Caminhei de volta para o celular e achei melhor pedir comida por aplicativo e no dia seguinte me preocuparia em fazer compras. Abri o aplicativo e não demorei muito para escolher uma pizza. Iria ter que me esforçar muito na academia nos próximos dias, pois estava comendo mais do que malhando e não queria me dar ao luxo de não ficar saudável.

Joguei-me no sofá, com o aparelho ainda em minha mão. Saí do aplicativo de comida e entrei em minhas redes sociais. Aquela era outra parte da minha rotina que estava meio esquecida. Não que eu fosse uma pessoa extremamente assídua, porém, não era tão desaparecida como estava nos últimos tempos.

Tinha algumas notificações para verificar, e em sua maioria eram seguidoras, mulheres, que eu nunca havia visto na vida, mas que desejavam um pouco da minha atenção ao menos pelas redes sociais.

Verifiquei a última foto que havia postado e era uma com Gael. Até ali, meu pequeno havia tomado conta. Por isso, achei por bem postar outra foto com ele, pois aquilo era quase uma forma de dizer que eu estava feliz sendo pai solteiro.

Peguei a foto que havia tirado naquela manhã, quando ele ainda dormia sobre o meu peito, com a boquinha aberta, a bochecha de um lado amassada por estar apoiada em meu peito e os cabelinhos desgrenhados.

Mal postei a foto, quando uma enxurrada de curtidas e comentários fofos começaram a ser notificados em minha rede social. Saí dos meus devaneios assim que o interfone tocou, e fui atendê-lo antes que o som alto acordasse meu filho, que dormia tranquilamente no andar de cima.

Era o porteiro perguntando se o entregador podia subir e eu autorizei. Aproveitei para sair do apartamento e ficar esperando-o no corredor, para que não tocasse a campainha e novamente corresse o risco de acordar Gael. Eu ficava preocupado que ele despertasse no meio da noite, pois ainda era muito inseguro para cuidar daquele pequeno serzinho que eu amava demais.

Enquanto aguardava o homem algo chamou minha atenção. Primeiramente, foi um perfume adocicado que tomou todo o corredor, depois o passo de saltos batendo no piso.

Meus olhos imediatamente foram direcionados para a mulher que estava vindo da direção do outro apartamento que ficava na cobertura. Ela estava de cabeça baixa, concentrada no celular. Usava os cabelos ondulados soltos, uma regata branca, calça jeans preta, uma jaqueta azul amarrada na cinturae saltos altos.

Ela não percebeu que andava em direção ao jarro de plantas que ficava no corredor, como decoração do lugar. Sem saber o que fazer eu simplesmente estendi meu braço e segurei o seu. No mesmo momento, a mulher tirou os olhos do celular e me encarou assustada.

Droga! Agora ela pensaria que eu era algum pervertido.

— Me solta — esbravejou.

E fiz o que pediu. No fundo, eu entendia seu medo. Já que as mulheres em sua maioria passavam por abusos, devido a homens imbecis, que não respeitavam seu espaço pessoal, mas eu estava só tentando ajudá-la.

— Eu só tentei evitar que você batesse no jarro. — Apontei minha cabeça para o lugar, e a moça – que eu não podia mentir, era muito linda – olhou para o recipiente que estava em seu caminho.

Ela fechou os olhos e suas bochechas coraram. Adorável, aquilo era simplesmente adorável.

— Desculpa, e obrigada — respondeu, envergonhada.

— Por nada — também falei.

No entanto, despediu-se rápido:

— Boa noite!

— Boa noite!

Antes de sair passou seus olhos discretamente por meu corpo, mas eu percebi, depois voltou a caminhar em direção ao elevador. Desta vez concentrada em olhar para a frente e não para o aparelho que ainda estava em sua mão.

Aquela mulher seria uma que chamaria minha atenção se eu ainda

fosse o homem de antigamente. Mas agora só ficaria com os pensamentos da imagem de fada que ela expressava.

Tirei-os da minha mente, quando o entregador apareceu com minha pizza.

Assim que a peguei, voltei para dentro do apartamento. Porém, uma dúvida surgiu. Será que aquela mulher, completamente linda, era a minha vizinha?

Bom, eu teria que descobrir depois. Agora iria devorar a pizza, pois estava faminto. Quando finalizei o terceiro pedaço e me dei por satisfeito, guardei o restante na geladeira e subi a escada que me levava para o meu quarto.

Antes passei no do meu filho e verifiquei se estava tudo bem. Ele dormia tranquilamente, parecendo literalmente um anjinho. Sorri levemente, enquanto o observava e depois de dar um beijinho em sua testa, fui para o meu quarto.

Tomei meu banho e me joguei em minha cama, vestindo somente uma boxer. Eu precisava dormir o máximo que Gael permitisse, já que amanhã seria um novo dia.

Mais um para eu tentar ser o melhor pai do mundo, e esperava que estivesse conseguindo. Pois Gael era o meu mundo, e eu queria ser o dele.

Capítulo 2



Capítulo 2
Heloisa

Hoje era bem um daqueles dias que eu não deveria ter saído de casa. Parecia que tudo tendia a dar errado quando as coisas não começavam cem por cento perfeitas. Primeiro, porque eu não tinha encontrado o par de sapatos que queria, segundo, cheguei atrasada para uma reunião e Fernanda quase me matou por isso.

Não era por eu ser sua melhor amiga, que ela não enchia meu saco – e com razão – quando eu merecia. Entendia que foi irresponsabilidade ter chegado atrasada em um dia como aquele, mas de toda maneira o metrô e o ônibus que eu pegava para ir para o trabalho tinha sido o meu problema. Porém, não tinha desculpa.

Conheci Fernanda na faculdade, estudamos na melhor faculdade de

arquitetura do país. No meu caso, eu só pude ter essa chance, por ter quase morrido para ganhar uma bolsa e Fernanda porque tinha dinheiro suficiente para pagar qualquer faculdade que ela quisesse.

Mas nada tirava o nosso mérito. Passamos em Arquitetura, Fernanda montou uma empresa há dois anos e eu fui ser seu braço direito, sua assistente, a pessoa que sabia de tudo que estava por trás das cortinas. Todos os projetos tinham minha opinião e caso eu achasse que aquilo não era legal, Fernanda levava em consideração antes de todos que trabalhavam na empresa.

Agora ela estava me encarando como se eu fosse a causadora de todos os seus problemas. Só porque atrasei meia hora para a reunião mais importante da sua vida.

— Já te falei tantas vezes, para deixar eu te dar um carro de presente. Você me pagaria depois — comentou, levando a caneta que estava em sua mão à boca.

— Não quero um carro de presente, eu não preciso, e nem adiantaria muito. São Paulo atrasa as pessoas, tanto de carro, quanto de transporte público.

— Helô, mas você sabia o quanto era importante essa reunião. Se conseguirmos fechar, vai ser o nosso maior projeto. É um shopping, pelo amor de Deus! Tenta entender a minha irritação.

Eu entendia, e como.

— Nanda, você sabe que entendo. Estou extremamente arrependida de ter chegado atrasada. E pelo jeito o cliente gostou do que você sugeriu, por que ele quer voltar a falar com você.

— Mas eu precisava da sua opinião. Nós duas sabemos que você é muito melhor do que eu. E ainda não aceitei que você não tenha concordado em ser minha sócia na empresa.

Ela sempre voltava no mesmo assunto. Como Fernanda tinha dinheiro para dar e vender, ela sempre quis dividi-lo comigo, mas não era bem assim que as coisas funcionavam. Eu queria conquistar o meu espaço, então achava melhor ser uma simples funcionária.

— Eu nunca poderia aceitar ser sua sócia, sendo que não investi dinheiro na Artec.

— Você tinha que parar com esse orgulho besta e deixar eu te ajudar. A Artec é tão minha quanto sua. Mesmo que você não queira ser minha sócia, eu te considero.

— Como mudamos de assunto tão drasticamente? Você lembra que estava me odiando por eu ter chegado atrasada?

Brinquei, enquanto fazia uma anotação de um pedido que tinha que ser feito naquela tarde com urgência.

— Eu nunca te odiaria, Helô. Até porque você tem quase o meu sangue, como eu poderia odiar a minha irmã?

— Você sabe que nós não temos o mesmo sangue, né? — Olhei para ela, por cima dos óculos de descanso que usava, quando precisava ler alguma coisa.

— Para de estragar o meu sonho. Eu queria tanto ser sua irmã.

Eu também queria que ela fosse. A vida era tão mais simples ao seu lado. Uma pena que a gente não parecia nada uma com a outra. Primeiro que eu tinha cabelos castanhos, olhos da mesma cor e ela era loira, de olhos azuis, quase uma ariana.

— Podemos ser irmãs de mentirinha — respondi.

— Pra mim isso já basta.

Voltamos a falar de assuntos relacionados à empresa, até que chegou a hora do almoço. Fomos almoçar juntas e trocamos várias risadas de algumas piadas sem noção que Fernanda contava, além de ela me falar do seu novo relacionamento.

O homem a havia convidado para a Tailândia, e minha amiga estava pretendendo aceitar viajar com ele. Ela nem o conhecia direito, mas queria ir. Não a julgava, se tivesse a oportunidade de conhecer a Tailândia, também ficaria tentada a ir.

— Não sei como você não tem medo de sair com esses “estranhos” — fiz aspas com os dedos, ao finalizar a frase.

— Ele não é um completo estranho. É amigo do meu primo Ricardo, lembra aquele que vivia correndo atrás de você?

Como poderia esquecer? Ricardo era o tipo de monstro que eu queria evitar o máximo possível. Primeiramente, saímos umas duas vezes e ele quis tentar forçar algo que não estava bom. Segundo, que mesmo eu falando não, o idiota ainda tentou me violentar. Aquela parte eu nunca tinha contado para Nanda, porque ela venerava aquele idiota.

E a família dela nunca iria acreditar que um homem de classe alta poderia fazer aquilo com uma qualquer como eu. Afinal, a culpa era sempre da mulher, os homens em sua maioria sempre se safavam das merdas que faziam.

— Lembro — murmurei.

— Ainda não sei o que aconteceu, mas sinto que falta alguma coisa na história que me contou sobre você não querer mais sair com ele. — Fernanda estava tão certa, mas eu não queria destruir o nosso almoço com aquele assunto.

— Vamos esquecer isso. O… como é o nome dele mesmo?

— Marcos — Nanda respondeu, sorrindo ao ponto de mostrar o último dente.

— Isso. O Marcos te trata bem?

— Sim, muito. — Fernanda fez uma pausa e segurou minha mão por cima da mesa. — Ontem o levei lá para casa, a gente acabou transando e foi tão incrível. Helô, eu gozei mais do que poderia imaginar.

Eu não sabia o que era gozar há bastante tempo. A primeira e única vez que transei foi no ensino médio na festa de formatura do terceiro ano. Nunca mais consegui encontrar alguém que despertasse meu interesse.

— Acho que estou sentindo você toda boba por esse cara.

— Estou mesmo. Por isso quero aceitar viajar com ele. Vivermos um pouco fora da nossa bolha de conhecidos. Só que tem a Artec, não posso deixar minha empresa assim do nada.

Eu sabia que no fundo, Fernanda queria me pedir algo, mas ela não estava tendo coragem de fazer o pedido, por isso quis tirar o peso das suas costas.

— Acho que se você confia nele, então deve ir. Eu organizo as coisas para você, se isso for o problema.

— Você faria isso? De verdade?

Eu faria, era óbvio. Fernanda era quase uma irmã para mim. Ajudou-me nos momentos mais difíceis da minha vida. E aquela era a única forma que eu poderia retribuir tudo que ela já fez por mim.

— De verdade. Alguém tem que viver um conto de fadas.

— Para de falar assim, que me sinto culpada por você ainda não ter encontrado ninguém.

— A culpa nunca foi sua, Nanda. Eu só sou quebrada para relacionamentos.

— Vai aparecer um deus na sua vida, que vai juntar teus pedaços. Você vai ver.

— Sonhar não paga — brinquei, tomando um gole do suco que havia pedido.

— Quando esse dia chegar, quero assistir de camarote e ainda comer uma pipoca.

Era sempre assim. Fernanda sempre queria estar de camarote, comendo pipoca em alguma ocasião da minha vida.

— Amiga, eu sei que tô abusando, mas posso te pedir outra coisa?

O sorrisinho de Nanda a entregava, provavelmente era algo que ela sabia que seria muito difícil de eu aceitar, mas mesmo assim iria pedir.

— Fala, Nanda!

— Você sabe que ainda não organizei todo o arquivo da empresa, e que algumas encomendas estão chegando lá em casa. Fora alguns pedidos que fiz do exterior, e o endereço que consta é o do meu apartamento. Aquele que eu quase nunca uso.

— O da cobertura?

— Exatamente.

— O que você quer?

— Você poderia ficar nesse apartamento para receber as entregas. Não posso deixá-las no almoxarifado do prédio, pois têm algumas que são muito frágeis.

Soltei um suspiro, pois realmente queria ajudá-la, no entanto, ela sabia que não podia passar as noites longe de casa.

— Nanda, a minha mãe…

— Eu sei — o suspiro de Fernanda era a prova que eu precisava para entender que ela não aceitava muito bem as minhas condições.

Mas se nem eu que estava dentro do problema aceitava muito bem, imagina quem estava de fora de todo o assunto.

— Você sabe que não precisa aguentar tudo sozinha.

— Mas se eu a deixar sozinha... É capaz de dona Bárbara destruir toda a casa por causa do seu vício.

— Amiga, mesmo assim. Já te ofereci ajuda nessa questão e ao menos nesse quesito você podia aceitar.

— Mas Nanda, ela não quer receber tratamento.

— Amiga, sua mãe está fora de si. Ela não tem escolha a não ser aceitar o que você quiser fazer com ela.

Concordei, pois mais uma vez ela tinha razão. A situação estava se tornando insustentável.

— Vou pensar a respeito de uma clínica e te falo.

— Isso já é um começo.

Minha mãe havia se tornado alcoólatra desde que meu pai morreu há um ano. E estava sendo difícil lidar com seus surtos diários. Ao menos há uma semana ela estava se controlando bem, mas não poderia dizer se continuaria assim tão tranquila.

— Mas olha, se você puder ao menos organizar as caixas para mim. Já vai ser de grande ajuda.

— Isso eu vou fazer, com certeza.

— Ótimo! — Fernanda fez sinal para o garçom que logo trouxe a conta. — Eu pago.

— Nós podemos dividir, Nanda.

— Mas eu quero pagar.

Aquilo era a única coisa que me irritava em Fernanda. Ela nunca deixava que eu arcasse com nada, parecia que esfregava em minha cara que eu não nadava em dinheiro. No fundo, eu só estava sendo amargurada.

— Bom, eu vou dar uma passadinha na cobertura para ver como as coisas estão. Quer me fazer companhia?

— Preciso fazer uma encomenda urgente.

—Você sabe que pode delegar tarefas, certo? — Seu alçar de sobrancelha era completamente irônico.

— Tudo bem, chatinha. Vamos!

Foi assim que fomos para cobertura e tiramos o resto do dia para jogar conversa fora. Eu não sabia por qual motivo Fernanda mantinha dois apartamentos, no entanto, o dinheiro era dela e ela sabia o que fazia.

Vimos filme, comemos pipoca e nos divertimos como nunca. Até que percebi que havia passado do horário de voltar para casa. Quando saí do seu apartamento, chamando um táxi pelo aplicativo, e focada no meu celular para ver a placa do motorista, algo inédito aconteceu.

Um maluco do nada me segurou. Estava tão traumatizada que pensei ser um tarado, mas era só um homem – deus grego – que havia me amparado para eu não bater de frente a um vaso.

Eu poderia chamá-lo de ruivo delicioso, pois aquela era a primeira impressão que o homem havia me passado. E nem precisava passar cinco segundos ao seu lado, para perceber que tinha uma pegada e tanto.

O homem estava em frente à porta da cobertura que ficava ao lado da que Fernanda morava, então imaginei ser o dono do apartamento. Quando me desculpei e fui embora, mandei uma mensagem para minha amiga.

Heloisa: Sabia que o seu vizinho é um gato?

Fernanda: Não, mas agora quero saber.

Heloisa: Fernanda, você vai viajar com outra pessoa.

Fernanda: Mas o meu olho não está comprometido.

Fui embora gargalhando da minha amiga. Queria ser leve como ela, mas era meio impossível quando tinha uma vida real completamente conturbada.

Capítulo 3



Olhava para a tela de videoconferência e tentava ao máximo parecer um bom profissional aquele dia. Estávamos para lançar um novo modelo de automóvel, mas alguns investidores ainda tinham dúvidas sobre umas questões. E aquilo me deixava extremamente chateado, já que eles poderiam muito bem ter falado sobre isso quando começou a surgir o assunto de lançar o novo modelo.

Agora, com menos de um mês para o lançamento, com propagandas rolando, eles queriam tirar algumas dúvidas. A vontade que tinha, era de mandar todos se foderem, mas eu não podia fazer aquilo, senão estaria jogando o nome da minha empresa na lama.

— Senhores, entendo as incertezas. Mas no início quando puderam

falar algo, vocês se mantiveram em silêncio, não estou conseguindo compreender o motivo do problema.

Minha secretária olhou para mim com os olhos arregalados. Ok! Eu não estava extremamente calmo. Daniel que havia sentado próximo a mim, tentou apaziguar a situação.

— Bom, o que o Pedro está dizendo, é que estamos muito em cima da hora para fazermos as mudanças que vocês estão querendo. E o nosso grupo de especialistas trabalhou no design perfeito para esse novo modelo.

Daniel continuou tomando o rumo da reunião até que os investidores responderam:

— Entendemos. Como não temos mais tempo para mudar, fica a sugestão para um próximo lançamento.

— Podemos pensar — respondi.

Após finalizarmos a videoconferência, Daniel me encarou com os olhos semicerrados, no entanto antes de falar alguma coisa ele se dirigiu para a minha secretária:

— Laís, você pode nos deixar a sós, por favor?

— Sim, senhor. — A garota se voltou para mim. — Senhor Pedro Henrique, vai precisar de mim?

— Não, Laís, pode ir.

— Tudo bem!

Assim que a porta da sala de reuniões foi fechada Daniel começou a encher meu saco.

— Como você fala com os nossos melhores investidores daquela maneira, Pedro? Quer estragar tudo com esse seu humor do cão?

— Não estou tentando ferrar nada, mas eles são uns filhos da puta. Por que não falaram antes? Estamos para lançar o carro e agora que viram algumas coisas que não gostaram.

— Mas nós precisamos controlar nossos ânimos, irmão.

— Só quem tem sangue de barata que aceita numa boa o que eles estavam querendo.

— Você está precisando de uma foda, Pedro.

— Queria muito saber o motivo de toda nossa conversa terminar em algo do tipo?

Olhei para meu amigo que começou a rir. Daniel às vezes me irritava, que mania aquele cara tinha de querer jogar o assunto *sexo* em minha vida.

Estava ocupado demais para pensar naquilo no momento.

Não que eu não sentisse falta, mas estava tentando ao máximo deixar meus pensamentos tomarem outros rumos. Até porque uma das minhas últimas fodas sem compromisso me deu uma dor de cabeça lascada. E ela se resumia ao meu filho, que eu amava muito. Porém, não podia negar que para um homem como eu, que tinha zero experiência com crianças, era algo muito complicado.

— Sério, você não pode deixar Gael com ninguém para dar uma espairecida?

— Posso, com você. Já que é padrinho dele.

— Amo meu afilhado, mas não sei cuidar dele sozinho.

— Então para de encher o meu saco quanto a isso.

— Tudo bem, senhor zangado. Vai para casa?

— Vou. Já fiz tudo que tinha para fazer aqui.

— Mais tarde passo lá.

— Em um sábado?

— Sim, hoje não vou fazer nada. Já que todos os meus planos foram cancelados com essa reunião de última hora.

— Tenho até medo desse milagre na Terra — brinquei, enquanto me levantava da cadeira.

Abotoei o casaco do terno que usava e comecei a andar em direção àporta. Também estava meio puto com essa reunião por ter tido que insistir para Ana Clara – a babá de Gael – ficar com ele no período da manhã. Já que ela também não trabalhava aos finais de semana.

Assim que passei perto da mesa de Laís, olhei para ela que parecia muito focada na tela do computador.

— Laís, se quiser pode ir para casa.

— Obrigada, senhor.

Aquela garota era um anjo, que me aguentava com um sorriso no rosto. Ela nem deveria estar ali, pois era sua folga, mas sabendo que essa reunião foi marcada de última hora quis estar presente.

Fui caminhando em direção ao elevador e logo desci para o estacionamento. Entrei em meu carro e parti para meu apartamento. Não demorou muito, pois o trânsito estava calmo no momento em que deixei a empresa. Subi pelo elevador privativo, que levava à cobertura, e assim que saí do lugar percebi que algo estava diferente.

Um barulho insistente parecia perfurar meus ouvidos. Caminhei

lentamente pelo corredor e pude constatar que o barulho vinha da cobertura vizinha. Primeiro, porque eu sempre encontrava aquele andar em completa paz, então ouvir uma música alta ressoar pelo lugar, além de um barulho de algo se arrastando no chão, estava completamente errado para o ambiente.

Resolvi por um momento deixar as coisas daquela maneira, pois ainda era cedo, no entanto, se aquilo persistisse, eu iria ter que reclamar com a vizinha. Abri a porta do meu apartamento e Ana Clara estava sentada no chão com Gael.

Ele pegava um brinquedinho e entregava a ela. A mulher pegava e fazia expressão de assustada o que fazia com que Gael começasse a gargalhar. Tive que sorrir ao ver meu filho tão alegre.

Assim que meu bebê percebeu que eu havia chegado, ele estendeu os bracinhos em minha direção e começou a fazer movimentos com sua boca, até que saiu um papá.

A babá me olhou e abriu um sorriso, ela era uma senhora de cinquenta e poucos anos e, a única pessoa que eu confiava em deixar meu filho. Pois quando a contratei ela possuía várias referências cinco estrelas.

— Como vão as coisas, Ana?

— Tudo ótimo, senhor. Só a pessoa que mora ao lado que está animada hoje. Desde quando o senhor se mudou para essa casa eu mal ouvia barulho ao lado, mas hoje a pessoa está bem…

Ana não terminou a frase fazendo com que eu concordasse com ela. O barulho inconveniente estava realmente estranho e completamente fora do padrão.

— Estou achando que é uma mulher, e está bem animada hoje.

— Ah! Então a moça que vi hoje de manhã devia ser ela. Bem bonitinha e pareceu educada.

Eu não podia negar que a mulher que vi naquele dia era bem bonita. Cabelos ondulados que batiam até a cintura, um corpo bem desenhado… era melhor parar de pensar na vizinha daquela maneira.

— Bom, Ana. Você já está dispensada. Pode ter certeza, que pagarei a mais a você este mês, por suas horas extras no dia de hoje.

— Tudo bem, senhor. Quando precisar e eu puder ajudar estarei à disposição.

— Obrigado!

Caminhei até meu filho, enquanto a babá se levantava. Ele voltou a estender os bracinhos em minha direção e foi impossível recusar aquele

contato. Meu pequeno era tudo para mim, então não tinha como evitá-lo.

— Oi, garotão. Como está?

— *Papá…* — Gael abraçou meu pescoço com força, fazendo parecer que eu era a pessoa mais importante do mundo para ele.

— Tchau, Gael. Até segunda. — Ana despediu-se, enquanto pegava sua bolsa tiracolo do aparador. — Até semana que vem, senhor.

— Até, Ana. E mais uma vez, obrigado.

Assim que a mulher foi embora, fechei meus olhos por um momento, ouvindo a música que a mulher ao lado escutava. Puta que pariu! Deus tinha que me dar paciência, se não seria capaz de esmurrar a porta dela, só para que abaixasse aquela música.

Eu não era um homem muito animado para nada. Por isso tudo que saía da minha rotina me tirava do sério. E a música alta estava atrapalhando a paz que eu tanto amava.

— Bom, o que você quer fazer? — Voltei-me para Gael.

Gael me encarou, mas um tempo depois apontou para a cozinha. Eu sabia muito bem o que ele queria. Já que estava chegando a hora do almoço. Ainda bem que eu já havia deixado algo pré-pronto para ele.

Coloquei-o na cadeirinha própria para alimentação. Tirei meu casaco e o pousei na bancada da cozinha, depois dobrei as mangas da minha camisa até os meus cotovelos e em seguida fui preparar a papinha de Gael.

Enquanto fazia sua comida, conversava com meu pequeno com uma voz infantil. E não pude deixar de pensar que se meus clientes, ou até mesmo investidores, ouvissem como eu falava com meu filho fariam chacota comigo.

Já que Pedro Henrique Montauban era um homem conhecido por ser frio, um CEO focado e centrado nos seus objetivos. Nunca seria perceptível que ele trataria seu filho de forma tão “meiga”.

Só que se alguém soubesse do meu passado, entenderia o motivo de eu querer demonstrar para o meu filho o quanto o amava. Fui uma criança que teve a infância completamente cheia de turbulência, com uma família disfuncional, que só pensava em dinheiro.

Balancei minha cabeça para desanuviar os pensamentos. Não queria voltar a um passado onde só existia sofrimento e abandono.

Depois que ficou pronta a comidinha do meu filho comecei a oferecer para ele. E a forma mais fácil de fazê-lo comer tudo era fazendo aviãozinho, além de diverti-lo, enquanto comia.

Quando Gael ficou satisfeito, começou a fazer bagunça com a comida, e assim eu soube que estava na hora de parar. Tirei-o da cadeirinha e logo o levei para tomar banho, e tirar toda a sujeira que ele havia feito com seu almoço.

Tinha papinha até em seus fios de cabelo. Após o banho, vesti uma roupinha confortável nele, e comecei a balançá-lo em meus braços. Logo Gael estava cochilando e depois caiu em um sono profundo.

Ainda fiquei observando meu pequeno por um tempo, até que o coloquei em seu berço e saí do seu quarto. Antes deixei uma fresta aberta de sua porta, para quando ele acordasse não sentisse medo.

Depois disso voltei para a cozinha para preparar algo para comer. Meu celular anunciou uma mensagem e era Daniel, cancelando os planos de vir até minha casa, pois havia arrumado um compromisso.

Era típico daquele puto. Sempre tinha alguém para encontrar – que se resumia a uma mulher – e se esquecia dos amigos.

Comi em silêncio, mas meu apartamento estava sendo tomado pela música do apartamento ao lado e eu já estava a ponto de mandar aquela garota abaixar aquele som infernal.

No entanto parecia que ela havia escutado meus pensamentos, porque logo desligou o som e a minha paz voltou. Pelo jeito os novos ares que eu estava procurando iriam me trazer grandes problemas, já que o silêncio e a calmaria que eu tanto prezava estavam sendo afetados.

Eu me conhecia muito bem, para saber que logo perderia minha paciência, e a vizinha teria que aguentar as consequências.

Capítulo 4



Capítulo 4
Heloisa

Uma semana e eu já tinha que me virar em duas. Uma semana que a cada segundo eu queria esganar Fernanda. Primeiro, porque com a viagem dela as coisas ficaram ainda mais corridas. Segundo, e o pior de tudo, eram as encomendas que ela disse que não seriam muitas. Só que agora, em todos os segundos, eu recebia uma ligação da portaria do seu prédio, avisando sobre mais uma entrega de mercadoria, eu queria morrer.

Já possuía uma vida conturbada demais para dar conta de tudo aquilo sozinha. Como nesse momento em que fui acordada com uma garrafa sendo quebrada, o som vinha da sala, por isso, levantei-me depressa e corri até o lugar.

Quando vi a mesma cena, de todos os meses desde que meu pai

morreu, passando-se à minha frente me deu vontade de sair gritando pelo mundo. Só para ter um pouco de paz, pela vida estar sempre me batendo de várias formas que eu achava que não podia aguentar.

— Mãe, para com isso — pedi, sentindo a minha voz ficar embargada completamente.

— Não posso, você não entende, Heloisa. Eu preciso beber e você tá me proibindo de encontrar a minha felicidade. Você sempre é o estorvo que aparece em meu caminho.

— Mãe, não fala assim.

— Por quê? Se o seu pai morreu foi por culpa sua, se não fosse por você, ele ainda estaria aqui. Agora, você quer me proibir, de tomar o que me alivia de tanto sofrimento.

Era sempre a mesma história.

— Mãe, a senhora não precisa encher a cara com álcool para se sentir melhor. A senhora pode conversar comigo, eu posso chamar um terapeuta.

— Cala a sua boca, garota estúpida. Você deu um jeito de acabar com todo o álcool que tinha nessa casa, mas uma hora vou conseguir o que tanto quero. E você não vai poder me impedir.

Ela passou por mim, dando um empurrão em meu corpo, deixando-me completamente desnorteada. Como minha mãe tinha coragem de me culpar por algo que eu não tinha cometido?

Olhei os cacos de vidro no chão e deixei as lágrimas escorrerem por meu rosto. Acho que ela nunca melhoraria, sempre procuraria um jeito de beber até cair, ou até fazer algo muito ruim contra sua vida.

Desde que me pai morreu e por eu estar presente, minha mãe além de me culpar por sua morte, ainda começou a descontar todo o seu luto na bebida. E eu não sabia mais o que fazer, no entanto, toda vez que algo assim acontecia eu lembrava das palavras de Fernanda, sobre interná-la em uma clínica.

Eu não queria pensar naquilo, mas no fundo sabia que aquela era a única opção que me restava.

Fui até a despensa para pegar uma vassoura e a pá, para recolher os cacos, antes que algo pior acontecesse. Depois que os joguei no lixo, retirei o saco e coloquei no lugar indicado, após finalizar o processo voltei para o meu quarto.

Ainda eram quatro da manhã, mas pelo visto o sono não voltaria tão cedo para mim. Por isso, preferi, tomar um banho e me arrumar para começar

mais um dia. Hoje ao menos não tinha que ir à empresa, mas precisava dar uma passada na cobertura da Nanda para arrumar a bagunça de encomendas que estavam espalhadas pela sua casa.

Vesti uma calça jeans colada ao meu corpo e um cropped, coloquei um casaquinho por cima da roupa, pois estava um pouco frio. Depois calcei um tênis, e dei meu look do dia finalizado. Completamente diferente do que vestia para ir à empresa, que sempre pedia um salto – algo que eu odiava. Preferia muito mais estar tranquila na segurança e conforto de um tênis.

Eram cinco e meia quando saí de casa, antes disso, passei no quarto de minha mãe e percebi havia pegado no sono. A cuidadora que tinha contratado logo chegaria, então eu poderia sair tranquila.

Chamei um táxi e enquanto esperava o motorista chegar, fiquei mexendo em minhas redes sociais. A maioria das fotos que apareciam na minha frente eram da minha amiga com sua nova conquista.

Sorri, pois Nanda realmente parecia muito feliz e era somente aquilo que importava. Eu tinha que parar de me preocupar, nem todos os homens eram como Ricardo. Um imbecil que sempre tentava a sorte de forma errada.

Assim que o táxi chegou, entrei dentro do automóvel e informei o endereço que ele devia seguir. Aproveitei para observar o céu, que ainda estava escuro, ganhar algumas cores.

Logo a noite viraria dia, no entanto já estava previsto que seria um dia sem sol, com nuvens carregadas e muita chuva. Ainda bem que havia saído cedo de casa, senão seria impossível organizar a pequena bagunça de Nanda.

Assim que cheguei ao seu prédio, paguei ao taxista e fui em direção à entrada do condomínio. Cumprimentei o porteiro quando ele abriu a porta para mim.

— Bom dia, dona Heloisa!

— Bom dia, João. Tudo bem?

— Tudo sim, a senhora chegou cedo hoje.

— Pra você ver o que não faço pela Fernanda.

— Tá certo. — Ele parou por um tempo, mas logo continuou: — Se eu pudesse ajudava a senhora, mas não posso sair daqui.

— Não se preocupe, João. Eu dou conta, sou forte — brinquei, enquanto o homem ficou sorrindo de mim.

Voltei a caminhar em direção ao elevador privativo da cobertura. Só aquilo ali, já mostrava o quanto eu vivia em um mundo completamente diferente da minha amiga.

Ela possuía uma cobertura só para guardar encomendas da empresa,enquanto eu mal tinha meu humilde apartamento para morar, mas ao menos era meu, só isso importava.

Subi todos os andares com uma música passando por minha mente. Eu amava escutar algo que me animasse, mas naquele dia que já estava com aparência mórbida e que começou do jeito que eu mais odiava, não conseguia pensar em nada alegre a não ser uma das músicas dramáticas de Lana Del Rey.

Pelo jeito eu iria ficar me martirizando o dia todo. Assim que o elevador se abriu eu fui em direção ao apartamento. Passei em frente a porta do outro apartamento da cobertura e foi impossível não me lembrar do vizinho gato da minha amiga.

Balancei a cabeça e continuei a caminhar para o apartamento, assim que cheguei, fui até as cortinas e as abri. Era lindo observar aquele lugar. Tinha uma vista privilegiada de São Paulo, e se eu tivesse oportunidade moraria ali tranquilamente, porém, não tinha a possibilidade de isso acontecer algum dia.

Assim que deixei minha bolsa sobre o sofá, fui até a cozinha que estava completamente abastecida, já que eu havia ido ao mercado há dois dias e comprado algumas coisas para que pudesse comer quando estivesse ali.

Peguei algumas frutas e granola para fazer uma salada de fruta. Amava comer frutas pela manhã, só que nunca fui alguém propensa a fazer dietas nem nada. Afinal, o meu lema era: nós vivíamos somente uma vez para não comermos as delícias do mundo.

Fui até a televisão da sala e a liguei, acessando em seguida o aplicativo de música que eu amava. Já eram quase sete horas da manhã e eu ligaria bem baixinho para não atrapalhar a vizinhança. Apesar de que nos últimos dias eu havia extrapolado no volume da música, mas tinha noção que era domingo e que não devia ligar o som em um volume alto àquela hora.

Só que assim que as horas foram passando, e que o condomínio já permitia um volume mais alto, cometi o erro de aumentar a música e comecei a me animar mais do que quando acordei.

Tirei meu casaco, pois organizar as bagunças de Fernanda estavam me fazendo suar. Enquanto arrumava algumas embalagens e abria outras, ouvi a campainha tocar. Achei estranho, pois ninguém sabia daquele apartamento, já que minha amiga só tinha contado para mim que comprara aquele lugar... bom, para mim e para sua nova conquista.

Levantei-me do sofá que havia me sentado para abrir uma caixa e antes de abrir a porta verifiquei pela imagem da câmera quem era. Achei estranho, pois tinha certeza que era o vizinho da minha amiga.

Destranquei a porta e abri um sorriso para cumprimentá-lo e questionar o motivo de ele estar ali.

— Bom dia! — disse, assim que o vi àminha frente.

Sua expressão ao contrário da minha, não estava nada amigável, e eu fiquei um pouco curiosa por ele estar me olhando daquela maneira.

— Eu não sei como você ousa falar bom dia, sendo que está estragando o meu domingo. Tem noção que dá para escutar tudo que faz aqui no seu apartamento? São coisas sendo arrastadas para um lado e para o outro, esse som alto que perfura os meus ouvidos. Garota, eu não sei se entende, mas você mora em um lugar, onde as outras pessoas não precisam saber o que você está fazendo.

Meu sorriso foi morrendo aos poucos, e eu senti minhas bochechas esquentarem, no entanto não era de vergonha, e sim, de ódio. Estava morrendo de raiva daquele homem. Com puro ódio!

Como ele chegava na porta do apartamento de Fernanda e me ofendia daquela maneira? Tudo bem! A música podia estar alta, mas já haviam passado das dez da manhã e o prédio permitia barulhos mais altos.

E outra, o imbecil não podia pedir com educação para que eu abaixasse o volume do som?

— Eu até posso entender que o volume da música esteja alto. Porém, você podia ser mais educado. Ou na escola que você aprendeu a ofender pessoas que você nem conhece, eles também não ensinaram que se você quer alguma coisa, é só pedir com educação?

Ele era lindo, mesmo sendo um idiota e pelo jeito também era irônico, pois o sorriso que surgiu em seus lábios me provou aquilo. Tinha desdém, ironia, e raiva.

— Se você quisesse que eu te tratasse com educação, não ficaria atrapalhando a minha paz de espírito.

Foi a minha vez de sorrir, só que eu só possuía raiva, somente raiva daquele homem que nem me conhecia, mas que estava pronto para me deixar nervosa.

— Você tem paz de espírito? Pois o que tá parecendo é que você é um idiota que só sabe ofender as pessoas. E que não sabe falar com educação com alguém que você nem conhece.

— Não devo educação a alguém que só soube me atrapalhar desde que resolveu fazer mudanças em seu apartamento.

Eu iria dar um grande murro naquele homem, ou ao menos era a vontade que eu sentia. De socá-lo e estragar aquele rostinho bonito, com aquela barba cerrada, aqueles olhos verdes...

Para de viajar, Heloisa, você está com ódio desse homem.

— Senão sabe, o condomínio tem uma política de a partir das dez da manhã de um sábado ou domingo, você pode fazer o barulho que quiser em sua residência.

Vi o momento que o homem ficou sem palavras e foi exatamente aí, que bati a porta em sua cara, sem me importar com a imagem infantil que lhe passaria.

Irritada, caminhei até o meu celular e liguei para Fernanda, não me importando nem um pouco com o fuso horário da Tailândia. Assim que ela atendeu comecei a soltar toda a minha revolta para cima dela.

Eram mais caixas do que ela havia comentado, sobre a cena da minha mãe e sobre o vizinho gato que parecia mais um idiota.

— Calma, Helô — Fernanda, pediu.

Porém, eu ouvi a risadinha que ela soltou.

— Você está rindo de mim, Nanda? — esbravejei.

— Amiga, desculpa. Mas é que você está muito engraçada.

— Onde você achou que estou engraçada? Estou puta, com ódio, com vontade de matar alguém. Onde você viu graça nisso?

— Helô, você precisa transar, amiga. Tenho certeza que quando fizer isso, vai ficar mais calma.

— Que porra de papo machista é esse? Agora uma mulher só por estar estressada, precisa de um pau para se acalmar? Homem não é tudo no mundo.

Minha amiga ficou em silêncio por um tempo, até que disse:

— Você está certa, homem não é tudo, desculpa por ter soado tão idiota. Vou falar para o Marcos que preciso voltar de viagem mais cedo para te ajudar.

E foi nesse momento que a culpa me abateu.

— Não! — soltei um suspiro. — Por favor, não faça isso. Eu juro que se você fizer eu vou ficar tão chateada que saio da empresa.

— Ficou maluca? — Fernanda berrou.

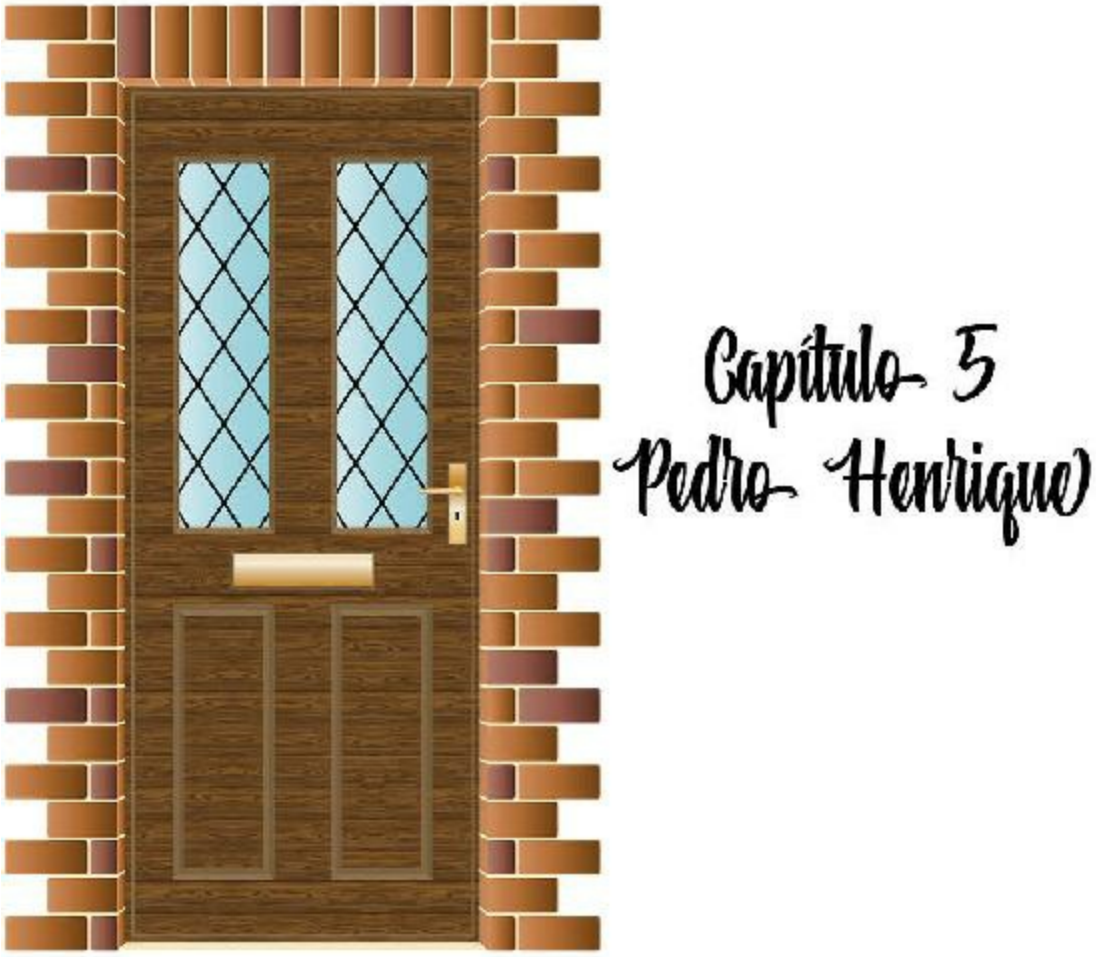
— Não, então, não me faça pedir demissão.

— Tudo bem!

Depois disso conversamos mais tranquilamente, e acabou que desligamos rindo uma da outra. Respirei aliviada por ter soltado os cachorros por telefone, no entanto, agora eu precisava voltar ao meu trabalho.

Mas a única coisa que passava por minha mente, era aquele imbecil que veio falar um monte de idiotices para mim. Pelo jeito, aquele período que passaria no apartamento da minha amiga, seria um martírio.

Capítulo 5



Ela realmente havia batido a porta em minha cara?

Como aquela garota conseguia ser tão ousada daquela maneira? Além de achar que estava certa, ainda batia a porta daquele jeito. A vontade que tive quando vi a porta de madeira sendo fechada foi de esmurrá-la, no entanto, se eu fizesse isso perderia toda a minha razão.

Voltei para o meu apartamento, Gael me encarava do seu cercadinho onde eu o deixei para ir reclamar com a vizinha. Ele levava um dos brinquedinhos que adorava morder até a boca e me olhava como se realmente estivesse preocupado comigo. Como se entendesse o que estava acontecendo.

Era impossível uma criança tão pequena compreender os problemas

que estavam ocorrendo em minha vida. Principalmente com a maluca do apartamento ao lado.

Pior de tudo que eu só queria um momento de paz, antes de ter que ir à casa dos meus pais. Já precisaria passar por tortura suficiente aquele dia. Ainda tive que encarar aquela mulher...

Tentei me acalmar, pois pelo menos ela havia parado com a música. Fui até meu filho e o tirei do cercadinho.

— Vamos para a casa dos vovôs?

Gael me olhou sorrindo, porém não disse nada. Eu ainda não havia conseguido compreender se ele realmente gostava daquela visita mensal que fazíamos aos meus pais.

No entanto se não fosse vê-los era pior, então, seria melhor agir como se eles fossem os melhores pais do mundo e ir visitá-los. Peguei a bolsa de Gael e pendurei-a em um braço, depois saí de casa. Olhei para o corredor e parecia que o fato de ter ido discutir com a maluca ao lado, fez efeito, pois parecia realmente que ela havia parado com o barulho.

Foi aí que parti em direção ao elevador e desci até chegar ao estacionamento do prédio. Caminhei até o meu carro e coloquei meu filho na cadeirinha do banco de trás. Depois dei a volta no automóvel e fui em direção a casa dos meus pais.

Agradecia muito por eles morarem longe o suficiente de mim, para que eu não precisasse visitá-los com tanta frequência. Fui a viagem toda em silêncio, até porque em uma parte do caminho Gael pegou no sono e nem viu quando chegamos à casa dos seus avós.

A mansão ficava localizada em um bairro que fazia parecer mais uma casa de campo, do que realmente uma casa dentro da cidade grande.

Estacionei o carro e percebi que eles estavam com algumas visitas. Só para piorar o meu dia. Odiava ir vê-los, ainda mais quando tinham companhia.

Quase soquei o volante, no entanto, não faria aquilo na frente do meu filho. Ele não tinha culpa de ter uma família tão problemática. Saí do carro, assim que Amadeu – o ajudante da minha mãe – apareceu na porta, provavelmente não demoraria para ela surgir.

Peguei Gael na cadeirinha e ele despertou assustado, mas logo se acalmou. Entreguei-lhe o seu ursinho e a sua bolsa coloquei em meu braço, em seguida caminhei para a entrada da casa.

— Que bom vê-lo, senhor Pedro.

— Tudo bem, Amadeu? — indaguei por educação. Já que aquele homem também não tinha culpa de nada que acontecia naquele lugar.

— Tudo senhor...

— Ah, meu filho querido! — Minha mãe completamente indiscreta apareceu no corredor que levava até a porta. — Até que enfim lembrou-se que tem uma família que te ama.

Claro que eles me amavam.

— Como vai, mãe?

— Estou bem, querido. Só morrendo de saudades de você e Gael.

— Claro que estava — respondi, não dando muita importância para o que dizia. — Quem está aí?

Pelo sorriso da minha mãe, eu já sabia que não iria gostar da resposta. Quando ela sorria completamente com má intenção, já me via em uma situação que eu odiaria.

— Os Siqueira vieram nos visitar.

Merda!

— Engraçado eles virem aqui, bem no dia que marquei de visitá-los.

— Ah, querido! — Minha mãe bateu levemente a mão em um dos meus braços. — Foi uma coincidência.

— Sei...

Começamos a caminhar para dentro da casa, enquanto Amadeu pegava a bolsa de Gael em meu braço. Chegamos à sala de estar e todos estavam lá: meu pai, Francisco Siqueira, Margarida Siqueira e... Jaqueline.

Tudo que eu não queria, era encontrar a minha ex-foda, na casa dos meus pais. No entanto, como eu poderia evitar, quando a sua família e a minha eram amigas?

— Quem é vivo sempre aparece — meu pai comentou, enquanto eu entrava com Gael.

Meu pequeno por outro lado, começou a estranhar todas as pessoas. Ficou tão assustado com a quantidade de gente que estava sendo exposto que abraçou meu pescoço com força e não me largou mais.

— Quanto tempo, Pedro — Jaqueline comentou, vindo em minha direção e dando um beijo demorado em meu rosto.

— Pois é, estou numa correria.

— Seu filho é muito parecido com você — foi a vez de Margarida se manifestar.

— Ele é sim — respondi de forma econômica.

Sentei-me em uma das poltronas vagas e tentei prestar atenção na conversa. O tempo foi passando, o tédio me tomou por completo, mas por sorte fomos chamados para o almoço.

Amadeu se encarregou de Gael e pelo jeito meu filho só precisava se acostumar um pouco com as pessoas, para logo sair dos meus braços.

Jaqueline sentou-se ao meu lado e vez ou outra tentava puxar assunto. No entanto, tentei ao máximo cortá-la, para que ela não pensasse que pudesse reatar nada comigo. Não que tivéssemos alguma coisa, para ela pensar que pudesse voltar para minha cama, era só dar corda para o que queria falar.

Assim que o almoço acabou, Amadeu sugeriu dar um banho em Gael, e eu permiti. Aproveitando para ir ver como Tornado – meu cavalo – estava. Consegui sair sem que ninguém me visse – ou ao menos eu pensei isso –, pois quando cheguei ao estábulo, Jaqueline apareceu para me fazer companhia.

Enquanto olhava Tornado, ela parou ao meu lado e por dentro eu xinguei os piores nomes possíveis. Não queria que aquela mulher me acompanhasse até ali. Sendo que eu gostaria de ficar sozinho. Juro que não entendia como as pessoas podiam ser assim, seguirem as outras sendo que eu nem a havia convidado.

— Você sumiu, Pedro — comentou, e por minha visão periférica pude ver que seus olhos estavam colados em meu rosto.

— Eu não sumi. Só tenho um filho para cuidar agora, e não tenho mais tempo vago para perder com coisas fúteis.

— Eu sou fútil? — indagou, com a voz um pouco alterada.

— Não sei, me diz você, Jaqueline? — Voltei-me em sua direção. — Qual o motivo da sua perseguição à minha pessoa? Nós tivemos noites de sexo muito boas, mas eu nunca quis nada e sempre deixei isso claro para você.

— Eu sei que não temos nada sério, mas por qual motivo você pararia de me foder? Eu ainda quero passar noites em sua cama.

— Só que não é só você que tem que querer. Eu não quero, minha dedicação agora é para meu filho, não tenho tempo para perder com noites de pura luxúria.

Jaqueline sorriu de forma sacana, depositando em seguida uma de suas mãos sobre o meu peito. A outra desceu para o meio das minhas pernas, e eu quis afastá-la no mesmo momento, mas talvez eu não fosse tão forte como eu pensava.

— Tenho certeza que você sente falta de me ter em sua cama. Já que pelo que estou sabendo, você não está saindo com ninguém. Então eu posso até não ter nada com você, mas posso ser a pessoa com quem você perde a linha de vez em quando. Não me importo se agora você tem um filho, só me importo de ser fodida por você.

Pelo jeito ela gostava de se humilhar.

Quem eu queria enganar?

Jaqueline sempre foi daquela maneira. Sempre fazia as piores barbaridades para obter o que quisesse. Até se humilhar para um homem, como ela estava fazendo.

— Jaqueline, posso até sentir falta... muita falta de fazer sexo. Só que tem um detalhe muito grande, eu não quero continuar fazendo com você.

Segurei as duas mãos da mulher que estavam sobre o meu corpo e as afastei. Depois disso, mal dando chance para retrucar, distanciei-me voltando à casa dos meus pais. Assim que achei Amadeu, peguei Gael que já havia tomado o seu banho e comecei a sair da casa.

Minha mãe sem entender muito bem o que estava acontecendo, veio atrás de mim, como se fosse muito inocente no meio daquela história.

— Vai embora sem se despedir, querido?

— Sim, e só volto aqui quando não tiverem visitas inesperadas, mamãe. Se a senhora quer armar um circo, para que o palhaço aqui, seja usado como cobaia, você está muito enganada. Passar bem.

Voltei a caminhar até o carro, assim que coloquei Gael em sua cadeirinha, que me olhava com os olhinhos arregalados, Amadeu parou ao meu lado estendendo a bolsa de Gael.

— O senhor está mais que certo, nunca gostei da dona Jaqueline.

Assim que comentou, afastou-se e eu fui obrigado a concordar com ele. Nem eu nunca gostei dela, mas às vezes a cabeça do meu pau pensava mais do que a que tinha cérebro.

— Vamos para casa, meu amor.

— *Tasa*… — Gael repetiu a palavra e eu sorri.

Esperava que no final das contas, voltar para casa, não fosse mais um problema. Já que parecia que onde eu ia tinha alguma confusão que envolvia alguma mulher, e no caso do meu apartamento, era aquela vizinha sem educação, que eu esperava nunca mais vern à minha frente.

Capítulo 6



Não queria voltar para casa naquele domingo, essa era a simples realidade que eu tentava esconder até de mim. Não queria encarar minha mãe, nem me lembrar de mais uma cena dela, querendo algo para beber, que tivesse bastante álcool e que a fizesse entrar em coma alcoólico, como das últimas vezes.

Não queria me recordar que a minha vida era uma merda e que a cada dia que passava eu sofria mais e mais, por uma pessoa que nem lutava para melhorar.

Queria ao menos uma vez poder ter uma vida diferente. Sabia que era ruim desejar algo que não poderia ser realidade. No entanto, estava cansada de viver o mesmo drama de sempre.

Peguei o potinho de brigadeiro que havia feito mais cedo, depois que o vizinho da minha amiga resolveu me ofender. Sentei-me no sofá com elenas mãos, liguei a televisão em um volume baixo, pois não estava querendo arrumar mais nenhuma confusão como maluco do apartamento ao lado.

Coloquei em uma série que estava assistindo e comecei a ver. Não estava com vontade de ir embora, por isso, já havia enviado uma mensagem para Alessandra – a cuidadora da minha mãe – perguntando se ela poderia dormir essa noite em minha casa.

Porém, a mulher ainda não havia me respondido, então não era certo que eu pudesse ficar na cobertura da minha amiga. Evitando a minha realidade, e tudo que me lembrasse que eu tinha uma mãe alcoólatra.

Coloquei mais uma colher de chocolate dentro da boca, enquanto prestava atenção na série. Só que minha atenção foi completamente distraída quando ouvi passos no corredor; alguns resmungos e um... aquilo parecia um bebê.

Não!

Não podia ser um bebê.

Era impossível que o homem ao lado tivesse um. A minha curiosidade gritou e fui obrigada a caminhar até a porta e verificar pela câmera que ficava no corredor.

Estava parecendo uma stalker, mas como poderia evitar? Eu havia ouvido um barulhinho de bebê e se realmente o vizinho tivesse um, eu teria que me desculpar, pois provavelmente ele veio pedir para que eu abaixasse a música, porque devia atrapalhar o pequeno.

Assim que vi aquele gato, mas malditamente sem educação, segurando um neném– que aparentava ter mais ou menos um ano –, tive que conter um gritinho. Primeiro, por ter sido pega de surpresa, segundo, por ter achado aquele homem ainda mais lindo segurando aquele pequeno pedacinho de gente.

Aquela história que contavam: que mulheres achavam fofo homens com bebês, em sua maioria era real. Eu mesma tinha uma queda e ver o ruivo idiota, sendo quase uma imagem linda para se apreciar, fazia com que eu ficasse ainda mais encantada.

E culpada!

Droga! Mas como eu iria saber que ali tinha uma criancinha?

Deixei o pote de brigadeiro em cima da mesinha ao lado da porta,

depois a destranquei e saí para o corredor. O homem ainda não havia entrado, parecia que estava tendo dificuldade para abrir a porta e segurar o pedacinho de gente.

Aproximei-me sem que ele me visse e o cumprimentei, mesmo que por dentro eu ainda quisesse dar uma martelada em sua cabeça, pela forma que falou comigo mais cedo.

— Oi!

O homem olhou para mim, com um sobressalto e o garotinho que estava em seus braços fez o mesmo. *Ah*, *meu Deus!* Ele era completamente adorável. Tinha as bochechas fofinhas, rosadas e uma pele que parecia lisinha. O seu cabelo tinha o tom de ruivo-escuro, igual ao do homem que o segurava. Ele só podia ser pai do menininho, pois se pareciam demais.

— O que quer?

Era perceptível que o humor do vizinho gato – ruivo idiota, sem noção, estúpido – ainda não havia melhorado.

— Quero tentar começar de novo, porque acho que iniciamos com o pé esquerdo — brinquei, tentando abrir um sorriso.

No fundo, eu só queria socá-lo, mas estava me controlando, agora tinha um bebê na jogada.

E eu tinha fraco por esses serezinhos!

O homem que eu ainda não sabia o nome, mas que talvez no meu interior continuaria chamando de ruivo idiota, por fim, conseguiu abrir sua porta. Só que ainda bem, que ele não me deixou falando sozinha, como imaginei que faria.

— Só não toque suas músicas na altura que bem entender, que estaremos tranquilos. Agora se me der licença.

Alcei uma sobrancelha. Será que ele estava mesmo tentando mandar em mim?

— Se eu quiser colocar a música alta no horário que for permitido, eu colocarei.

Aquilo era uma mentira, já que depois que vi aquele pequeno, fofinho, lindinho, tão maravilhoso, eu nunca mais o atrapalharia com uma música alta. Nunca perturbaria suas sonequinhas do dia.

— Como quiser. Só não me venha depois dizer que começamos com o pé esquerdo.

Ele estava fechando a porta, quando comuniquei:

— Você é muito grosso, estava tentando deixar o clima agradável

entre nós dois.

— Sou mesmo, não posso evitar.

E dessa vez quem bateu a porta em minha cara foi ele. Mordi meu lábio inferior para conter o grito que estava pronto para sair pela minha garganta.

Que ódio!

Estúpido!

Nojento!

Ruivo idiota!

Feio... não... disso não dava para chamá-lo, porque o filho da mãe não tinha nada de feio.

Voltei para o apartamento da minha amiga, fechei a porta e peguei o pote de brigadeiro. O jeito era ver série e me empanturrar de doce.

Logo o meu celular vibrou e era a resposta de Alessandra. Ela dizia que não tinha problema, então preferi ficar na casa de minha amiga. Precisava de um momento só para mim, estava cansada de tentar ser uma pessoa perfeita e no fundo só me ferrar.

Tirei minha calça, e o cropped que usava também. Como estava sozinha, não tinha problema ficar sem sutiã e somente de calcinha. Eu adorava ficar confortável e já havia me cansado daquela roupa. Assim que acabou o episódio da série que assistia, fui tomar banho.

Procurei o banheiro do quarto que Fernanda falou que eu podia dormir, caso quisesse ficar em sua casa. Depois fui tomar banho. No entanto, resolvi aproveitar que tinha uma banheira e saber qual era a sensação de me banhar em uma.

Sim, eu nunca havia tomado banho em uma, então queria muito fazer aquele teste. Assim que a enchi, coloquei os sais de banho, depois entrei na água quentinha.

Senti-me como aquelas pobretonas, que têm seu dia de princesa, e tive até que sorrir com o pensamento. Mas como alegria de pobre realmente durava pouco, ouvi um barulho no andar de baixo e foi impossível não sentir meu coração disparar.

Estava parecendo cena de filme de terror, que a mocinha sempre sofria algum atentado no banho. Droga!

Saí da banheira rapidamente, peguei o roupão que estava pendurado e vesti. Fui para o corredor, mas não tinha ninguém, porém, não podia ficar com aquela dúvida. Por isso, com a cara e a coragem comecei a caminhar

para as escadas.

Assim que cheguei nos degraus, pude ver o meu pior pesadelo no andar de baixo. Ele ainda não havia me visto, mas eu tinha certeza que se Ricardo me pegasse de roupão, ele simplesmente poderia tentar me atacar como da última vez.

Mas a pergunta que passava pela minha mente era só uma: o que ele estava fazendo ali?

Eu não poderia ficar parada, pois seria mais fácil escapar no andar debaixo do que no de cima. Desci os degraus vagarosamente e assim que estava no último o idiota se virou para mim.

Ele era lindo, não podia mentir, mas aquele homem era um monstro horrível por dentro.

— Quanto tempo, Heloisa!

Muito tempo e eu esperava que continuasse sem te encontrar, queria ter respondido isso, só que o que saiu da minha boca foi algo totalmente diferente.

— O que está fazendo aqui?

Ele sorriu de lado e deu um passo em minha direção. Estendi minha mão no mesmo momento e ordenei:

— Continue onde está.

— Só quero conversar, Heloisa. Acho que você entendeu tudo completamente errado da última vez.

O que eu poderia ter entendido errado? Ele queria me estuprar, era só isso que tinha para saber.

— Eu não tenho nada para conversar com você, Ricardo. Então, por favor, vá embora.

A expressão pacífica daquele idiota mudou completamente. Ele cerrou o cenho e murmurou entre dentes:

— Eu tenho que conversar com você. Sente naquele sofá e me escute.

Ah, mas não ia mesmo!

— Claro — blefei. — Você quer algo para beber?

Se ele dissesse que sim, era fácil, pois o caminho do bar era o mesmo que o da porta. Eu poderia tranquilamente fugir.

— Não!

Merda! Mil vezes merda!

Meu coração que já estava disparado começou a protestar ainda mais. Caminhei lentamente em direção ao sofá, só pensando o quanto seria fácil ele

arrancar aquele roupão que eu usava e me ver nua por debaixo dele.

Fechei meus olhos por um momento, tentando não pensar naquilo. Talvez ele só quisesse conversar mesmo. Sentei-me na ponta do sofá, o mais longe possível de Ricardo. Por outro lado ele permaneceu em pé e parecia que não estava muito bem. Em todos os momentos Ricardo olhava para o lado, parecendo que estava sendo perseguido.

— Heloisa, você sumiu. E eu não sei o motivo.

— Novamente isso, Ricardo? Eu não sumi, você fugiu depois que ameacei te denunciar por tentativa de estupro e sinceramente, eu preferia que tivesse continuado desaparecido.

Não sabia de onde aquela coragem havia saído, mas soltei todas as palavras que queria, porém, arrependi-me no minuto seguinte.

— Eu não tentei nada, sua mentirosa. Não fiz nada com você. Acha que não entendo seu joguinho, você só quer me ameaçar para depois ficar com meu dinheiro — esbravejou, completamente descontrolado.

Será que ele estava realmente em seu estado normal? Porque coerente Ricardo não estava sendo.

— Não preciso do seu dinheiro, Ricardo. Eu sinceramente, quero que você vá embora. Não sei como entrou, mas saiba que eu não te quero aqui.

Soltou uma gargalhando com meu comentário.

— Adivinha, o Marcos me contou e ele conseguiu a senha de entrada com a minha priminha. Ele sabe que só quero te dar tudo de melhor, Heloisa. Então, me ajudou a entrar aqui, passar pelo porteiro foi mais difícil, mas eu prometi para o idiota que eu ia fazer uma surpresa para você e quando provei que tinha o mesmo sobrenome da Fernanda o babaca deixou que eu subisse.

Precisaria dar um jeito de fugir dali o mais rápido possível, pois agora reparando bem a forma como Ricardo estava e a sua necessidade de ficar trancado comigo, em um lugar que eu tinha pouca possibilidade de fugir, percebia que estava correndo grande perigo.

Ainda mais que seus olhos estavam vermelhos. Aquilo indicava que estava drogado.

Fodida... eu estava muito fodida!

Capítulo 7



Estava com Gael em meu colo, enquanto na televisão passava Meu Malvado Favorito. Um dos filmes que meu filho mais amava, ele ficava completamente conectado e nem prestava atenção ao que acontecia ao seu redor.

Tinha mais ou menos duas horas que havia chegado da casa dos meus pais, mas mesmo assim ainda estava revoltado com tudo que aconteceu. Com Jaqueline tentando me seduzir, com minha mãe tentando novamente me jogar para cima da filha dos Siqueira.

E para piorar o meu humor, a vizinha ainda tinha vindo falar comigo. Estava tão revoltado que não quis nem ouvir o que ela dizia e já fui jogando todos os meus desaforos para cima dela.

Realmente eu era um idiota.

E desde então, a garota estava em completo silêncio do outro lado da parede, o que no fundo eu agradecia. Talvez depois de ver Gael – já que percebi seus olhos encantados na direção do meu filho – ela diminuísse um pouco os sons do apartamento ao lado.

Apesar de ter falado o contrário para mim.

Será que ela seria tão escrota a ponto de nem se importar com o bem-estar de um bebê?

Continuei focado na animação que passava na televisão, no entanto não conseguia parar de ter mil e um pensamentos. Tanto em Jaqueline me tocando, quanto na vizinha ao lado que parecia ser osso duro de roer.

Quando menos percebi Gael estava dormindo em meus braços. Meu filho amar Meu Malvado Favorito vinha com uma recompensa, ele sempre pegava no sono fácil quando assistia aquela animação. Assim que o levei para o quarto, torci que a vizinha, não fizesse barulho para acordá-lo.

Estava anoitecendo lá fora e provavelmente Gael acordaria para tomar seu leite às dez da noite e mais nada que isso. No entanto, se a moça dos olhos expressivos o acordasse, todos os meus planos seriam colocados por água abaixo.

Queria relaxar um pouco e talvez até assistir algo que gostasse na televisão. Tinha um tempo que não tirava aquele momento somente para mim. Desci as escadas lentamente, espreguiçando-me. Depois tirei minha camisa – que Gael havia sujado mais cedo com sua comida – e peguei o controle da TV para achar algo para assistir.

Assim que achei uma série policial, que eu gostava bastante, ouvi um barulho no apartamento ao lado. Parecia algo sendo quebrado. Pelo jeito, além de barulhenta, a mulher ao lado também era desastrada.

Balancei a cabeça, mas logo o apartamento voltou a ficar em silêncio. Depois disso foquei minha atenção novamente na série, mas não demorou muito para que ouvisse outro som no apartamento vizinho.

Dessa vez eu tinha certeza que era um gemido… não, era um grito. Pausei o episódio no mesmo instante, pois eu realmente ouvi um pedido de socorro. Levantei-me do sofá, caminhei até a porta e novamente ouvi:

— Socorro, alguém me ajude.

Era a voz conhecida da mulher insuportável. Só que mesmo que eu quisesse que ela parasse de me atormentar, eu nunca negaria um pedido de socorro, por isso, o mais rápido que pude destranquei a porta e saí para o

corredor.

A cena que vi a seguir iria me atormentar por muitos dias. A porta do final do corredor foi aberta e a mulher com quem discuti mais cedo saiu, correndo, vestida em um roupão branco e em sua boca eu podia ver um corte.

Ela correu o mais rápido que pôde em minha direção assim que me viu. Jogou-se em meus braços, sem que eu me preparasse para aquele toque, ou soubesse o motivo. Só me abraçou e sussurrou:

— Por favor, me ajuda. Ele quer me violentar.

Senti meu coração disparado e um ódio enorme tomar meu corpo. Enlacei sua cintura, tentando mostrar para ela que eu a protegeria, mesmo que não gostasse dela.

Quando vi o homem saindo do seu apartamento, franzi o meu cenho. Eu o conhecia e como...

Aquele filho da puta estava em todos os eventos que a automobilística fazia. Era um playboy metido a besta que se achava um deus.

— Ricardo Conrado, o que pensa que está fazendo?

A mulher levantou seu rosto do meu peito, que agora que eu havia percebido que ainda estava sem camisa, e me encarou. Seus olhos expressivos, estavam tomados por medo, e eu quis socar a cara daquele filho da puta por tê-la deixado daquela maneira.

— Pedro Henrique Montauban, não sabia que morava aqui. — Ele parou por um momento parecendo procurar as palavras. — Pode ficar tranquilo, essa é só uma das minhas vadias que não está querendo colaborar. Se é que você me entende.

Sim, eu ia ser preso, porque acabaria com aquele desgraçado. Dei um passo à frente, mas a vizinha não me largou. Ela pareceu se contrair mais, por eu ter feito aquilo, então parei. Não queria assustá-la ainda mais.

— Eu se fosse você sumiria daqui, antes que eu chamasse a polícia e suje o nome que a sua família tanto preza.

Pude perceber, pelos olhos injetados, que aquele desgraçado estava drogado. Era típico daqueles homens que se achavam os melhores do mundo, ainda mais quando queriam intimidar uma mulher.

Ricardo me olhou com ódio e murmurou:

— Se eu fosse você não me metia onde não fui chamado, Pedro.

— Você está me ameaçando? — indaguei, apertando o meu braço ainda mais na cintura da moça que permanecia grudada em meu corpo.

— Entenda como quiser — rosnou.

— Saí daqui, Ricardo. Antes que eu conte tudo o que você fez para Fernanda.

A menina se afastou de mim para murmurar as palavras. Depois voltou a encostar a cabeça em meu peito e escondeu o rosto daquele filho da puta.

No entanto o nome da mulher que ela dissera parecia ter mexido com algo na mente do idiota, pois ele logo começou a caminhar em direção ao elevador.

— Isso não vai ficar assim. Você não perde por esperar, Heloisa.

Fiquei ainda olhando aquele infeliz sumir, até que as portas do elevador foram fechadas. Mesmo assim a mulher ainda não havia me largado.

— Ele já foi — sussurrei.

Ela primeiro levantou a cabeça para me encarar e nós tivemos uma troca de olhares. Algo que eu nunca tinha tido com ninguém. Parecia que eu havia saído da atmosfera só por encará-la, parecia que havia sido transportado para outro planeta só por olhar em seus olhos expressivos.

Depois ela quebrou o nosso contato e olhou para os lados. Senti como se um elástico tivesse me puxado de volta para a Terra, e foi por isso, que soltei sua cintura.

— Obrigada — sussurrou, com a voz embargada.

— Quer um copo de água?

— Não, eu preciso avisar ao porteiro que esse monstro não pode entrar aqui.

Fez uma careta e algumas lágrimas escorreram por seu rosto. Foi impossível não seguir o caminho que as lágrimas desciam, e olhar a sua boca machucada.

Merda! Não gostava nadinha daquela situação, ainda mais quando uma mulher estava chorando à minha frente.

Meu sangue fervia com vontade de esmurrar aquele desgraçado. Se eu não tivesse tanto a perder eu podia matá-lo com minhas próprias mãos.

— Quer ajuda com algo?

— Acho que você já fez demais. Obrigada!

Ela não parecia nada bem, parecia mais desnorteada que tudo. Olhava de um lado para o outro, sem entender muito bem o que estava acontecendo.

— Quer que eu ligue para o porteiro? — indaguei.

Não queria ver aquela menina daquela forma. Ela parecia realmente perdida.

— Eu vou. Desculpe, por ter te atrapalhado. Eu devo ter perturbado você, e ao bebê. Ah, meu Deus! Ele está bem?

Acho que a mulher estava em choque, só podia ser isso. Ao invés de estar preocupada com ela, estava pensando em meu filho.

— Ele está bem, pelo contrário, a babá eletrônica já teria me avisado caso ele acordasse.

E sem mais nem menos, ela voltou caminhando para o apartamento. Estava realmente com ódio por ela estar tão perdida, no entanto, eu não conseguiria deixá-la sozinha. Não daquela forma, não vendo que o idiota a tinha machucado.

Entrei no meu apartamento e peguei a babá eletrônica. Depois fechei a porta e corri para o dela, por sorte, a porta ainda estava aberta.

— Sim, senhor João. Não o deixe subir de novo, ele pode até ser primo da Fernanda, mas não tem autorização para entrar aqui.

Ela ficou calada por mais um tempo, no entanto depois murmurou:

— Isso, quero que o senhor troque as senhas também. A Fernanda vai ligar para confirmar. Até mais!

Ela jogou o telefone sobre o sofá e xingou. Algo ainda a incomodava. Passou suas mãos por seus cabelos, parecendo meio desnorteada.

— Precisa de ajuda? — indaguei, e ela se sobressaltou.

Amaldiçoei-me por tê-la assustado. Quando percebeu de quem se tratava, seu semblante nervoso começou a se acalmar.

— Eu estou bem. Só preciso ligar para minha amiga e pedir que ela autorize o que solicitei ao porteiro.

Achei estranho, pois se o apartamento era dela, então ela não precisaria da autorização de outra pessoa. Porém, não quis me meter em uma história que não fui chamado.

— Vou esperar que ligue para ela, então. Pois aquele maluco pode entrar aqui a hora que quiser, com o seu código.

Ela assentiu e pegou dessa vez o seu celular. Discou um número e esperou que chamasse. Porém, pelo jeito a pessoa do outro lado não atendeu. Ela continuou ligando, mas voltou a se queixar de algo que eu não conseguia ouvir.

— Acho que está dormindo. Não consegui falar com ela. — Sorriu meio sem graça para mim.

— Como você vai ficar aqui?

— Estou pensando em voltar para minha casa.

Novamente uma informação que não batia com o que eu pensava sobre ela.

— Aqui não é sua casa? — indaguei, deixando a curiosidade tomar conta.

Ela sorriu e negou.

— Não. É de uma amiga, estou tomando conta de algumas encomendas para ela, enquanto está viajando. Às vezes passo um tempo aqui.

— Entendi.

— Bom… Pedro, não é mesmo?

— Isso.

— Muito obrigada por ter me ajudado.

Não conseguia olhar para ela e aceitar numa boa o machucado em seu rosto. Era demais para mim, que um babaca havia machucado uma mulher tão linda.

— Você pode ser uma sem noção, mas eu nunca negaria ajuda a você… Heloisa, certo?

Tinha ouvido o idiota a chamar assim. Porém, pelo jeito eu havia tocado em sua ferida, já que os seus olhos ficaram semicerrados em minha direção.

— Para sua informação, eu não sou uma sem noção. Se escutei música em um volume mais alto é porque eu sei as regras do condomínio.

Eu deveria ficar calado, ela havia passado por um trauma, não merecia uma discussão. Só que a comichão dentro de mim, impediu-me de ficar em paz, eu precisava infernizá-la mais.

— Mesmo assim, você não tinha direito. Porque já percebemos que esse apartamento não é seu.

— Mas é como se fosse, pois a minha amiga considera dessa forma.

— Enfim, você passou por muitas coisas hoje. Não vou te encher com isso. Só acho que você deveria denunciar esse idiota.

Vi Heloisa engolir em seco e assentir. Depois disso, dei as costas para ela, mas antes que pudesse sair, voltei meu olhar em sua direção e encarei novamente o machucado em sua boca. Ficaria um hematoma horroroso.

— Se isso acontecer novamente e eu estiver perto, juro que socarei tanto a cara daquele desgraçado, que ele nem vai se lembrar do seu nome.

A mulher ficou me encarando e eu comecei a caminhar em direção ao meu apartamento. Realmente não esqueceria fácil o que presenciei hoje.

Odiava abusos e o que Ricardo fez com Heloisa estava fora de cogitação. Esperava nunca mais vê-lo em minha empresa, ou em algum evento que eu estivesse relacionado, senão as coisas não ficariam boas.

Capítulo 8



Capítulo 8
Heloisa

Ainda sentia meu corpo tremer com tudo que havia acontecido. Eu mal conseguia fechar meus olhos e não me lembrar do que Ricardo tentou fazer comigo.

Alguns dos pedidos raros que Fernanda tinha encomendado haviam sido danificados, pois aquele monstro me derrubou em cima das mercadorias quando me deu o tapa no rosto. Isso tudo, porque novamente me neguei a ficar com ele.

Se não tivesse conseguido correr até a porta e sair do apartamento, as coisas teriam sido muito piores. E por sorte, muita sorte, aquele ruivo mal-educado e lindo estava morando no apartamento ao lado. Senão eu não conseguiria ter escapado das garras de Ricardo.

Da primeira vez eu não quis revelar a ninguém o que aquele idiota

tentou fazer comigo. Agora seria impossível esconder novamente o que ele tentou fazer. Aquele maluco devia estar atrás das grades e se dependesse de mim eu o colocaria lá. Nem que fosse para ter meu nome manchado, já que a nata da sociedade nunca gostava quando uma pessoa desconhecida tentava manchar a classe deles.

Saí dos meus devaneios assim que meu telefone começou a tocar. Era Fernanda, ela até podia não ter atendido das primeiras vezes que tentei ligar, mas provavelmente acabou acordando pela minha insistência.

— Alô! — atendi, com a voz meio embargada.

Eu não queria revelar a ela o que aconteceu, mas precisava de sua autorização para alterar as senhas de entrada.

— Eu juro que se for um surto por causa do vizinho gato, vou ter que brigar com você — Fernanda brincou.

— Não foi… — comecei a chorar, pois sabia que não conseguiria falar com ela sem fazer algo do tipo.

— Pelo amor de Deus, o que aconteceu? — minha amiga pareceu verdadeiramente preocupada.

— Fernanda, eu preciso que você ligue aqui para o prédio e autorize que eu mude as suas senhas impedindo que Ricardo entre aqui.

— Como assim? O que o ele estava fazendo aí e por que você está chorando? — minha amiga ficava ainda mais nervosa do outro lado da linha.

— Amiga, é uma longa história. Não quero atrapalhar sua viagem, mas eu preciso te contar o que houve comigo e o seu primo daquela vez.

— Ah, merda! Eu sabia que tinha acontecido algo. Espera, eu vou te ligar em chamada de vídeo.

Fernanda nem esperou que eu me despedisse para desligar o telefone, mas diferente do que imaginei, ela demorou alguns minutos para retornar à ligação. Quando o fez, atendi imediatamente.

Assim que ela viu minha imagem refletida pela tela, notei quando franziu o cenho, provavelmente percebendo que eu estava um caco e com a boca machucada.

— Eu já liguei para a portaria autorizando a troca das senhas. O que aconteceu com você? — berrou a última parte.

— Desculpa, por atrapalhar a sua viagem — murmurei, meio chorosa.

— Foda-se a minha viagem. Foda-se qualquer um que ousou te machucar. Por favor, não me diga que foi meu primo. Eu nunca iria me

perdoar por ter te apresentado a ele.

Abaixei meus olhos, mas quando voltei a encarar a tela do celular Fernanda percebeu que infelizmente foi, sim, o imbecil do seu primo, que havia feito aquilo.

— Que merda, Heloisa! Por que você não me contou antes que ele era um idiota? Agora você vai me dizer tudo, desembucha.

Assenti e respirei fundo.

— Daquela vez que saímos, ele tentou abusar de mim. Eu disse que não queria transar, mas ele tentou mesmo assim e com muito custo consegui fugir — comecei a chorar. — E eu não quis falar nada, porque quem iria acreditar na minha palavra contra a dele? Sejamos sinceras, sabemos que as mulheres em sua maioria são julgadas pela sociedade e desacreditadas. E o Ricardo é rico, eu nunca conseguiria fazer algo contra ele.

— Não estou acreditando nisso — minha amiga sussurrou, deixando que algumas lágrimas caíssem dos seus olhos.

— Tudo estava bem, até que hoje, do nada, ele resolveu aparecer aqui.

— Ainda não consigo entender como esse idiota achou esse endereço. Sendo que não passei a ninguém, além de Marcos…

Pude perceber que minha amiga ligou os pontos no mesmo momento. Sua expressão furiosa me dizia que ela ia fazer alguma coisa.

— Nanda, não precisa escorraçar o Marcos. Provavelmente ele pensa que Ricardo é uma boa pessoa.

— Primeiramente, Heloisa, nenhum homem na minha vida é mais importante que você. Eu nunca poderia aceitar que um cara com quem estou saindo, me engane dessa maneira. Passei a senha para ele ir me ver há alguns dias e não para sair revelando para terceiros.

— Eu entendo, mas…

— Não tem mais. Eu vou acordar aquele filho da puta e saber o motivo de ele ter passado as informações a Ricardo. E você, Heloisa, vai denunciar aquele outro filho da puta à polícia. Se a minha tia achar ruim, ela terá que se ver comigo. Estou pouco me fodendo com o que vão falar.

— Amiga, não quero que você seja prejudicada.

— Você não me ouviu? Estou pouco me fodendo para a minha família. O importante é você. E não é porque a sociedade que vivemos seja uma bosta que eu vou aceitar esse abuso numa boa e ainda ficar calada. — Ela parou para respirar e continuou: — Olha o seu machucado. Pensa se algo

pior tivesse acontecido?

— Por sorte consegui sair do apartamento e o ruivo idiota me ajudou.

— Ruivo idiota?

— O vizinho — murmurei, não dando a mínima.

— Vou agradecê-lo quando voltar. Vou sair daqui assim que amanhecer, então vou te ver daqui a dois dias.

— Não estrague sua viagem, Nanda.

— Até parece que você não me conhece, Helô. Eu nunca te deixaria neste momento, não quando você precisa de mim mais do que tudo.

— Obrigada — agradeci.

— Nem precisa agradecer.

Continuei falando mais algumas coisas com Fernanda. Tentando convencê-la de não perder a sua viagem, no entanto ela estava irredutível e eu não pude fazer mais nada. Assim que minha amiga encerrou a ligação eu soltei um suspiro.

Esperava muito que ela não fizesse nada impensado e algo desse errado para o lado dela. Eu nunca iria me perdoar se ela brigasse com sua família por causa de mim.

Parei por um momento para soltar outro suspiro, silencioso, quieto demais… acabei deixando que mais lágrimas caíssem de meus olhos. Era impossível não me lembrar daquele monstro tentando me violentar, só que meus pensamentos foram parar no ruivo idiota e por um momento eu até esqueci tudo de ruim que aconteceu naquele dia.

Levantei-me do sofá para poder limpar a bagunça que havia virado o apartamento da minha amiga. Após pegar todos os cacos de vidro e organizar tudo o que o filho da puta do Ricardo havia desarrumado, parei por não conseguir deixar de pensar no homem que morava ao lado.

Ele não se importou em me ajudar, mesmo que parecesse me odiar. Um sorriso idiota surgiu em meus lábios ao pensar aquilo. Olhei para a porta e uma ideia maluca passou por minha cabeça.

Sempre fui conhecida por tomar decisões precipitadas e aquele momento era um deles. Tirei o roupão que ainda estava e vesti a roupa que usava anteriormente, calcei-me e caminhei em direção à porta.

Saí para o corredor e olhei para todos os lados, só para me certificar que não seria interceptada por ninguém, que se resumia a Ricardo. Mesmo que João – o porteiro – tivesse me falado que ele havia saído, ainda me batia um pouco de medo.

Caminhei pelo corredor até a porta de Pedro Henrique e não quis tocar a campainha, pois achei que podia atrapalhar seu bebê fofinho. Sim, eu estava encantada com aquele neném.

Não demorou muito para que a porta fosse aberta, após eu dar dois toques nela. Mas diferente de quem imaginei que encontraria, um homem completamente estranho apareceu. Ele passou os olhos dos meus pés à cabeça e eu senti meu coração disparar.

Realmente não estava preparada para que um homem me encarasse daquela forma. Não depois de ter passado por um ataque mais cedo.

— Nossa! Pedro, tem uma bela visão aqui na porta do seu apartamento. — O cara não parecia ser nenhum imbecil. Eu só estava com medo demais dos homens que apareciam no meu caminho.

Então por qual motivo eu tinha vindo parar na porta do vizinho escroto?

— Do que você tá falando? — O ruivo idiota surgiu ao lado do homem que abriu a porta.

Assim que eu ele viu que se tratava da maluca que ele odiava, sua expressão se alterou.

— Aquele estúpido voltou para te perturbar? — Ele parecia realmente preocupado.

Avançou para o corredor e olhou ao redor. Assim que garantiu que nada estava me incomodando, seus olhos voltaram para os meus.

Eles eram verdes e se tornavam muito profundos. E mostravam que havia vários segredos guardados, e só era fácil perceber aquilo, se o encarasse da forma que eu estava fazendo naquele momento.

— Não. Eu só não queria ficar sozinha — murmurei de forma automática.

Vi o momento que Pedro Henrique abriu a boca, mas não soube o que dizer para mim. Ele franziu o cenho, engoliu em seco e olhou para o homem que ainda nos observava.

Coçou a sua nuca, parecendo realmente perturbado com toda aquela situação.

— Bom, esse é Daniel — apontou para o homem que me estendeu a mão. — Ele trabalha na minha empresa, é como meu braço direito e melhor amigo.

Aceitei a mão do homem sorridente, de forma relutante, ainda estava meio assustada com contatos.

— Daniel, essa é Heloisa. Ela meio que mora no apartamento ao lado.

— Ah! É essa que você disse ser uma sem noção que liga o som no último volume?

Acho que Daniel deixou as palavras escaparem sem querer, já que o homem à minha frente encarou o amigo parecendo que o fosse esfolar vivo. Mas aquilo fez com que eu levantasse uma sobrancelha e encarasse Pedro Henrique.

— Então você sai espalhando sobre as nossas desavenças para todo mundo?

— Não posso fazer nada, quando você realmente faz as coisas erradas.

Coloquei minhas mãos em minha cintura, abri minha boca querendo mandá-lo tomar em um lugar que seria muito ofensivo. Mas diferente disso só disse:

— Acho melhor voltar para o meu apartamento, antes que eu faça você engolir as suas palavras.

— Você não estava com medo? — questionou, parecendo o ser mais poderoso do mundo.

— Prefiro ficar sozinha a ficar com uma pessoa tão babaca quanto você.

No momento que fechei minha boca, o celular que estava em minha mão começou a tocar e o número que apareceu na tela, me deixou um pouco amedrontada.

Pedro Henrique ainda estava me encarando quando levei o celular até meu ouvido.

— Alô!

— Querida, você precisa vir logo. Sua mãe surtou e quebrou tudo o que tinha em casa. E está ameaçando colocar fogo no apartamento se ninguém der uma garrafa de bebida para ela.

Senti o ar me faltar, minha garganta se fechou, meus olhos se encheram de lágrimas e o meu coração estaria mais calmo se eu tivesse participado de uma maratona.

Será que aquele dia não acabaria nunca?

Capítulo 9



Os olhos dela tão expressivos, tornaram-se poços de água imediatamente. Por um momento fiquei pensando que Heloisa pudesse desmaiar ou algo assim, por isso me aproximei para saber o que estava acontecendo.

— Heloisa?

Ela ainda permanecia com o telefone na orelha e não sabia se estava escutando o que a pessoa falava ou se havia entrado em choque. Sem saber o que fazer, peguei o telefone de sua mão, e ela nem me repreendeu.

— Alô! — falei, assim que ouvi que a pessoa ainda estava na linha.

— Quem está falando? — uma mulher questionou.

— Aqui é Pedro Henrique, sou amigo da Heloisa. O que aconteceu,

ela parece ter entrado em choque.

A voz feminina do outro lado deve ter ponderado por um momento sobre o que dizer, pois demorou alguns minutos para continuar, mas quando o fez eu quase entrei em choque junto com minha vizinha.

— Olha, querido. Aqui é Alessandra, cuidadora da mãe de Heloisa. Não sei se você sabe, a mãe dela entrou em surto, por ser alcoólatra e está ameaçando colocar fogo no apartamento onde elas moram. Seria importante se Heloisa viesse logo, para tentar contê-la.

Engoli em seco com aquela informação.

— Vocês já chamaram ajuda?

— Sim. Os bombeiros estão a caminho.

— Tudo bem! Estamos indo para aí.

Desliguei o celular e olhei para Daniel – que acabou levando um bolo e resolveu aparecer em minha casa, mesmo depois de falar que não viria mais – que me encarava sem entender nada.

— Você vai ficar com o Gael, eu preciso ajudá-la com um problema pessoal.

— Pela sua cara, parece ser muito sério.

— Sim, Daniel. É caso de vida ou morte.

— Tudo bem! Eu fico com o Gael, vai lá, mas depois você vai ter que me contar tudo.

— Pode ficar tranquilo que eu vou te explicar.

Voltei-me para aquela mulher que era quase como uma obra de arte. Segurei seus braços e encarei seus olhos que ainda pareciam em transe.

— Você precisa me contar onde mora, Heloisa. Eu vou te levar até a sua mãe.

Aquilo pareceu tirá-la dos pensamentos conflitantes que passavam por sua mente. Heloisa piscou algumas vezes e assentiu.

— Não sei como vou te agradecer por isso.

— Pensamos nisso depois.

Sorri levemente para ela e a mulher linda assentiu. Daniel jogou a chave do meu carro para mim e comecei a caminhar até o elevador da forma que estava mesmo.

Heloisa nem se importou de voltar até ao apartamento para pegar algo, só me seguiu parecendo que eu era o seu destino e nada faria com que nos afastássemos naquele momento.

Quando ela já tinha me passado seu endereço e estava dentro do meu

carro o silêncio recaiu sobre o lugar. Heloisa olhava para fora da janela aparentando estar realmente muito abatida.

Continuei dirigindo o automóvel calado, sem querer ser ainda mais intrometido do que estava sendo. Assim que chegamos ao seu endereço, algumas pessoas estavam de fora do prédio e encaravam Heloisa de forma acusatória.

— Não sei como tem coragem de aparecer aqui, com essa cara de inocente — uma senhora que apresentava ter mais de oitenta anos murmurou.

Heloisa fez como se não tivesse ouvido e logo se aproximou de uma mulher que imaginei ser a da ligação. Eu não saí do seu lado, afinal algo me dizia para ficar colado àquela mulher. Mesmo que ela parecesse ser uma bomba de problemas.

— Os bombeiros já chegaram, querida. Estão tentando acalmá-la.

A mulher que também já aparentava ter mais idade murmurou, para que só Heloisa escutasse. A minha vizinha, que não era bem assim, assentiu e continuou caminhando em direção às escadas.

Diferente da casa da amiga, onde ela estava ficando, o prédio que Heloisa morava era simples. Não tinha nada exuberante e imaginei que ela era uma pessoa sem muitas condições financeiras.

— Agora a senhora se acalma. — Ouvimos a voz de um homem assim que entramos no corredor que indicava o primeiro andar.

Heloisa estacou no lugar e olhou em direção ao homem que falava. Meus olhos seguiram o mesmo caminho que os dela, e eu vi uma mulher muito parecida com a que estava ao meu lado, porém mais velha e muito mais descontrolada.

A porta de um apartamento estava aberta e imaginei que foi dali que saíram.

— Foi ela. Tudo culpa dela. Ela não me dá minha bebida — a mulher gritava, apontava o dedo em nossa direção, como se Heloisa fosse realmente culpada por ela estar naquele estado.

Não sabia o que se passava na cabeça da mulher ao meu lado, mas na minha só havia o pensamento que a mãe dela tinha deixado o vício da bebida vencer a batalha.

— Você é a filha dela que estávamos esperando chegar? — um dos bombeiros questionou.

— Sim, sou eu — respondeu, mas ficou claro que aquilo era muito

difícil para ela.

— Vamos levá-la para um hospital, para se acalmar.

— Tudo bem!

Heloisa se voltou para mim, ainda perdida em pensamentos, pois eu podia ver em seus olhos que eles não estavam confiantes de nada do que fazia. Ela murmurou:

— Obrigada, Pedro. Agora eu vou lidar com esse meu pequeno problema familiar

Assenti, no entanto, respondi:

— Sim, mas eu vou com vocês. Não vou te deixar sozinha nesse momento.

— Mas você não precisa fazer isso. Além do mais o seu bebezinho está sozinho com aquele seu amigo que não pareceu ser muito experiente com crianças.

Foi impossível não abrir um sorriso em sua direção. Como ela tinha conseguido ler Daniel tão rápido?

— Nesse ponto você tem razão.

— Eu sempre tenho — sorriu tentando fazer o momento ficar leve.

Em suas bochechas apareceram duas covinhas que me encantaram. Aquilo a fazia parecer, tão meiga e doce. Mas no fundo, eu tinha completa convicção que aquela mulher era um monstro que a qualquer momento estaria falando desaforos para mim.

Maluca! Completamente maluca.

— Tenho que discordar, mulher que escuta música no último volume, sem se preocupar em atrapalhar os vizinhos.

— Eu sei o direito de escutar músicas no volume certo, na hora certa. Homem que só sabe reclamar e não entende de lei alguma.

— A senhora vem? — um dos bombeiros indagou.

Aquilo estourou a bolha que Heloisa e eu havíamos entrado. O brilho que estava começando a nascer novamente nos seus olhos sumiu imediatamente.

— Claro! — respondeu e depois me comunicou: — É melhor você voltar para sua casa, ruivo idiota, depois conversamos. E muito obrigada, por essa carona e por mais cedo. Parece que mesmo você sendo... idiota, ainda tem um coração nesse lugar aí.

Apontou com o dedo para o meu peito, sem me tocar, pois pelo jeito ela sabia respeitar o espaço de outra pessoa. Afastou-se em seguida, sem

voltar novamente seus olhos para os meus.

Parecia que eu havia ganhado um apelido: *ruivo idiota*!

Essa era boa.

E ela que era uma maluca?

Mas uma maluca linda.

Depois daquilo voltei para casa e mal abri a porta do meu apartamento, para quase morrer de rir ao ver Daniel tentando trocar a fralda de Gael no sofá da sala.

— Eu juro Gael, que vou matar seu pai. O padrinho te ama, mas eu não tenho a mínima ideia de como limpar a bunda de um bebê. Droga! Não aprenda a falar nem droga, nem bunda. Porra! Eu acho que quem vai me matar será o seu pai.

Entrei no apartamento e comentei:

— Pode parecer muito difícil, mas é a coisa mais ridícula trocar fralda de um neném.

— Graças a Deus que você chegou. Primeiro, porque o seu filho está podre. O que uma criança de pouco mais de um ano pode comer para feder tanto? — Foi impossível não gargalhar com seu questionamento. — Segundo, eu não tô nem aí se é fácil. O filho é seu, então venha limpá-lo.

Aproximei-me de onde estavam e murmurei:

— Oi, meu amor. O papai chegou para te salvar desse padrinho maluco.

— *Papá...*

— Isso, o papai.

Depois de organizar tudo o que Daniel era tapado demais para fazer. Peguei meu filho nos braços e caminhei para descartar o que devia ser jogado fora.

— Pronto, não foi nada difícil.

Daniel me encarou fazendo parecer que eu não estava falando da mesma coisa que ele. Voltei para o sofá e me sentei com Gael em meu colo.

— Agora você vai me contar tudo sobre a gata que estava na porta mais cedo.

— Não tem nada para contar.

— Cara, primeiro você diz que a odeia. Depois você a leva para não sei onde parecendo muito preocupado. Então tem alguma coisa para contar.

Eu não queria falar daquilo, mas meu amigo tinha razão. Tinha muita coisa para contar.

— Bom, mais cedo aconteceu algo com ela. Salvei-a de uma tentativa… — olhei para o meu filho. — Acho que é um assunto muito pesado para tratar na frente de uma criança.

— Nem precisa terminar de falar, para que eu saiba o que aconteceu.

— Pois é — respondi, encarando meu amigo.

— Sabe quem foi o filho da… — Daniel parou o xingamento assim que o encarei.

Gael estava ali e eu não queria que ele escutasse aquelas coisas.

— Sei... Ricardo Conrado. Não quero saber dele perto de nós mais.

— Mas ele é um cliente antigo.

— Acabou de deixar de ser — respondi de forma convicta. — E agora foi um problema com a mãe dela. Eu só senti vontade de ajudar, parecia que algo gritava que eu não podia deixá-la sozinha nesse momento.

— Entendi. Então, a vizinha gata, conseguiu domar esse seu humor de merda.

— Não fala assim, Daniel. Ela nem é minha vizinha, fica na casa da amiga pelo que entendi. Enfim, deixa essa história pra lá.

— Como você quiser.

Passamos o resto do dia assistindo algo na televisão, até que Daniel foi embora. Depois disso arrumei, dei a mamadeira para Gael e ele acabou pegando no sono.

Meu filho era um amor de pessoa, tão quietinho, meu ponto de paz.

Assim que o coloquei no berço, fui para a sala e achei por bem tomar um copo de uísque. Aquele dia foi tão cheio de coisas, que eu podia simplesmente nomeá-lo como um dia muito ruim e ao mesmo tempo um dia que ajudei uma pessoa a se salvar de um abusador.

Ao pensar naquilo o rosto da maluca linda apareceu em meus pensamentos. Foi inevitável não deixar um sorriso brincar em meus lábios. O dia podia ter sido uma merda, mas ter aquela menina ao meu lado despertou algo que há muito tempo eu não sentia: vontade de fazer coisas novas, conhecer pessoas novas… ter alguém com quem eu pudesse contar.

Que pudesse me estender a mão quando eu precisasse.

Será que um dia teria aquilo?

Capítulo 10



Ainda olhava para o papel que eu havia assinado. Meus olhos estavam cheios de lágrimas, mas seria impossível não concordar com a médica. Ela tinha me dado a opção de internar minha mãe obrigatoriamente.

Afinal, Bárbara tentou colocar fogo em nosso apartamento. Aquilo tinha sido o ponto final para eu tomar aquela decisão. Recorri a Fernanda, pois ela sempre me ofereceu sua ajuda quando eu precisasse internar minha mãe. Minha amiga havia me transferido uma quantia para eu poder pagar a clínica por alguns meses.

Só que tinha a condição de ela descontar do meu pagamento o valor. Não queria mesmo parecer aquela amiga que se aproveitava da outra só por ela ter dinheiro. Eu não era daquele jeito, então não queria deixar as coisas

mal entendidas.

Quando entrei no quarto que minha mãe estava, foi impossível não sentir meu coração se partir um pouco. Ela seria transferida em poucos minutos para a clínica de reabilitação – contra a sua vontade – o que a faria me odiar ainda mais.

No entanto, foi isso que me aconselharam a fazer. Além de ter uma autorização médica para que eu prosseguisse com aquela decisão.

Dona Bárbara estava com um acesso em seu braço direito, que injetava sedativo para que ela se mantivesse controlada, enquanto esperava a transferência. O sedativo a deixava calma, mas não tirava completamente sua consciência.

Exatamente por isso, que ela me olhava expressando toda a raiva e revolta que estava sentindo.

— Como você ousou a querer me internar, Heloisa? — só podia se ouvir um sussurro saindo de sua boca, mas mesmo assim as palavras pareciam cortantes.

— Eu só penso no seu bem, mamãe. Mesmo que você não acredite nas minhas palavras.

— Não sei que bem é esse. Já não bastou você matar o seu pai, ainda tem a coragem de fazer algo tão horrível comigo?

— Você está doente e precisa de tratamento — murmurei. — E lá ao menos você poderá voltar para a realidade e parar de dizer que eu matei o meu pai.

A culpa nunca foi minha, ela não entendia que eu também fui uma vítima? Que eu nunca quis que o meu pai se colocasse na frente de uma bala para me defender, mas foi aquilo que aconteceu, então eu não podia ser a culpada por existirem bandidos no mundo.

Aquele dia ainda me perturbava, mas eu não me culparia por algo que não tive nada a ver. Não tinha culpa de ser rodeada de tragédias em meu destino.

Minha mãe ficou em silêncio e eu também. Caminhei até a janela para encarar a noite e sinceramente, nunca imaginei que passaria por tanta coisa em um único dia.

Quando o pessoal da clínica chegou para fazer a transferência, eu fechei meus olhos, pois não queria ver aquela cena. Preferi ir de táxi até o lugar, pois não queria ir na ambulância junto com minha mãe.

Cheguei à clínica e pude perceber que possuía um ambiente meio

mórbido, mas ao menos seria o melhor para ela. Depois que resolvi todos os problemas pendentes, voltei para casa, com o coração partido.

Doía muito saber que eu teria que aceitar que minha mãe ficasse internada naquele lugar, porém ela com toda certeza, voltaria melhor do que quando saiu.

Entrei em meu apartamento, observando tudo que ela havia destruído, porém uma exaustão me abateu e eu resolvi que não queria arrumar nada. Tudo ficaria daquela forma, até eu ter estrutura mental para consertar as coisas que Bárbara destruiu devido ao seu vício.

Agora eu tinha certeza que as coisas iriam melhorar. Ela ia se tratar e tudo voltaria a ser bom, como antigamente. Só não teria meu pai aqui, para nos fazer companhia, mas era isso… um dia de cada vez.

∞∞∞

Uma semana se passou desde que tudo aconteceu. No dia seguinte ao ocorrido, fui à delegacia e fiz o boletim de ocorrência contra Ricardo. Ele acabou sendo preso, mas claro que todo o seu dinheiro lhe deu o direito de permanecer livre. Ele iria responder ao processo em liberdade, mas teria que se manter afastado de mim.

Os pais de Fernanda não ficaram muito felizes com o que fiz, mas como minha amiga mesmo disse: eles que se fodessem. Era por causa de pessoas como essas que o mundo estava cheio de mulheres que sofriam abusos caladas.

E eu estava com medo, muito medo de ter me exposto. Não conseguia dormir direito há dias, mas tentava ser forte o máximo que conseguisse.

Falando em Fernanda, ela já havia voltado de sua viagem e infelizmente preferiu se afastar de Marcos e aquilo estava me fazendo sentir culpada.

Ainda mais que eu podia perceber o quão triste ela estava. Marcos apareceu na empresa um dia depois de chegar de viagem para me pedir desculpas, pois jurou que não sabia que Ricardo iria tentar me fazer algum mal. Pude perceber que diferente da merda de amigo que ele tinha, parecia ser um homem íntegro.

E foi exatamente por pensar isso que entrei na sala da minha amiga, enquanto ela analisava um contrato e falei para ela:

— Liga para ele. Vocês precisam conversar, não existe isso de você

desistir de um homem que te faz bem, só por ele ter cometido um pequeno erro. Tenho certeza que se ele soubesse que Ricardo fosse tentar algo, ele não teria passado senha alguma, Fernanda.

Minha amiga me olhou com os olhos marejados. Parecia que ela precisava só que eu dissesse aquilo para desabar.

— Mas o que você pensaria de mim, se eu continuasse com um homem que ajudou outro a te fazer mal?

— Não pensaria nada. Se o Marcos te tratasse mal, era outra coisa. Mas ele só me pareceu um homem inocente, se é que existe, mas que é amigo de um imbecil.

Fernanda respirou fundo, enxugou as lágrimas que escorreram por seu rosto. Levantou de sua cadeira e caminhou até a janela que dava vista para o parque Ibirapuera.

— O dia que veio aqui ele até me disse que preferia se afastar de Ricardo e nunca mais olhar na cara dele, do que se afastar de mim, no entanto, eu preferi me afastar, pois não sabia o que você acharia.

Minha amiga voltou sua atenção para mim e continuou:

— Sem o Marcos eu até consigo viver, mas sem você eu nunca conseguiria, Helô.

— Para de tentar me fazer chorar. Só que ser infeliz também não compensa, então liga pra ele e tenta ver se vocês conseguem se acertar.

— Tudo bem!

Fernanda se aproximou de mim, em seguida me abraçou, mas logo se afastou para encarar meus olhos.

— Como estão as coisas na sua casa?

Fiz uma careta, pois para ela não dava para mentir.

— Um saco. Não consigo dormir, pois fico com medo de algo ruim acontecer comigo. Sozinha, naquele apartamento, onde todos do prédio estão me olhando com cara feia por causa do que minha mãe fez.

Fernanda pegou minha mão e me conduziu até o sofá, bem fofo, que ficava no seu escritório.

— Amiga, porque você está com medo de algo acontecer?

Fechei meus olhos, pois era ridículo assumir aquilo, mas era mais real do que parecia ser.

— Estou com medo do seu primo mandar fazer alguma coisa comigo. Você sabe que meu prédio não tem segurança alguma.

Assim que abri os olhos vi Fernanda engolir em seco.

— Não posso tirar a sua razão. Se aquele idiota foi capaz de tentar abusar de você, não duvido de mais nada que ele possa tentar fazer.

— Não queria me sentir assim, mas parece que algum sexto sentido fica falando que não estou segura ali. Ainda mais agora que minha mãe não está lá.

Fernanda assentiu, mas logo fez uma expressão que me deixou bastante intrigada, pois se eu conhecia aquela mulher bem, seus pensamentos estavam tentando formalizar alguma coisa.

— E se…

— Não, nem vem com alguma ideia absurda — sorri, já que conhecia Fernanda bem.

— Deixa eu falar, Helô — pediu, quase esbravejando. Assim que ela percebeu que eu não falaria nada, continuou: — Por que você não fica na cobertura do Village?

Village era o apartamento que ficava ao lado do ruivo idiota. E aquilo estava fora de cogitação. Nós dois não seríamos bons vizinhos e eu nem queria me aproveitar de Nanda, com aquela situação.

— Não posso aceitar.

— Mas ao menos lá, com as senhas trocadas, é mais seguro do que sua casa e ninguém vai te olhar com ódio.

— Ah, vai sim! Afinal, você não conhece o seu vizinho. Ele olharia com ódio só por eu espirrar mais alto no apartamento ao lado do dele.

— Helô, larga de ser boba. Você precisa se sentir bem novamente, eu nem uso aquele apartamento. Comprei por puro luxo e você podia muito bem ficar lá o tempo que quisesse. Não é como se eu fosse parar de pagar as contas dele, só por você não estar lá.

— Primeiro se eu fosse para lá, você não pagaria nada. Eu que faria isso.

Levantei-me do sofá um pouco ofendida. Que mania Fernanda tinha de querer me bancar.

— Eu sei que você é orgulhosa, mas sabe que não precisa ser assim comigo.

— E você sabe que não quero depender de você — esbravejei.

— Tudo bem, não precisa depender. Você arca com as contas do apartamento. Mas tem que concordar comigo, de que lá é mais seguro do que na sua casa.

Minha amiga também se levantou do sofá e me olhou.

— Eu poderia falar para você ficar no apartamento que moro, que é muito mais perto daqui. Só que eu não quero perder minha privacidade para levar minhas fodas para lá e também não quero tirar a sua.

O sorriso safado de Fernanda apareceu nos seus lábios. Nem eu queria aquilo. Quando pensei em passar um tempo em sua casa, para poder relaxar, logo depois que meu pai morreu, vez ou outra encontrava um homem pelado pelo lugar. Então não me sentiria bem com aquilo.

— Não seria nada bom, passar por aquela experiência de novo — comentei, retribuindo seu sorriso.

— Eu sei, por isso, estou oferecendo o apartamento que não moro.

Parei para pensar por um momento. Se eu e o vizinho não nos matássemos em vinte e quatro horas, seria realmente uma boa opção ficar no Village, foi pensando nisso que respondi:

— Acho que posso tentar ficar lá, por um tempo, até que minha mãe receba alta da clínica.

— Tenho certeza que você não vai se arrepender.

— Na verdade, você pode se arrepender. — Ela fez uma cara de assustada. — Já que posso matar o seu vizinho — brinquei.

— Eu sinto que no fundo você quer continuar esbarrando com o ruivo idiota. Já que ele até te deu uma carona para casa.

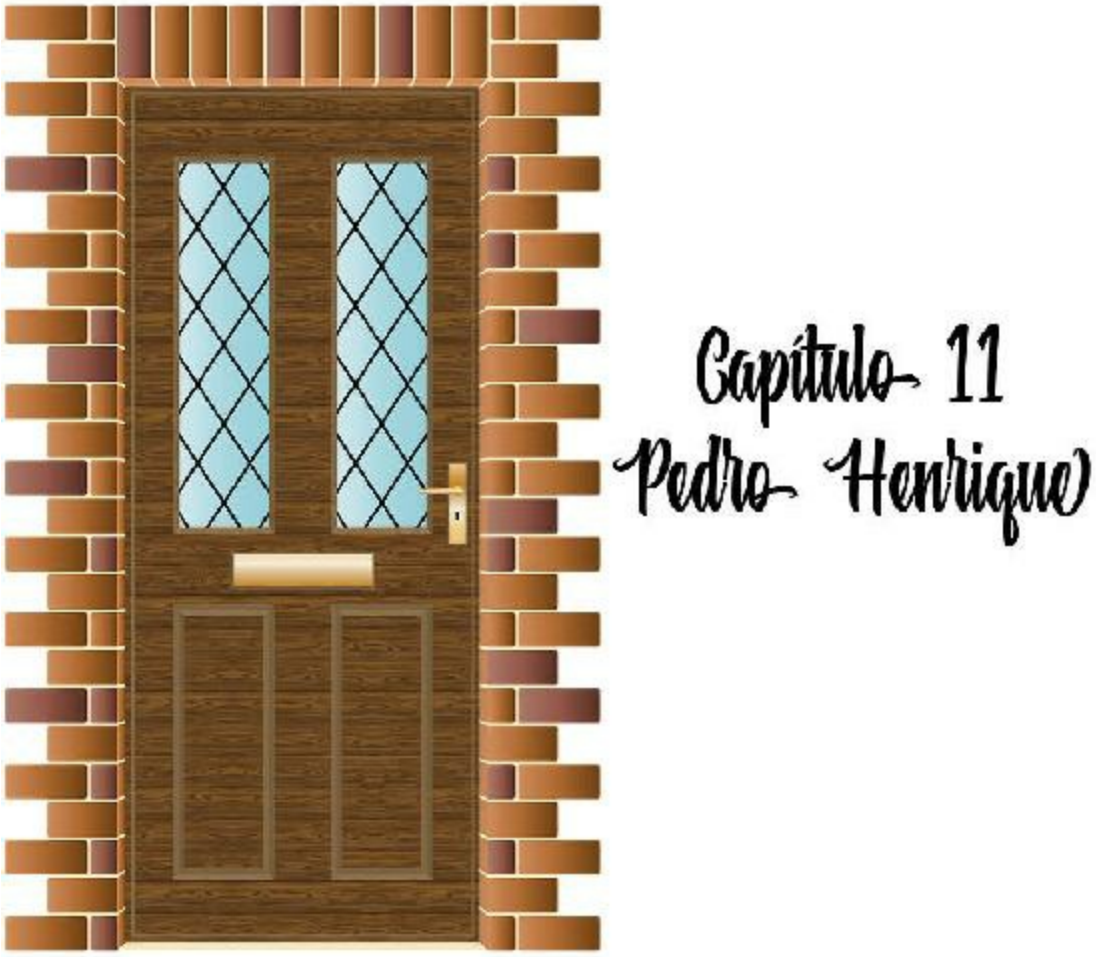
Sim, eu já havia comentado aquilo com ela.

— Acho que você está lendo contos de fadas demais.

— Ou talvez não.

Preferi acenar para minha amiga e voltar para a minha sala que ficava ao lado da sua. Era melhor evitar que ela sonhasse acordada comigo e com o ruivo idiota, já que nada nunca aconteceria entre mim e aquele… homem maravilhosamente lindo.

Capítulo 11



Parecia que o destino estava querendo brincar um pouco com a minha cara. No momento que entrei no elevador que levava para minha cobertura, alguém colocou a mão entre a porta que estava se fechando para fazê-la se abrir novamente.

E para minha total surpresa, era ela… Heloisa.

Linda como sempre…

A mulher estava com um tubinho preto que ia até a altura de seus joelhos, saltos altos, uma bolsa pequena e quando entrou no elevador me direcionou um sorriso que fez as covinhas de seu rosto ficarem em evidência.

— Oi, Pedro! — cumprimentou.

— Olá!

Era sexta-feira, e além da semana ter sido exaustiva, o meu dia foi completamente estressante, então não estava muito para conversa. No fundo gostaria de saber como aquela garota estava, o que havia acontecido com sua mãe, mas não tinha nada a ver com a vida dela, então não deveria me meter.

Continuei encarando o nada, só que por minha visão periférica pude ver o momento que Heloisa olhou para mim.

— Agora somos vizinhos… literalmente — murmurou e foi impossível não a encarar.

— O quê? — questionei para ter certeza que não havia ouvido errado.

— Vou passar uma temporada na cobertura de Fernanda.

Foi impossível não sorrir com seu comentário. Talvez tivesse cometido vários pecados na vida, por isso agora eu pagava por eles, para merecer uma vizinha tão barulhenta quanto aquela.

— Estou vendo que serei obrigado a aguentar a sua presença diariamente.

— Você já está aguentando há mais de uma semana… *idiota*.

De novo aquilo.

— Você me chamou de idiota?

— Sim, já que é um completo idiota. Não sei como pude pensar que tinha uma pitada de pessoa legal em você.

Heloisa parecia bastante irritada.

— Não sou idiota!

— É, sim. Só porque começamos com o pé esquerdo, você já tem uma imagem completa minha, não é?

— Você me deu essa imagem.

— Foi somente uma música alta, Pedro. Não ia acabar com sua vida.

— Mas me incomoda. Eu tenho um filho pequeno para cuidar e as suas algazarras me atrapalham com isso.

— Garanto que aquele garotinho iria amar ouvir uma música às vezes. Aposto que você o prende para tudo.

As portas do elevador se abriram e a mulher começou a andar em direção à cobertura de sua amiga… ou melhor, que agora podia ser considerada dela.

Eu segui a passos lentos até parar na porta do meu apartamento, mas

algo gritava dentro de mim, para que eu não deixasse aquela mulher sumir daquela maneira.

— Heloisa — chamei.

Por um momento, jurei que ela não pararia para me ouvir, só que diferente do que pensei ela se voltou para mim. Em seus olhos expressivos eu podia ver raiva, revolta e fogo.

Heloisa emanava fogo de seus poros, de cada curva que possuía, de cada traço que tinha.

Elevou a sobrancelha quando eu não disse nada, pois estava encarando sua beleza.

— Às vezes, sou idiota mesmo. Podemos tentar começar de novo?

Com toda certeza eu tinha batido a cabeça ou algo assim. Nunca em minha vida eu voltava atrás com o que falava, então por qual motivo estava perguntando aquilo para aquela mulher?

Mal a conhecia, não devia satisfação do meu humor para ela. Se Heloisa quisesse até poderia ficar com raiva de mim, pois eu não me importaria. No entanto, estava ali, indo contra tudo o que era. Para o quê? Nem eu sabia aquela resposta.

— Pelo jeito você também é bipolar, não é?

A pergunta dela poderia ter me deixado puto, como costumava ficar com qualquer pessoa que tentava controlar minha vida, só que para me deixá-la ainda mais surpreso, não consegui segurar o sorriso. E parecia que eu estava sendo espelhado, pois Heloisa até tentou segurar o dela, mas logo seus lábios formaram um sorriso lindo, que deixou novamente suas covinhas em evidência.

— Acho que você está me ofendendo demais — brinquei.

E Heloisa gargalhou, como se eu realmente tivesse contado uma piada muito engraçada para ela.

Ela se aproximou lentamente de onde eu estava e sussurrou:

— Vamos começar de novo, *vizinho*. — Estendeu sua mão em minha direção e completou: — Prazer, sou Heloisa Marinho.

Aceitei o seu gesto e toquei a sua pele macia, com a minha que poderia feri-la por não ser tão aveludada quanto a dela.

— Prazer, sou Pedro Henrique Montauban.

Ficamos encarando os olhos um do outro, enquanto nossas mãos não se desgrudavam. No entanto, nosso contato foi quebrado quando o celular de Heloisa tocou.

Ela balançou a cabeça, soltou sua mão da minha, afastou-se alguns passos e falou:

— Tenha uma ótima sexta. E dê um abraço naquele bebê fofo.

Eu iria fazer algo que também não era do meu costume.

— Se não for fazer nada demais em sua sexta à noite, te convido para jantar em minha casa e aí você pode conhecer melhor o Gael.

— Você está me convidando para jantar? Uma completa desconhecida na sua casa?

— Acho que você não é mais uma completa desconhecida. Ao menos parece que não é uma psicopata ou algo do tipo.

Heloisa sorriu, encerrando a ligação em seguida, pois o aparelho parou de tocar e comentou:

— Acho que realmente não sou uma psicopata. E aceito jantar em sua casa, já que não gosto muito de sair.

— Uma pessoa caseira?

— Também, mas não só isso… — Heloisa parou por um momento, respirou fundo e finalizou. — Enfim, isso não vem ao caso. Mais tarde apareço por aqui, tudo bem?

— Tudo ótimo!

Depois que ela se afastou eu ainda fiquei encarando-a.

O que eu tinha feito?

Fechei meus olhos e entrei no apartamento. Não sabia o motivo súbito de ter convidado Heloisa para jantar, mas agora não tinha como reverter aquilo. Então que eu tentasse ser uma pessoa menos… *idiota*.

Ou aquilo iria acabar muito mal.

∞∞∞



Heloisa

Ainda não tinha entendido como de uma pequena discussão, fomos parar em um convite para jantar. E o que mais me chocou é que eu havia aceitado rápido demais. Para piorar tudo, após tomar banho, me peguei completamente ansiosa para aparecer em sua casa.

Fiquei até meio em dúvida sobre o que vestir, mas assim que vi o vestido amarelo, com a barra rodada eu soube que era ele o escolhido da noite.

Já estava no apartamento de Fernanda há mais de uma semana e por fim eu havia conseguido voltar a dormir. Realmente estava com medo do que Ricardo poderia fazer comigo e ali, onde tudo era mais seguro, eu me sentia melhor.

No meu prédio eu nunca teria paz, pois qualquer pessoa poderia

entrar, até mesmo sem autorização.

Tentei tirar os pensamentos tortuosos da minha mente e fui me arrumar. Coloquei o vestido, mas optei por finalizar com um tênis. Estava exausta e não queria em momento algum colocar outro salto, só porque jantaria no apartamento ao lado.

Passei um pouco de perfume e assim que soltei meu cabelo que estava amarrado em um rabo de cavalo, dei meu look como encerrado. Desci as escadas da cobertura e depois de pegar meu celular saí do apartamento caminhando até o do vizinho.

Já eram oito da noite e eu não sabia se podia tocar a campainha, pois o bebê poderia estar dormindo. E pelo que entendi Pedro Henrique não gostava que seu filho tivesse o sono interrompido.

Foi exatamente por isso, que dei três batidinhas na porta de madeira e esperei. Não demorou muito para que a porta se abrisse e eu pudesse encarar o ruivo idiota completamente diferente do que vi mais cedo.

Já que quando cheguei do trabalho, ele estava parecendo um CEO de negócios, daqueles que víamos somente em filmes. Agora usava uma gola polo azul-marinho, que não deixava muito dos seus músculos para a imaginação. Já que a manga estava grudada em seus braços e eu não podia mentir que aquela imagem me agradou sobremaneira. Usava também uma calça jeans clara e estava descalço.

Pelo cheiro do perfume caro, eu podia jurar que ele havia acabado de tomar banho. Assim que me viu, abriu um sorriso ameno e parecia sem graça.

No fundo eu também tinha que confessar que estava morrendo de vergonha por estar ali, mas aquilo era eu tentando começar de novo com o ruivo idiota.

— Estava te esperando — murmurou, enquanto se afastava da porta e me dava passagem para o lugar.

Dá última vez que apareci aqui, não havia conseguido passar da soleira da porta, mas agora estava dentro do apartamento que tinha toda a arquitetura muito parecida com o da minha amiga. Mas que era completamente diferente, pois o ambiente parecia sério demais, fechado demais e masculino demais.

Um som completamente diferente daquele ambiente me chamou atenção, por isso direcionei meus olhos para o sofá e vi o garotinho, que agora eu sabia que se chamava Gael me encarar e fazer um sonzinho com a

boca.

Ele era tão lindo, olhos claros e os cabelos nos tons do pai. Seria um ruivo lindo também. Torcia muito para não ser idiota como Pedro.

Caminhei até o sofá onde ele estava sentado, parecendo muito adulto, abaixei para ficar da sua altura e o cumprimentei:

— Oi, Gael. Tudo bem?

Ele falou sons indecifráveis e eu só pude sorrir.

— Cumprimenta a amiga do papai, filho — Pedro murmurou assim que se aproximou de nós.

O menininho o encarou e disse:

— *Papá…* — Estendeu os bracinhos para o homem que o pegou no mesmo momento.

E com aquilo eu me derreti toda.

Levantei-me ainda encarando aqueles dois. Já os tinha visto juntos, mas daquela maneira, quando estávamos tentando não nos odiar, eu quase ficava encantada com aquela imagem.

Já que eu era muito boba e me encantava rápido demais.

— Ele se parece muito com você — comentei.

— Obrigado! — Pedro parecia estar envergonhado pelo que disse.

E tentando mudar o clima estranho que recaiu sobre o ambiente indaguei:

— Vamos pedir comida por aplicativo?

O homem que estava um pouco afastado de mim, encarou-me com uma expressão completamente estranha. Como se realmente não compreendesse o que eu falava.

— Por quê?

— Bom, não sei o que vamos jantar. Foi aí que imaginei que poderíamos pedir comida por…

— Heloisa, não sei de que mundo você vem. Só que aqui na minha casa, eu só peço comida se estiver com muita preguiça de cozinhar.

Aquela informação me pegou completamente de surpresa.

— Você cozinha? — indaguei, pois era realmente difícil de acreditar.

— Claro! Senão seria capaz de morrer de fome.

— Então eu acabei conhecendo um homem que parece mais uma caixinha de surpresa.

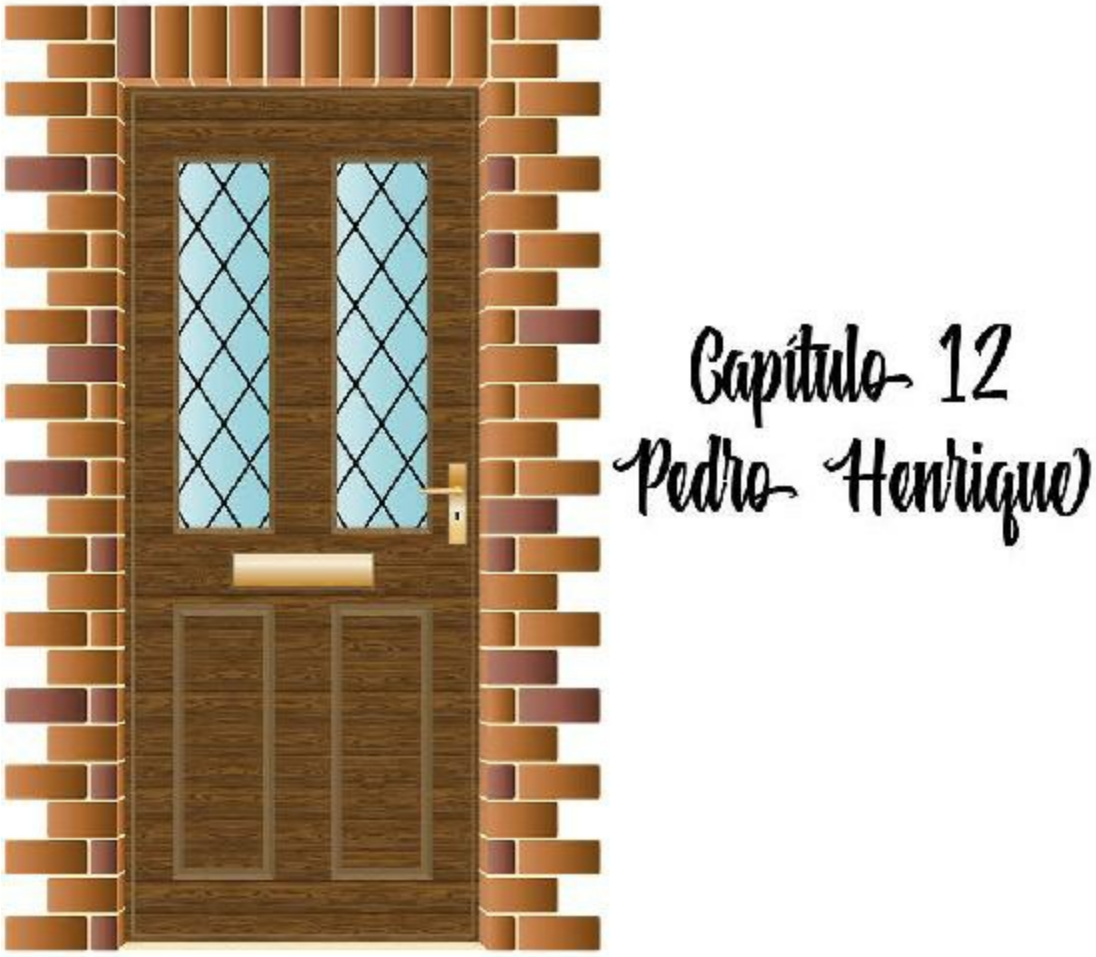
— Se for pensar por esse lado, você pode, sim, ter muitas surpresas comigo.

Tudo bem! O destino estava querendo fazer alguma coisa na minha vida.

Já que depois de ouvir aquilo, senti meu coração disparar.

Talvez a ideia daquele jantar não fosse tão boa quanto eu imaginava… ou talvez tivesse sido a melhor escolha para o meu caminho.

Capítulo 12



Eu a encarava sem acreditar que ela realmente estava sentada à mesa, provando da massa que eu havia preparado rapidamente quando cheguei. Não podia mentir que estava um pouco ansioso com o seu parecer, já que não costumava fazer comida para estranhos.

Assim que ela abriu os olhos depois de uma garfada generosa, eu soube que havia acertado na receita.

— Uau! — Heloisa levou mais uma garfada à boca e voltou a dizer assim que terminou de mastigar: — Meu Deus! Você é maravilhoso na cozinha.

— Obrigado!

— Que incrível!

Foi impossível não sorrir de Heloisa, ela realmente parecia muito encantada com o que eu havia feito.

— Fico feliz que tenha gostado — comentei, enquanto provava da massa e pude constatar que realmente estava uma delícia.

Passei meus olhos por Gael e ele estava fazendo a sua pequena bagunça para jantar, mas eu não me importava. Gostava que meu filho se desenvolvesse e nada melhor que deixá-lo ser um pouco independente, ao menos para comer.

— Realmente você me surpreendeu, senhor Pedro Henrique. — Heloisa olhou para Gael e murmurou: — Ele é tão lindinho, dá vontade de morder.

Levantei minhas sobrancelhas e ela voltou seus olhos para mim, o que fez com que Heloisa acabasse caindo na risada.

— Não vou mordê-lo literalmente é só um modo de falar.

— Por um momento, pensei que você seria realmente uma psicopata.

— Claro que não — ela soltou um gritinho e gargalhou.

Meu filho a olhou e abriu um sorriso e eu fiquei reparando naquela mulher que parecia ser tão encantadora.

Droga! Estava amando encará-la e não tinha nem quarenta minutos que Heloisa estava em minha casa.

Um silêncio recaiu sobre o ambiente e eu não sabia o que dizer para que as coisas ficassem menos estranhas. No entanto, ao contrário de mim, Heloisa parecia querer conversar e muito.

— Me conta, você é algum empresário?

Aquilo era um assunto seguro e ao menos eu gostava de falar sobre o meu trabalho.

— Bom, eu sou dono da Automobilística Montauban.

— Bem que eu achei que você tinha cara de CEO. Aliás, amo os carros que vocês fabricam, parabéns.

Não queria ficar me achando com aquele comentário, mas foi impossível, já que quando falavam bem do que minha empresa, fazia eu me sentir o melhor do ramo.

— Fico agradecido pelo feedback.

Ela retornou à comida e eu fiz o mesmo, só que logo voltou a dizer:

— Sei que serei intrometida, então se não quiser responder, entenderei.

— Tudo bem, pode perguntar. Se eu achar que é algo demais, só não

vou responder.

— Ok! — Heloisa encarou Gael. — Você cuida do seu bebê sempre, ou só em alguns finais de semana?

Engoli em seco e achei por bem tomar um gole do vinho que estava em uma taça disposta ao lado do meu prato. Assim que me senti preparado para responder aquela pergunta, murmurei:

— Gael vive comigo.

— E a mãe dele?

Não gostava de falar sobre aquele assunto, mas algo dentro de mim, desde que vi Heloisa fazia com que eu dissesse mais coisas do que o necessário.

— Ela não quis…

Não precisei terminar de falar nada, para que Heloisa entendesse sobre o que me referia. Por sua expressão ela não concordava com o que Letícia havia feito, mas essa é a vida e eu amo cuidar do meu bebê.

— Fico extremamente chateada com histórias de abandono. Desculpe-me por ter perguntado sobre isso.

— Tudo bem! Eu realmente não me importo de Letícia o ter deixado comigo, pois amo o meu filho e faria tudo por ele.

Um sorriso gentil surgiu nos lábios da mulher maravilhosa, que parecia um anjo quando não estava revoltada com alguma coisa.

— É tão bom ver um pai dedicado.

— Tento fazer o meu melhor, já que é minha obrigação. Para quando Gael crescer, ele ser um pai tão bom quanto eu fui, pois sofri na pele com um que não se importava muito em amar o filho.

— Sinto muito. — Heloisa segurou minha mão por cima da mesa e aquilo era novo para mim.

Ninguém nunca se importava com o que eu dizia, então ouvir aquela mulher dizer palavras mínimas, fizeram com que eu me sentisse acolhido para falar sobre qualquer coisa com ela.

— Não tem problema — murmurei, mas não consegui tirar minha mão do seu toque. — E a sua mãe, ficou tudo bem depois daquele dia?

A expressão tranquila de Heloisa ficou um pouco pesada, mas ela parecia não ter se importado com a pergunta.

— Eu tive que interná-la. Estava em um ponto que não dava mais para controlá-la a não ser com a internação. Ela estava colocando a vida dela e a de outras pessoas em risco.

— Tenho que concordar com isso.

A vida de Heloisa parecia ser tão conturbada quanto a minha. O problema era que eu vivia cercado com os demônios do meu passado e ela parecia cercada por demônios do presente.

— E seu pai?

— Morreu há um ano.

Droga! As coisas para minha vizinha estavam piores do que imaginei.

— Acho que não estou sendo sutil com as perguntas hoje.

— É bom falar às vezes, mesmo que na maioria do tempo eu tente esquecer da minha realidade — sua voz parecia ter ganhado uma entonação triste.

— Às vezes é bom esquecer uma realidade conturbada criando fantasias para nos alegrar.

— Só que se eu viver no mundo da fantasia, será muito pior quando resolver acordar, não acha?

Heloisa parecia madura demais e ela nem aparentava ter mais que vinte e cinco anos.

— Acho que os pontos foram para você — murmurei, enquanto ela tirava a mão de cima da minha.

— Melhor mudarmos os nossos assuntos mórbidos.

— Também acho, pois parece que temos muitos.

— Dois fodidos com a vida.

Olhei para ela com os olhos arregalados e ela retribuiu o olhar.

— Desculpa, esqueci que tinha um bebê presente.

— *Bebê pesente…* — Gael sussurrou e foi impossível segurar a onda de risos com as suas palavrinhas.

Depois disso finalizamos o jantar e ainda tivemos direito a sobremesa, que eu não tive tempo de preparar, mas nada que um sorvete não salvasse a noite.

— Bom, agora preciso banhar esse pequeno. Você se importa de ficar aqui?

— Claro que não. Mas se eu puder ajudar fico feliz também.

Era a primeira mulher que eu conheci depois do nascimento de Gael que se mostrou com vontade de passar um tempo com meu filho. Pelo jeito Heloisa tinha várias cartas na manga que com o tempo ela ia revelando uma a uma.

Assenti e minha vizinha me acompanhou para o andar de cima, enquanto eu enchia a banheira que usava para dar banho em Gael. Heloisa ficou brincando com meu filho, que estava completamente sujo de molho da massa que comemos há alguns minutos.

— Você é tão lindinho, Gael. Acho que estou apaixonada por você. — Ela fazia cócegas de forma leve em meu filho e ele logo começou a gargalhar desesperadamente.

Fiquei meio petrificado no lugar reparando aquela cena. Não podia me encantar ao encarar aquilo, senão seguiria por caminhos completamente tortuosos.

Assim que estava tudo pronto, tirei a roupinha do meu pequeno e o banhei dos pés à cabeça para que pudesse dormir. Quando finalizei o banho, enxuguei o seu corpinho, vesti seu pijama – que possuía pequenos desenhos de dinossauro, em tom azul – e o levei para o seu quarto.

Estava na hora de colocá-lo para dormir. Enquanto lia uma história para ele, Heloisa permaneceu sentada na poltrona que estava um pouco mais distante. Ela ficou em silêncio nos observando e alguns minutos depois Gael caiu no sono.

— Ele parece um anjinho — sussurrou, para não acordá-lo.

— Ele é o milagre que eu precisava em minha vida, para saber que nem tudo é da forma que planejamos e que mesmo assim pode se tornar perfeito — comentei.

Ela levantou-se da poltrona, enquanto eu colocava Gael em seu berço. Depois saímos do quarto e caminhamos lado a lado para o andar de baixo.

— Presenciei uma cena linda de pai e filho. Acho que ganhei minha noite.

Fiquei sem graça com seu comentário e senti até minhas bochechas esquentarem.

— Quem diria que um CEO tão idiota se tornaria, em apenas uma noite, em um homem que eu pararia duas vezes para olhar.

Levei meus olhos imediatamente para os de Heloisa, pois sua declaração me pegou de surpresa. Só que não queria deixar muito evidente que me senti afetado com o que disse, por isso, comentei:

— Voltamos para o idiota?

— Não. Porque hoje você foi tudo menos idiota.

Sorri de lado e continuei a encará-la. Foi impossível naquele momento não passar meus olhos por seu corpo. O vestido amarelo que usava

não deixava muito para a imaginação e foi difícil não pensar em retirá-lo de forma lenta.

— Acho que tenho que dizer que o nosso jantar foi muito bom.

— Sim. Você e o Gael foram ótimas companhias — sua voz doce preencheu o ambiente.

Um sorriso ainda mais doce e carinhoso surgiu em seus lábios e eu não podia negar que aquilo mexia comigo. E as covinhas... ah! Aquelas covinhas eram minha perdição.

— Acho que podemos repetir a dose, então? — Sim, eu tomei a iniciativa de convidá-la novamente para um jantar.

— Eu adoraria. — Só que a sua aceitação, rápida demais, pegou-me completamente de surpresa.

Heloisa mordeu o lábio inferior e se aproximou de onde eu estava.

— Agora vou para casa, não quero te deixar mais constrangido do que já está.

Ela era uma mulher direta e eu gostava daquilo. Pessoas que falavam o que pensavam e não ficavam se escondendo sempre foram as que mais me encantavam.

— Não estou constrangido. — Eu estava sim, mas não assumiria para ela.

— Mesmo assim é melhor ir embora.

Subitamente, Heloisa ficou na ponta dos pés, e deu um leve beijo em meu rosto. Assim que se afastou encarou meus olhos com os seus, que eram tão profundos, tão expressivos, tão doces e ao mesmo tempo decididos.

— Boa noite, Pedro. Você pode pensar em se tornar cozinheiro, caso a Automobilística dê algum problema. O jantar estava ótimo.

Heloisa se afastou, indo em direção à porta de saída,meus olhos a seguiram até que ela começou a sumir das minhas vistas. Só que um desejo súbito me tomou e eu fui obrigado a dizer:

— E você pode me beijar da próxima vez em outro lugar.

Heloisa apareceu novamente em meu campo de visão, antes de fechar a porta e com um sorriso travesso em seus lábios, respondeu:

— Vou me lembrar disso.

Com isso voltou para o seu apartamento e me deixou pensando em como as coisas poderiam mudar completamente. Mais cedo quase nos matamos dentro do elevador, agora eu tinha dado a entender que queria que ela me beijasse?

Tinha que concordar com ela: eu era bipolar.

Capítulo 13



Capítulo 13
Heloisa

Minha noite foi repleta de sonhos estranhos, mas em sua maioria eram relacionados a Pedro Henrique Montauban. Um homem que até um dia anterior não era nada para mim e agora estava mexendo com meu discernimento. Só por causa de uma frase… uma maldita frase que havia feito minha noite ser completamente conturbada.

E você pode me beijar dá próxima vez em outro lugar.

Eu podia mesmo. Podia deixar meus lábios provarem os seus só para descobrir se eles teriam o gosto que eu imaginava. Se teriam ao mesmo tempo um sabor doce ou se seriam brutos, como ele parecia ser.

Afinal, aquele homem, que agora podia chamar de vizinho parecia ser tão grosseiro, rude, mas com uma pitada de carinho. Então não tinha como

pensar em seus lábios somente de forma doce, teria que ter algo mais, algo com mais violência, mas não de forma abusiva, ele só parecia entregar tudo que uma mulher desejava: prazer da melhor forma possível.

Saí dos meus devaneios quando meu celular anunciou uma mensagem e assim que peguei vi ser de Fernanda.

Fernanda: Oi, amiga! Posso dar uma passadinha no apartamento para pegar aquelas encomendas que ficaram aí?

Não adiantava eu sempre dizer que ela podia fazer o que quisesse, pois sempre me pedia autorização.

Heloisa: Você sabe que o apartamento é seu e sempre pode vir aqui, não é mesmo?

Fernanda: Sempre vou avisar antes de ir. Não adianta, Helô. Agora esse lugar é seu, então o mínimo que eu devo fazer é perguntar se posso.

Heloisa: Mesmo assim, você sempre pode vir.

Fernanda: Tá bom! Daqui a pouco estou aí.

Heloisa: Ok! Vou me levantar para você não me pegar na cama ainda.

Levantei-me e fiz minha higiene. Depois vesti uma bermuda, com uma camisa e desci para a cozinha. Estava com um pouco de fome, por isso,

preferi preparar um misto quente.

Enquanto comia a campainha do apartamento tocou. Revirei meus olhos, pois eu sabia exatamente quem era: Fernanda. Se eu já tinha falado para ela que podia vir, por qual motivo ainda estava tocando a campainha?

Caminhei tranquilamente até a porta, sem nem mesmo olhar quem era. Assim que abri fiquei congelada no lugar.

— Bom dia! — Pedro Henrique me cumprimentou assim que abri a porta.

Ele estava com Gael em seus braços e no outro uma sacola de uma cafeteria famosa da região.

— Bom dia? — sim, eu fiz uma pergunta. Já que não entendi nada do que estava acontecendo.

— Eu sei que deveria ter perguntado primeiro… — O homem todo sério que conheci, estava novamente envergonhado à minha frente.

— Perguntado, o quê? — indaguei, assim que percebi que ele não continuaria a dizer nada.

— Se você aceita tomar café da manhã comigo?

Foi impossível segurar o sorriso que apareceu em meus lábios, pois achei fofa aquela atitude.

— Eu já havia começado a comer um misto quente, mas tudo bem, eu aceito. — Afastei-me da porta. — Quer entrar?

Pedro franziu o cenho, porém entrou no apartamento e ficou esperando até que eu fechasse a porta.

— Oi, Gael! — cumprimentei o garotinho lindo.

E ele por sua vez abriu um sorriso para mim. Eu estava encantada com aquele bebê, que parecia uma obra prima de tão perfeitinho.

Quando o pequeno estendeu os braços para mim, eu quase saltitei de emoção. Olhei para Pedro para ver se ele estava tranquilo quanto a eu pegar o seu filho, assim que assentiu, estendi meus braços e peguei o garotinho.

Gael cheirava a perfume de bebê – aqueles que nos deixavam ainda mais apaixonadas – e eu pude perceber que ele já havia tomado banho naquele dia. Estava usando uma bermuda jeans e uma camisa gola polo, que o deixava pronto para ser mordido, de tanta fofura.

Beijei sua bochecha e ele ficou brincando com os fios do meu cabelo que caíam por meus ombros. Quebrei o feitiço de ficar encarando aquele menino e olhei para Pedro Henrique que me fitava parecendo que estava pensando em algo muito sério.

— Vamos?

Assim que ele assentiu, caminhamos juntos até a cozinha. Fiquei observando-o, enquanto arrumava as coisas que havia comprado para o café da manhã.

— Nossa! Acho que tem coisas demais aí — murmurei, enquanto via a quantidade de alimento em cima da mesa.

— Não sabia do que você gostava. Então resolvi trazer um pouco de tudo.

— Percebi — segurei o sorriso, enquanto ele me olhava novamente sem graça.

— Acho que não estou conseguindo ser um bom vizinho.

— Para com isso. Nesse exato momento você está sendo o melhor vizinho, só quando têm suas maluquices de querer me dar ordens que você passa dos limites.

— Vou tentar melhorar isso.

Sentamos para começar a desfrutar das coisas que ele havia comprado. Entreguei um biscoito de queijo para Gael, depois que Pedro autorizou e eu também peguei um para mim.

O sabor era maravilhoso. Tinha razão de aquele café ser conhecido pela região. Enquanto comíamos em silêncio, ouvi a porta sendo aberta. Fechei meus olhos, pois já imaginei o quanto de explicação teria que dar a Fernanda.

Sem contar que eu havia esquecido completamente que minha amiga viria aqui, assim que olhei Pedro e Gael parados à minha porta.

— Amiga?

Pedro me olhou com o cenho franzido e eu logo tratei de explicar o que estava acontecendo.

— É a Fernanda…

Ainda bem que ele já sabia que ela era a dona do apartamento, senão seria extremamente constrangedor.

— Estou aqui — murmurei, para ela saber para onde seguir.

— Hoje está tão quente, que acho que poderíamos curtir a piscina do prédio… — Fernanda foi entrando na cozinha, falando demais, como de costume. Só que assim que viu que eu tinha companhia ela se calou e ficou encarando Pedro, Gael e eu. Tudo ao mesmo tempo.

— Oi, amiga! — cumprimentei, abrindo um sorriso, mas ao mesmo tempo eu sentia meu coração disparar.

— Você não me disse que tinha companhia — sussurrou, e provavelmente era para Pedro não escutar, mas isso seria impossível quando ele estava próximo a ela tanto quanto eu.

— Acho que atrapalhei algo — o comentário de Pedro fez com que minha amiga focasse seu olhar somente nele.

Algo passou por seus olhos e eu sabia que depois teria que me explicar muito bem para ela. Ainda mais quando um sorriso surgiu em seus lábios. Fernanda já estava pensando besteiras entre eu e o ruivo que não era mais tão idiota assim.

— Você não atrapalhou nada. Eu só vim aqui para pegar algumas encomendas.

Pedro se levantou e estendeu a mão para ela.

— Prazer, Pedro Henrique.

— Prazer, eu sou a Fernanda. — Minha amiga fez uma pausa e assim que soltou a mão de Pedro, voltou a dizer: — Eu te conheço, meu pai adora ir na sua Automobilística comprar algum carro do momento.

— Seu pai? — Pedro quis saber.

— William de Conrado Alcântara.

— Você é a herdeira dos Alcântara. Lembro-me do seu pai mencionar você em alguns dos nossos encontros.

Fernanda odiava ser conhecida como a herdeira de sua família, por isso, quando ela fechou a expressão eu sabia que vinha alguma crítica sobre o que Pedro falou.

— Eu odeio ser conhecida assim. Prefiro muito mais ser conhecida como a arquiteta de renome que sou, afinal já participei de várias construções conhecidas por toda São Paulo. Então, por favor, não me chame mais assim.

— Entendo completamente e peço desculpas se te ofendi. Me expressei mal ao me referir a você.

Ainda bem que minha amiga não era de ficar com raiva das pessoas, senão ela nem olharia mais na cara de Pedro.

— Tudo bem! — respondeu e se voltou para mim.

No entanto, meus olhos ainda estavam no meu vizinho, que a encarava de cenho franzido. Logo seus olhos recaíram sobre mim e ele comentou:

— Ela é prima do…

— Sim, sou prima do desgraçado que tentou fazer mal a Helô.

Nem precisei responder, pois Fernanda fez por mim.

— Ao menos posso perceber que você o odeia tanto quanto eu passei a odiar.

— Claro! Ele tentou machucar a pessoa que mais amo no mundo.

Decidi por bem intervir naquele assunto, antes que meu sábado fosse estragado com lembranças que eu tentava a todo custo não pensar.

— Vamos falar de outra coisa. Por que vocês não se sentam e tomam o café da manhã?

No momento que sugeri, Pedro voltou a sentar e minha amiga fez o mesmo.

— Só não posso demorar, vou me encontrar com o Marcos.

Até que enfim ela havia resolvido seu assunto com Marcos.

— Fico feliz por saber disso.

Seu sorriso foi doce em minha direção, mas logo voltei a comer com Gael ainda em meu colo. Fernanda em determinado momento começou a brincar com o garotinho, que a adorou logo de cara. Algo que não era muito difícil, já que Fernanda era tão maravilhosa que seria difícil não a amar rapidamente.

Quando ela foi embora, eu a acompanhei até a porta. Pedro ficou com Gael na cozinha, com toda certeza querendo dar um momento para eu e minha amiga.

— Você vai me contar o que o ruivo idiota está fazendo na sua cozinha? — sussurrou já fora do apartamento.

— Como você sabe que ele é o ruivo idiota?

— Bom, não é todo dia que se vê um ruivo por aí e ainda mais um que tem um bebê.

Aquilo era um fato.

— Posso te contar depois?

— Claro, mas eu quero detalhes. E saiba que já ouvi algumas coisas sobre ele, então faça o favor de fisgá-lo e não largá-lo, pois muitas o querem.

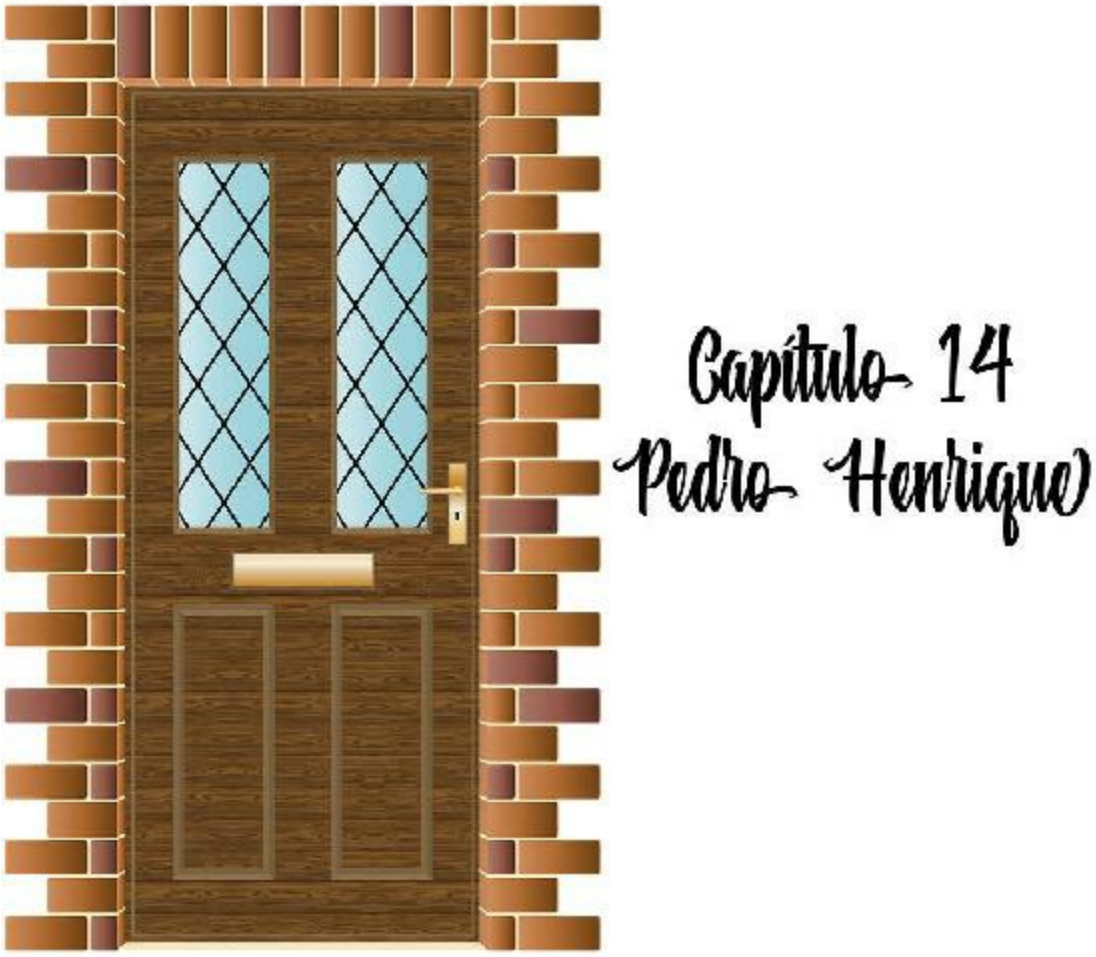
— Fernanda, ninguém falou em fisgar ninguém.

— Amiga, você é tão inocente. Se ele está aqui na sua casa, tomando café da manhã, ele provavelmente quer ser fisgado por você.

Fernanda beijou meu rosto e começou a sair, levando as encomendas que veio buscar. Eu por outro lado fiquei estarrecida no mesmo lugar com a sua declaração.

Será que Pedro Henrique Montauban queria ser fisgado por mim?

Capítulo 14



Talvez eu tenha agido por impulso. Sim, com toda certeza foi puro impulso. Mas eu não tinha culpa, afinal assim que cheguei para comprar o meu café e o de Gael naquela manhã a imagem da vizinha surgiu em minha mente.

E foi impossível não querer fazer um agrado a ela. Por isso apareci em sua casa sem avisar e ela parecia ter gostado da ideia. Eu só não esperava que sua amiga chegasse e deixasse aquela situação um pouco mais constrangedora.

Porém, o tempo passou e Heloisa havia voltado para a cozinha e estava me encarando de uma forma completamente estranha.

— Está tudo bem? — indaguei, pois estava curioso.

— Tudo… — sua resposta foi rápida, mas seus olhos ainda não saíam dos meus.

Eu não sabia o que falar e por isso eu odiava quando agia por impulso. Já que depois não sabia como conduzir a situação.

— Gostou do café da manhã? — Gael deitou sua cabecinha em meu peito e eu imaginei que ele queria dormir.

— Adorei para falar a verdade.

— Fico contente com isso.

Heloisa abriu um sorriso, mas logo disse:

— A Fernanda é uma pessoa maravilhosa, não a odeie por ser um pouco estourada.

— Eu não me importei com o que ela me disse.

— Fico mais tranquila com isso. Ela é a pessoa que mais se importa comigo, não tenho mais ninguém com quem contar no mundo a não ser ela, entende?

Aquelas duas pareciam ter uma conexão muito forte,mais do que a minha e a de Daniel.

— Entendo, apesar de achar que sua mãe deve se importar com você também.

A expressão de tristeza de Heloisa foi perceptível.

— Minha mãe já se importou muito, mas agora ela me odeia. Ou ao menos é isso que acha.

Não conseguia entender o ódio que a mãe nutria por ela.

— Por que você diz isso?

— Ela me culpa pela morte do meu pai.

Aquela informação era nova para mim.

— Como assim?

— Há mais de um ano, meu pai e eu estávamos em um restaurante e do nada surgiram dois assaltantes para fazer um arrastão. Um deles estava descontrolado e começou a atirar para todos os lados… — Ela fez uma pausa e eu percebi o momento que seus olhos ficaram lacrimejados. — Meu pai se jogou sobre mim para me proteger e acabou sendo atingido… ele não resistiu.

Aquela menina parecia ser marcada com drama e tristeza em sua vida.

— Eu sinto muito — murmurei e a vontade que tinha era de me levantar e abraçar o seu corpo.

No entanto, estava segurando Gael que acabou dormindo em meus braços.

— Minha mãe depois disso só me culpou pela morte dele, caiu no alcoolismo e eu fiquei sozinha. Ou melhor, tive Fernanda para segurar na minha mão e falar que estava aqui por mim.

Assenti e fiz o mesmo que ela na noite passada. Segurei sua mão por cima da mesa e murmurei:

— Se precisar pode contar comigo.

— Mesmo se for para escutar música alta? — indagou com um sorriso na voz.

Depois de tanta tristeza em sua vida, aquela garota ainda sorria. Queria ao menos ter a metade da força que ela possuía.

— Acho que vou ter que repensar a minha ajuda. Não estou preparado para ser perturbado com músicas altas demais.

— Você é muito chato — sussurrou, acenando com a cabeça em direção a Gael.

Olhei para o meu bebê, que dormia com a cabecinha encostada em meu peito. Ele parecia estar sonhando, pois um sorrisinho surgiu em seus lábios e foi impossível não ficar encantado com aquela cena.

Aquele pequeno ser, era a minha paz no mundo. O meu filho era tudo para mim, a minha felicidade, meu ponto de alegria, o amor da minha vida.

— Ele acabou dormindo. Acho que vou levá-lo para casa.

Encarei Heloisa que nos olhava com os olhos brilhando. Parecia que ela estava realmente encantada com aquela cena.

— Você vai levar esse lindinho para longe de mim. Isso é triste.

— Você pode vir nos visitar quando quiser.

Levantei-me da cadeira e ela fez o mesmo. Caminhou junto comigo até a porta, saí para o corredor, quando ela ofereceu:

— Quer ajuda para abrir a porta do seu apartamento?

— Se você puder.

Estendi o cartão que desbloqueava a porta para ela. Assim que pegou o objeto em sua mão foi até a minha porta e a abriu para mim.

— Pronto, senhor Montauban. Já te trouxe em segurança até sua casa — brincou.

— Me senti protegido, por esses vinte passos que me acompanharam do seu apartamento até o meu.

Um sorriso enorme surgiu nos lábios de Heloisa e foi impossível não

encarar sua boca e pensar no que eu lhe havia falado na noite anterior.

Só que como ela não havia tomado nenhuma atitude eu deixaria aquela história de lado. Nunca seria o cara que pressiona uma mulher por algo que ela não deseja.

— Quer entrar? — perguntei.

— Não! Eu tenho algumas coisas para fazer, mas quero agradecer pelo café da manhã.

— Não foi nada, de verdade, eu só não quero que você fique pensando que sou um intrometido.

Gael se mexeu em meus braços e eu olhei para ver se ele iria acordar, mas meu filho continuou dormindo.

— Então… — Heloisa fez uma pausa, vi o momento que também encarou meus lábios, mas voltou a dizer: — Até mais, Pedro Henrique.

— Até mais, senhorita.

Heloisa se afastou da porta e voltou para o seu apartamento. Continuei entrando no meu, fechei a porta com o pé e fui até o quarto de Gael. Coloquei meu pequeno em seu berço, e depois de encará-lo um pouco, saí do seu quarto.

Voltei para a sala e comecei a recolher os brinquedos que estavam espalhados pelo lugar. No entanto, duas batidas em minha porta fizeram com que eu parasse com aquela pequena organização.

Franzi meu cenho sem entender muito bem quem poderia estar à minha porta. Caminhei até ela e não a abri antes de verificar quem era, mas quando vi de quem se tratava, senti meu coração começar a disparar.

O que ela queria?

Sim, era Heloisa!

Abri a porta e a olhei para tentar entender o que a tinha feito voltar ao meu apartamento.

— Aconteceu alguma coisa? — indaguei preocupado.

Se aquele idiota tivesse voltado para perturbá-la, dessa vez eu não iria agir como o apaziguador.

Iria quebrar aquele desgraçado ao meio de tanto socá-lo.

— Aconteceu!

— O quê? — perguntei aumentando o meu nível de preocupação.

— Você aconteceu.

— Como? — Eu realmente não havia entendido ao que ela estava querendo se referir.

No entanto, assim que Heloisa deu um passo à frente, aproximando-se de mim, outro e mais… eu soube muito bem ao que ela estava tentando se referir.

— Eu vou te beijar em outro lugar.

Heloisa não esperou mais nenhuma reação, ela simplesmente se jogou em meus braços, levou suas mãos à minha nuca e trouxe seus lábios até os meus.

Foi repentino, mas parecia tão certo aquele contato.

Minhas mãos foram parar em sua cintura e eu colei seu corpo ainda mais ao meu. Nossos lábios começaram a se conhecer devagar, com calma, sem pressa. Nós tínhamos todo o tempo do mundo, não precisávamos correr com nada, podíamos ir com calma com aquele contato.

Sua língua pediu permissão para encontrar a minha e o nosso beijo se aprofundou, porém ainda continuamos nos conhecendo de forma calma.

Nossos lábios fizeram a sua própria dança, que estava fazendo com que eu tivesse ainda mais vontade de continuar beijando Heloisa por todo o dia. Não sabia se o motivo era por estar há muito tempo sem aquele contato, mas de algo eu tinha certeza: beijar aquela mulher era algo bom… bom demais.

Nós nos afastamos e Heloisa me encarou com os olhos brilhando, um sorriso doce brincava nos lábios que estavam vermelhos pelo beijo trocado.

— Eu cumpri o que você sugeriu — murmurou.

— Acho que irei sugerir mais vezes algo assim.

— Por quê?

— Simples… eu quero provar mais desses lábios.

— Estarei esperando que você prove mais dos meus.

Sorri para Heloisa e puxei seu braço para que ela viesse de encontro ao meu corpo novamente. Assim que levei minhas boca a sua, fomos interrompidos pela chegada de alguém que eu realmente não esperava que aparecesse ali tão cedo.

— O que é isso, Pedro Henrique?

Afastei-me no mesmo momento de Heloisa e ela olhou em direção ao corredor, onde minha mãe estava parada.

Eu realmente não queria que aquilo tivesse acontecido. Não, quando eu sabia que a minha mãe era uma pessoa malvada e poderia tentar destruir Heloisa com um estalar de dedos.

— Quem é essa? — pelo seu tom de voz eu sabia que não aprovava

minha escolha.

Mesmo que Heloisa e eu não tivéssemos nada sério.

A mulher que estava ao meu lado me encarou, provavelmente aguardando alguma explicação, e eu não tive outra escolha a não ser dizer:

— Heloisa, essa é minha mãe, Lilian Montauban. — Fiz um gesto com a minha mão para apontar para a mulher que estava parada à porta. — Mãe, essa é Heloisa Marinho.

— De qual família você é? — Eu não podia acreditar que minha mãe havia perguntado aquilo.

Olhei para Heloisa e vi o momento em que ela alçou uma sobrancelha em direção à minha mãe. Se eu conhecia bem aquela garota, ela não se rebaixaria em nenhum momento para dona Lilian.

— Acho que não é do seu interesse, senhora.

— Como ousa? — minha mãe voltou a indagar.

— Eu que pergunto, como ousa ser tão sem noção? Pelo seu olhar já percebi que a senhora está pronta para me julgar, caso eu não tenha várias riquezas. Então nem precisa perder o seu tempo, tentando me humilhar.

Heloisa se virou para mim e os seus olhos sempre tão expressivos, refletiam somente revolta.

— Depois nos falamos.

Com isso ela saiu do meu apartamento e foi em direção ao seu.

— Como a senhora consegue estragar qualquer coisa que surge em seu caminho? — rosnei para minha mãe.

— Estou te salvando de uma tragédia, filho.

— O que veio fazer aqui?

— Conversar com você. Já que sumiu de casa, vim ver como estava e te pego quase beijando essa garota que parece não ter classe alguma.

— Mamãe…

— Nem comece, Pedro. Não aceito que você se envolva com alguém que não tenha a mesma vida social que nós.

Ela entrou em meu apartamento, olhou ao redor, provavelmente julgado onde eu morava, mas eu tratei logo de dizer.

— Eu vou me relacionar com quem eu quiser.

— Isso é o que vamos ver, querido.

Pelo jeito eu teria que novamente bater de frente com minha mãe, para que ela parasse de se meter em minha vida. Ninguém mandaria no meu futuro, muito menos com quem eu me relacionaria e se eu tivesse que me

afastar ainda mais da minha família eu o faria.

Capítulo 15



Era por isso que eu odiava seguir meus instintos quase incontroláveis. Quando cheguei à porta do meu apartamento, não consegui e voltei para o de Pedro.

Ele havia falado que eu podia beijá-lo em outro lugar. Foi ele que me deu aquela dica, foi ele que plantou a vontade em minha mente.

Por isso me peguei andando de um lado para o outro no corredor até tomar a iniciativa de tocar na sua porta. E quando me joguei em seus braços e provei dos seus lábios foi algo completamente novo.

Parecia que aquele beijo tinha despertado algo que há muito tempo eu não sentia. Um desejo incontrolável que me dava mais vontade para devorar aquele homem. Nosso beijo podia até ter sido calmo, mas dentro de mim algo

acontecia, um sentimento forte, um desejo novo, uma vontade louca de beijá-lo muito mais vezes.

Só que todo o nosso momento havia sido estragado por Lilian Montauban. A mãe de Pedro, uma mulher que logo que coloquei meus olhos sobre ela, senti um asco tomar meu corpo.

Só a forma que ela me olhava me enojava. E eu não era conhecida por aguentar desaforo e ficar tranquila, sem dizer nada. Por isso, estava pronta para bater de frente com aquela mulher.

Quem ela pensava que era?

Estávamos em qual século para aquela bruxa perguntar de qual família eu era? Pelo amor de Deus! Era só o que me faltava, uma mulher tentar me humilhar por causa de dinheiro.

Se havia algo que não me importava na vida era com dinheiro. Precisávamos para nos sustentar, mas eu nunca me aproximei de ninguém por causa de conta bancária e foi isso que a mãe de Pedro fez parecer com aquele olhar de nojo para mim.

Eu ainda estava nervosa, andando de um lado para o outro, com raiva. A vontade que eu tinha era de voltar lá e ainda falar um monte de coisas para aquela mulher, mas o toque do meu telefone fez com que os pensamentos assassinos da minha mente sumissem.

Vi que era Fernanda e que ela estava fazendo uma chamada de vídeo. Droga! Eu não queria aquilo, não naquele momento que estava com tanto ódio. Só que mesmo assim atendi.

— Oi!

— Nossa! Cadê a mulher que teve um café da manhã super fofo com Pedro Henrique Montauban? E porque você não me falou que o ruivo idiota era ele?

— Primeiramente, eu nem sabia que você o conhecia, segundo eu não tinha ideia sobre a existência desse homem, até saber que ele tinha uma Automobilística super famosa.

Fernanda fez uma careta, provavelmente pelo tom da minha voz estar um pouco alterado.

— O que aconteceu que você está tão nervosa? Aquele imbecil fez alguma coisa?

— Não, amiga, muito pior… — fiz uma pausa, bufei de raiva e continuei: — A mãe dele que fez. Você acredita que ela chegou no apartamento do Pedro e tentou me humilhar sem nem ao menos me

conhecer?

— Que idiota! Eu já a vi em alguns eventos e nunca fui com a cara de cachorro raivoso que ela tem.

— Não ofenda os cachorros.

— Sim, você está certa. Os cachorros não merecem ser ofendidos por causa de uma idiota.

— Estou com raiva.

— Helô, então vamos mudar de assunto. — Ela abriu um sorriso gigantesco em minha direção e indagou: — O que o vizinho estava fazendo aí?

Eu sabia que não ia demorar muito para que ela voltasse ao assunto inicial. Entretanto, tentei respirar fundo e não ter um treco de tanta raiva que estava sentindo da mãe de Pedro.

— Bom, ontem nos encontramos no elevador quando cheguei do trabalho. Meio que tivemos uma discussão e acabamos chegando à conclusão de que começamos com o pé esquerdo. Então resolvemos levantar a bandeira branca e começarmos de novo.

— Que fofo!

— Ele acabou me convidando para jantar em sua casa e eu aceitei. Você acredita que ele mesmo preparou o jantar?

Fernanda abriu a boca em formato de “o” mudo e ficou esperando que eu contasse mais alguma coisa.

— E ele cozinha bem. Jantamos ele, Gael e eu. Depois o ajudei a dar banho no garotinho para dormir e por fim eu fui embora.

Tentei deixar a parte do beijo fora da questão, mas estava falando com Fernanda que me conhecia mais do que eu mesma.

— Amiga, está faltando alguma coisa nessa história. Desembucha, Heloisa… me conta tudo, sua vaca.

— Você é sempre tão educada, Fernanda.

— Amiga… — ela gritou.

— Tudo bem! Vou te contar…

Comecei a dizer sobre o que Pedro Henrique havia falado para mim, além de ele ter aparecido aqui do nada com o café da manhã.

— Ah, meu Deus! Então o ruivo idiota não é tão idiota assim? Não estou acreditando que minha amiga caiu em uma história de conto de fadas.

— Eu não caí em nada, Fernanda.

— Caiu sim. A sua carinha está toda boba por tudo que ele fez em tão

pouco tempo. E eu ainda tenho que dizer que o homem realmente é um gato, aqueles braços sarados, aquela boca desenhada, o olhar feroz que tem e para fechar com chave de ouro é pai de um bebê lindo. Eu acho que já shippo vocês.

— Fernanda…

— Espera que eu estou tentando criar um nome para o casal.

— Fernanda…

— PeLô? PeIsa?

— Para de viajar, Fernanda.

— Como? Eu já estou apaixonada por meu casal.

— Não existe essa de casal — repreendi-a.

— Ainda não, mas quando vocês se beijarem pode existir. Vai que surge a chama da paixão e aí vocês não consigam se separar mais.

— Nanda, eu ainda não terminei de contar.

— Puta que pariu! Tem mais? Eu já estou toda encantada com Pedro Henrique Montauban, na torcida para que ele conquiste o coração da minha amiga e você ainda tem mais para me contar?

— Sim! — murmurei, meio tristonha.

— O que aconteceu? — Ela parou com toda sua animação.

Eu precisava revelar a ela o que tinha acontecido, mas estava com medo que ela começasse a sonhar acordada, como já estava fazendo.

— A gente se beijou.

— O quê? Como você me deixa para dar essa informação só agora? Ah, meu Deus! Eu tenho o meu casal, minha amiga vai ter o amor dela.

Fechei meus olhos com sua empolgação, mas logo os abri e encarei aquela maluca do outro lado da tela do celular fazendo uma dancinha completamente ridícula.

— Isso é sua dança da vitória? — tive que conter um sorriso.

— Sim, estou muito feliz por você. — Ela parou de fazer cena e voltou a questionar: — E aí, gostou do beijo? Ele é tão maravilhoso quanto parece ser?

O que eu poderia dizer? Que era exatamente como pensei? Mesmo que o beijo tivesse sido calmo, eu ainda podia sentir um pouco de brutalidade nos lábios de Pedro Henrique. Ele era exatamente como eu imaginei.

— Foi único. Eu nunca senti tanto desejo em um único beijo. Parece que ele conseguiu transformar o momento em algo especial, eu simplesmente me esqueci de tudo que estava ao meu redor, de todos os problemas pessoais

que tenho, somente com um beijo de Pedro Henrique.

— Ele é melhor do que imaginei. Isso é tão maravilhoso!

— Sim, mas não sei se acontecerá novamente, pois não estou com a mínima vontade de ter a mãe dele como uma rival se eu continuar com ele.

— E por isso você desiste do que quer só para não mexer com a paz daquela dondoca? — Minha amiga odiava pessoas que se intrometiam na vida de outras.

Eu tinha certeza que ela e Lilian Montauban não se dariam bem. E que Fernanda iria acabar falando poucas e boas para ela, caso se encontrassem um dia.

— Eu só quero evitar novos conflitos em minha vida, amiga. Estou tão cansada das cargas que estou carregando desde que meu pai morreu, é demais para qualquer ser humano que não estava acostumado com tantos problemas.

— Poxa, Helô! Eu odeio te ver assim, quero muito que você seja feliz e por isso mesmo eu queria que você saísse um pouco da sua rotina de casa e trabalho. O Pedro poderia ser uma ótima opção.

Eu sabia que minha amiga assim como eu, também queria o melhor para mim, mas no momento eu não sabia o que era.

— Vamos esperar o tempo dizer o que ele me reservou.

— Acho que essa é uma escolha sábia, amiga.

— Sim! — Abri um sorriso, enquanto ela também retribuía o gesto.

— Bom, preciso desligar. O Marcos chegou e nós vamos conversar.

— Ótimo! Depois me conta tudo.

— Pode deixar. Diferente de você eu conto os detalhes mais sórdidos possíveis.

— E eu sei bem — respondi, fazendo sua gargalhada reverberar pelo lugar.

Fernanda tinha uma mania de querer me contar tudo e eu era completamente diferente dela. Não gostava de entrar nos detalhes, achava invasivo demais, mesmo que eu confiasse plenamente nela.

Nós nos despedimos e eu joguei o celular no sofá para relaxar um pouco. Porém, assim que deitei no sofá macio, minha campainha tocou. Fechei meus olhos xingando baixinho.

Sinceramente, será que eu não podia ter um segundo de paz?

Levantei-me e caminhei até a porta. Não sendo maluca de abrir sem verificar daquela vez, porém novamente fui pega de surpresa por quem estava

do outro lado. Era ele, a razão do meu estresse e até mesmo de pensamentos obscenos.

Escancarei a porta e o olhei. Sua expressão não estava das melhores, mas eu queria saber o que tinha acontecido para ele estar ali.

— Pedro?

Parece que precisou ouvir somente a minha voz para começar a dizer:

— Primeiramente, eu odeio quando minha família tenta se meter em minha vida. É exatamente por isso que estou afastado deles, é uma família disfuncional que só pensa em dinheiro. Então não dê importância para o que minha mãe disse, eu não sou igual a ela e quero continuar te conhecendo. Nada do que ela acha, muda o que eu penso de você.

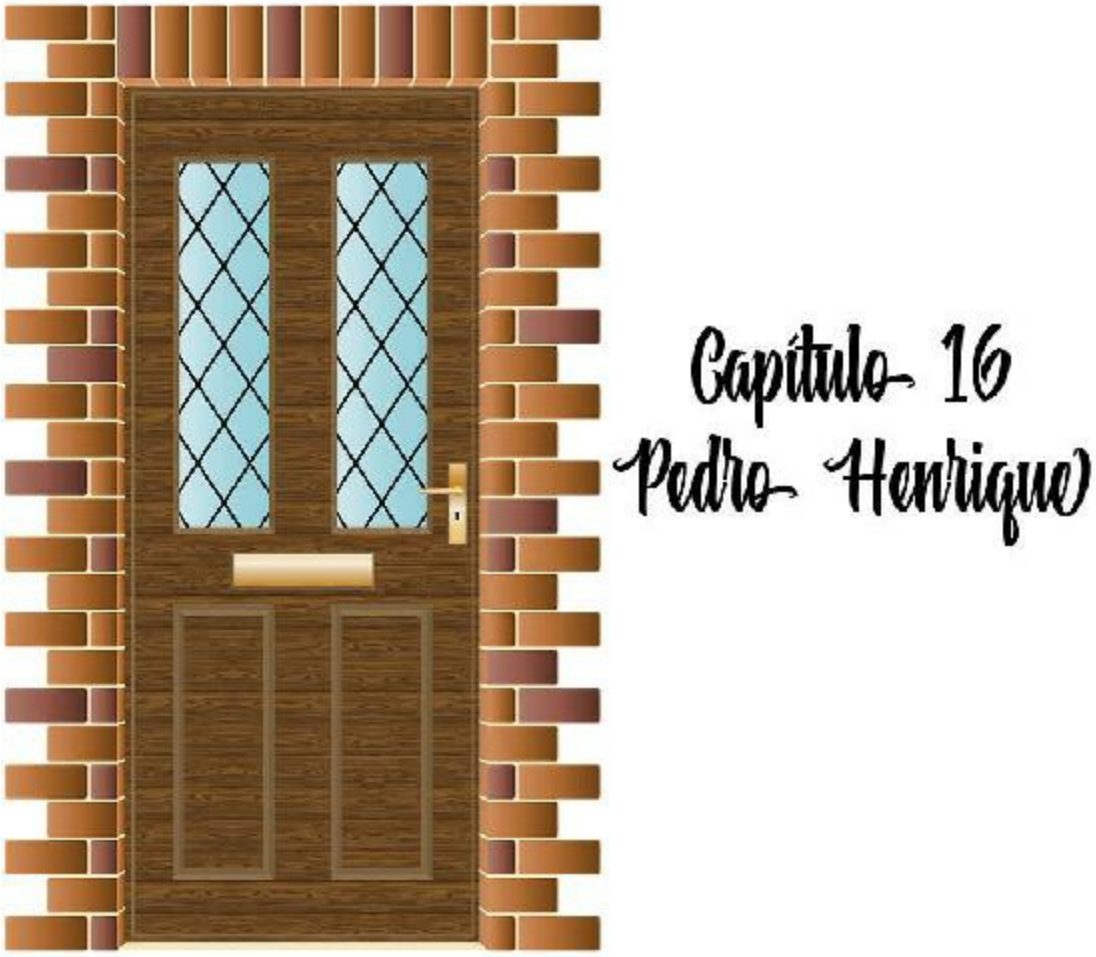
Ele parecia bastante chateado com a interferência de sua mãe em nosso beijo.

— E o que você acha?

— Que você é a garota mais doce e maluca que conheci nos últimos tempos. Que despertou algo em mim que há muito tempo estava adormecido. Que eu quero te beijar mais se você me permitir e foda-se a minha família. Eu só quero provar mais dos seus lábios, Heloisa. Só quero te conhecer melhor… só quero viver um pouco.

Abri um sorriso com sua declaração e só pude pensar que o destino estava realmente querendo brincar comigo. Será que eu queria entrar no meio daquela *quase* guerra familiar?

Capítulo 16



Eu meio que expulsei minha mãe da minha casa. Estava pouco me fodendo com o que ela achasse, afinal, não era obrigado a aguentar o que ela pretendia fazer com minha vida.

Novamente queria jogar Jaqueline para cima de mim e ainda tentou ofender Heloisa. Eu nem conhecia minha vizinha direito, mas não permitiria que uma mulher tão malvada quanto minha mãe a ofendesse.

Eu amava minha mãe, de verdade, ela foi a mulher que me criou, mas eu mesmo tinha que concordar que ela quando queria podia ser uma bruxa. E eu tive vários exemplos disso em toda minha vida, porém, agora eu era bem grandinho para que ela quisesse comandar minha vida.

A fase de ser manipulado por Lilian Montauban havia chegado ao fim

há muito tempo. Desde que parei de ver Jaqueline, e que Gael surgiu em minha vida. Eu agradecia ao meu filho, por me mostrar o caminho certo e não permitir que eu fosse mais dominado.

Agora estava ali, na porta da casa de Heloisa, encarando a mulher que há alguns minutos estava com um sorriso estampado em seus lábios, enquanto segurava a babá eletrônica em minhas mãos, para o caso de Gael acordar e eu precisar ir ao seu encontro.

— Você brigou com sua mãe por causa de uma mulher que nem conhece? — a voz melodiosa de Heloisa tomou o ambiente.

— Depois de perceber a víbora que minha mãe é, eu brigaria com ela por causa de qualquer pessoa. No entanto, mesmo te conhecendo pouco, sei exatamente que você é uma boa pessoa.

Ela mordeu o lábio inferior, mas logo voltou a dizer:

— Maluca, mas boa pessoa?

— Sim, maluca, mas uma maluca do bem.

— E você quer continuar beijando essa maluca que te acha um idiota? Quase legal, mas um idiota.

Franzi meu cenho, só que no fundo eu estava querendo sorrir com o seu comentário.

— Voltamos às ofensas?

— Desde que um ruivo idiota bateu à minha porta e me chamou de maluca, acho que está liberado voltarmos com os insultos.

— Então, está ótimo. Maluca, eu posso te conhecer melhor e continuar a beijar seus lábios? — Eu estava sendo direto, nunca conseguiria ficar protelando o que querei, por isso, preferia ser verdadeiro.

Heloisa cerrou seus olhos em minha direção, parecendo realmente me fuzilar com seu olhar.

— Eu juro que se você continuar me chamando de maluca, não olho nunca mais em sua cara. Então repense o que quer comigo, e algum outro apelido, seu idiota.

Dessa vez foi impossível segurar a gargalhada, pois ela realmente parecia estar falando sério.

— Você acha que estou fazendo piada? — indagou, quase bufando.

Parei de gargalhar no mesmo momento. Ela estava mesmo chateada por aquilo?

— Sério, você se chateou?

— Eu não sou maluca.

— E nem eu, idiota — esbravejei.

— Ah, você é sim. Um grande idiota!

E nós havíamos começado a brigar novamente. Pelo jeito se eu resolvesse conhecer Heloisa melhor, teria que aguentar as nossas mudanças de humor, pois pelo visto não era somente eu que era bipolar, ela também tinha traços em seu humor.

— Quando você me der outro apelido, eu também darei a você — respondi.

— Então você vai esperar sentado, pois eu não te darei outro apelido.

— Tudo bem, então — cuspi.

— Ótimo! — desdenhou.

Eu podia me afastar, voltar para meu apartamento e parar de me humilhar para aquela mulher, mas pelo jeito era impossível. Afinal, meus pés não queriam se mover, não queriam se afastar dela, nem me levar para longe daquela bomba relógio que explodia em quase todos os momentos.

Sem contar o calor. Sim, aquela pequena discussão, despertou em mim um calor que subia dos meus pés até a cabeça, e arrepiava o meu corpo, de tal maneira que fazia com que eu tivesse vontade de provocá-la ainda mais, porque ela ficava mais linda quando estava brava.

Ela parecia sentir o mesmo que eu, pois não bateu a porta em minha cara e ficou me encarando em silêncio para saber qual o próximo passo que daria.

Dessa vez quem teria que tomar a iniciativa para mais um beijo seria eu. E foi exatamente por isso, que dei alguns passos para frente e fiquei com meu corpo quase colado ao dela.

— Eu vou te beijar e depois descubro qual apelido usar para me referir a você.

Sem esperar sua resposta, puxei Heloisa pela cintura e grudei seu corpo de vez ao meu. Antes de colar nossos lábios, ainda olhei em seus olhos, para saber se ela realmente estava de acordo com aquele contato, já que eu nunca seria um escroto com mulher alguma.

Assim que percebi que não tinha dúvidas em seu olhar, toquei meus lábios nos seus. Só que diferente da outra vez, eu não fui calmo. Queria conhecer aquela boca com mais precisão, com mais desejo, com mais euforia.

Minha língua encontrou a dela e um beijo feroz começou, com direito a mordida de lábios, nossas bocas soltando sons incompreensíveis. Peguei

Heloisa em meus braços, para diminuir a nossa diferença de tamanho e a encostei na parede ao lado da porta, enquanto devorava sua boca.

Da forma que eu sabia que conseguia deixar uma mulher maluca por mais beijos meus. Chupei seus lábios com desejo, com veemência. Caralho! Aquela mulher havia se escondido em qual lugar que eu só a havia encontrado agora?

Assim que nos afastamos, encarei seu rosto e pude perceber que ela estava ofegante. Suas pernas permaneciam entrelaçadas a minha cintura e eu não consegui não voltar a beijá-la.

Novamente de forma feroz, só para provar mais daqueles lábios maravilhosos. Heloisa levou suas mãos para os meus cabelos e pressionou nossas bocas ainda mais, para o beijo continuar da forma que ela quisesse.

Nunca havia beijado alguém daquela maneira, que envolvia tanta coisa. Não diria sentimentos, pois éramos dois desconhecidos, mas parecia que nós dois necessitávamos daquele momento, tanto um quanto o outro.

Afastei-me um pouco de sua boca e passei meu nariz no dela, imitando um beijo esquimó. Abri meus olhos lentamente e encarei os de Heloisa. Coloquei-a no chão, para não parecer que estava invadindo seu espaço mais do que deveria.

— Qual vai ser meu apelido? — indagou, enquanto ainda olhava para mim.

Meio ofegante, com as bochechas vermelhas, mas não de vergonha. Eu sabia que aquele rubor que se refletia em sua pele, era de desejo, assim como eu estava sentindo.

— Talvez possa ser feiticeira.

Heloisa franziu o cenho, provavelmente sem entender muito bem o motivo de estar sendo chamada daquela maneira.

— Feiticeira?

— Sim — respondi com um sorriso na voz.

— Por quê?

— Porque desde a primeira vez que te vi, fui seduzido por sua beleza. Por sentir que devia te odiar, mas estou aqui provando dos seus lábios. Provavelmente, você me enfeitiçou.

Heloisa mordeu o lábio inferior, no entanto, logo abriu um sorriso cheio de malícia.

— Então, eu te enfeiticei?

— Completamente. — Parei por um momento, porém, logo fiz a

pergunta que estava perambulando por minha mente: — E o meu apelido, vai mudar?

A mulher desencostou da parede e caminhou pela sala do apartamento. Parecia estar pensando em alguma coisa, só que não queria compartilhar comigo o que estava passando por sua mente.

Ela se voltou para mim e no momento que ia me dizer qual seria o meu apelido, ouvi um resmunguinho pela babá eletrônica. Olhei para o aparelho que estava no bolso da minha calça e murmurei:

— Salva pelo gongo. Dá próxima vez, quero saber qual será o meu novo apelido, feiticeira.

Dei uma piscadinha para ela e caminhei para a saída do apartamento. Quando estava no corredor, fui obrigado a parar quando escutei a sua voz.

— Acho que não preciso pensar muito. De ruivo idiota, você se tornou um ruivo sedutor.

Sorri de lado, mas não me voltei para ela, ainda de costas comentei:

— Acho que gosto desse apelido.

— Eu também gosto do meu.

Foi impossível não sorrir ainda mais com a sua declaração.

— Te vejo em breve, vizinha feiticeira.

— Até mais, ruivo sedutor. — Porém ela ainda acrescentou: — Não quero ter problemas relacionados a Lilian Montauban.

— Minha mãe nunca iria ser um problema para você, pois eu nunca permitiria isso.

Voltei a caminhar para o meu apartamento. Assim que entrei no lugar, soltei um longo suspiro. O que estava acontecendo comigo?

Eu realmente tinha sido enfeitiçado por aquela mulher? Era a única explicação para a forma que estava agindo ultimamente.

Fui até o quarto do meu filho e quando cheguei até seu berço ele já havia se sentado e olhava para os lados.

— O papai demorou, desculpa.

Gael fez um biquinho e indicou que queria chorar.

— O que foi, meu amor? O papai já tá aqui, não precisa chorar.

Peguei o garotinho em meus braços e apoiei sua cabeça no meu ombro. Eu amava demais aquele menino, ele era o meu ponto de paz no mundo, meu porto seguro. Toda a minha vida se resumia a Gael.

Foi só pensar isso que novamente o feitiço de Heloisa me atingiu. Acabei vendo a sua imagem em minha mente.

Eu iria mesmo colocar aquela garota desconhecida no meio do meu caminho e de Gael?

Aquilo ainda era uma incógnita para mim, mas de uma coisa tinha certeza, eu ainda queria provar mais do que aquela garota estava preparando para mim.

Só que no momento eu tinha que dar atenção ao meu pequeno, pois ele ainda era e sempre seria mais importante do que qualquer pessoa no meu caminho. Até mesmo dos meus pais que sempre quiseram mandar em meu destino.

Iria provar a eles que quem mandava nos passos que eu traçava era somente *eu*.

Capítulo 17



Capítulo 17
Heloisa

Estava mordendo a ponta do lápis que usava, pois aquele era a mania que eu tinha, quando pensava no que fazer, sempre que um cliente solicitava um trabalho. Só que ao invés de refletir sobre toda a estrutura arquitetônica que devia desenhar, olhos verdes não saíam da minha mente.

Havia se passado uma semana desde que Pedro fora a minha casa e me beijado de uma forma que deixou minhas pernas completamente bambas. Por sorte e para deixar meu orgulho intacto, quando ele me colocou no chão, eu não caí. Seria horrível e não estava com a mínima vontade de passar vergonha na frente daquele homem.

Eu só não esperava ouvir de sua boca que eu era uma feiticeira e nem chamá-lo de sedutor.

Porém, parecia que desde que Pedro surgiu em minha vida, todas as minhas escolhas e pontos de vista haviam mudado.

Abri um sorriso ao pensar naquilo. Como um homem tão ranzinza e uma garota tão estourada puderam se conhecer e acabaram sentindo atração um pelo outro?

Se eu pensasse em uma piada de mau gosto, diria que o destino nos havia predestinado certinhos um para o outro. Dois idiotas que se conheceram para tentarem melhorar.

Mas melhorar, o quê? Se cada um vivia feliz em sua bolha. Ou melhor, eu ao menos pensava que Pedro vivia feliz, pois eu tinha algumas pedras pelo meu caminho.

Ouvi uma batidinha em minha porta e acabei direcionando meu olhar que estava vagando por todos os lugares do meu escritório, para a pessoa que estava do outro lado do vidro que separava minha sala dos outros funcionários.

Quando vi que se tratava de Fernanda, assenti para que entendesse que podia entrar. Ela estava com um sorrisinho nos lábios que logo imaginei se tratar de algum plano mirabolante que minha amiga estava armando.

— Você e o ruivo idiota… não, agora é ruivo sedutor — curtiu com minha cara. — Já se encontraram depois do beijo quente que ele te deu?

— Não! Ele simplesmente não apareceu, muito menos eu.

— E você vai deixar só por isso mesmo? Depois de tanto tempo sem se envolver com alguém, quando encontra, vai deixar que ele simplesmente suma?

Tive que soltar o lápis que ainda segurava na mesa, levantar minha sobrancelha para encarar Fernanda e ter certeza de que ela estava dizendo realmente algo sério.

Após analisá-la bem, eu simplesmente respondi:

— Amiga, quando foi que dei a entender que Pedro e eu temos alguma coisa?

— Não deu, mas eu estou mostrando para você. Porque sinto que você precisa muito de um empurrão.

— Fernanda, a vida não é um conto de fadas — murmurei, enquanto me levantava da cadeira e caminhava até a janela do escritório.

— Mas nós podemos fazer o nosso, você não acha?

— Eu acho que você está muito apaixonada para entender que o Pedro e eu não vamos ter nada. Ele sumiu e eu não vou atrás dele. Somos polos

opostos, que nunca dariam certo.

— Também havia pensado que eu e o Marcos não daríamos certo e olha como estamos? Reatamos e eu estou mais feliz que nunca.

— Isso é outro caso.

— Não é outro caso, Helô.

Olhei para minha amiga e questionei:

— Você não veio aqui para me perguntar isso. O que aconteceu?

Novamente aquele sorriso traiçoeiro apareceu em seus lábios.

— Recebi um convite hoje de um evento que acontecerá amanhã e acho que você deveria me acompanhar.

Franzi meu cenho, pois aquilo não tinha nada a ver com a história que ela estava tentando trazer à tona.

— Evento de quê?

— Um evento relacionado ao lançamento de um carro de uma automobilística extremamente conceituada.

Arregalei meus olhos, pois não era possível que Fernanda estava falando da mesma automobilística…

— Por sua expressão, acho que você já sabe onde quero chegar. O evento é na Automobilística Montauban. O que acha de me fazer companhia?

Fui obrigada a soltar uma gargalhada.

— Essa é sua ideia? Que eu apareça do nada em um evento na empresa do ruivo sedutor?

— Claro! Quando ele te ver toda linda e perfeita, vai ficar morrendo de amores e nunca mais vai sumir depois de te beijar tão loucamente.

— Fernanda, eu não vou me humilhar a esse ponto.

— Isso não seria humilhação. Você só iria terminar de conquistar o homem.

— Eu não quero ser esse tipo de pessoa. Se o Pedro quiser provar outro beijo meu, ele terá que fazer por merecer. Se isso não acontecer, só vou fingir que nunca aconteceu e é isso.

No momento que fechei minha boca o telefone do meu escritório começou a tocar. Caminhei até a mesa e atendi.

— Oi, senhorita Marinho! — Era Catarina, a recepcionista da empresa.

— Oi, Caty! O que foi?

Por um momento fiquei apreensiva, pensando que podia ser alguma ligação da clínica da minha mãe, afinal, eu quase nunca recebia ligações da recepção, então o medo começou a se apossar do meu corpo.

— Tem um senhor aqui embaixo querendo falar com a senhorita.

— Senhor?

Aquilo estava muito estranho.

— Sim, ele se chama Pedro Henrique Montauban.

Choque!

Era só isso que eu sentia passar pelo meu corpo. Choque!

Engoli em seco e senti meu coração acelerar as batidas. Puta que pariu! Eu tinha ouvido bem? O ruivo sedutor estava aqui na Artec? Eu só podia estar alucinando.

— Quem? — tive que perguntar novamente.

— Pedro Henrique Montauban, senhorita.

Respirei fundo e percebi que eu realmente havia ouvido certo. Era ele, o homem de quem eu havia acabado de falar. Ele estava na recepção da empresa em que eu trabalhava.

Soltei uma risada de espanto. Destino você estava me assustando!

— Tudo bem! Estou descendo.

— Ok!

Assim que Catarina desligou, eu encarei Fernanda e sabia que meus olhos estavam mais arregalados que o normal.

— Pelo amor de Deus! Aconteceu alguma coisa com sua mãe? — minha amiga indagou.

— Não!

— Ainda bem — murmurou, mas continuou me encarando para saber o que havia acontecido.

— Ele tá aqui — mal abri a minha boca para deixar as palavras escaparem.

— Quem?

Fernanda parecia não estar entendendo nada. Como ela percebeu que eu não falaria mais, levantou-se da cadeira e foi até a porta da minha sala. Afinal, dali dava para ver perfeitamente bem a parte da recepção, já que todas as paredes eram de vidro.

— Puta que pariu! — Fernanda se voltou para mim com um sorriso que parecia mais o do coringa do que o seu normal. — Se aquele homem está ali embaixo para falar com você, eu posso ter esperança de sonhar com um relacionamento entre vocês.

— Para de falar essa palavra, por favor — quase gemi de desespero.

— Qual?

— Relacionamento. Nós não temos nada, eu não tenho a mínima ideia do que ele veio fazer aqui, mas não fala isso, pois não tem nada a ver.

— Tudo bem! Mas vai logo ver o que ele quer.

Assenti e mesmo me amaldiçoando internamente, olhei-me no espelho antes de sair. Claro que isso gerou mais um comentário de Fernanda.

— Pode não ser relacionamento, mas você está louca para que vire algo mais do que um beijo.

— Cala a boca.

Saí da minha sala e comecei a descer as escadas que me levavam até a recepção. Agora eu teria que descobrir o que aquele homem queria.

Caminhei pelo lugar com a cabeça erguida, pois mesmo sentindo insegurança eu nunca demonstrava meus sentimentos perto dos funcionários. Eles viam em mim uma pessoa de confiança, e uma gerente muito competente, então eu queria que aquela imagem permanecesse.

Assim que saí para a recepção, pude enxergar a beleza daquele homem em um terno muito bem cortado e com toda certeza, muito caro. Ele estava de costas para mim e pude vislumbrar o seu corpo de costas mais um pouco. O terno o deixava ainda mais delicioso, o casaco estava estourando nos músculos dos seus braços, a calça grudava em sua bunda enorme e infelizmente os pensamentos sacanas não fugiam da minha mente.

Balancei minha cabeça para parecer uma pessoa normal e me aproximei de Pedro.

— Agora está me perseguindo? — perguntei, baixinho.

Ele se virou para mim com um sorriso singelo em seus lábios e eu quase me derreti, pois foi impossível não me lembrar do beijo que me deu quando me imprensou na parede de casa.

— Não queria que parecesse uma perseguição. Mas como não tinha seu número, me senti na obrigação de vir aqui.

— Eu posso saber o motivo da sua ilustre visita?

Droga! Eu estava bobinha por aquele homem.

— Um convite para o almoço? — Levantou uma de suas sobrancelhas, enquanto perguntava.

— Você apareceu aqui para me convidar para almoçar?

— Sim. — Pedro coçou sua cabeça, parecendo novamente sem graça.

Ele ficava tão fofo quando demonstrava ser um homem tão envergonhado. Algo que eu sabia ser somente fachada, já que aquele homem era puro fogo.

— Também seria uma ótima oportunidade de você me passar seu telefone, para que eu não precise aparecer de surpresa nos lugares.

— Seria mesmo — sorri ao responder.

Ele retribuiu o sorriso e eu fui obrigada a ficar encarando seus olhos. Talvez a feiticeira não fosse eu e sim ele, que me deixava vidrada quando me olhava daquela maneira.

— O que me diz do almoço?

Como eu diria não, quando meu corpo quase implorava para que eu dissesse sim? Não podia ir contra os meus instintos.

— Eu digo que vou pegar minha bolsa e você espera aqui.

— Achei uma ótima resposta… — Pedro fez uma pausa, mas sussurrou para que somente eu escutasse em seguida. — Feiticeira.

— Ruivo sedutor — também sussurrei.

Voltei para minha sala com um sorriso bobo no rosto. Aquilo tinha se tornado uma incógnita, mas eu estava com muita vontade de desvendar o que seria do meu futuro com o surgimento de Pedro Henrique Montauban.

Capítulo 18



Continuava parado na recepção do lugar. Olhava de um lado para o outro, pois não estava acostumado a aparecer em um lugar desconhecido daquela maneira. No entanto, estava ali por causa de um desejo absurdo, por uma mulher que me havia feito mudar tudo que penso.

A secretária do lugar me encarava, como se estivesse realmente querendo saber o que eu estava fazendo ali. Será que não era do costume de Heloisa, receber visitas masculinas?

Isso seria impossível, já que uma mulher linda como ela deveria ter uma fila de homens atrás dela, só para observarem sua beleza.

Fui tirado dos meus devaneios, quando Heloisa surgiu novamente. Olhou para a mulher atrás do balcão da recepção e comunicou.

— Caty, vou sair para o almoço. Caso algum cliente ligue, anote o

recado e diga que assim que voltar retornarei a ligação.

— Sim, senhorita.

A mulher que eu estava esperando direcionou o sorriso para a recepcionista e suas covinhas apareceram. Aquilo era quase uma dádiva para mim, que amava assistir o efeito que seu sorriso transmitia.

— Vamos? — indagou, assim que me olhou.

— Claro!

Saímos do lugar e foi impossível não colocar minha mão na curva de suas costas, para conduzi-la até o meu carro. Abri a porta do passageiro para ela e sorri em sua direção, quando Heloisa me encarou com uma sobrancelha arqueada.

— Você está bem?

— Claro — respondi, franzindo o cenho.

— Não parece. Já que gentileza nunca foi o seu forte.

— Lembra que nós levantamos as bandeiras brancas?

— Sim, mas eu não sabia que isso faria com que você mudasse completamente seu estilo.

— Estou tentando ser uma pessoa melhor. Que não trate outra com tanto desrespeito como eu vinha fazendo ultimamente.

Heloisa me encarou por um momento e quando eu estava quase questionando o que ela estava pensando, ela só indagou:

— Vamos aonde?

— Bom, vou te levar para almoçar em um restaurante que gosto muito e que faz bastante tempo que não apareço.

— Então surpreenda-me, ruivo sedutor — a última parte foi sussurrada e eu não pude deixar de pensar em agarrá-la ali mesmo, na frente de todas as pessoas que perambulavam pela calçada que estávamos.

Heloisa parecendo perceber o que se passava por minha mente, abriu um sorriso malvado em seus lábios, entrou no carro que ainda continuava com a porta aberta e sentou-se no banco do passageiro. Antes que eu pudesse fechar a porta, ainda a encarei por um tempo.

Aquela mulher iria acabar com meu discernimento, eu tinha absoluta certeza daquilo.

Fechei a porta, contornei meu carro e logo entrei no automóvel. Direcionei meus olhos novamente para Heloisa e ela também não os desviou dos meus.

Sem resistir levei uma de minhas mãos até seu rosto e afaguei sua

bochecha. Ao sentir meu toque, seus olhos expressivos se fecharam, e foi inevitável não me aproximar dela e grudar nossos lábios.

Não era um beijo afoito, nem desesperado. Era somente um reconhecimento de terreno, um toque suave para que ela soubesse que estava ali e que pretendia ainda beijar muitas vezes aquela boca que me fascinou e me viciou.

Afastei-me em seguida e minha vizinha me encarou como se aprovasse o que eu havia acabado de fazer.

— Vamos almoçar — declarei, dando partida no carro.

Assim que ganhei as ruas de São Paulo, fui em direção ao restaurante italiano que eu gostava. Já havia reservado uma mesa, mesmo que eu ainda não tivesse uma resposta de Heloisa. No fundo, estava confiante que ela aceitaria almoçar comigo.

Não demorou muito para chegarmos, até porque o escritório que Heloisa trabalhava, não ficava muito longe do restaurante. Entreguei minhas chaves para o manobrista e abri a sua porta para que ela saísse, logo estendendo a mão para ela.

— Vou ficar bem mal-acostumada com esse seu jeito.

— Estou fazendo o mínimo.

— Meu Deus! Se esse é o seu mínimo, estou seriamente preocupada quando fizer o seu máximo.

— Você saberá quando eu o fizer.

— Saberei? — questionou.

— Sim, pois se um dia eu fizer isso, te conquistarei.

Heloisa ficou surpresa, mas ao menos aquilo fez com que ela parasse de brincar com o meu jeito cavalheiresco.

Conduzi-a para dentro do restaurante e logo a hostess nos acompanhou até a mesa. Eu preferi um lugar mais discreto, por isso escolhi as mesas privativas que ficavam afastadas de todo o resto do público. Além de ser como uma sala, que possuía cortinas não deixando que vissem o que estávamos fazendo ali.

Afastei a cadeira para Heloisa sentar e logo o garçom nos trouxe o cardápio. Enquanto o analisávamos, em silêncio, peguei-me pensando se Heloisa seria como Jaqueline. Uma vez trouxe aquela mulher neste lugar e ela ao invés de aproveitar a culinária italiana, pediu uma salada.

Não que eu fosse contra, a mulher podia escolher o que quisesse. Só que não era sempre que íamos a um lugar como aquele, então porque não

escolher algo diferenciado do dia a dia?

Só que para minha surpresa, assim que o garçom voltou para pegar nossos pedidos, Heloisa fez o seu, que teve direito a uma entrada, depois uma massa, e por último a sobremesa.

— Você é bem rápida em escolher o que quer — brinquei, enquanto ela verificava algo em seu celular.

— Sempre sou decidida a respeito do que comer. Eu amo comer e nunca ficaria em dúvida de aproveitar um almoço ao qual fui convidada.

— Fico contente de poder te proporcionar isso.

O silêncio caiu pelo lugar, mas ao menos os meus olhos não saíam daquela mulher. Diferente dela que olhava para a vista que a janela de onde estávamos nos favorecia.

— Nunca tinha vindo nesse lugar. Aqui tem uma vista incrível.

Acabei desviando meus olhos dela e olhando para a janela. Realmente era um lugar muito bonito. Tinha vista para uma espécie de floresta, era muito verde e fazia com que o ambiente se tornasse confortável.

— É realmente um lugar incrível.

— Eu amo reparar as mínimas coisas que existem ao nosso redor, pois tudo me dá inspiração. Formei-me em Arquitetura e Urbanismo exatamente por isso, ter em mente que tudo pode se tornar algo grandioso.

Voltei a olhar para a mulher que estava sentada à minha frente. Ela parecia falar com tanto amor da sua profissão e eu admirava aquilo. Pessoas que amavam o que faziam eram mais felizes.

— Você parece realmente gostar do que faz.

— Eu amo.

A entrada que ela havia pedido, mais o suco de laranja chegaram, e ela parou de falar para agradecer ao garçom.

— Aceita? — perguntou, enquanto levava uma batatinha frita a boca.

— Não, eu não costumo comer tanto.

— Ah, mas só uma batatinha.

Ela estendeu a em minha direção e foi impossível não rir com a expressão inocente que estava em seu rosto.

— Só uma.

Ela colocou a batata em minha boca e eu comi achando aquela garota um pouco maluca demais.

Enquanto comia, Heloisa me perguntou com a boca cheia, nem se importando com a etiqueta. Ela me surpreendia a cada minuto.

— Cadê o Gael?

A pergunta sobre meu filho era nova para mim. Ninguém costumava perguntar sobre ele.

— Está em casa com a babá. Hoje eu tive que ir à empresa, para uma reunião e ela sempre fica com ele nessas ocasiões.

— Entendi. Eu posso ir na sua casa para vê-lo depois?

— Claro que pode. — Ela parecia realmente gostar do meu filho e eu aprovava aquilo, pois para qualquer pai se o seu filho fosse bem tratado você também seria

Para me deixar ainda mais surpreso, Heloisa comunicou:

— Eu sinto que você me convidou para esse almoço com algum propósito. Então pode começar a falar, ruivo sedutor.

Aquela garota não tinha nada de inocente. Ela sabia pegar as coisas no ar.

— Acho que você é muito espertinha, não acha?

— Eu sou muito esperta — sorriu ao admitir.

— Bom, realmente tem um propósito, só que eu queria que você almoçasse primeiro, para depois eu dizer o que estou querendo.

Heloisa levou mais uma batatinha à boca e comentou:

— Desembucha, Pedro. Não vou sair correndo daqui, então fala antes do meu almoço chegar, pois se eu já tivesse devorado tudo que pedi, eu poderia muito bem sair por aquela porta e te deixar falando sozinho.

Senti meus olhos se arregalando, enquanto ela falava.

— A comida é mais importante que eu? — indaguei sem acreditar.

Heloisa abriu um sorriso gigantesco e declarou:

— A comida sempre é mais importante, Pedro. Agora fala o que você deseja.

Aquela garota era inacreditável.

Balancei a cabeça com o seu comentário, ainda sem acreditar realmente que ela havia dito aquilo, mas Heloisa já havia me provado que era diferente de todas as mulheres que conheci em minha vida.

E foi exatamente por isso que eu tinha tido aquela vontade súbita de convidá-la para almoçar e para chamá-la para o evento que aconteceria amanhã em minha empresa.

— Tudo bem! — Respirei fundo e comecei: — Sei que estamos nos conhecendo melhor, que trocamos alguns beijos… poucos, mas significativos. Por isso, eu senti que devia te convidar para algo, só que estou

com um pouco de medo da sua resposta.

Ela levantou uma sobrancelha, deixou a batata que estava segurando em cima do prato com as outras e disse:

— Se for para o evento de lançamento do automóvel, já estou sabendo e não sei se quero ir, afinal, sua mãe não gostou nadinha de me encontrar em sua casa, então eu não quero confusão.

Ela ia direta ao ponto.

— Pelo jeito não sou só eu que sou um stalker.

— Em minha defesa, não corri atrás da informação. Ela veio até mim.

Segurei sua mão por cima da mesa e disse:

— Eu quero muito que você vá comigo. Não me importo em momento nenhum com a opinião da minha mãe. Só senti vontade de ter você ao meu lado nesse dia. Para talvez poder te conhecer mais e poder dividir um pouco do meu mundo com você.

Heloisa me encarava, esperando que eu falasse mais alguma coisa, mas quando percebeu que eu não diria mais nada, ela voltou a dizer:

— Não sei se estou preparada para ser humilhada em público. Já tenho meus próprios problemas e você sabe que são muitos.

Fechei meus olhos e suspirei.

— Heloisa, se tem uma coisa que minha mãe não faria seria te humilhar em público, pois ela adora fazer isso, mas somente quando está em seu círculo de amizade. Ela não faria um escândalo para sair na mídia. e eu queria que você não ligasse para a opinião dela, pois acho que a única coisa que importa é o que eu quero nesse momento.

— E o que você quer, Pedro Henrique? — sua pergunta me pegou de surpresa, mas a minha resposta não.

— Quero você ao meu lado amanhã. Não estou pedindo que assuma algo comigo, mas eu sinto que preciso de você ao meu lado. Quero te conhecer melhor, gostaria de te mostrar mais da minha vida. Isso tudo é recente para mim, no entanto eu quero conhecer esse mundo novo que está surgindo no meu caminho.

A troca de olhares que tivemos foi significativa. Só que eu não sabia o que ela me responderia, mas senti meu coração disparar quando minha vizinha, feiticeira e maluca – essa parte ficaria somente para mim –, resolveu se pronunciar:

— Tudo bem! Eu vou com você. Só que preciso que prometa que me

defenderá de qualquer humilhação que tentarem fazer comigo.

— Eu te prometo tudo que quiser.

Aquilo era somente a verdade. Eu a queria e nem sabia como surgiu aquele sentimento, mas ele estava ali, quase palpável, e eu faria de tudo para protegê-la. De qualquer pessoa que tentasse fazer algo contra ela, por minha culpa. Queria viver o que o destino estava me reservando e eu viveria.

Capítulo 19



Nervosa.

Muito nervosa.

Quase roendo minhas unhas.

Era assim que me encontrava, enquanto esperava Pedro tocar a campainha do apartamento onde eu estava passando uma temporada.

Sim, estava parecendo uma menininha de filme adolescente, que esperava ansiosamente o carinha vir encontrá-la para levá-la até o baile de final de ano.

Eu esperava muito que no final não terminasse igual Carrie a estranha, pois sinceramente não estava nem um pouco a fim de Lilian me maltratar nesse evento.

Fernanda havia pulado de felicidade, quando voltei do almoço do dia anterior e contei-lhe que havia aceitado ser a acompanhante de Pedro no evento.

Ela disse que ficara tão contente que iria com Marcos, só para me apoiar, porém, no momento eu não conseguia pensar em nada a não ser que Pedro ainda não tinha aparecido.

Não que ele estivesse atrasado, mas eu estava ansiosa e isso me corroía por dentro.

Olhei-me no espelho e não pude deixar de observar o quanto estava bonita. Fernanda havia me dado um vestido da cor azul-royal, afinal ela nunca havia usado e vestia o mesmo número que eu.

Então para não ser mais uma roupa que ela nunca usaria resolveu me dar. O vestido era longo e tinha pequenos detalhes em pedraria que acrescentavam um brilho a mais na peça de tecido fino.

Eu havia feito uma trança rabo-de-peixe em meu cabelo, e ela caía sobre o meu ombro. O salto alto que usava era o toque final que precisava para estar ao lado de Pedro Henrique Montauban.

Enquanto me observava, minha campainha tocou e meu coração quase saiu pela boca. Eu tinha esquecido por um momento que estava completamente ansiosa, mas agora tudo havia voltado.

Já que Pedro havia chegado.

Caminhei até o sofá, peguei minha bolsa e fui até a porta. Verifiquei para ver se realmente era Pedro e constatei que sim, só pela imagem da câmera eu podia ver o quanto ele estava lindo no smoking que usava.

Abri a porta em um rompante e não pude deixar de perceber quando Pedro correu seus olhos por meu corpo. Eu não me senti invadida, mas sim ainda mais bonita por ver o quanto ele apreciou o que eu usava.

Não que eu vestisse algo para agradar alguém, só que ver a forma que ele me olhou, deixou-me mais confiante para ir ao evento da automobilística.

— Nossa! — Ele soltou um suspiro e logo exclamou novamente: — Uau!

— Se consegui te deixar sem palavras já me sinto melhor — respondi, tentando não demonstrar que estava afetada pelo seu momento desconcertante.

— Realmente estou tentando achar algo que possa dizer para expressar o que estou vendo.

Eu tinha que admitir que aquele homem, também estava me deixando

sem palavras nos dois últimos dias. O fato de ter aparecido em meu trabalho e dizer coisas que me deixaram por muito tempo pensativa, foi um ponto a mais para ele.

Nunca alguém havia conseguido me deixar da forma que Pedro havia me deixado nos últimos tempos. Não que eu fosse um poço de confiança com ele, mas estava sentindo uma vontade imensa de conhecer melhor aquele homem que parecia também querer o mesmo.

— Não precisa dizer nada, os seus olhos já me disseram tudo — respondi em forma de brincadeira.

Mas no fundo eu estava falando a verdade. Os olhos verdes daquele homem me encaravam de uma forma que estava me deixando novamente com as pernas bambas e ele nem precisou me beijar para que eu sentisse aquilo.

Talvez Pedro Henrique Montauban, tenha surgido em meu caminho, para me deixar completamente maluca.

Pedro pegou na minha mão livre, deu um leve beijo e questionou:

— Podemos ir?

Só por me encarar daquela forma eu já lhe podia entregar qualquer coisa que ele quisesse.

— Podemos.

Tranquei a porta, e caminhamos de mãos dadas até o elevador.

Tão diferente de alguns poucos dias, quando eu estava querendo matá-lo e ele também tinha esse mesmo desejo.

Olhei para a porta do seu apartamento, assim que passamos em frente a ele.

— Gael está com a babá?

— Sim, hoje ela sabia que tinha que ficar com ele para que eu pudesse ir ao evento.

— Entendi.

Entramos no elevador e logo Pedro apertou o botão que levava até o estacionamento.

— Você está linda.

Olhei para ele que usava aquele smoking que parecia pequeno demais para seus músculos e respondi:

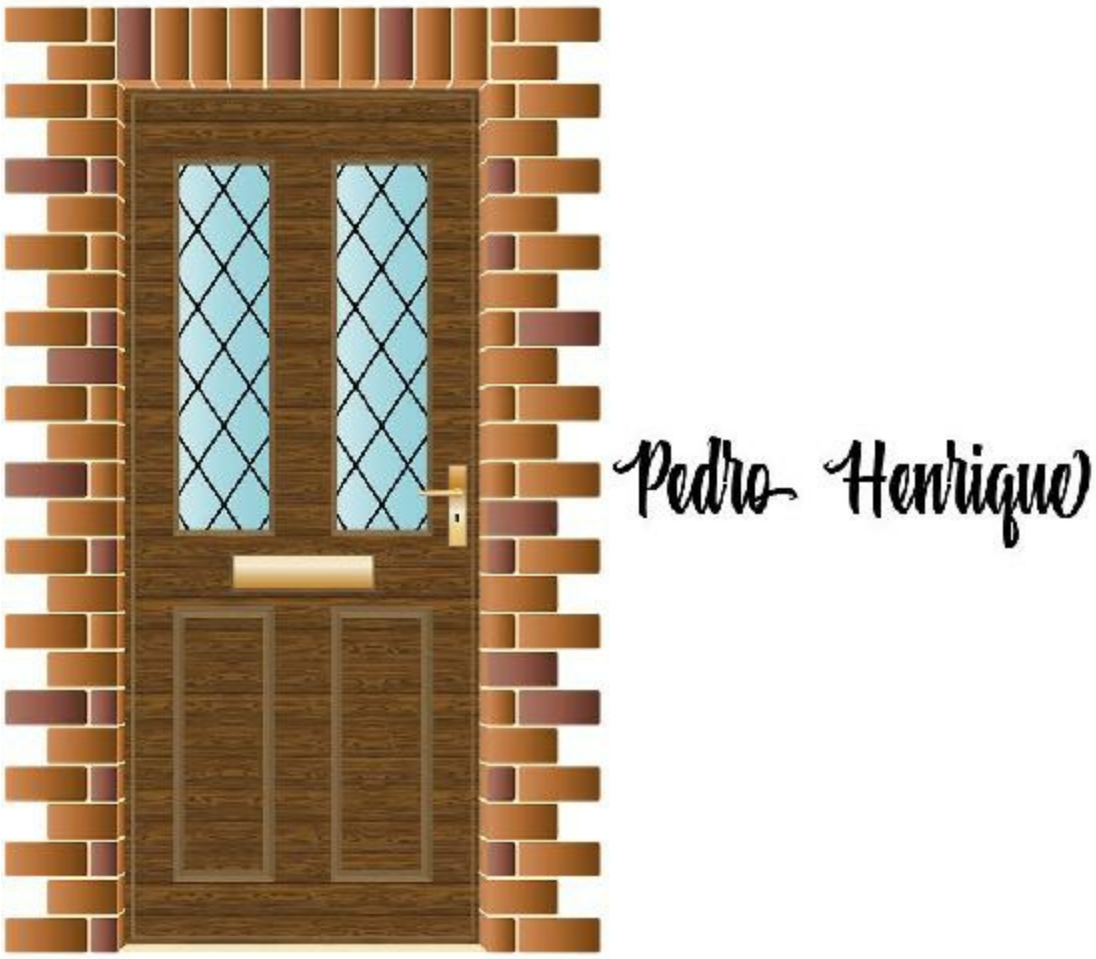
— E você está uma tentação.

— Como sempre, direta ao ponto, Heloisa.

— Sim, Pedro!

Assim que o elevador se abriu, caminhamos lado a lado até seu carro. Estava na hora de enfrentar aquele evento. Esperava não me decepcionar. Não estava preparada para mais algum desapontamento em minha vida.

∞∞∞



Chegamos ao setor de eventos da Automobilística Montauban. Havia vários fotógrafos, prontos para registrarem tudo que podiam, para que logo as notícias começassem a sair na imprensa.

Não sabia mais, se era uma boa ideia aparecer com uma mulher ao meu lado, pois logo sairia na imprensa que eu estava acompanhado de um

novo *affair* e não queria ter que me explicar para a mídia.

Só que ao olhar para Heloisa ao meu lado eu soube que não importava o que a imprensa dissesse, eu queria aquela mulher ali. Conduzi-a pelo tapete que levava até a entrada do evento, fiz a parada para as fotos dos fotógrafos e não respondi aos jornalistas quando perguntaram sobre minha acompanhante.

— Acho que estou um pouco nervosa com a notícia que pode sair amanhã nos jornais — Heloisa comentou, enquanto entrávamos no salão.

— Eles podem te considerar minha namorada, mas eu nunca confirmaria isso.

— Por quê? Não sou boa o suficiente para você me apresentar como sua namorada? — indagou, parecendo estar chateada.

Droga! Só faltava nós começarmos a discutir no meio dos convidados.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— E foi exatamente o quê? — Heloisa me encarou com uma sobrancelha arqueada.

— Que eu nunca assumiria um relacionamento com você, sem o seu consentimento.

Aquela mulher que não costumava ficar sem palavras, ficou me encarando em silêncio. Logo ela semicerrou os olhos e um sorriso singelo apareceu em seus lábios.

— Ótima resposta, senhor Montauban.

— Isso seria o mínimo, não é mesmo?

— Sim, mas é que estou tão acostumada com homens ridículos, que às vezes me pego pensando se você é realmente real. É meio difícil de acreditar, que ainda exista alguém como você.

Eu entendia perfeitamente o que Heloisa estava querendo dizer. Afinal, eu sabia muito bem o quanto os homens podiam ser escrotos e ainda mais tendo noção do que aquela menina já havia passado, eu ficava ainda mais indignado com tudo.

— Uma coisa você pode ter certeza, Heloisa: eu posso ser um idiota, chato, rabugento… mas nunca, nunca mesmo, eu passaria dos limites com uma mulher. Eu sei muito bem até onde eu devo ir.

— Vou me lembrar disso.

Nosso momento foi interrompido.

— Que bom, que chegaram!

Olhei em direção à voz histérica e vi que era a amiga de Heloisa, a mesma que encontrei aquele dia em seu apartamento.

A mulher abraçou a minha acompanhante e logo me encarou com um sorriso gigantesco nos lábios.

— Como vai Pedro?

— Bem — estendi-lhe minha mão, para cumprimentá-la.

Em seguida fiz o mesmo com o homem que estava ao seu lado. Eu o conhecia. Era Marcos Melo, então aquele era o namorado de sua amiga. Nunca pensei que ela fosse prima de Ricardo e ainda tivesse relação com um de seus amigos.

Tentei não ficar irritado, pois se Heloisa confiava nos dois, eu também deveria confiar.

— Você está linda, amiga. — Fernanda me olhou novamente e indagou: — Você não acha, Pedro?

Eu entendi o que aquela mulher estava tentando fazer. Eu não era bobo. Fui obrigado a abrir um sorriso, cocei minha nuca e quando percebi que ela realmente estava esperando minha resposta, foi impossível não dizer:

— Sim, muito linda.

A mulher parecia esperar que eu dissesse aquilo, por outro lado, senti que Heloisa me olhava e foi impossível não encará-la de volta. Ela aparentava querer desvendar o que eu estava tentando fazer, mas nem eu mesmo sabia.

— *Obrigada* — moveu os lábios para que eu entendesse o que disse.

Depois disso, fui obrigado a tirar a minha mão que havia voltado para sua cintura e segurar a dela. Olhei para Fernanda e comuniquei:

— Desculpe, roubá-la de você. Mas preciso ir cumprimentar algumas pessoas e queria que Heloisa me fizesse companhia.

— Fique à vontade.

Assim que a mulher ao meu lado jogou um beijinho no ar para a amiga, nós voltamos a caminhar.

— Sinto que estou sendo analisada dos pés à cabeça, quando as pessoas veem que você está acompanhado de mim.

— Elas são assim. Você é a novidade aqui, além dos modelos de carros que minha empresa lançará, então eles ficam curiosos.

Heloisa assentiu e continuamos caminhando até que cheguei onde estava Daniel. Ele conversava com Carlos Afonso, um empresário extremamente conhecido do ramo que trabalhávamos.

— Boa noite, senhores!

Assim que Daniel olhou para mim, foi impossível não perceber a sua reação. Eu não havia contado a ele que viria com Heloisa, então era fácil entender seu espanto.

— Nunca te vi em um evento acompanhado, Pedro. Posso pensar que essa moça bonita, seja alguém importante? — Carlos Afonso, indagou, ao estender sua mão para Heloisa e ela retribuir o cumprimento.

— Essa é Heloisa, uma pessoa especial.

No momento que fechei minha boca, Heloisa apertou minha mão que ainda segurava a sua, só que neste instante minha mãe e meu pai resolveram surgir no meu campo de visão.

Esperava que aquilo acabasse bem e que eles não fizessem nenhuma cena em relação a Heloisa. Eu a tinha tornado minha prioridade naquele momento e não seriam duas pessoas que sempre quiseram comandar minha vida, que fariam alguma coisa para prejudicar a minha noite com aquela mulher.

Capítulo 20



Capítulo 20
Heloisa

Foi impossível não deixar meus olhos seguirem para onde os de Pedro estavam focados. Primeiro que o homem que ele havia me apresentado há menos de cinco minutos, estava me comendo com os olhos, então eu queria muito desviar minha atenção dele.

Já que meu coração ficava extremamente disparado, quando um homem que eu não permiti, me analisasse daquela forma.

Não adiantava eu tentar ser uma pessoa forte, que não deixava o trauma tomar conta da sua vida. Quando existiam homens que não sabiam respeitar o espaço pessoal de uma mulher.

No entanto, assim que encarei o ponto de visão de Pedro, arrependi-me no mesmo momento. Sua mãe estava caminhando em nossa direção e por

estar de braços dados com um homem que parecia muito rabugento, imaginei que fosse o pai de Pedro Henrique.

— Que lançamento incrível, meu filho — Lilian comentou, assim que estava perto o suficiente de nós.

— Mamãe — Pedro murmurou. — Pai, não sabia que o senhor viria.

— Sua mãe insistiu bastante.

O homem de voz grossa, tanto quanto a do filho, encarou nossas mãos unidas e logo voltou os olhos para o filho. Eles pareciam conversar só pelo olhar, pois logo o meu acompanhante disse:

— Papai, essa é Heloisa Marinho.

— Heloisa, esse é Humberto, meu pai.

— É um prazer conhecê-lo. — Estendi minha mão livre ao homem.

— Prazer.

Ele pelo visto não era de muitas palavras, mas ao menos não me tratou tão mal, quanto Lilian fez da primeira vez. A mulher por outro lado, encarou-me com os olhos semicerrados, mas não disse nada.

O casal se voltou para Carlos Afonso e começaram a conversar. Senti que Pedro me olhava, por isso, eu retribuí o gesto.

— Está tudo bem? — seu questionamento, em forma de sussurro, não me pegou de surpresa.

Afinal, se eu me conhecia bem, deveria estar com uma expressão nada amigável.

— Não sei. Será que sua mãe vai me encarar assim todas as vezes? — sussurrei de volta.

— Espero que não, pois eu pretendo continuar com você ao meu lado, até quando você não me quiser mais.

Foi impossível não sorrir com a declaração de Pedro. O que havia acontecido com aquele homem? Ele só podia ter batido a cabeça ou algo do tipo, pois havia se tornado outra pessoa. E eu tinha que confessar que estava amando aquela nova versão do ruivo, que nem era mais idiota, ao menos naquele momento.

— Irmão, nós precisamos cumprimentar os outros investidores — Daniel apareceu ao nosso lado.

— Claro! — Pedro desviou seus olhos de mim, para poder responder ao amigo.

— Vai com ele, eu vou procurar Fernanda — murmurei.

Eu não queria atrapalhá-lo, pois percebi que Daniel queria que ele

desgrudasse de mim. Teríamos mais tempo, para passarmos juntos, então era melhor ele ir fazer suas coisas no momento.

— Tem certeza? — indagou com o cenho franzido.

— Tenho sim.

— Tudo bem! Mas qualquer coisa me procura.

— Pode ficar tranquilo.

Quebrando o resto de barreira que tínhamos, ele levou sua mão que não estava segurando a minha, até o meu rosto. Afagou minha pele e murmurou:

— Estou falando sério. Se qualquer pessoa te incomodar, você me procura que eu coloco para fora daqui.

Abri um sorriso. Ele parecia realmente querer cuidar de mim.

— Eu sei me defender, mas se isso acontecer pode ter certeza que te avisarei.

— Que bom — murmurou, com um sorrisinho safado surgindo em seus lábios.

Assim que se afastou, percebi que sua mãe ainda me encarava, afinal não estávamos afastadas. Humberto continuava conversando com Carlos e Lilian me olhava como se quisesse minha alma.

Achei por bem me afastar, antes que eu falasse poucas e boas para aquela… sem noção.

Caminhei pelo lugar, olhando para os lados, para tentar achar Fernanda. Assim que encontrei aquele emaranhado de cabelos loiros, segui em sua direção. Ela estava olhando para um modelo de automóvel que estava sendo exposto.

— Acho que esse carro seria perfeito, para que eu trocasse pelo meu — ouvi-a comentar com Marcos.

— Amor, seu carro está muito bom — Marcos respondeu e eu fiquei feliz que eles estivessem dando certo.

— Ela tem mania de comprar coisas desnecessárias — intrometi-me no meio da conversa.

Fernanda virou em minha direção, com um olhar acusatório e logo disse:

— Para de contar meus podres a ele.

— Já vai sabendo Marcos, essa aí é a rainha de comprar coisas que não precisa.

— Estou percebendo.

Minha amiga fez uma careta engraçada para o namorado e foi impossível não rir daquela cena. Logo começamos a jogar conversa fora, mas Marcos resolveu indagar algo que eu não esperava:

— Você está bem, Heloisa?

Sem entender seu questionamento, fui obrigada a retrucar:

— Sim, por quê?

Fernanda também o encarou esperando sua resposta.

— Ainda me sinto culpado por aquele dia.

Se antes eu já achava que o Marcos era um cara inocente no meio das merdas da nossa vida, naquele momento eu tive certeza que aquele homem não era como o idiota do seu amigo.

— Não se culpe, você não sabia que estava me colocando em perigo… — Olhei para o palco que estava disposto um pouco mais afastado de onde nos encontrávamos, bem no momento que Pedro subiu para fazer seu discurso de lançamento. — E, sim, eu estou bem. Muito melhor do que da primeira vez que Ricardo tentou fazer algo comigo. No momento, mesmo com toda a violência no mundo, eu me sinto quase segura.

E no fundo eu sabia que era porque morava ao lado de um homem, que estava me encantando a cada dia. Um homem que parecia ter mudado de forma abrupta, mas que estava me conquistando a cada segundo.

— E ela está apaixonada, amor.

Olhei para Fernanda assim que ela comentou com Marcos. Eu não estava apaixonada.

— Fernanda, para de viajar.

— Ah, tá bom! Os seus olhos brilham quando você olha para o Pedro. Você pode continuar se enganando amiga, mas você está apaixonada.

Revirei meus olhos, enquanto Marcos gargalhava da minha expressão. Era só o que faltava, ter aqueles dois pegando no meu pé.

Quando Pedro começou seu discurso, foi impossível não olhar em sua direção e sentir um pouco de admiração. Ele falava com tanto amor sobre o seu trabalho, agradecia a presença de todos e parecia realmente um homem dedicado ao que fazia.

Ele estava lindo, no seu smoking que o deixava ainda mais sexy e completamente delicioso. Porém, meu momento foi cortado, assim que senti um toque em meu braço.

Olhei na direção que fui chamada e não me surpreendi ao encontrar Lilian Montauban ao meu lado. Fernanda olhou para nós e eu não pude

deixar de notar que minha amiga não estava com as melhores das expressões.

— Podemos conversar? — indagou, enquanto me olhava de forma acusatória.

Eu podia responder que não tinha nada para falar com ela, porém, não podia negar que estava curiosa para saber qual ofensa ela direcionaria para mim.

— Ela não tem nada para falar com a senhora — Fernanda se intrometeu.

— Pensei que os Alcântara tivessem mais educação.

Vi minha amiga ficar vermelha, mas logo intervim para que ela não ficasse ainda mais chateada.

— Se acalma, amiga. Eu vou falar com ela, pode ficar tranquila.

A mulher em toda sua classe, fez um gesto para que a seguisse, e eu fui. Esperava que essa conversa não acabasse em confusão. Assim que chegamos a um espaço, completamente reservado, como se fosse um camarote, pude ver que no lugar se encontravam algumas pessoas e o pai de Pedro Henrique.

Olhei para o casal que estava ao seu lado e eles pareciam me encarar com nojo. Mais à frente uma mulher, muito bonita, com longos cabelos loiros estava encarando o palco onde Pedro ainda discursava.

— Queria apresentar para você, uma família que é muito importante para nós. Esses são: Francisco e Margarida Siqueira.

Abri um sorriso em direção ao casal, mas nenhum dos dois retribuiu o meu sorriso. Logo, a loira, que parecia mais uma escultura de tão bonita se virou em minha direção e o seu olhar de ódio, fez com que eu sentisse um arrepio passar por minha coluna.

Ela caminhou até nós e parou bem próxima a mim, não respeitando o meu espaço pessoal. Ao fundo pude ouvir palmas, provavelmente porque o discurso de Pedro havia terminado, mas não pude verificar, pois estava encarando a mulher que não desviava seus olhos dos meus.

— Essa é Jaqueline, a noiva de Pedro Henrique — Lilian comentou ao meu lado.

E eu não pude negar que senti meu coração disparado. Não era possível que eu tinha sido enganada daquela forma. Seria por isso que todas as pessoas daquele lugar estavam me olhando quando cheguei com Pedro? Por ele ser noivo e ter levado sua “amante” ao evento.

Afinal, nós havíamos trocado vários beijos e aquilo para mim já era uma das piores traições. Senti meus olhos lacrimejarem, mas eu nunca choraria por causa de algo daquela maneira. Eu havia aprendido a passar por várias coisas pesadas em minha vida, e não me rebaixaria chorando na frente daquelas pessoas. Muito menos por ter sido enganada por mais um idiota que apareceu no meu caminho.

— Agora que você sabe que o Pedro tem uma noiva, espero que pare de se intrometer em nosso caminho — Jaqueline, a loira escultural, murmurou.

Respirei fundo uma vez e consegui dizer sem que minha voz ficasse com a entonação embargada.

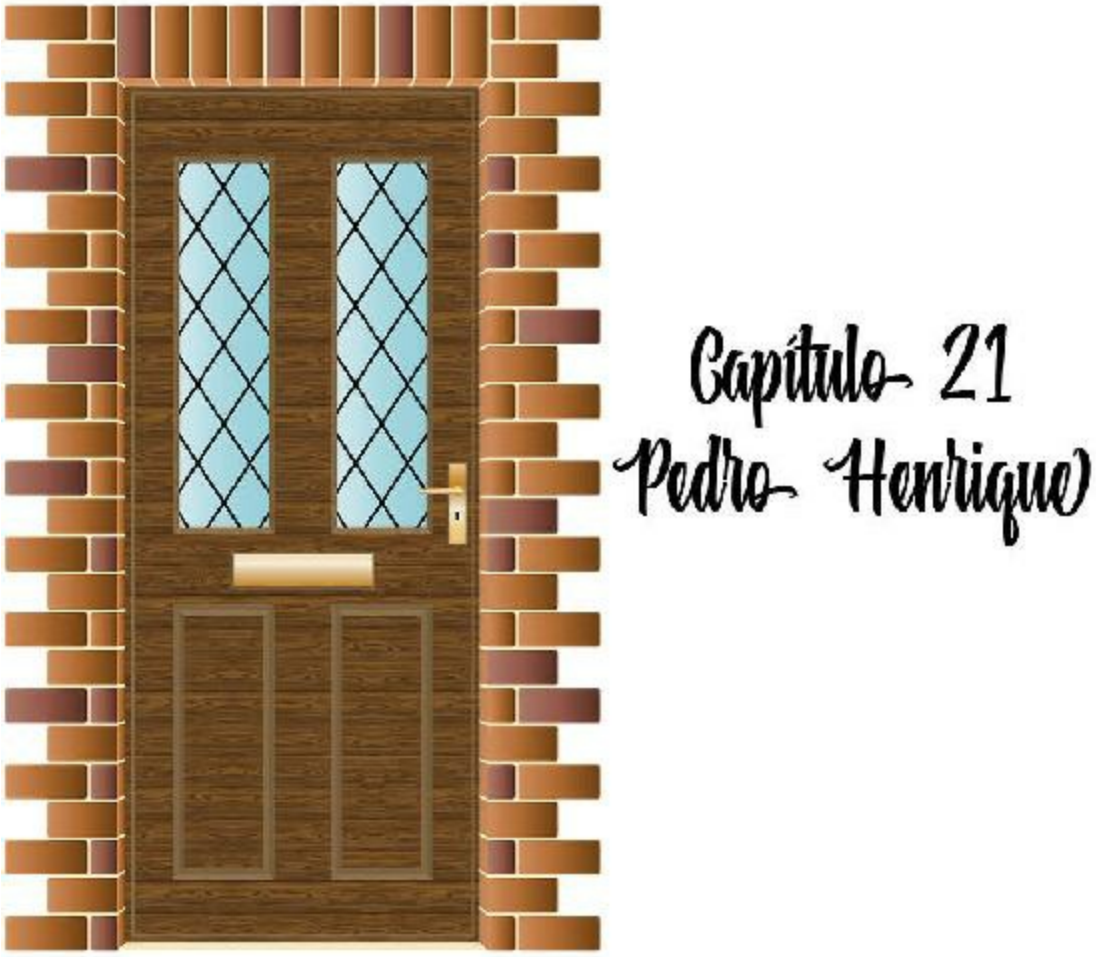
— Pode ficar tranquila, se eu soubesse da sua existência, nunca teria aceitado o convite de vir com ele para essa festa. Vou sair do caminho de vocês.

Lilian me encarou com um sorriso que demonstrava o quanto ela era superior a mim:

— Meu filho adora brincar com mulheres como você, mas no fim tem uma noiva com um nome muito importante para nossa família e nunca a deixaria por uma qualquer.

As palavras daquela megera, não deveriam me afetar tanto, mas afetaram. Assenti, pois realmente não estava querendo fazer um escândalo. Voltei-me para a porta que me tiraria daquele lugar, pronta para nunca mais olhar na cara de Pedro Henrique Montauban.

Capítulo 21



Ouvi a salva de palmas assim quando terminei o discurso de lançamento do novo automóvel, que prometia ser o acerto daquele ano, para a Automobilística Montauban.

Passei meus olhos pelas pessoas, mas a única que eu queria encontrar, não consegui. Do meio da multidão era difícil encontrar a mulher que eu queria, por isso, acenei uma vez em direção ao público e comecei a descer do palco.

Convidei Heloisa para aquele lançamento, pois queria passar mais tempo com ela, queria conhecê-la mais, só que desde que chegamos fomos impedidos de trocar meia dúzia de palavras. Parecia que tudo estava contra a gente.

Caminhei pelos convidados, sendo parado por alguns, mas logo me desvencilhei, pois eu realmente queria saber se Heloisa estava bem.

Já que antes de subir ao palco, Daniel me informou que Jaqueline estava aqui e ela mais a minha mãe poderiam se tornar uma dupla quase insuportável. E conhecendo bem dona Lilian Montauban eu sabia que ela não deixaria passar a parte que levei Heloisa como minha acompanhante.

Assim que avistei Fernanda, fui até ela, pois se tinha alguém que poderia me dar a informação de onde estava a mulher que eu procurava, era ela.

— Estão gostando do evento? — questionei, assim que me aproximei do casal.

Fernanda sorriu em minha direção, enquanto Marcos acenou.

— Está incrível, estou com vontade de comprar ao menos uns três carros — a amiga da minha… vizinha, brincou.

— Fico contente que você tenha gostado — respondi, com um sorrisinho nos lábios.

— Amei, cada modelo mais lindo que o outro. Por isso, meu pai tem tanto apreço em comprar automóveis com vocês.

— Ele é um ótimo cliente.

O pai de Fernanda era um cliente antigo, por quem eu tinha muito respeito, no entanto, o papo podia estar legal, mas eu queria saber onde estava Heloisa. Olhei para os lados, pois ela podia ter ido ao bar pegar alguma bebida, porém não a encontrei.

— Você viu a Heloisa?

Assim que questionei, vi Fernanda franzir o cenho e olhar para os lados também.

— Agora que você disse, ela sumiu tem bastante tempo. Sua mãe veio aqui e a levou para aquela direção.

A loira apontou em direção ao camarote que minha família usava, quando tinha algum evento e eu engoli em seco, pois comecei a pensar nas piores coisas possíveis.

— Obrigada, vou ver se a encontro.

Afastei-me do casal e fui em direção ao camarote, mas eu nem precisei chegar a entrar para saber que alguma merda já havia acontecido. Pois ao longe vi Heloisa passando pelas pessoas, de cabeça baixa, e de forma apressada.

Ela foi em direção à saída e eu respirei fundo. Iria acabar brigando feio com minha família aquele dia, sentia que não deixaria aquilo barato, mesmo

que eu não soubesse o que estava acontecendo.

Segui a mulher que estava se tornando, um pequeno vício para mim, e assim que consegui alcançá-la, já do lado de fora do salão de festas, acenando para um táxi, chamei-a:

— Heloisa, porque está indo embora?

Não sei por qual motivo, mas ela se voltou para mim com os olhos lacrimejados, mas deles saíam mais ódio do que qualquer coisa.

— Pode voltar para o seu evento e esqueça que um dia saímos juntos, ou trocamos alguns beijos.

Foi o que saiu de sua boca, assim que o táxi parou ao seu lado. Só que eu não podia deixar que ela fosse embora daquela maneira. Segurei seu braço, impedindo que ela entrasse no carro.

— Eu não sei o que aconteceu, mas acho que mereço saber o motivo de você estar me odiando, sendo que não fiz nada.

— Não fez nada?

Ela estava estressada, eu podia sentir isso pelo tom que direcionava a mim.

— Pelo que eu saiba, não — respondi, calmamente, pois não queria deixá-la ainda mais irritada.

Já que nós dois éramos como fogo e gasolina, precisaria somente de um pouco de pólvora para ficarmos ainda mais estressados e explodirmos em questões de segundos.

— Você me faz de idiota, me traz para um evento que todo mundo está me encarando estranho e quando descubro o motivo quase morro de desgosto, Pedro. Se queria brincar comigo, podia ter feito de outra forma e não me fazer passar por sua amante.

Do que ela estava falando? Que merda tinham falado para ela, para que achasse que eu tinha outra pessoa em minha vida.

— Heloisa, eu não tenho ninguém em minha vida, para que você seja minha amante.

Ela parou de tentar soltar seu braço da minha mão, franziu o cenho e questionou:

— Aquela mulher escultural lá no camarote com seus pais, não é sua noiva?

Senti o momento em que a raiva tomou meu corpo. Eu não acreditava que minha mãe e Jaqueline tinham ido tão longe daquela maneira. Como elas tiveram coragem de inventar uma mentira daquelas?

— Eu já tive um caso com a Jaqueline. Não vou mentir para você, pois eu odeio mentiras, mas isso foi em um passado antes de Gael. Depois de Gael, eu nunca mais saí com ninguém, e a Jaqueline só foi um sexo sem compromisso, não teve nada sério.

Nossa atenção foi desviada assim que o taxista esbravejou:

— Vai entrar ou não, moça?

O homem parecia realmente com raiva. E eu tinha que lhe dar razão, pois estávamos tomando o seu tempo.

— Você vai entrar? — perguntei a Heloisa.

Ela olhou para o taxista, pensou por um momento, mas para amenizar o meu desespero negou, antes que o homem nos ofendesse, soltei o braço de Heloisa, peguei minha carteira, tirei algumas notas e entreguei ao motorista.

— Desculpe tomar seu tempo, senhor.

Depois daquilo o carro se afastou e eu murmurei para a mulher linda que estava à minha frente.

— Quero que volte comigo até o camarote dos meus pais, pois vou te provar que não tenho nada com Jaqueline. Depois podemos sumir desse evento.

Heloisa ainda parecia irritada, mas bem menos do que quando a encontrei.

— Mas é um grande lançamento da sua empresa, você não pode sumir com menos de duas horas de presença.

— Eu posso sim. Foda-se, o Daniel que se vire. O mais importante é provar a você que não sou um mau-caráter que teria coragem de trair alguém.

A mulher deslumbrante que estava à minha frente, fechou os olhos, mas logo os abriu e assentiu. Tomando a iniciativa, segurei sua mão na minha, algo que estava gostando de fazer.

Pois sentir seu toque macio em minha pele áspera parecia tão certo. Mesmo que tudo parecesse ir contra nossa união. Caminhei com ela para dentro do evento, tentando a todo custo despistar as pessoas, já que não queria ser impedido de chegar ao meu ponto de destino.

Assim que consegui passar pela multidão, cheguei ao camarote de meus pais. Parei um momento antes de entrar no lugar, voltei-me na direção de Heloisa que me olhou sem entender muito bem o que eu estava fazendo.

— Talvez eu perca um pouco da paciência ao falar com todos que estão ali. — Apontei para a porta. — Não fique assustada, por favor.

— Não faça um escândalo por que eles quiseram me enganar.

Ela não entendia metade das merdas que eu já havia passado por causa do ego da minha família.

— Não é só por isso, é por eles tentarem mandar em mim, mesmo que eu não precise de ninguém para guiar o meu caminho. Eu sou bem adulto para saber o que quero.

— E o que você quer, Pedro? — sua indagação não precisava ser feita para eu saber o que eu queria.

— Eu quero passar meu tempo com você, em paz, se possível. E se tudo der certo, tentar algo que ainda não sei o que é, mas o tempo com toda certeza me dirá. Nesse momento, eu só quero você ao meu lado, sem ninguém tentando interferir e te levando para longe de mim.

Heloisa assentiu e eu vi um brilho diferente passando por seus olhos. Um sorriso leve se abriu em seus lábios e ela simplesmente disse:

— Acho que posso aceitar essa explicação.

Com aquilo, voltei-me para a porta e a abri em um rompante. Meus pais estavam rindo de alguma coisa que os Siqueira haviam dito. Jaqueline tomava um champanhe e todos me olharam assustados quando entrei com Heloisa segurando minha mão.

Minha mãe fez a típica expressão que estava descontente com algo, e sinceramente ela seria a primeira atingida com minha fúria.

— Eu juro que a próxima vez que a senhora tentar manipular alguém que está saindo comigo, para o seu ego ficar nas alturas, sofrerá as consequências, mamãe. — Olhei para todos que pareciam espantados com as minhas palavras. — Vocês deviam se envergonhar, primeiro que não quero nada com a Jaqueline. Ela não é nada para mim, somente uma interesseira que tenta se aproveitar do que tenho a oferecer a vocês. — Olhei para Jaqueline que me olhava sem acreditar que eu estava falando aquilo. — Você deveria ter vergonha por ser tão baixa, como permite ser manipulada por essas pessoas. Procure alguém que goste de você de verdade, pois eu não quero e mesmo se tivessem conseguido afastar Heloisa de mim, eu nunca iria ficar com você, preferia passar o resto da minha vida sozinho a ficar com você.

— Pedro Henrique, já chega — meu pai esbravejou.

— Já chega o quê, pai? Vocês tentam manipular minha vida desde sempre, estou cansado disso. Estou envolvido com a Heloisa e vou continuar, queiram vocês ou não. Não me importo com o que acham, não vou seguir o que querem. Já sou bem crescido para saber o que fazer.

— Eu posso tirar a empresa de você, garoto estúpido.

Não estava acreditando que meu pai havia falado aquilo. Não ele, que sempre apoiou meu trabalho naquele lugar, mas se ele pensava que iria me ameaçar, por causa de um cargo, Humberto Montauban estava bem enganado.

— Pai, se o senhor desejar, embrulho a empresa com um laço vermelho e te devolvo. Não preciso ser ameaçado para saber o que quero. O senhor quer sair da sua aposentadoria, fique tranquilo e cuide da Automobilística.

Acho que nenhum deles esperavam que eu desistisse da empresa tão fácil, mas sinceramente se fosse para ser ameaçado, preferia muito mais seguir minha vida.

— Pedro… — ouvi o sussurro de Heloisa. Olhei para ela, que continuou: — Você não pode desistir de sua empresa por minha causa.

Soltei sua mão e me aproximei de onde ela estava, levei as minhas até suas bochechas e segurando seu rosto, murmurei:

— Linda, não é só por você que estou fazendo isso, você é noventa por cento do motivo, no entanto, o meu pai está tentando me ameaçar para que eu fique com uma pessoa com quem eu não tenho a mínima vontade de manter um relacionamento, só por causa de um cargo. Ele que fique com a empresa dele. Você e a minha decisão de escolha são mais importantes.

Vi o exato momento que as bochechas de Heloisa coraram e foi impossível não me sentir ainda mais encantado com aquela mulher.

— Vamos sair daqui? — indaguei.

— Sim.

Com a sua resposta dei as costas para minha família e segui com Heloisa para o meu carro. Eu não me importava com a empresa, preferia até montar uma nova para mim, do que ser o CEO da herança que meu pai havia me dado e depois tentasse me ameaçar com esse detalhe.



Capítulo 22
Heloisa

Ainda não acreditava que o Pedro tinha realmente falado para o pai dele ficar com a empresa. Eu entendia que não era totalmente minha culpa, mas mesmo assim estava me sentindo a causadora daqueles problemas em sua vida.

Havíamos saído há meia hora do evento e Pedro dirigia sem rumo, ele estava concentrado na estrada e eu o encarava, sem conseguir desviar meus olhos dele. Não sabíamos qual seria o nosso destino, mas eu parecia ter uma confiança tremenda nele, pois esperaria até chegarmos para saber onde iríamos

— Sabe, eu vivi a minha infância inteira em um internato, pois meus pais não tinham a mínima vontade de cuidar de mim. Fui criado a base de

todas as suas regras, nunca pude fazer nada que queria. Depois que alcancei a maioridade, as coisas mudaram, deixei de ser o capacho deles.

Parecia que ele estava a fim de desabafar, mas pelo que eu tinha presenciado, a família de Pedro era muito complicada. E pelo jeito era pior do que a minha mãe, que tinha se tornado uma pessoa amarga e doente, somente depois que meu pai morreu.

E eu nem podia culpá-la, pois se perdesse meu amor para bandidos, eu tinha certeza que reagiria mal. Diferente de mim os pais do homem que conduzia o automóvel em que estávamos, faziam com que ele vivesse na merda desde que se entendia por gente, então não tinha como defendê-los.

— Eles sempre tentaram controlar minha vida, mas agora eu não permito. Sou um homem adulto que manda no próprio nariz. Você acredita que quando Gael nasceu, minha mãe queria mandá-lo para o internato também?

Que mulher asquerosa. Se eu já estava com ódio, por ter me feito de idiota, me enganado e quase me levar afazer uma cena e nunca mais olhar na cara de Pedro, agora eu estava com completo nojo e desprezo. Como poderia ter coragem de mandar o próprio neto para um internato? Aquele serzinho tão lindo.

Era demais para qualquer pessoa aguentar.

— Eu sinto muito, por você ter uma família complicada.

Realmente sentia demais por estar conhecendo aquela parte quebrada de Pedro, somente agora. Quando tudo começou a desmoronar para o seu lado.

— Tudo bem!

Ele tirou uma das mãos do volante, procurou a minha e assim que a encontrou, levou até seus lábios e deu um leve beijo. Depois voltou a depositá-la em minha perna e murmurou:

— Me sinto melhor com você ao meu lado.

Eu também me sentia. Não podia mentir, parecia que estávamos conectados de alguma forma.

— Acho que estávamos destinados um para o outro — comentei, enquanto desviei meus olhos dele pela primeira vez.

Percebi que estávamos na Avenida Paulista e provavelmente era porque Pedro não sabia para onde ir. Já que provavelmente era muito tarde para parar em um restaurante, mas muito fora da nossa bolha ir a uma boate.

— Por que não voltamos para casa? — questionei.

— Eu queria ser um cara melhor e poder te levar para algum lugar, mas a verdade é que não sei se sou uma boa companhia essa noite. Não depois de

tudo que aconteceu.

Meu ruivo sedutor parecia realmente chateado com toda aquela situação.

— Você está sendo uma boa companhia e olha que nem quero te matar como de costume.

— Acho que ganhei pontos com você, já que não estou sendo ameaçado e nem nada — tentou brincar.

Abri um sorriso e disse com convicção:

— Vamos para casa, acho que lá será o melhor lugar para ficarmos. — Uma ideia passou por minha mente, era um pouco ousada, ainda mais para mim que era completamente inexperiente com encontros, mas eu precisava fazer algo. — A babá passará a noite com Gael?

— Sim, ela dormirá em casa essa noite, pois eu costumo chegar bem tarde, quando tem evento na empresa.

— Então, vamos para casa e você pode ir até o meu apartamento, eu te ofereço uma taça de vinho e podemos conversar por um tempo. Até que você esteja tranquilo e menos estressado para voltar para sua casa.

Pedro desviou sua atenção rapidamente da pista e depois de me direcionar um sorriso e voltar a olhar para o caminho, perguntou:

— Está me convidando para ir à sua casa tomar vinho?

— Sim — respondi, tentando segurar o sorriso que se abria em meus lábios.

— Então, eu aceito.

Partimos em direção ao nosso apartamento, o que demorou um pouco para chegar, pois estávamos bem distantes. Já passava de meia-noite e meia, mas assim que saímos do carro, caminhamos lentamente até o elevador, com Pedro segurando minha mão firmemente na sua.

Entramos na caixa de metal e depois de digitar sua senha, subimos para a cobertura. Estávamos em silêncio, mas eu podia sentir algo diferente no ar. Era tensão sexual, só podia ser isso. Afinal, já tinha ouvido falar dessa sensação, mas nunca presenciei, pois depois da minha primeira vez, que nem foi tão boa assim, eu nunca mais havia feito sexo.

E acho que com aquele homem ao meu lado, meu corpo quase implorava para que isso acontecesse. Só que eu não sabia como agir com aquele sentimento, pois ainda era muito traumatizada, com tudo que envolvia sexo. Ainda mais em se tratando de um homem escroto que tentou abusar de mim duas vezes.

Tinha que ser sincera e confessar a mim mesma que tinha medo de

transar, morria de medo de encontrar outro idiota que passaria dos meus limites. Então eu não sabia o que fazer, se Pedro quisesse algo mais que uma taça de vinho.

— Você parece ter ficado nervosa de uma hora para outra — Pedro murmurou, assim que saímos do elevador e começamos a caminhar em direção ao meu apartamento.

— Como pode me conhecer tão bem, se nós estamos saindo oficialmente pela primeira vez?

— Uma boa pergunta, pois nem eu sei responder isso, mas senti o momento que sua mão começou a transpirar assim que os andares foram passando. Então algo está errado.

Encarei aquele homem maravilhosamente lindo, assim que paramos em frente à porta do meu apartamento. Resolvi ser sincera com ele, pois ele já tinha sido comigo.

— Eu sei que é normal convidar um homem para tomar uma taça de vinho. Ainda mais a partir do momento que começamos a sair, mas eu tenho medo de você ter pensado que esse convite era algo mais e eu não sou boa em certas coisas, então…

Pedro colocou seu indicador sobre os meus lábios, para que eu parasse de falar.

— Feiticeira, eu sou um homem, que não faz sexo há muito tempo. E mesmo que eu esteja com muita vontade de fazer com você, eu nunca, mas nunca mesmo a forçaria a algo. Se algum dia fizermos, será com a sua total permissão. — Pedro abriu um sorriso gentil. — Eu vou entrar aí, para tomar uma taça de vinho e só vou fazer o que me permitir. Não vou ultrapassar nenhum limite. Está entendendo?

Meu coração foi tomado por um calorzinho gostoso. Aquele homem me surpreendia cada vez mais. Não tinha como eu tê-lo odiado tanto no início e agora estar totalmente encantada com ele, completamente louca por ele.

Droga! Será que eu realmente poderia me apaixonar por Pedro Henrique?

Não era o momento de pensar naquilo, então preferi só me afastar e abrir a porta. Entrei, deixando minha bolsa no aparador ao lado. Em seguida tirei os saltos e os deixei em um canto.

Pedro fechou a porta e caminhou até o sofá, sentou-se e ficou me observando.

— Você pode ficar tranquila. Gosto mais de você quando está a vontade, então aja como das outras vezes que estivemos juntos. É algo normal isso

aqui.

Ele girou o indicador ao redor da sala, como se para mostrar que já estivemos sozinhos em um ambiente fechado, antes. Assenti e fui até o bar, pegar um vinho que estava na adega que ficava ao lado do frigobar.

Tinha que agradecer a Fernanda por ter deixado aquelas garrafas ali. Voltei com uma em uma das mãos e com duas taças e o abridor na outra.

— Não sei se esse é de sua preferência — murmurei assim que mostrei o rótulo do vinho.

— Esse é ótimo.

Pedro tomou a garrafa de minhas mãos, pegou o abridor e fez as honras. Assim que a garrafa foi aberta, ele encheu as taças e estendeu uma para mim. Eu não era muito de beber, mas achava que naquele momento eu poderia experimentar um gole ou dois.

Sentei ao lado de Pedro, e tomei um pouco da bebida. O vinho tinto, era doce, e eu apreciei seu sabor em minha boca. Realmente era muito bom.

— Você pretende mesmo deixar a empresa? — Precisava perguntar, pois estava realmente curiosa.

— Pretendo, não quero mais passar por cenas como as de hoje. Eu posso montar o meu próprio negócio. Sou bom no que faço, não preciso do meu pai para nada.

— Eu só posso dizer que te apoio em tudo que fizer, se é que você pode contar com meu apoio moral.

— Gosto de ter seu apoio e quando eu for arrumar um lugar para montar a minha empresa, pode ter certeza que contratarei a sua para fazer a arquitetura.

Tive que sorrir com seu comentário.

— Não é minha empresa.

— Eu sei, mas considero assim. Já que percebi que você tem muita autoridade ali dentro da Artec.

— Eu sou a braço direito da Fernanda.

— Achei a arquitetura do nosso condomínio e até mesmo do escritório de vocês, maravilhosa. Então, já percebi que vocês fazem um ótimo trabalho.

— Tentamos ser as melhores no que fazemos, para sermos reconhecidas.

Pedro depositou sua taça na mesinha de centro, pegou a minha e fez o mesmo. Ele sentou mais confortável no sofá, um pouco virado em minha direção e levando uma de suas mãos ao meu rosto, afagou minha pele levemente.

— Admiro isso. Essa garra, força, você parece ser tão centrada com o que quer. Admirável, simplesmente admirável… feiticeira.

Sorri, mas logo esqueci o que ia dizer assim que Pedro aproximou seu rosto do meu e tocou seus lábios nos meus. Tudo parecia diferente dos outros beijos, ali parecia ter algo mais, parecia ter muito mais sentimento. Não era um beijo normal, era algo completamente novo para mim.

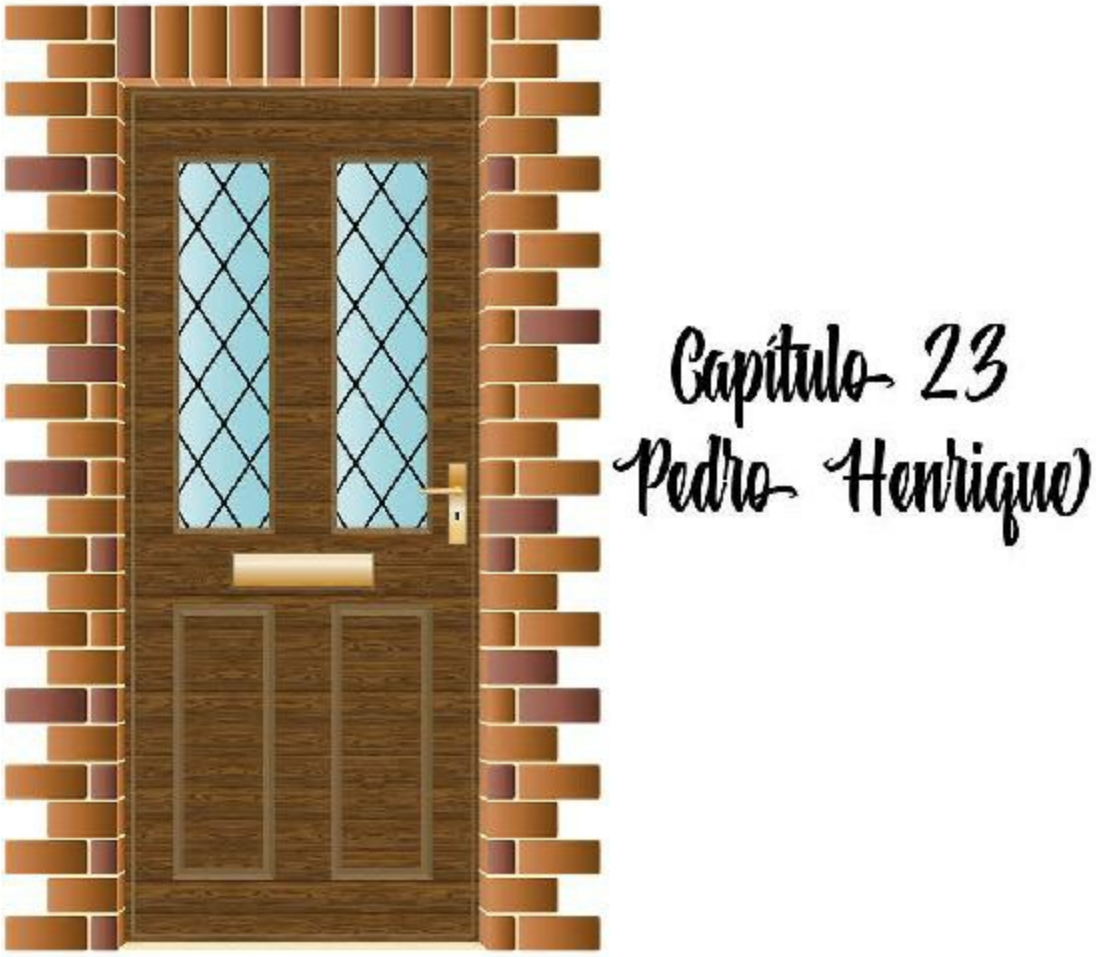
Assim que ele aprofundou o beijo, levei minhas mãos para os seus cabelos, enquanto ele devorava minha boca da forma que só ele sabia como fazer. Pedro Henrique Montauban era o melhor em dar beijos de tirar o fôlego.

Sua língua brincou com a minha e aquilo dava um gosto a mais ao beijo. Enquanto ele me devorava, um calor incompreensível foi subindo pelo meu corpo. Eu sentia que a qualquer momento poderia entrar em combustão espontânea.

Talvez eu me esquecesse do meu medo, ou ao menos tentasse superá-lo para sentir mais daquela sensação que estava me tomando. Provavelmente eu precisasse de Pedro Henrique mais do que qualquer outra coisa.

E talvez eu realmente estivesse me apaixonando por ele.

Capítulo 23



Beijar Heloisa tinha se tornado um vício, não podia negar que eu faria de tudo para continuar tocando meus lábios nos delas. Daquela forma envolvente, calorosa, que só nós dois sabíamos da troca que estava acontecendo.

Suas unhas arranharam minha nuca e toda minha pele se arrepiou. Aquilo era novo para mim, além do tesão que sentia por ela, ainda estava nascendo uma vontade incontrolável de torná-la minha.

Eu parecia um homem das cavernas querendo reivindicá-la para mim. Gritar para o mundo que Heloisa era somente minha, completamente minha, toda minha.

Afastei-me dos seus lábios e encarei seus olhos, sempre tão expressivos,

mas ao mesmo tempo tão calmos.

— Você me fascina — murmurei, dando um leve selinho em sua boca.

— Acho que posso dizer o mesmo de você.

— E eu tenho quase certeza que essa é minha deixa para ir embora — brinquei, enquanto tentava me levantar do sofá.

Heloisa segurou meu braço e eu olhei para ela tentando entender o que aconteceu.

— O que foi?

— Você não precisa ir embora — sussurrou.

— Eu preciso, sim. Prometi que nunca faria algo contra a sua vontade, se continuar aqui posso tentar passar dos limites, porque você me deixa maluco. Então eu preciso me afastar e liberar o teu espaço.

Vi o momento que ela engoliu em seco e sussurrou:

— Sei que comentei há poucos minutos que tenho medo, que não sei se estou preparada. Mas eu queria tentar, Pedro. Porque até eu estou no meu limite.

Franzi meu cenho, eu não queria interpretar errado. Não queria deixá-la ainda mais apavorada, tratando-se de sexo.

— Heloisa, acho melhor deixarmos…

— Por favor, eu sinto que com você as coisas podem ser diferentes.

Ela se levantou e ficou à minha frente. Levou suas mãos para o blazer do meu smoking. Desceu as mangas pelo meu braço e o tirou.

— Heloisa, eu não quero passar dos limites.

Tentei intervir, já que realmente não queria que ela se deixasse levar pelo calor do momento e depois se arrependesse.

— Se eu sentir muito medo e pedir para você parar, você para? Se eu me sentir insegura, você me dá segurança? Se eu quiser desistir e pedir para você ir embora, você vai?

Suas perguntas saíram calmas, mas eu podia ouvir bem no fundo uma entonação de medo passar por sua voz. Joguei o blazer no sofá que estava sentado até pouco tempo.

Aproximei-me do seu corpo e novamente segurei seu rosto em minhas mãos. Se ela queria aquilo, não seria eu que faria o contrário. Eu poderia dar-lhe tudo que ela quisesse, era só me pedir com aquela sua voz meiga.

— Eu posso fazer tudo que você quiser, mas se em algum momento quiser parar eu paro. Vou embora e só volto quando você me chamar.

Seus olhos não saíam dos meus, mas as suas palavras continuaram me

atingindo.

— Como um homem com tantos problemas, pode tentar curar uma pessoa quebrada? Eu sou mais um aborrecimento em sua vida.

Como ela podia dizer aquilo? Logo ela que estava me salvando do martírio que era viver sozinho. Claro que eu tinha meu filho, meu pedacinho de mundo, mas mesmo assim me sentia sozinho na maioria do tempo e depois que Heloisa surgiu tudo pareceu mudar.

— Talvez você não seja um problema para mim e sim a salvação que eu precisava.

— Pedro, me beija e me faça sua.

Mordi meu lábio, respirei fundo e finalizei:

— Vou fazer tudo que você quiser.

Puxei Heloisa pela nuca e grudei novamente nossos lábios. No entanto, dessa vez não tinha nada calmo em nosso beijo. Ele era quase violento, eu sei que deveria ir com calma, mas estava confiando se aquilo fosse demais para Heloisa ela iria pedir para que eu parasse.

Devorei seus lábios de forma afoita. Desesperada, louca, completamente cheia de tesão. Eu realmente queria que aquela mulher fosse minha. Afastei meus lábios dos seus, abri meus olhos e encarei os dela.

Neles eu só podia ver o mesmo desejo que estava sentindo. Sem esperar muito mais, peguei Heloisa em meus braços e depois de soltar um gritinho de surpresa, questionei:

— Onde fica seu quarto?

— Segunda porta à esquerda no andar de cima.

Antes de dar o primeiro passo em direção ao local indicado,resolvi deixar claro algumas coisas.

— Vou te fazer minha hoje, mas volto a dizer se for demais para você, é só pedir que paro. Tudo bem?

— Sim — sussurrou.

— Vou provar o seu corpo por inteiro e pretendo te dar o melhor sexo da sua vida.

— Estou pronta para ser sua.

— Então você será.

∞∞∞



Heloisa

Podia me considerar uma caixinha de surpresas, que hora me dava uma dose de medo, outra de desejo, e outras que eu ainda não estava sabendo nomear. Nunca pensei que pediria para Pedro fazer amor comigo.

Estava de pé, em sua frente, enquanto ele me encarava em silêncio. Isso já estava acontecendo há uns cinco minutos.

— Você vai ficar me analisando? — indaguei, enquanto ele ainda me olhava.

— Acho que estou com vergonha de perguntar algo, mas eu preciso saber, pois não quero te machucar.

Alcei uma sobrancelha e voltei a questionar:

— Perguntar o quê?

Pedro respirou fundo e por fim questionou:

— Você é virgem.

Senti minhas bochechas corarem, mas tive que soltar uma gargalhada.

— O homem que está prestes a fazer amor comigo, estava com vergonha de perguntar algo tão simples?

— Não sei se estou ultrapassando uma barreira que não devia. — O sorriso de lado que ele me direcionou, quase fez meu coração sair descompassado do peito.

— Não sou, mas transei uma única vez, e isso foi há bastante tempo. Talvez eu possa dizer que sou metade virgem?

— Vou aceitar isso.

Pedro saiu da minha frente e caminhou até ficar atrás de mim. Tentei olhá-lo, mas logo murmurou:

— Continue olhando para frente.

Fiz o que mandou e foi impossível não sentir um sorriso se apossar dos meus lábios. Estava me sentindo dentro de um romance, onde o mocinho era quase um dominador.

Senti o zíper do meu vestido começar a ser descido. Logo um beijo foi dado em minha pele. Cada vez que Pedro descia o zíper, ele dava um beijo na parte do meu corpo que ficava exposta.

— Linda — sussurrou.

Logo as alças do vestido foram sendo arrastadas por meus braços e a peça em seguida parou aos meus pés. Estava somente com uma calcinha fio dental, pois o vestido não precisava ser usado com sutiã.

Senti um arrepio tomar meu corpo, quando uma brisa entrou pela janela do quarto que estava aberta. As mãos de Pedro pousaram sobre os meus seios e seus dedos começaram a brincar com meus mamilos.

Fui obrigada a fechar meus olhos e sentir a sensação que estava tomando meu corpo. Não era medo, não mais. Antes, sim, mas parecia que a nossa conversa sobre virgindade havia acabado com aquele medo precoce que eu estava sentindo.

Agora ficou somente o desejo, mas mesmo assim Pedro não estava nada desesperado. Ele parecia querer conduzir meu corpo ao prazer de forma lenta, calma, de um modo que me deixasse completamente segura e sem medo de pensar que ele fosse um abusador.

— O que você sente? — seu sussurro em minha orelha, fez novamente uma onda de arrepios passarem por meu corpo.

— Sinto desejo.

— Está se sentindo bem com o que estou fazendo? — assim que perguntou apertou com um pouco mais de força o meu mamilo.

O que fez com que um gemido escapasse dos meus lábios, senti minha calcinha umedecer.

— Estou me sentindo muito bem.

Não podia mentir, estava experimentando novas sensações e elas eram muito boas.

— Que bom, feiticeira.

Uma de suas mãos desceram por minha barriga, seu corpo encostou em minhas costas, e logo seus dedos ultrapassaram a barra da calcinha.

— Eu te deixei assim? — perguntou quando sentiu minha umidade.

— Sim… — respondi com um sussurro.

Seus dedos brincaram com meu clitóris e foi impossível controlar a vontade de soltar outro gemido.

— Gosto de ver que estou realmente te fazendo bem.

Sem aviso prévio, Pedro começou a me masturbar com mais veemência, ali mesmo, em pé no centro do quarto. Enquanto com uma das mãos ele brincava com meu clitóris, a outra em meu seio e sua boca mordiscava minha orelha e eu realmente estava indo à loucura.

Assim que senti uma onda totalmente nova tomar meu corpo, eu sabia que era um orgasmo que há muito tempo não tinha. Não que eu fosse alguma santa que não fizesse sacanagem sozinha, mas com um homem as coisas mudavam.

Ainda mais quando eu sentia plena confiança naquele que estava levando meu corpo ao prazer.

Quando senti meu orgasmo ser liberado, gritei a plenos pulmões com aquele ato. Pedro amparou meu corpo, enquanto eu perdia a força das minhas pernas e ele continuava me masturbar para prolongar aquela sensação maravilhosa que estávamos tendo.

Quando achou por bem, parar de me dar prazer, pegou-me em seu colo e caminhou até a cama. Deitou-me delicadamente sobre o colchão e ficou ajoelhado ao meu lado encarando meu rosto.

— Vou deixar você se recuperar um instante do seu primeiro orgasmo esta noite.

— Me recuperar? — perguntei confusa.

— Sim, pois ainda tenho que te dar um orgasmo com minha boca e

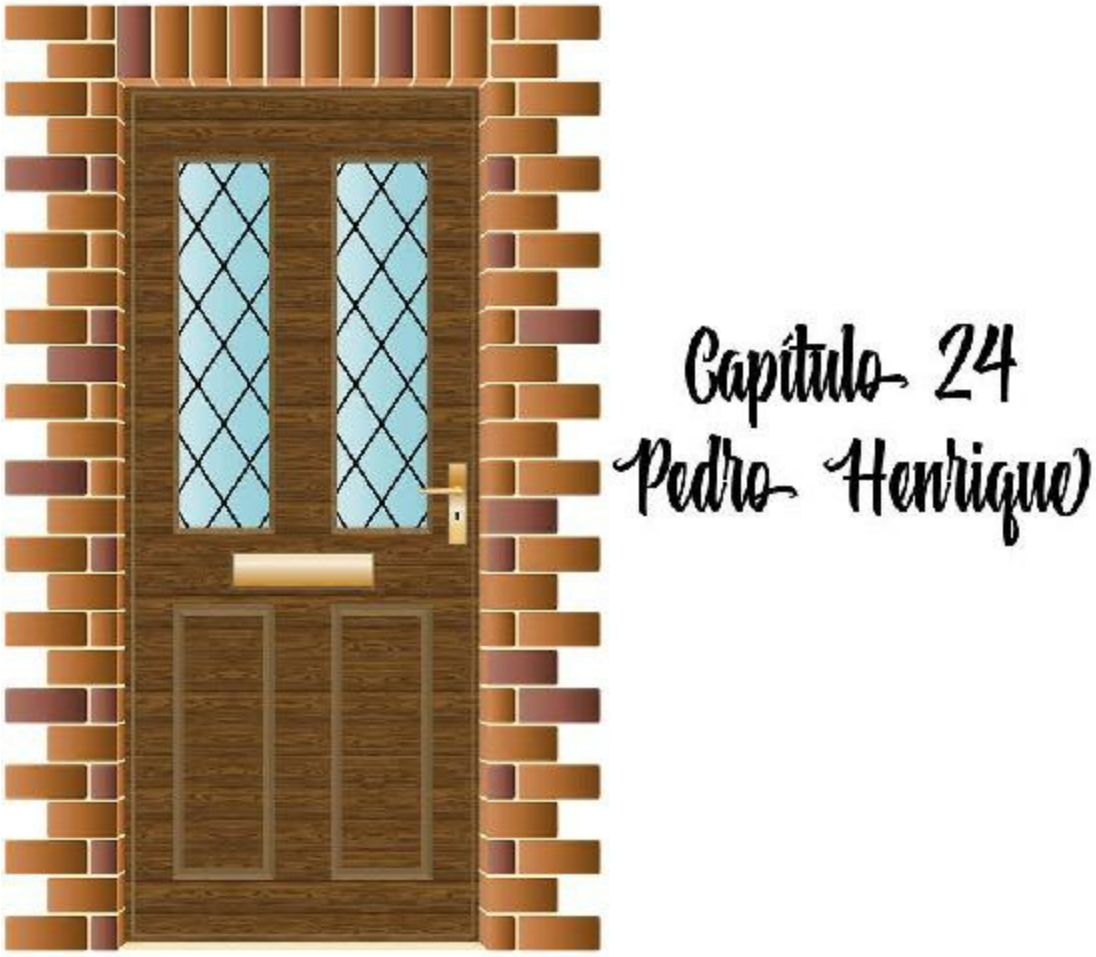
depois com meu pau.

Eu deveria sentir medo naquele momento? Quando ele dizia o que faria comigo realmente? No entanto, a única coisa que senti foi mais desejo.

Queria tudo que Pedro Henrique pudesse me dar. Todos os níveis de prazer possíveis.

Eu seria dele aquela noite!

Capítulo 24



Observava seu corpo quase totalmente nu, com a calcinha pequena da mesma cor do vestido que usou no evento. Heloisa era linda, com cada detalhe pensado minimamente, para deixá-la totalmente perfeita.

Seus cabelos estavam meio desgrenhados, devido as aventuras que fizemos antes de deitá-la na cama. A sua trança estava quase que completamente desfeita e mesmo assim ela continuava maravilhosamente linda.

Senti meu pau ficar ainda mais duro, mas não era o momento para ficar exposto para ela. Heloisa precisava confiar mais em mim, e estar repleta de prazer para somente depois eu pensar em desfrutar seu corpo com o meu.

— Você parece estar me devorando com os olhos — seu sussurro me

tirou dos meus devaneios e fez com que eu a encarasse.

— Porque eu realmente estou. Você é… maravilhosa, acho que não tenho nem palavras suficientes para expressar o que estou sentindo ao admirar o seu corpo.

Passei novamente meus olhos por sua pele. Seus mamilos estavam eriçados, a pele arrepiada e cada traço, pinta que apareciam à minha frente eu considerava como uma maravilha no mundo.

Levei minha mão até sua barriga lisinha e fui subindo meus dedos até que cheguei a um de seus seios pequenos, que cabiam perfeitamente dentro da minha mão.

Apertei os mamilos rosados e Heloisa soltou um gemido. Depois sem resistir mais, deixei que minha boca fizesse o mesmo caminho que minha a minha mão e levei meus lábios até o seu seio.

Chupei-o com força, desejo, paixão. Continuei chupando, enquanto minha outra mão entrava novamente em sua calcinha. Sua boceta estava molhada do orgasmo anterior, então foi muito fácil fazer com que meu dedo passasse por sua entrada.

Pude sentir o quanto Heloisa era apertada. Delicadamente fiz o movimento de vai e vem, e ela gemeu, fazendo com que meu pau ficasse mais duro do que antes. Eu iria explodir muito rápido, se não me controlasse de forma adequada.

Afastei minha boca de seu seio e encarei o rosto de Heloisa, seus olhos estavam fechados, enquanto a boca estava aberta em um formato de “o”, e alguns sons indecifráveis saíam por seus lábios.

Ataquei seus lábios, enquanto continuei penetrando meu dedo lentamente dentro de sua boceta. Aproveitei para acrescentar mais um, para fazer Heloisa se acostumar e quando eu me enterrasse dentro dela ela estivesse completamente pronta para ser minha.

Mordi seu lábio inferior, mas logo voltei a beijá-la com veemência, força, desespero. Estava louco por aquela mulher. E pensar que um dia cheguei a cogitar que a odiava. E esse dia nem tinha tanto tempo assim, agora estava completamente viciado naquela mulher maravilhosa, forte, perfeita.

— Quero sentir o seu corpo — Heloisa pediu assim que nos afastamos.

— Ainda não está na hora.

— Quando vai ser a hora? — indagou parecendo muito chateada com minha resposta.

— Quando eu sentir que você está pronta para mim.

— Mas eu estou completamente pronta para você — gemeu, fazendo um biquinho lindo.

— Não, ainda não.

Não deixei que ela retrucasse mais nada, pois comecei a descer beijos por seu pescoço, passei por seus seios, beijei sua barriga e cheguei na barra da calcinha. Tirei meus dedos de sua entrada molhada, e comecei a tirar sua calcinha com meus dentes.

Assim que ela ficou completamente nua para mim, tive que soltar um suspiro. Eu só podia estar no paraíso. Estava há muito tempo sem sexo e vê-la daquela forma, tão entregue e confiando em mim, deixava-me completamente sem reação.

Decidi agir logo, antes que me entregasse de vez àquela mulher e não lhe desse o melhor sexo que ela já teve. E eu não queria fazer aquilo, antes de ter certeza de que ela estava pronta.

Peguei suas pernas, levando seus joelhos até os seus seios, depois observei a visão privilegiada que tive de seu clitóris e a sua entrada, e sem esperar mais levei minha boca até o seu ponto de prazer.

Eu só não esperava que assim que provasse do seu sabor iria ficar ainda mais viciado. Enquanto devorava sua vagina, tive completa convicção de que queria Heloisa em minha vida vinte e quatro horas por dia.

Enquanto passava minha língua por toda a sua extensão, ela voltou a falar palavras incoerentes, a gemer e a me deixar mais louco. E eu me empenhei a dar-lhe o melhor sexo oral da sua vida.

Quando ela gozou em minha boca, soltando um grito, considerei-me o homem mais vitorioso. Ninguém saberia a satisfação que estava sentindo ao dar mais um orgasmo a ela.

Abaixei suas pernas lentamente e encarei seus olhos. Eles estavam completamente tomados por fogo puro, por desejo, por necessidade. Sua respiração estava ofegante e eu não consegui evitar o sorriso que surgiu em meus lábios.

— Posso me considerar uma mulher bem fodida? — brincou, com o timbre da sua voz um pouco rouca.

— Amor, eu ainda nem te fodi completamente.

Heloisa abriu um sorriso, mas em seus olhos eu podia ver outro brilho, além do fogo constante pelos orgasmos que recebeu. Eu ainda não sabia o que era, mas iria descobrir em breve.

∞∞∞∞



Heloisa

Ele tinha me chamado de amor?

Já estava difícil lidar com aquelas ondas de prazer extremos e agora mais isso. Eu iria acabar me apaixonando perdidamente por Pedro Henrique e as coisas não teriam mais volta quando o meu coração fosse completamente dele.

Ainda fiquei encarando-o por alguns minutos, até que minha respiração voltou ao normal e eu consegui me sentar sobre a cama. Ele estava ajoelhado, ainda completamente vestido e eu não estava gostando nadinha daquilo.

Queria aquele homem sem roupa, tornando-se completamente meu. Afinal, eu já considerava que era dele. Já que nunca havia recebido doses de orgasmo tão bem dadas.

— Acho que vou ter que arrancar sua roupa — comentei, enquanto me aproximava do seu corpo.

— Vai ser assim? Com brutalidade? — indagou com um resquício de sorriso em sua voz.

— Acho que vou ter que agir como uma mulher das cavernas, já que quero te ver sem roupa e você não me permite conseguir esse feito.

— Você precisava estar preparada — murmurou com a voz um pouco mais séria.

— Já estou preparada, completamente molhada só esperando o seu pau fazer misérias comigo.

Meu Deus!

Onde havia parado a minha timidez?

Tudo bem, eu não era tímida nem nada, mas falar aquilo em voz alta, foi demais até para mim.

Senti minhas bochechas esquentarem, enquanto Pedro Henrique começou a gargalhar.

— Viu, você não está completamente preparada, já que corou por causa da palavra pau.

Não deixaria que ele não me desse o que eu queria.

— Pedro Henrique Montauban, eu quero que você faça amor comigo, ou me foda. O que você preferir considerar, mas eu quero isso agora. Então não brinque com uma mulher que está cheia de tesão, porque ela pode ficar muito brava.

Ele continuou sorrindo, mas levou sua mão até o meu rosto.

— Eu nunca deixaria uma mulher cheia de tesão na mão. Vou te saciar, Heloisa. Você será toda minha.

— Gosto de ouvir essa palavra em sua boca.

— Qual palavra? — indagou, franzindo o cenho em seguida.

— Minha!

Os olhos de Pedro me encararam de forma diferente das outras vezes. Ainda tinham aquele fogo, mas tinham algo mais. Algo que eu sabia que se refletiam nos meus, era aquela curiosidade se nós realmente continuaríamos fazendo aquilo.

Ele já havia até me chamado de amor. E com a palavra minha as

coisas ficavam um pouco mais sérias.

— Você vai ser completamente minha, feiticeira.

Em seguida tirou as mãos das minhas bochechas e as levou até sua gravata. Assim que jogou o tecido longe, levou os dedos até os botões, mas achei por bem me dedicar aquela empreitada.

Comecei a desabotoar sua camisa, sem tirar meus olhos dos seus, logo ela fez companhia para a gravata. Em seguida, Pedro levantou-se da cama e retirou sua calça, ficando somente com a boxer.

Pegou um preservativo na carteira que estava no bolso da calça e caminhou novamente até a cama.

— Posso tornar a sua noite inesquecível?

— Você já tornou — respondi quase em um sussurro.

— Então vou continuar fazendo dessa noite a melhor da sua vida.

Quando ele retirou sua boxer, foi impossível não passar meus olhos por todo o seu corpo. Aqueles músculos enormes em seus braços, a barriga chapada, com um tanquinho que me fazia ter vontade de passar minha língua por cada gominho. As coxas torneadas e o pau… ah, o pau!

Realmente, aquela noite se tornaria a melhor da minha vida.

Pedro deitou-se sobre o meu corpo, apoiando um de seus braços ao meu lado para não se forçar completamente em meu corpo e logo se posicionou entre minhas pernas.

Começou a entrar dentro de mim e eu senti o choque passar por meu corpo. Era muito tempo sem provar aquilo, mas Pedro soube conduzir tudo com cuidado e calma.

Quando estava completamente dentro de mim, esperou até que eu me acostumasse com tudo. Levei minhas unhas às suas costas e o arranhei, enquanto ele começava o movimento de vai e vem.

Nós nos tornamos um só aquela noite, enquanto ele devorava meus lábios e o meu corpo, fazendo-me dele por completa. Era uma das melhores sensações que já havia provado na vida.

Com o decorrer do tempo, seu ritmo aumentou e Pedro estocava com mais força me levando a loucura.

Havia esquecido todo o meu medo por fazer sexo. Eu só precisava encontrar a pessoa certa, que não me forçasse a nada. Pedro me passou confiança, me fez ter vontade de voltar a realizar aquele ato e eu até podia dizer que queria cometer aquela loucura muito mais vezes com ele.

Gozamos juntos, e enquanto liberávamos nosso prazer, Pedro encarou

meus olhos, com carinho, devoção, tudo que eu não sabia explicar, mas havia algo que eu nunca vi ali naquelas pedras verdes.

— Se você permitir, vou querer passar mais noites em sua cama e quero que você passe na minha.

Eu não esperava que aquelas palavras saíssem de sua boca. Só que não sabia que precisava tanto ouvi-las.

— Se depender de mim, você nunca mais sai da minha cama — sussurrei.

E era exatamente aquilo. Eu queria continuar tendo aquela sensação maravilhosa que tinha com Pedro Henrique. Queria realmente ser dele e queria que ele fosse meu.

Capítulo 25



Houve uma época em que eu não acreditava em finais felizes, muito menos em conto de fadas. Eu via os clichês em todo o lugar, mas imaginava que aquilo acontecesse somente com pessoas ao meu redor e que o tal do “raio do amor” nunca me atingiria.

Só que parando para pensar em tudo o que aconteceu em minha vida, eu podia jurar que estava vivendo uma história de amor, daquelas bem docinhas que assistimos em filme, ou que lemos em algum romance – que tem alguma capa fofa e cor de rosa – nas vitrines das livrarias.

Talvez estivesse filosofando muito sobre o amor, mas quando você começa a sentir um sentimento tão forte surgir do nada em seu coração, é meio impossível não falar sobre isso, ou até mesmo soltar suspiros

apaixonados e pensar em como alguém podia fazer a sua vida se transformar da noite para o dia.

Um mês havia se passado depois da noite de sexo mais maravilhosa que eu podia ter. E depois disso, Pedro e eu não nos desgrudamos mais. Na maioria das vezes eu passava as noites em sua casa, pois era mais fácil para Gael dormir em sua casa, e eu raramente passava em meu apartamento sozinha. Já estava até desacostumada de dormir sozinha e quando isso acontecia sentia um vazio tomar meu corpo por completo.

Fui obrigada a sair dos meus devaneios assim que um boneco todo babado foi colocado à frente do meu rosto. Estava sentada no chão, junto com Gael e ele me olhava parecendo querer me desvendar. Era um garoto adorável e muito apaixonante. Meu coração era todinho dele e olha que o bebezinho nem tinha feito muita coisa para me conquistar.

— Você quer que eu pegue seu brinquedo babado? — perguntei, quase gargalhando da carinha que Gael fez.

— *Telo*… — estendeu novamente o brinquedo para mim.

— O que você não pede que eu não faço correndo, meu amor?

—*Amô*… — Amava ouvi-lo repetindo as palavras. Aquilo me deixava ainda mais encantada.

Olhei em direção à porta do escritório e Pedro ainda não havia aparecido. Era sábado e como a babá não trabalhava nos finais de semana eu me dispus a cuidar de Gael, para que meu namorado, sim, eu podia chamá-lo assim, mesmo que nós não tivéssemos nos rotulado com nenhum nome.

Pedro estava fazendo as reuniões finais para sair da empresa do pai, pois mesmo morrendo de vontade de jogar tudo para o alto, aconselhei-o a fazer as coisas corretamente para que ele começasse sua vida nova com o pé direito e não com o esquerdo que só trazia azar para o futuro.

Humberto Montauban até tentou convencer o filho a não deixar a Automobilística, no entanto, Pedro estava irredutível e eu não podia discordar dele, pois se fosse ameaçada da forma que ele foi também agiria da mesma maneira.

Tinha que concordar que nós dois éramos como bombas relógio, e precisava de muito pouco para estourarmos. Pelo jeito o pai do meu namorado havia conseguido chegar ao estopim de Pedro.

Outra mudança que aconteceu era que a secretária de Pedro, resolveu pedir demissão e acompanhá-lo na nova empreitada, além de Daniel que não quis continuar na Automobilística sem o amigo.

Achei aquela atitude muito bonita, os dois apoiando o homem que não mediu as consequências e estava disposto a começar tudo completamente do zero, mas mesmo assim eu o admirava por querer uma vida nova em ares melhores, longe de sua família tóxica.

E eu o apoiaria em tudo. Já estava até fazendo o projeto do seu escritório, juntamente com Fernanda. Afinal, Pedro não dormia em serviço, ele já havia comprado o terreno para montar a sua nova empresa e até contatado novos investidores e fornecedores.

Um homem realmente preparado. Um CEO completamente pronto. Além de eu ter caído em um clichê, ainda tinha arrumado um CEO para ser meu par romântico, que tinha um bebê lindo, que me dava até vontade de chamar de meu, mas isso seria um passo rápido demais para algo que acabou de começar.

— Você quer comer um biscoito, meu amor? — perguntei para o bebê, que agora chupava o dedão.

Ele assentiu e eu me levantei do chão, pegando em seguida o seu corpinho minúsculo e indo até a cozinha, para pegar algo para ele comer.

Enquanto abria o saco de biscoitos de polvilho que estavam em cima da mesa, fiquei olhando por uma das janelas da cozinha, o céu anunciava que viria chuva logo mais.

Típico de São Paulo, onde a maioria dos seus dias eram chuvosos, mórbidos e depressivos. Ainda bem que agora eu tinha duas pessoas para deixarem minha vida um pouco mais colorida.

Fui obrigada a abrir um sorriso, enquanto pensava em tamanha besteira. Estavam muito clichês, meus pensamentos. Senhor! Protegei meu coração, pois se eu fosse enganada naquele relacionamento tudo daria errado para minha saúde mental.

Gael ficou comendo seu biscoito, enquanto voltei com ele para a sala no mesmo momento que Pedro saiu do escritório. Ele nos olhou assim que surgimos em seu campo de visão. Sua expressão estava séria, mas tentou suavizar o humor para se aproximar de nós.

— Como passaram essas horas sem mim? — indagou assim que estava perto o suficiente para Gael estender os braços para ele.

Assim que o pegou brinquei com o pequeno:

— É só ele aparecer que você me esquece? — fiz drama.

Já que eu estava vivendo em um conto de fadas, eu podia fazer o drama das mocinhas, não é mesmo?

Gael sorriu e derreteu meu coração ao dizer:

— *Papá…*

— Tudo bem, pode ficar com ele. Até eu me derreteria se ele me segurasse dessa forma.

Foi impossível não gargalhar junto com Pedro, assim que ele iniciou aquela gargalhada gostosa, meio rouca e cheia de alegria.

— Como se ele fosse entender o que você diz, amor.

Sim! Ele não tinha parado de me chamar de amor desde então. Às vezes, o feiticeira aparecia no meio de suas falas, mas o amor estava sempre ali, presente, como se fosse algo que o deixasse mais realizado ao dizer.

Levei minha mão ao seu rosto e encarei seus olhos, enquanto Gael passava o biscoito todo babado na boca do pai.

— Foi tudo bem na reunião?

— Foi, finalizei tudo o que precisava para ficar livre da Automobilística Montauban. Agora sou um homem livre, quase um Dobby quando recebeu a peça de roupa para se livrar de uma escravidão.

— Tão fanático em Harry Potter, esse meu namorado — comentei.

— Namorado?

Sim, eu tinha feito de propósito para ver qual seria a sua reação.

— Sim, afinal estamos juntos. Dormimos juntos, ficamos juntos em qualquer tempo livre que um tenha. Então somos namorados.

— Gosto dessa ideia de namorados.

E Pedro havia acertado na resposta. Eu também gostava daquela ideia.

— Então somos mesmo, não é?

— Sim, meu amor.

— *Meu amô…* — Gael repetiu o que nos fez sorrir.

Passamos o resto do sábado curtindo o pequeno e quando chegou a hora de ele dormir, fiquei com Pedro no quarto até ele pegar no sono.

Era lindo ver aquela interação pai e filho que os dois tinham. Fazia com que eu me lembrasse do meu, que fez de tudo para me salvar de uma bala perdida. Admirava ainda mais o meu namorado por aquilo.

— Que tal, tomarmos uma taça de vinho? — Pedro acabou me tirando dos meus devaneios.

— Acho uma ótima ideia.

Aceitei a sua mão que estava estendida em minha direção. Saímos do quarto, enquanto uma luminária ficava acesa e a porta semi-aberta.

Caminhamos juntos até o andar de baixo e assim que chegamos à sala, Pedro foi pegar a bebida e eu me sentei no sofá.

Ele trouxe a taça para mim e eu dei um gole. Havia pegado o hábito de tomar três goles todas as noites que passava com ele.

Quando ele sentou ao meu lado, abraçou meu ombro e aproximou o meu corpo ainda mais do dele.

— Estava aqui pensando — murmurei, enquanto depositava a taça na mesinha de centro e me aconchegava melhor em seus braços.

— No quê?

— Amanhã você me faria companhia até a clínica?

Eu estava visitando minha mãe sempre que podia e que a clínica permitia, não que ela me desse alguma abertura, mas ao menos eu via alguma melhora no seu jeito. Ela estava fazendo tratamento para o seu vício e para a depressão, então eu tinha esperança de que em um futuro ela logo estaria como antes.

— Eu faria tudo por você, Heloisa. Se você pedisse para eu dar a volta ao mundo a pé eu iria.

— Nossa! Você está tão apaixonado assim? — brinquei, enquanto o encarava para ver sua reação.

Pedro tomou um longo gole do vinho e disse:

— Eu nunca pensei que amaria alguém, ou melhor, amar eu amo o Gael mais que tudo no mundo. Só que nunca pensei que iria nutrir sentimentos por uma mulher, que iria pensar nela assim que abrisse meus olhos quando acordasse, que sonharia com ela na maioria das noites, e sentiria falta quando ela – a cabeça dura – não quisesse dormir em minha casa, por estarmos apegados demais. Nunca imaginei que estaria completamente viciado em uma mulher como estou por você. Então, se isso não for amor, não sei o que é, mas posso afirmar que esse sentimento é completamente diferente do que já senti em toda minha vida.

Fui obrigada a engolir em seco ao ouvir suas palavras. Meu coração parecia que a qualquer momento sairia do meu corpo, pelo tanto que eu estava desesperado. Aquilo era totalmente novo, porque nunca imaginei que Pedro falaria aquilo tão rápido.

— Você está apaixonado por mim, Pedro?

Ele também colocou a sua taça na mesinha de centro, voltou-se em minha direção com aqueles olhos verdes e respondeu:

— Estou completamente apaixonado por você, Heloisa. Você parece

o ar que me faltava, a luz que eu precisava para me guiar pela escuridão, que é o nosso futuro. Estou te amando, feiticeira. Não posso guardar esse sentimento somente para mim.

Senti meus olhos lacrimejarem no mesmo momento. Como um idiota poderia ter se transformado em um príncipe daquela forma? Como um homem que eu odiava fez com que eu me sentisse amada por ele?

— Ah, droga! Você me fez chorar — resmunguei, enquanto enxugava as lágrimas teimosas que desceram por meu rosto.

— Espero que seja de emoção, por eu ter acabado de me declarar.

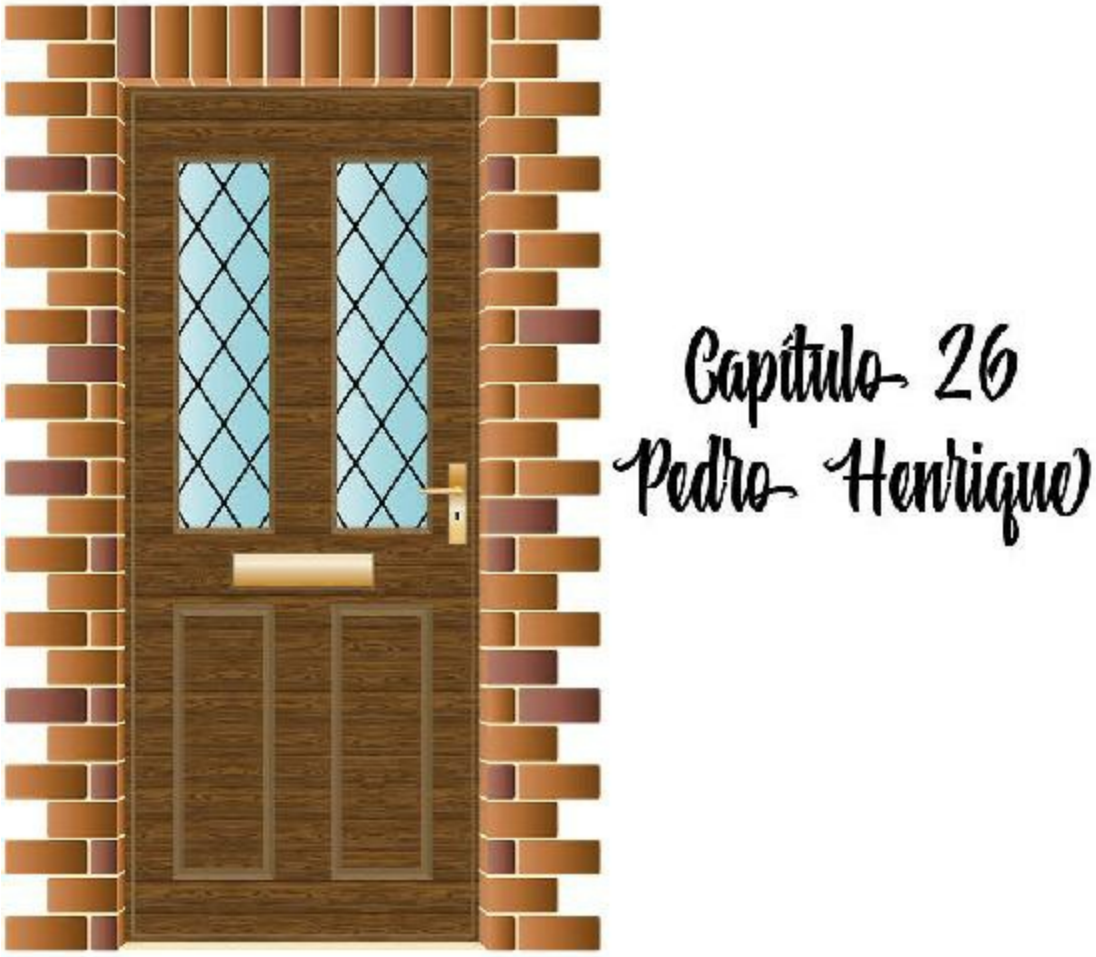
— É só por eu saber que o que sinto por você não é uma alucinação. É real, e você está sentindo o mesmo que eu. Estou apaixonada por você, Pedro Henrique, meu ruivo sedutor.

— Quem bom saber, feiticeira do amor.

Ele me puxou para um beijo e eu me senti amada mais uma vez. Realmente existia o amor e eu nunca mais iria duvidar daquele sentimento, ele também estava direcionado a mim.

Pedro havia me mostrado que eu também merecia ser amada.

Capítulo 26



Um dia eu jurei que nunca me apaixonaria, que nunca me envolveria emocionalmente com ninguém. Que nunca perderia meu tempo com amor, pois aquilo só traria coisas ruins para minha vida. Afinal, eu sempre tive exemplos ruins de amor, meus pais não pareciam ser um casal exemplo.

E eu nunca havia tido algum tipo de sentimento por ninguém. Mas dizem que do ódio pode existir o amor, não é? Então acho que foi isso que aconteceu, já que em um primeiro momento eu tinha absoluta certeza que nutria um dos piores sentimentos por Heloisa.

Só que tudo aquilo mudou com o passar dos dias. Com a nossa convivência e comigo me espelhando nela. Aquela mulher era muito quebrada, igual a mim e acho que acabamos nos encontrando no meio da

destruição em que vivíamos.

Eu por não saber que sentia tanta falta de afeto, igual ao que ela me estava direcionando naqueles últimos dias. E ela por fazer parecer que eu era o seu porto seguro. Um em quem ela confiava tanto, que havia até convidado para ir com ela na visita que fazia à sua mãe.

Minha namorada não deixava que ninguém fosse com ela. Nem Fernanda que era sua melhor amiga, então estar segurando sua mão enquanto subíamos as escadas que levava para o interior da clínica era quase uma vitória.

Gael tinha ficado aos cuidados de Daniel, o que foi um milagre, já que meu amigo amava meu filho, mas era péssimo no quesito cuidar de crianças. Só que ele entendeu que era um assunto importante, que eu precisava fazer, então acabou aceitando cuidar de seu afilhado.

Heloisa parou de andar e me olhou, eu a encarei para tentar entender o que havia acontecido, para que ela tivesse pausado seus passos antes de entrar na clínica.

— Preciso te dizer algo antes de entrarmos e irmos ver minha mãe.

— Você pode dizer o que quiser, meu amor.

Queria encorajá-la a falar tudo comigo. Queria que ela soubesse que eu seria a pessoa de suporte que faria tudo por ela.

Heloisa pareceu ponderar um momento sobre a forma que iria dizer o que precisava, no entanto, logo me olhou e disse:

— Minha mãe pode ser um pouco arrogante, às vezes, então, por favor, não a odeie se ela falar algo muito pesado.

Como eu poderia odiar uma pessoa que parecia realmente estar doente? Tenho certeza que se coisas ruins não tivessem estragado o futuro daquelas duas, elas nunca estariam naquelas desavenças. Ainda mais sabendo os motivos pela mãe de Heloisa ter ficado da forma que estava.

Era extremamente compreensível o seu estado depressivo e o alcoolismo para tentar esquecer tudo que perdeu.

— Vou ficar tranquilo e até tentarei remediar a situação caso ela saia do controle.

— Obrigada, isso significa muito para mim.

Eu sabia que significava, aquela mulher amava sua mãe e ela só queria que tudo voltasse a ser como antes.

— Não precisa agradecer.

Heloisa assentiu e voltamos a caminhar de mãos dadas para dentro da

clínica. Assim que entramos fomos conduzidos para a área de visitas. O lugar estava meio vazio, pois Heloisa tinha uma hora agendada para que só ela visitasse a mãe, parece que era um protocolo da clínica.

Fomos juntos até que paramos perto da mesa onde Bárbara estava. Sua mãe nos olhou, passou seus olhos por nossos corpos e focou em nossas mãos unidas, no entanto, não disse nada.

— Oi, mãe! — a mulher ao meu lado cumprimentou.

Só que Bárbara não respondeu. Heloisa respirou fundo, mas indicou a cadeira para que eu me sentasse, logo ela fez o mesmo, sentando ao meu lado e de frente para a mãe.

— Esse é Pedro Henrique, meu namorado, mãe. Quis trazê-lo hoje para apresentá-lo a você.

Heloisa me olhou como se pedisse por socorro e eu tomei a iniciativa.

— É um prazer conhecer a senhora, mesmo que já tenhamos nos visto.

A mulher voltou a olhar para mim, e pela primeira vez murmurou algo:

— Não me lembro de você.

— Ele estava lá no prédio no dia que você foi trazida para cá, mamãe.

— Ah, o dia que você me obrigou a vir para cá. — Bárbara se referia com sarcasmo sobre o que aconteceu no dia que quase colocou fogo no apartamento que elas moravam.

— A senhora sabe que não tinha como te deixar sem tratamento — Heloisa murmurou.

— Eu estava bem — Bárbara cuspiu.

— A senhora não estava, mamãe. Se estivesse eu nunca teria lhe internado contra a sua vontade.

Minha namorada parecia cansada, pois era nítido que sempre tinham aquela discussão.

— Você não sabe de nada, Heloisa. Como me arrependo por você ser minha filha.

Eu sei que prometi à minha feiticeira que eu não ficaria com raiva, mas era impossível quando ouvia aquela mulher tratando-a daquela maneira.

— A senhora está errada, pois quando coloca além da sua vida a de outras pessoas em risco, significa que precisa sim, de ajuda. Então, a senhora

deveria repensar sobre a maneira que trata Heloisa, que sempre esteve ao seu lado, mesmo que sendo tratada de maneira duvidosa pela mãe dela.

Eu sabia que tinha perdido minha paciência, mas era impossível ficar calado com minha amada sendo tratada como um nada.

— Pedro… — Heloisa sussurrou.

— Eu sei, perdi a paciência. — Olhei para Bárbara que nos encarava com o cenho franzido. — Desculpe.

— Como você pode ficar do lado dela, nem sabe o que aconteceu em nossa vida.

— Eu sei, sim. E não vejo motivo para não ficar do lado de Heloisa, sendo que percebo o quanto ela tenta fazer com que a senhora fique bem. O quanto ela sofreu por te deixar aqui e o quanto ela está sendo forte por ter aguentado tudo isso, durante muito tempo, sozinha.

A mulher parecia ter ficado sem palavras e me pegando completamente de surpresa. Heloisa segurou a mão da mulher por cima da mesa e comentou:

— Quero que você fique bem, mamãe. Para podermos sair dessa clínica, com você ao meu lado e saudável.

— Não tenho como ficar bem depois que o seu pai morreu, Heloisa.

— Mas nós podemos tentar, já que eu sei muito bem que ele não iria querer que a senhora ficasse assim. — Heloisa fez uma pausa, apertou a mãe da mãe com mais força, como se tentasse passar para aquela mulher o quanto ela a amava. — Se a senhora não pode tentar por mim, por favor, tente pelo papai. Pense que se ele estivesse aqui não iria querer a senhora doente.

A mulher voltou a olhar para a janela que dava para uma vista bonita de um jardim e que tinha um lago mais ao fundo.

— Vou fazer o meu máximo.

Aquilo ao menos parecia uma vitória para Heloisa, pois ela acabou abrindo um sorriso. Era somente aquilo que importava, ela estar se sentindo mais alegre, vendo a mãe tentar fazer o possível para começar a melhorar.

Passamos mais algum tempo na clínica, mas em silêncio, pois não tínhamos muito o que dizer. Quando deu o nosso horário de ir embora, Heloisa se levantou, aproximou-se da mãe e depositou sua mão em seu ombro.

— Volto em breve, mamãe. Fico feliz de te ver sóbria.

Bárbara encarou a filha, assentiu, mas não disse nada. Acenei para ela e começamos a nos afastar, porém Bárbara disse:

— Pedro, quero conversar com você.

Voltamos a encarar a mulher que permanecia sentada, e realmente ela parecia falar sério.

— Pode falar, mamãe.

— Não, eu quero conversar a sós com ele.

Heloisa me olhou com um pouco de receio, mas eu logo a tranquilizei.

— Pode ir, agorinha te encontro. Não se preocupe, não irei me irritar nem nada. Confia em mim?

Heloisa mordeu seu lábio inferior, voltou seus olhos para sua mãe, depois me encarou novamente.

— Confio.

— Daqui a pouco te vejo.

Beijei sua testa e nos separamos. Voltei a me aproximar de Bárbara e ela murmurou:

— Nem precisa se sentar, pois serei rápida.

— Sim, senhora.

A mulher encarou algo atrás de mim e eu tive que olhar na direção para saber o que ela estava olhando, mas logo percebi que era Heloisa terminando de sair da sala de visitas.

— Eu posso ser a pior mãe do mundo. Mas nunca deixaria outra pessoa machucar minha filha. Então, faça o favor, de nunca a magoar, senão eu serei capaz de cometer uma loucura.

Voltei a olhar aquela mulher, que parecia desprezar Heloisa quando a garota estava à sua frente, mas por trás ela ainda tinha sentimentos pela filha.

— Só por saber que a senhora se preocupa com ela me sinto melhor. — Pausei, enquanto a Bárbara me observava. — Mas eu nunca machucaria Heloisa, ela foi a mulher que me mostrou o caminho da felicidade. Aquela garota é a razão de hoje eu me sentir amado, então seria muito mais fácil eu acabar com a vida de quem tentasse fazer mal a ela, do que eu fazer algo do tipo.

Bárbara assentiu e assim que percebi que não teríamos mais nada para falarmos, eu voltei a me afastar, mas um sorriso brincou em meus lábios. Heloisa podia até achar que a mãe não estava progredindo lentamente em seu tratamento, mas o fato de se preocupar com os sentimentos da filha já era um grande passo.

Eu sentia que logo elas podiam tentar ser uma família feliz

novamente.

— O que ela queria?

Heloisa questionou, assim que desci as escadas e me aproximei do meu carro.

— Nada demais, só falou para eu cuidar bem de você.

— Minha mãe disse isso?

— Sim!

O sorriso que surgiu nos lábios da minha feiticeira era tudo o que eu precisava para me sentir ainda mais realizado.

— Acho que não estava preparada para ouvir isso.

— Nem eu estava preparado, mas tenho que confessar que estou realmente feliz por ela se preocupar com você.

— Sim, eu também. — Heloisa se jogou em meus braços assim que terminou de falar.

E eu não pude deixar de grudar os nossos lábios. Para eternizar aquele momento que parecia um passo para o futuro, um futuro onde eu podia jurar que a felicidade iria prevalecer.

Assim que nos afastamos, abri a porta do passageiro para ela, em seguida contornei o automóvel e tomei a direção do veículo. Iríamos voltar para casa, e provavelmente passaríamos o resto do dia como dois bobos sorrindo para as paredes.

Quando chegamos ao meu apartamento, Daniel já estava a ponto de ficar maluco, pois aquele homem realmente não sabia cuidar de uma criança. Ele me entregou Gael e não demorou muito para ir embora, dizendo que tinha um encontro.

— Daniel é o típico homem que não vale nada, será que em algum momento ele vai aprender a ficar menos *puto* igual a você? — ela sussurrou o palavrão para que Gael não entendesse.

— Quem sabe se aparecer um bebê na vida dele. Pois eu só aprendi a sossegar depois que esse gordinho apareceu em minha vida.

Fiz cócegas na barriga de Gael o que gerou uma gargalhada atrás da outra saindo da boquinha daquele pequeno que alegrava meus dias, desde que soube de sua existência.

— Tenho dó se ele tiver um filho. Não sabe trocar uma fralda.

Heloisa brincou, enquanto se jogava ao meu lado no sofá. Gael logo quis ir para o seu colo e observar o meu filho tão encantado com aquela mulher, dava-me a sensação de que acertei na vida ao acrescentar Heloisa em

nossos caminhos.

— Preciso concordar com você. Ele seria um bom pai, mas a criança seria uma porquinha.

— *Poquinha…* — Gael repetiu a palavra o que nos levou a mais uma onda de gargalhadas.

Heloisa imitou o som do animal, o que fez com que Gael quisesse que ela repetisse em todos os momentos.

Passamos o resto do domingo brincando com meu pequeno e quando chegou a hora de colocá-lo na cama, percebi o quanto ele estava exausto.

— Hoje pode ser que ele nem se movimente na cama, do tanto que está cansado. — Heloisa percebeu o mesmo que eu.

— Sim — sussurrei.

Saímos do quarto de Gael e Heloisa comentou:

— Acho que preciso ir à minha casa pegar uma muda de roupa, amanhã tenho que sair cedo para uma reunião.

— Não, senhorita, neste momento vamos tomar banho, e eu quero você sem nenhuma roupa em minha cama. Então, amanhã acordamos mais cedo e você vai se arrumar. Tudo bem?

— Isso é uma ordem, senhor? — ela se fez de ofendida, mas em seus lábios um sorriso safado apareceu.

— É, sim!

— Então, eu estou pronta para receber o banho que você vai me dar.

— Pretendo satisfazer todas as suas expectativas, meu amor.

O resto da noite prometia ser quente, do jeito que estava amando viver ao lado de Heloisa. A mulher que havia chegado à minha vida para mudar tudo o que eu pensava, aquela que me conquistou em um piscar de olhos.

A mulher que eu estava disposto a amar pelo resto da minha existência.

Capítulo 27



Capítulo 27
Heloisa

A água caía sobre o seu corpo, passando por cada curva, cada músculo que me deixava mais desejoso a cada momento que meus olhos passavam por seus traços. Diziam que quando se estava amando outra pessoa, nem os pequenos defeitos estragavam a vontade que tínhamos de prová-la a cada segundo do dia.

Pedro Henrique, passava o sabonete por meu corpo, como se aquilo fosse a apreciação de uma obra de arte rara e eu o entendia, pois fiz o mesmo quando foi a hora dele. Afinal, para mim ele era a obra mais perfeita, feita somente para que eu a desbravasse.

Suas mãos pararam em meus seios e os meus mamilos sentiram um leve beliscão. Era muito sensível naquela área e Pedro ao saber disso, usava

de tudo que podia para começar a me estimular naquela parte do meu corpo.

As gotas de água que caíam do chuveiro, molhavam-nos e deixavam o momento de certa forma poética. Parecia até que as coisas estavam em câmera lenta, e cada vez que ele me apreciava, algo diferente acontecia. Cada vez que fazíamos amor, eu sentia um sentimento variado.

— Acho que nunca vou deixar de falar o quanto você é linda — murmurou, enquanto deixava o sabonete no aparador e puxava meu corpo – com suas mãos em minha cintura – para mais perto do seu.

— Gosto de ouvir a palavra linda saindo de sua boca. Me dá ainda mais vontade de devorá-la com toda a força que eu possuir.

— Eu realmente criei um monstro, foi isso? — brincou no mesmo momento que ele levou seus lábios ao meu pescoço e deu uma leve chupada.

Senti um frio na barriga, aquilo era a anunciação do que estava por vir, a ansiedade que sentia quando estava chegando o momento de ser amada por Pedro Henrique Montauban. O homem que soube me mostrar as melhores partes dos desejos carnais e também as melhores partes de poder ser amada por alguém.

— Estou apaixonado por você, Heloisa. Amando, me sentindo amado e estou com medo — sussurrou, próximo ao meu ouvido.

Ele se afastou e encarou meus olhos. Como podia sentir o mesmo que eu? Como podia parecer que nós nos completávamos tão perfeitamente?

— Eu me sinto amada, apaixonada, amedrontada. — Abri um sorriso, para tentar fazer o clima continuar tranquilo. — Mas sei que podemos passar pela parte do medo juntos. Acho que estamos sendo uma dupla perfeita nessa equação que nunca vivemos.

— Tenho que concordar que somos uma dupla perfeita, cheia de imperfeições, mas são essas mesmas imperfeições que nos fazem ser bons um para o outro.

Pedro Henrique tinha a leve mania de mexer com todo o meu discernimento, quando resolvia me falar palavras filosóficas. No fundo, eu acreditava mais naquele relacionamento que estava nascendo, graças a ele, que não largou minha mão em nenhum momento depois que começamos a nos envolver.

Ele me provou de várias maneiras que queria ficar ao meu lado, mesmo que quase todos fossem contra aquilo. E foi graças ao seu esforço que eu comecei a acreditar no amor. Foi por suas palavras, que me deixavam cada vez mais apaixonada que eu voltei a confiar em um homem.

Era por ele que estava tentando quebrar todas as barreiras que me deixavam com medo de um futuro incerto.

— Cada dia que passa quero ser melhor para você — murmurei.

— E eu para você, feiticeira.

— Ruivo sedutor, faça amor comigo — pedi.

— Seu desejo é sempre uma ordem.

Pedro me puxou para baixo do chuveiro e começou a me beijar no mesmo momento, enquanto a água caía sobre nós, deixando-nos completamente molhados.

Sua língua entrou em minha boca, quase ansiando que a minha encontrasse a dele, para que aquele momento ficasse totalmente da forma que sempre gostávamos.

Nosso beijo, molhado, passou de lento e romântico, para algo bruto e carnal. Parecia que em todos os momentos nós precisávamos mostrar que nos amávamos, mas de uma forma mais brutal. O amor era feito de várias formas e o nosso era a forma brusca que nos fascinava cada vez mais.

Senti meu corpo sendo empurrado em direção à parede do banheiro. Os azulejos frios fizeram contato com a minha pele quente e um leve arrepio passou por todos os meus poros.

Mas mesmo com isso, nosso beijo não cessou. Queríamos nos devorar ainda mais, queríamos que aquele beijo ficasse em nossa memória por mais um tempo, mesmo depois que nos afastássemos.

Pedro levou sua mão até minha vagina e começou a estimular meu clitóris. Eu sabia que ele estava me preparando para entrar em mim. Daquela vez, estávamos gritando para que nos uníssemos mais rápido, então as preliminares ficariam para depois.

Quando comecei a me sentir molhada, meu ruivo sedutor também percebeu, e só nesse momento que ele largou meus lábios. Encarou meus olhos, enquanto me levantava do chão, fez com que eu entrelaçasse minhas pernas em sua cintura e sem esperar mais se enterrou em mim de uma única vez.

Seu membro me preencheu por completo, fazendo com que um grito fosse liberado por minha boca. Eu me sentia inteira com ele daquela maneira, dentro de mim, tornando-me sua, provando que o nosso desejo pelo outro era igual.

— Eu te amo, Heloisa — Pedro disse, encarando meus olhos, ainda sem se movimentar dentro de mim.

Eu sabia que aquele não era o momento para deixar meus olhos lacrimejados. Que ele podia entender tudo errado, mas foi impossível segurar minha emoção ao ouvir aquelas palavras.

Elas eram fortes, representavam algo além do que imaginei ter um dia. E foram ditas por um homem que não jogava aquelas palavras ao vento, como víamos muitos por aí.

Pedro era verdadeiro no que dizia e aquilo fazia com que eu me sentisse a mulher mais realizada da vida. A mulher mais amada, mais desejada, mais protegida e mais feliz de todos os tempos.

— Eu também te amo — sussurrei com a voz embargada.

Pedro não disse mais nada, além de me direcionar um sorriso completamente sedutor. Depois começou os seus movimentos dentro de mim. Estocando com força, fazendo meu corpo se grudar ainda mais na parede do banheiro.

A posição que eu estava, com as pernas entrelaçadas em sua cintura, fazia com que seu acesso à minha entrada fosse mais fácil e que eu o sentisse até o fundo, forte, bruto… apaixonante.

Sua boca foi parar em um dos meus mamilos e ele o sugou com força. Talvez ficasse uma marca no local, mas quem se importava? Aquilo era extremamente prazeroso e era só o que importava. Nós nos amamos, até que gozei loucamente, como todas as vezes o meu namorado fazia comigo.

Sem aviso prévio Pedro saiu de dentro de mim, e eu senti a sua falta imediatamente. Olhei para ele sem entender e depois de dar um beijinho em minha testa sussurrou:

— Relaxa, apressadinha, ainda não terminei.

— Ainda bem, pois eu seria capaz de matar uma pessoa por ter mais um orgasmo roubado de mim.

Foi impossível não gargalhar junto com ele, assim que eu disse as palavras.

— Você está quase uma ninfomaníaca, Heloisa.

— Com orgulho. — Empinei meu queixo em sua direção.

Mas sem me direcionar nenhuma reação Pedro me girou e colocou minhas mãos apoiadas na parede, empinou minha bunda e sem esperar soltou um tapa nela.

Senti a ardência do tapa tomar minha pele, mas ao invés de achar aquilo ruim um sorriso se abriu em meus lábios e senti mais lubrificação sendo liberada. Já que a água quase não estava caindo sobre mim. Pedro voltou a

entrar em mim e o contato pele com pele daquela forma faziam as coisas ficarem mais intensas.

Já tinha algumas semanas que não transávamos com camisinha, pois resolvemos acreditar somente no anticoncepcional que eu tomava. E porque eu insisti para provar o sexo daquela forma, já que eu não tinha muita experiência no assunto.

Uma de suas mãos puxaram meu cabelo para trás e a outra segurou minha cintura. Com isso as estocadas aumentaram, o desejo foi perdendo o controle e logo o que podia ouvir dentro do banheiro eram gemidos, misturados com gritos e puro tesão, quase carnal.

Quando senti meu prazer aumentando, Pedro levou seus dedos ao meu clitóris e foi impossível não me liberar por completo. Senti até mesmo minhas pernas ficarem bambas. Meu ruivo sedutor se retirou de mim, sem liberar seu orgasmo, desligou o chuveiro, pegou-me em seus braços e levou-me completamente molhada para a cama.

— Estamos ensopados — constatei.

— Não me importo.

Pedro puxou minhas pernas para o canto da cama e se ajoelhou no chão. Logo senti sua língua passando por toda a minha extensão. Aquilo era maravilhoso, era um misto de sensações, havia acabado de ter outro orgasmo, mas mesmo assim ele queria me dar mais daquele prazer impressionante.

Enquanto chupava meu clitóris, eu fui obrigada a levar minhas mãos até os seus cabelos para pressionar sua cabeça ainda mais naquela posição. Meus quadris começaram a se remexer para ampliar o meu desejo.

A fricção que a sua boca fazia, com a pressão que eu havia colocado dava uma sensação ainda melhor. E quando mais uma onda de orgasmo chegou eu me senti completa.

Pedro aproveitou para pegar minhas pernas, entrelaçar novamente em sua cintura e se enterrar em mim daquela maneira. Enquanto ele ia e vinha para dentro de mim, fiquei olhando seu rosto.

As gotas de suor escorriam por sua testa e paravam na ponta do seu nariz. Ele estocava com mais força, desejo, desespero… delicioso, aquele homem era completamente delicioso.

Quando mordeu o lábio inferior e soltou um rosnado rouco, quase animalesco eu soube que ele estava muito perto de liberar o seu orgasmo. Já o conhecia bem demais para entender as suas manias até na hora do sexo.

Mas ele não quis vir, enquanto eu não gozasse mais uma vez, afinal

eu tinha quase certeza que Pedro Henrique tinha algum pacto com ele mesmo, de me deixar acabada todas as vezes que fazíamos amor.

Segurei os lençóis molhados com as duas mãos, com força, com desespero, enquanto seus dedos brincavam em meu clitóris e faziam com que mais um orgasmo fosse liberado por mim.

Quando me senti completamente exausta, Pedro se libertou. Senti seu líquido quente tomar meu interior e continuei respirando ofegante, quando ele caiu em cima de mim, sem se retirar da minha vagina.

Abracei sua cabeça, beijei sua testa molhada de suor e sussurrei:

— Acho que vamos precisar de outro banho.

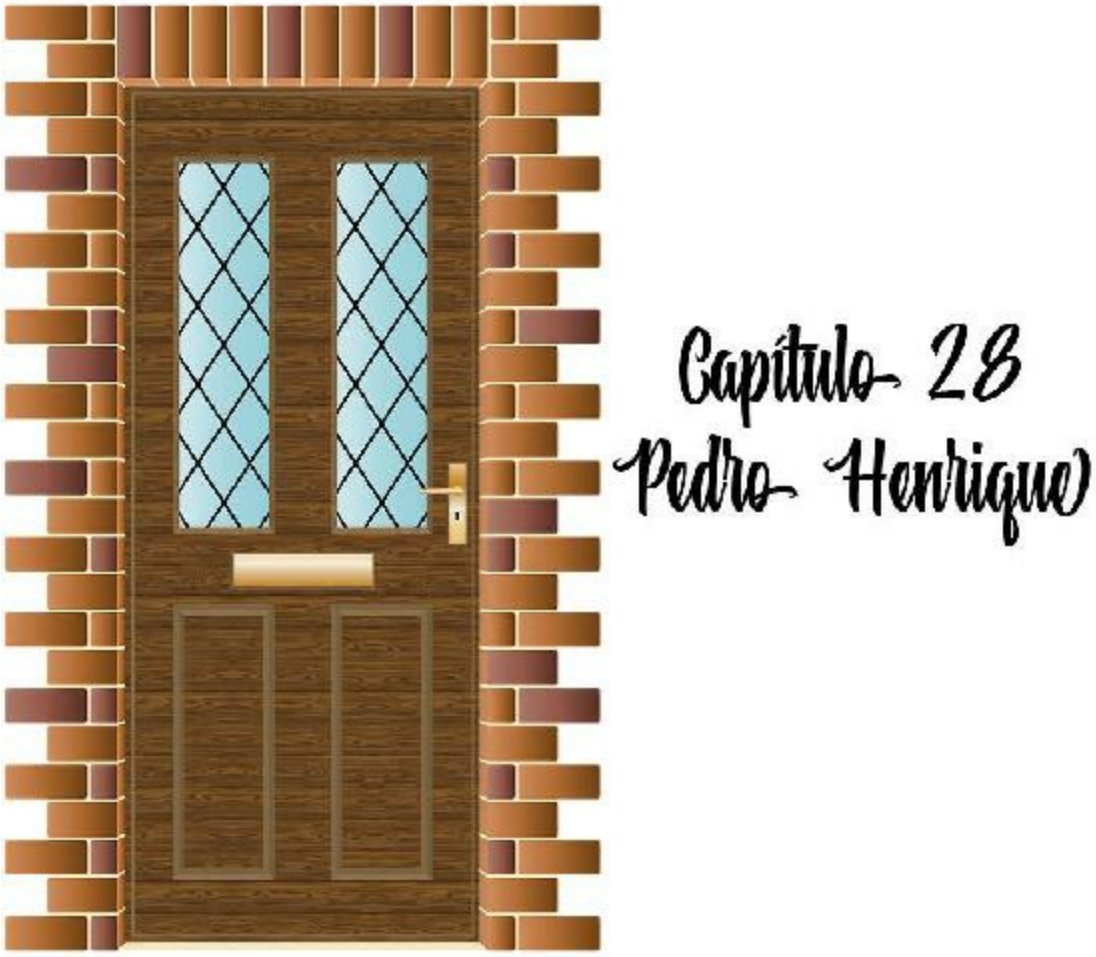
Pedro sorriu, mordeu meu pescoço levemente e respondeu:

— Eu também acho, meu amor.

Mas mesmo assim continuou comigo naquela posição por muito tempo e só depois de mais ou menos meia hora que voltamos para o chuveiro, para que pudéssemos tomar o nosso banho e cairmos exaustos na cama.

Estávamos vivendo o nosso melhor período e eu esperava que aquilo não fosse destruído em nenhum momento. Pois realmente não sabia o que fazer se acordasse para a realidade do mundo e soubesse que o meu pequeno sonho havia sido destruído.

Capítulo 28



Era uma sensação de contentamento, poder ver meu filho tão feliz. Ele já estava dando vários passinhos desengonçados, em sua maioria, tomava alguns tombos, mas aquilo fazia parte da vida.

No momento ele simplesmente andava de um lado para o outro, correndo atrás de uma bola que ele estava jogando para todos os lados. Eu só imaginava se aquilo pegasse em algo frágil. Iria quebrar e Gael iria se assustar, mas era impossível proibi-lo de fazer aquilo, quando sua expressão demonstrava o quanto estava feliz.

Heloisa havia ido trabalhar e meu filho e eu tínhamos ficado sozinhos. Ainda estava um pouco cedo para Ana chegar e cuidar de Gael. Mas eu não me importava de passar aqueles momentos com meu filho. Eles eram únicos

e logo seriam perdidos, pois os bebês cresciam rápido demais e logo eu já teria deixado de ser pai de um neném e ele já seria um rapazinho.

O interfone tocou e eu achei estranho, pois Ana tinha autorização para entrar em minha casa. Desde que minha mãe fez a maior cena ao encontrar Heloisa em minha casa, também proibi a entrada dela e do meu pai. Então, estranhei o que o porteiro podia querer àquela hora.

Não eram nem oito da manhã, e exatamente por isso os piores pensamentos se passaram por minha mente.

— Alô — atendi.

— Bom dia, senhor Pedro. Seus pais estão aqui, posso deixá-los subir?

Como o destino era engraçado, havia acabado de pensar neles e eram exatamente eles que estavam interfonando. A vontade foi de falar que não podiam subir, que não queria vê-los mais, no entanto murmurei:

— Pode sim!

Assim que o porteiro respondeu um tudo bem, a ligação foi encerrada. Cocei minha cabeça, antes de pirar por causa das pessoas que chegariam a qualquer momento na porta da minha casa.

Aproveitei para olhar para os lados e me certificar que não estava nada fora do lugar. Não queria que meus pais usassem aquilo de desculpa, para tentar me humilhar e me chamar de irresponsável.

Quando a campainha tocou, Gael olhou para a porta com os olhos atentos.

— Pode continuar brincando, meu amor. São seus avós.

O pequeno ainda ficou me encarando, demonstrando como se realmente tivesse entendido o que eu tinha falado. As crianças estavam tão espertas ultimamente.

Caminhei até a porta e a abri. Lá estava o casal que eu deveria sentir orgulho de falar que eram meus pais, mas que no fundo eu só tinha vergonha por assumir aquilo.

Aqueles dois nunca me trataram como um filho amado, eu estava mais para o objeto manipulável que eles gostavam de ter.

Meu pai, como sempre, estava em seu terno impecável. Minha mãe, vestida formalmente, sem um único fio de cabelo fora do lugar. Parecia mais um robô do que uma pessoa.

— Como vai, querido? — Ela foi a primeira se manifestar.

— Estou bem — respondi de forma séria.

Afastei-me da porta para que eles pudessem entrar. Assim que o fizeram, foram próximos a Gael e meu filho os encarou como se os reconhecesse. No entanto mesmo assim, não existia aquela conexão avós e neto entre eles.

E olha que tentei muito manter nossa família unida, mas aqueles dois pareciam dois monstros que não sabiam viver com diferenças. Tudo tinha que funcionar da forma que eles queriam, senão acabavam não aceitando o que acontecia ao seu redor.

— Oi, garoto — meu pai cumprimentou Gael que abriu um sorriso para o homem.

Meu filho era inocente e eu nunca podia julgá-lo por confiar em seus avós. Ainda mais que ele já se sentia familiarizado com eles.

— Oi, queridinho — foi a vez da minha mãe se manifestar. — Ele está cada vez mais parecido com você, Pedro.

— Sim, e eu fico feliz com isso — respondi, ainda olhando meu filho.

Aproveitei para fechar a porta do apartamento e voltar para onde meus pais estavam parados. Eles pareciam travados ali, em um ambiente que era completamente diferente do que eles estavam acostumados a viver.

— Fiquem à vontade. Eu sei que vocês queriam que eu morasse em um lugar diferente, mas eu me sinto bem aqui, então não comecem o falatório.

Eles acabaram se acomodando no sofá e meu pai comentou:

— Eu até gostei do lugar. É bem desenhado.

— Sim, a empresa que Heloisa trabalha que fez o projeto desse prédio.

— Então foi por isso que se conheceram? — minha mãe indagou.

Ela parecia realmente interessada para saber a respeito da minha namorada. E eu estava com vontade de falar de Heloisa, para ver se assim minha família começava a aceitá-la e parassem de se intrometer em minha vida. Parei no centro da sala, com os braços cruzados e comecei a dizer:

— Na verdade, não. A amiga dela é dona do apartamento ao lado. Eu a conheci por ela estar passando algum tempo aí.

Minha mãe levantou uma sobrancelha, mas não disse nada.

— A amiga dela é a herdeira dos Alcântara? — a indagação do meu pai não me pegou de surpresa.

Eu sabia muito bem que ele conhecia Fernanda, por isso, assenti e

perguntei em seguida:

— Aceitam alguma coisa?

— Não, filho — minha mãe voltou a dizer.

Gael se aproximou de meu pai e eu o observei, enquanto pegava meu filho em seus braços e o colocava sentado em seu colo. Gael começou a brincar com o lenço que estava no bolso do casaco de seu terno e eu fiquei olhando aquela cena. Se alguém chegasse naquele momento, pensaria até que éramos uma família feliz.

Só que como eu sabia da realidade e não gostava de enrolação, logo indaguei:

— O que vieram fazer aqui?

— Sempre direto ao ponto, Pedro — meu pai brincou.

Bom, do jeito dele, completamente sério, mas eu sabia entender quando estava tentando brincar.

— O senhor me ensinou a ser assim. Então parem de me enrolar e digam logo o que vieram fazer aqui.

O suspiro da minha mãe, já indicava que o assunto seria algo que poderia me chatear. Por sorte, Ana chegou no momento e pôde tirar Gael daquele meio.

— Desculpa, senhor. Não sabia que tinha visita — murmurou, assim que abriu a porta.

— Tudo bem, Ana. São só meus pais, não se preocupe. Depois que você se acomodar, pegue o Gael, pois terei uma conversa séria com eles.

— Sim, senhor.

A babá do meu filho cumprimentou Humberto e Lilian e logo foi se organizar, não demorando muito para voltar à sala e pegar Gael dos braços do avô. Meu pai parecia preferir segurá-lo, mas não fez alarde e deixou meu bebê ser levado por Ana.

— Bom, primeiramente quero dizer que você realmente conseguiu tirar Jaqueline de sua vida. Ela viajou para a Europa, resolveu fazer uma nova faculdade. Uma menina muito bem educada, mas que você desperdiçou a sua chance com aquele showzinho no dia do lançamento do novo automóvel.

Minha mãe parecia bastante rabugenta, mas a notícia que ela me deu fez com que um sorriso se abrisse em meus lábios. Por um milagre eu tinha realmente conseguido afastar Jaqueline da minha vida.

— Ainda bem, mamãe. Ela precisava mesmo parar de se humilhar para mim e procurar alguém que realmente a queira. Mulher nenhuma devia

fazer algo do tipo, se um homem ou até mesmo uma mulher não a quer, ela segue a vida e vai ser feliz de outras formas. A nossa sociedade tem que parar de achar certo, que para um casal ficar juntos uma das partes precisa passar pelas piores coisas.

— Mas, Pedro… — meu pai tentou intervir, mas eu o cortei.

— Não tem nada de “mas”, papai. — Fiz aspas com meus dedos. — Eu nunca amei a Jaqueline e tanto vocês quanto os Siqueira, alimentavam um vício que ela tinha em mim. Jaqueline não me amava, ela só tinha necessidade de fazer a vontade de vocês e eu nunca quis isso para minha vida. Já fui infeliz demais, para querer outra pedra no meu sapato.

— Tudo bem, viemos aqui para tentar amenizar a situação chata que ficou da última vez. Então não vamos discutir. Se você não quer ficar com a Jaqueline, eu e sua mãe temos que aceitar.

— Pela primeira vez escuto algo sensato vir de você, pai.

— Sei que você ainda está muito magoado pela forma com que te tratamos na infância, Pedro. E eu vim aqui hoje, para te pedir perdão, por não ter sido uma mãe boa para você. Só que eu jurei que tudo o que fazia era o melhor que podia te oferecer.

Tinha que reconhecer quando minha mãe tentava ser uma pessoa melhor. Afinal, a Lilian Montauban que todos conheciam, não dava o braço a torcer, mas aquilo que ela falou deve ter sido muito difícil para que aceitasse.

— Vocês me colocaram em um internato, não deram o carinho necessário que um filho pequeno merecia. Depois quando voltei para casa, maior de idade, me obrigaram a fazer mais coisas que vocês achavam certo. E isso além de me fazer mal, fez com que eu me afastasse de vocês por completo.

Os dois nem olhavam para mim, pois pareciam envergonhados.

— Acho que não fomos um exemplo de família para você — meu pai murmurou.

— Realmente não foram, mas ao menos me ensinaram a ser um bom pai. Pois eu tinha uma meta a cumprir que era não ser como vocês e agora sendo totalmente diferente, eu pude ser um excelente pai para Gael. Tenho certeza que meu filho, mesmo tão novinho já se sente extremamente amado.

— Não temos como discordar de você.

Assenti e esperei que dissessem mais alguma coisa. Eu conhecia meus pais, eles não tinham vindo até ali, para somente dizer que estavam errados, tinha algo mais. E eu pude constatar que meus pensamentos estavam certos,

assim que meu pai disse:

— Quero que você volte para a empresa.

Seus olhos pararam em mim e foi impossível não soltar uma risada com o que ele disse. Depois de tudo que aconteceu,após eu finalizar todos os meus trabalhos em aberto, ele queria que eu voltasse?

— Não farei isso.

E era verdade, estava me sentindo livre para tomar meu rumo, sem interferência dele. Não voltaria atrás, por causa de um pedido dele.

— Pedro, a empresa precisa de você. Dessa forma, a Automobilística irá falir, é isso que quer?

— Pai, novamente o senhor está tentando me manipular. Tentando mexer com meu emocional. Eu não voltarei para a Automobilística, montarei o meu próprio negócio, vou começar do zero, mas não voltarei. Essa é minha independência, o senhor devia ter pensado nisso antes de tentar me manipular. Agora é tarde. Se vocês não aceitarem minha decisão podem ir embora.

Apontei para a porta, mas nenhum deles se moveram. Só me olharam como se não acreditassem que eu realmente havia me rebelado.

— Só pode ter sido essa garota que fez sua cabeça, Pedro — o comentário da minha mãe começou a mexer comigo.

— Não coloque a Heloisa no meio das minhas escolhas. Ela achou errado que eu deixasse o meu cargo na Automobilística, no início até tentou ser contra a minha ideia, mas quando ela percebeu que essa era uma escolha minha e uma vontade, sabe o que ela fez? — indaguei, mas não esperei que me respondessem. — Ela me apoiou e quando se ama alguém é isso que se deve fazer, apoiar o outro. Se vocês não me apoiam, não me amam. Então, como vai ser? Vão começar a aceitar o que eu digo, ou vão continuar nessa bolha impenetrável em que vocês vivem?

Meus pais se olharam, respiraram fundo e minha mãe foi a que respondeu à minha pergunta:

— Se quisermos tentar ser uma família acho que temos que aceitar as suas diferenças. Mesmo que não concordemos, primeiro que não gosto daquela garota, mas parece que você sim, e segundo que não gosto de você fora da nossa empresa, mas você pelo visto também prefere assim. Então se quisermos ter nosso filho de volta, vamos precisar ser menos arcaicos. Se Humberto aceitar eu também aceito.

Encarei meu pai esperando sua resposta e ela logo veio:

— Se for para ter uma visita sua, ao menos em um final de semana eu também aceito. Pois pode até não parecer, mas eu te amo, filho. Você é meu único herdeiro e o menino que tenho orgulho de falar que carrega meu sobrenome.

Assenti uma vez e ainda muito sério, mas por dentro comemorando a vitória de meus pais não serem mais um problema, respondi:

— Então, podemos tentar novamente ser uma família e quem sabe um dia, não possamos dizer que somos felizes.

Minha mãe sorriu, meu pai concordou e eu respirei fundo. Talvez ali fosse o primeiro passo para eu tentar me acertar com a minha família que era tão disfuncional, mas ao menos estavam tentando serem pessoas melhores.

Capítulo 29



Capítulo 29
Heloisa

Era estranho ter pessoas que eu conhecia intimamente como clientes. Ainda mais quando estava envolvida sentimentalmente com o homem que queria um projeto desenhado pela empresa onde você trabalhava.

Fernanda estava ao meu lado, pois ela sempre começava as apresentações e eu finalizava, porque ela dizia que eu era ótima para arrematar o cliente no final. Deixando com que eles se sentissem emocionados e não recusassem fechar o projeto conosco.

E como tínhamos acabado de apresentar o projeto e Pedro ainda não havia expressado nenhuma reação, Daniel muito menos e Laís como era somente a secretária, mantinha-se calada, pois ela realmente devia saber como os seus patrões agiam naquele momento.

Quando Pedro descruzou as pernas e olhou para o sócio, os dois sorriram e eu não sabia se aquilo era uma coisa boa, ou ruim que viria com respostas cheias de sarcasmos.

— Acho que nunca vi uma apresentação tão bem… como posso dizer… bem elaborada — foi isso que saiu da boca do meu namorado.

— Sinceramente eu não mudaria nada no projeto. Acho que está bem construído e é exatamente o que queremos. Algo mais minimalista, que demonstre seriedade e ao mesmo tempo requinte — foi a vez de Daniel se manifestar.

— Quer dizer que vocês aprovam? — Fernanda questionou.

— Já quero os documentos para assinar, vocês fizeram um ótimo trabalho — Pedro respondeu.

Não consegui segurar o sorriso com sua fala, mas minha amiga voltou a falar.

— A sua opinião é muito importante, Pedro Henrique. Afinal, sabemos que você é um Montauban, você realmente gostou ou só está tentando nos agradar, devido a essa mulher que está aqui ao meu lado? — Fernanda apontou para mim.

Se eu conhecia bem Pedro Henrique, ele nunca falaria que gostou de algo só por eu estar presente, então sua resposta não foi surpresa alguma para mim.

— Bom, eu amo essa mulher, mas eu nunca concordaria com um projeto que vocês criaram somente por amá-la. Eu sou um profissional e preciso de um lugar apropriado para trabalhar. — Pedro me encarou e disse: — Sem querer te ofender, amor.

Tinha como não entregar meu coração para ele?

— Não me senti ofendida. Eu me sentiria se você dissesse algo ao contrário disso.

— Vocês estão tão doces ultimamente, estou até com medo de passar mal com tanta glicose — Daniel brincou e todos ao nosso redor caíram na gargalhada.

— Tenho certeza que você preferia que Pedro e eu ainda estivéssemos em pé de guerra, não é mesmo, Daniel?

— Preciso confessar que era engraçado assistir às discussões. Apesar que não presenciei muitas.

Não podia negar que entre os três meses que Pedro e eu estávamos juntos, não tivemos discussões calorosas, mas alguns bate-bocas normais, no entanto

sempre era por algum ponto de vista meu e dele serem diferentes.

Mas geralmente acabava em beijos quentes, sexo desesperado e um pedido de desculpas. Antes a gente se alfinetava e nem se beijava, acho que agora saímos no lucro.

— Bom, então era isso, podem prosseguir com o projeto. Vou ficar no aguardo de mais informações.

Pedro comentou, enquanto se levantava da cadeira e os seus companheiros faziam o mesmo. Daniel e Laís se despediram de Fernanda e de mim e logo saíram da sala, deixando somente meu namorado e eu.

— Alguém saiu da cama hoje, antes que eu pudesse falar ao menos bom dia — seu sussurro fez minha pele se arrepiar.

— Você estava dormindo de forma tão fofa e sexy que não quis te acordar — respondi, dando um leve selinho em seus lábios.

— Sexy?

Tive que sorrir com sua pergunta. Ele sempre ficava com vergonha quando eu soltava algumas de minhas pérolas.

— Sim, a sua bunda maravilhosa estava totalmente exposta para esses olhinhos aqui. Uma pena que tive que vir mais cedo para a empresa e você sabe que o transporte público não é muito bom em nossa cidade.

Pedro negou e continuou:

— Ainda acho extremamente errado você andar de condução. Sendo que pode pegar um dos meus carros na garagem.

— Você disse certo, amor. Seus carros, não são meus e eu não tenho a mínima vontade de pegar um deles. Sem contar que tem tanto tempo que não dirijo que acho meio difícil ter coragem de fazer isso em plena São Paulo.

Pedro abraçou minha cintura e me beijou novamente. Assim que se afastou, murmurou:

— Como hoje é sexta, podemos fazer alguma coisa diferente se quiser.

— E o Gael ficaria com quem?

— Você sabe que estou dando um voto de confiança aos meus pais, pois eles estão tentando ser melhores. Então, se quiser, eu posso deixar o Gael com eles.

Gostava da ideia de meu ruivo sedutor estar se acertando com sua família, mas ao mesmo tempo ainda tinha um pé atrás com eles. Principalmente com a mãe, que até conversava comigo com menos desdém, mas ainda sentia certo nojo em seu timbre.

Então, eu ainda não sabia como confiar plenamente neles. Por isso,

achava a questão de deixar Gael em suas responsabilidades, fora de cogitação.

— Acho melhor continuarmos passando as sextas em sua casa, curtindo um filminho clichê. Não quero deixar aquela bolinha de gente com seus pais. Eu sei que estou sendo ingrata com você, mas eles ainda não têm minha confiança.

— Eu até acharia estranho se eles já tivessem. Só fico com medo de você acabar se enjoando de mim, por não poder sair às sextas à noite.

Pedro tinha cada neura.

— Amor, você sabe que isso nunca aconteceria. Já que eu sou uma pessoa caseira, que ama comer em cima de um sofá, assistindo algo.

— Eu sei, mas às vezes bate um medinho aqui.

Pedro apontou para a sua cabeça e eu tive que segurar seu rosto com minhas mãos, depois abri um sorriso malicioso e murmurei:

— Você acha que seria fácil assim para eu sair da sua vida, Pedro Henrique Montauban?

— Espero que não, de verdade, porque não sei o que faria sem você em minha vida.

— Meu ruivo idiota se transformou em um homem muito romântico — constatei.

— Para você ver que eu só precisava de você para tudo se tornar mais fofo em minha vida.

Acabamos caindo na gargalhada.

— Você realmente não presta, Pedro.

— Eu sei — deu uma leve piscadinha em minha direção.

— E ainda assume.

— Ao menos sou verdadeiro.

— Sim, e eu amo isso em você.

— Bom, preciso ir resolver alguns problemas e você precisa voltar ao seu trabalho. Te vejo em casa à noite?

— Sim, provavelmente devo chegar mais cedo, pois só tenho mais uma reunião às duas da tarde e depois estou liberada.

— Vou te esperar em casa, então.

— Tá bom!

Pedro me beijou e eu senti um aperto em meu peito, como se fosse um mau presságio, mas eu nunca havia tido tal sentimento, por isso, resolvi deixar aquilo de lado. Acompanhei-o até as escadas e fiquei observando-o até

que sumiu das minhas vistas.

Depois disso voltei para o meu escritório e fiquei resolvendo algumas pendências para poder almoçar. As horas passaram voando, nem almocei direito para poder estar pronta para a reunião com os outros clientes.

Quando tudo finalizou, até respirei fundo. Estava exausta, a semana tinha sido muito agitada e realmente queria só a minha casa. Ou a casa do meu namorado, para ficar morta em seu sofá extremamente confortável, enquanto amassava o lindo do Gael.

— Amiga, você já vai? — Fernanda indagou, assim que levantamos da cadeira para irmos para nossos escritórios.

— Vou, amiga, você vai precisar de mim?

— Não, está tudo bem. Também vou embora mais cedo, essa semana foi pesada demais para nós.

— Sim, estamos precisando de um descanso ao lado dos nossos amados.

Fernanda abriu um sorriso malicioso e murmurou:

— Acho que prefiro fazer outras coisas ao invés de descansar.

— Nanda, me poupe dos detalhes.

Enquanto ela gargalhava caminhei para minha sala, balançando minha cabeça com a ousadia daquela mulher. No entanto, toda a minha diversão foi destruída assim que meu telefone tocou.

Caminhei até o aparelho e o atendi. Poucas pessoas tinham meu número pessoal, por isso, que eu ficava ainda mais intrigada com quem estava ligando. Ainda mais que não reconheci a ligação.

— Alô!

— Gostaria de falar com Heloisa Marinho.

Era uma voz feminina, que eu não tinha reconhecido, no entanto, se a pessoa do outro lado sabia que aquele telefone era meu, então provavelmente era algo importante.

— Sim, é ela!

— Aqui é da Clínica Santa Clara.

Meu coração começou a disparar de forma desesperadora. Aquela ligação não podia ser algo bom, pois era exatamente a clínica que eu havia internado minha mãe.

— O que aconteceu com minha mãe? — esbravejei, estava odiando a calma da mulher do outro lado da linha.

— Fique calma, mas ela desapareceu da clínica. Estamos ligando para saber se você sabe onde ela poderia estar?

Levei minha mão até a boca, para conter o som de frustração e desespero que quis escapar.

— Como assim desapareceu? — eu estava revoltada, desesperada, com medo que minha mãe tentasse fazer algo.

— Desculpa, sei que fomos imprudentes, mas ela estava tomando o banho de sol no jardim e logo desapareceu. Por isso, estamos entrando em contato para saber se você tem alguma ideia de onde ela possa estar.

Só a minha casa veio à minha mente. Ela só podia ter ido para lá, pois dinheiro para ir a outro lugar Bárbara não tinha, então deveria ter voltado para o antro da sua depressão.

O único ruim de receber uma ligação daquela, pega totalmente despreparada, era que não fazia com que pensássemos com coerência.

— Fiquem sabendo que irei entrar com um processo contra vocês. Me prometeram que ela seria bem tratada e não que iam deixá-la fugir dessa maneira.

Eu estava berrando, então provavelmente todos ouviram o que disse, inclusive minha amiga que apareceu na porta do meu escritório. Acabei me descontrolando ainda mais e desligando o telefone.

— O que aconteceu, Helô? — Fernanda indagou.

— Minha mãe fugiu da clínica. Como eles deixaram isso acontecer?

— Meu Deus! Que irresponsáveis!

— Preciso procurá-la, amiga. Vou até minha casa, ver se ela voltou para lá.

— Eu vou com você — murmurou.

— Não, amiga, você tem que resolver suas coisas.

— Amiga, eu nunca deixaria você sozinha nesse momento. Sem contar que eu posso te dar uma carona. Que tal?

Ela estava certa. Assenti e em seguida peguei minha bolsa, e Fernanda fez o mesmo. Logo estávamos saindo em direção à minha casa.

Mandei uma mensagem para Pedro avisando o que havia acontecido, mas ele falou para eu não ir até o meu apartamento. Só que o meu desespero não me deixava concordar com nada que não fosse o que se passava em minha mente. Por isso, depois de perceber que eu não acataria o que ele queria e como ele era o melhor namorado do mundo, respondeu:

Pedro: Estou indo para lá também.

Provavelmente aquele era o mau presságio que havia sentido, mas ainda bem que eu tinha pessoas que me amavam ao meu redor, pois eu não saberia o que fazer se eles não fossem meus portos seguros.

Capítulo 30



Capítulo 30
Heloisa

Enquanto subia as escadas que levavam até o meu apartamento, sentia minhas mãos trêmulas e as pernas não estavam diferentes. Passei a viagem toda, até aqui, chorando. Aquilo não podia ter acontecido.

Não, quando eu confiei fielmente a um lugar, uma das pessoas mais importantes para mim e mesmo assim eles não cuidaram bem da minha mãe. No momento eu tinha conseguido me controlar, mas o medo estava tomando meu ser.

Já que se minha mãe não estivesse ali o que eu faria?

Como conseguiria encontrá-la em uma cidade como São Paulo?

Estava desesperada, cansada, sem força alguma para continuar sofrendo em relação à minha família.

Cheguei ao meu andar e caminhei até a porta de casa, o que não estranhei por estar destrancada. Pois, provavelmente, minha mãe devia ter pego a chave que ficava no jarrinho de flores pendurado na parede ao lado da nossa porta.

— Mãe? — chamei.

Fernanda estava logo atrás de mim, segurando minha mão, como se fosse para me apoiar. Assim que entrei completamente no apartamento, senti um perfume que eu reconhecia de algum lugar, mas não o que minha mãe usava.

Franzi meu cenho e olhei para Fernanda. Havia um buquê de flores vermelhas em cima da mesinha de centro da sala e aquilo estava ficando cada vez mais estranho.

— Amiga, acho melhor sairmos daqui — Fernanda murmurou um pouco amedrontada demais para o meu gosto.

Olhei para ela e seus olhos se arregalaram assim que viu algo aparecer em minha sala, virei minha cabeça lentamente para encarar o que a havia assustado tanto e quando o fiz sabia que havia caído em um golpe.

Pois eu só via a razão do meu pesadelo à minha frente. Como eu pude ser tão idiota por acreditar em uma ligação desconhecida?

Mas aquele filho da puta sabia muito bem que eu não agia normalmente quando estava desesperada. Afinal, ele já havia atingido o meu limite em duas ocasiões e deve ter percebido quanto eu ficava descontrolada.

— Nem pense em se mover, priminha — Ricardo cuspiu, parecendo realmente estar com nojo.

Uma arma estava em sua mão e ele tremia mais do que eu. Provavelmente estava sob o efeito de drogas, pois novamente seus olhos apresentavam uma vermelhidão incomum.

— Ricardo, que merda você está fazendo? — Fernanda berrou.

A voz da minha amiga, fez com que eu me assustasse mais, não tinha como brigar com um cara armado daquela maneira.

— Merda? Essa vagabunda acabou com a minha vida e você acha que eu deveria deixar barato. Ah, sem contar que teve a sua ajuda, não é mesmo, Fernanda? Porque minha mãe me contou que você bateu de frente com ela, por causa dessa vadia.

A cada ofensa, ele apontava a arma com mais ódio em minha direção. Senti minha boca começar a tremer, a vontade de chorar voltou a tomar conta de mim, mas eu tentei segurar minhas lágrimas.

Elas nesse momento, só me atrapalhariam, então era melhor tentar me

manter sob controle.

— Você é tão idiota, Heloisa. Que foi só tocar na sua ferida, da mamãe doente, que você caiu como um patinho. Eu até pensei que esse nojo que você chama de casa seria o último lugar onde você viesse procurar, pela velha coroca.

— Não fala assim da minha mãe — sussurrei.

— Por quê? Você vai fazer alguma coisa? Agora o vagabundo que anda te fodendo não pode te ajudar, sua idiota.

Franzi meu cenho para o seu comentário, como ele sabia que eu estava com Pedro?

— Ah, sim! Não precisa fazer essa carinha de sem noção. Eu venho te seguindo por muito tempo, mas você nunca ficava sozinha, então fui obrigado a usar meios mais eficazes.

Meu Deus! O quão doente aquele homem era?

Ele estava me seguindo desde que o denunciei? E eu nunca havia percebido. Nossa! Estava correndo risco e nem me toquei.

— Ricardo, você não era assim. O que aconteceu com você? — Fernanda perguntou, em meio a uma onda de choro.

— Eu queria foder essa filha da puta, pois ninguém nunca negou uma transa comigo. Mas não, ela era a intocada, e ainda da última vez, fez com que meu pai parasse de me dar minha mesada. Foi assim que eu fiquei com ódio dessa vagabunda.

Como ele podia falar aquilo? Eu nunca fui a culpada da história, só fiz o que era certo e mesmo assim aquele monstro pensava que era o dono da razão.

— Você é um criminoso, Ricardo. Precisa pagar pelas consequências dos seus atos. — Nanda esbravejou e eu fiquei com medo.

Minha amiga era inconsequente demais, para perder o controle com um homem que estava apontando uma arma para nós. Ricardo mirou a arma na direção dela e eu não pude ver aquilo sem fazer nada.

Entrei na frente de Fernanda, mesmo que ela fosse um pouco mais alta que eu e murmurei:

— Você não vai machucá-la, se o seu problema é comigo, então vamos resolver isso.

— Heloisa, ficou maluca? — Fernanda indagou, em meio ao choro.

— Você é minha irmã e eu sempre vou te proteger.

— Que bonitinho, então as duas vão morrer juntas.

Ricardo gritou e eu só pude pensar que não tinha mais chance de me salvar, não daquela vez. E eu até preferia que fosse assim, pois não queria que Pedro se metesse naquela história. Ele tinha um bebê lindo para cuidar e ser o melhor pai possível, então tinha que se manter em segurança.

Torcia muito para que ele não encontrasse Ricardo ainda em meu apartamento quando aparecesse aqui.

Só ficaria triste por não dizer a ele mais uma vez o quanto o amava desesperadamente.

∞∞∞∞



Eu sabia que algo estava errado assim que recebi a mensagem de Heloisa. Ainda insisti para que ela não fosse ao seu apartamento sozinha, mas a cabeça dura que habitava naquela mulher não quis me escutar.

O melhor que fiz foi concordar com ela, para não discutirmos em um momento que eu sabia que ela devia estar muito nervosa. Só que, como eu estava pensando com coerência, resolvi ligar na clínica para entender o que tinha acontecido.

E quando me falaram que a mãe de Heloisa estava lá e a cada dia que passava ela ficava melhor, eu tive a certeza que o pior dos meus medos havia acontecido. Tinha absoluta convicção que aquele filho da puta do Ricardo Conrado tinha voltado para tentar machucar a *minha mulher*.

E eu nunca permitiria aquilo. Nunca!

Entrei em contato com a polícia, expliquei-lhes o caso, e eles garantiram que encaminhariam duas viaturas para o local que eu os informara. No entanto, como não podia esperar por ninguém fui até o meu escritório, que tinha em casa, agradecendo mentalmente por Ana ainda estar em casa e poder ficar com Gael.

Caminhei até a mesa que ficava com a gaveta trancada e retirei a arma que tinha guardada no local. Talvez estivesse exagerando, porém, não facilitaria a vida daquele abusador se ele tivesse tentado fazer algo com a minha feiticeira.

Verifiquei o pente da arma e estava completamente carregado, afinal nunca o usara. Eu a havia comprado há muito tempo, quando fiz curso de tiro, que meu pai exigira.

Ao menos daquela vez, Humberto Montauban, estava certo. Uma hora ou outra nós precisaríamos nos defender e aquele momento pelo visto havia chegado.

Guardei a arma no cós da minha calça, na parte das minhas costas e fui até a sala, onde a babá e meu filho estavam brincando.

— Ana, preciso dar uma saída, mas volto logo.

— Sim, senhor! — a mulher respondeu sorridente.

Fui próximo a Gael, abaixei-me e beijei sua testinha.

— O papai te ama.

— *Amo...*

Esperava que nada de ruim acontecesse comigo, pois eu temia pelo bem-estar do meu filho. Porém, mesmo com medo, não me demorei na despedida, pois realmente não queria perder tempo, eu precisava salvar minha

mulher de qualquer coisa ruim que pudesse acontecer com ela.

Entrei em meu carro e dei partida em direção ao prédio de Heloisa. Por sorte, não era horário de pico, e eu pude chegar um pouco mais rápido no lugar. Para variar não tinha ninguém na portaria para proibir minha entrada.

Subi as escadas que levavam ao apartamento dela, que eu me lembrava muito bem onde ficava, mesmo que depois do fatídico dia que a mãe dela foi internada, eu não tenha voltado aqui.

Assim que me aproximei da porta pude ouvir vozes do lado de dentro. Aproximei-me lentamente da madeira para ouvir mais nitidamente o que estava acontecendo.

Mas assim que cheguei mais perto, senti meu coração errar algumas batidas. O ar me faltou por alguns instantes. Eu imaginei que a minha mulher podia estar com algum problema, mas não daquela maneira.

— *Heloisa, ficou maluca?* — ouvi a voz de Fernanda e ela parecia estar chorando.

Aquilo estava pior do que eu imaginava. Peguei meu celular e mandei uma mensagem rapidamente para Daniel. Nunca digitei tão rápido em toda a minha vida.

Pedro: Mande a polícia para esse endereço, diga que tem um maluco com uma arma. É urgente.

— *Você é minha irmã e eu sempre vou te proteger.*

— *Que bonitinho, então as duas vão morrer juntas.*

Mas aquilo foi o estopim para que eu agisse sem pensar, pois era a vida da mulher que eu amava que estava em risco. Abri a porta abruptamente e com o susto Fernanda gritou, Heloisa também e Ricardo tentou entender o que estava acontecendo.

Provavelmente ele estava drogado, pois era perceptível que se encontrava meio aéreo. No entanto eu não esperei para uma reação e parti para cima dele, o que foi um erro, pois ele logo disparou a arma, a sorte que sua mira não era muito boa.

— Pedro, cuidado! — Heloisa gritou, mas de forma inconsequente me joguei em cima do filho da puta.

Eu só queria manter a minha mulher a salvo. Pela forma que Ricardo estava, foi fácil derrubá-lo com um soco. Ele caiu com a arma ainda em

punho, mas consegui chutar sua mão, o que fez com que ele a largasse e eu aproveitei para jogá-la para longe.

E daquela vez aquele filho da puta não teria chance comigo. Eu acabaria com a sua raça.

Abaixei rapidamente assim que ele tentou se levantar e o soquei novamente, dessa vez pegou em seu nariz. Aproveitei o seu desequilíbrio para sentar em cima do seu corpo e começar a socar sua cara. Cada soco que dava, era uma satisfação para mim, uma vitória. Era como se eu fosse o super-herói de Heloisa e a estivesse salvando daquele vilão.

Soquei, até que começou a sair sangue por todo o seu rosto e mesmo assim não parei, continuei socando, descontando todo o ódio que eu sentia de homens que não sabiam respeitar uma mulher.

Eu queria acabar com a vida daquele filho da puta.

— Amor, para — Heloisa pediu, colocando a mão em meu ombro. Sua voz estava embargada.

Foi só assim que consegui ter noção da realidade. Olhei para a mulher que aprendi a amar e ela não tinha um arranhão em seu corpo,e aquilo me deixou mais tranquilo, com menos ódio.

Ricardo resmungou alguma coisa, mas eu nem dei muita atenção, pois Heloisa estava bem.

— Vamos sair daqui — pediu me estendendo a mão, com os olhos totalmente lacrimejados.

Aceitei de bom grado, mas olhei para Ricardo para ver se ele não faria nada. Porém, esse foi o meu erro, dei as costas para o inimigo. E assim que me levantei, caminhando poucos passos para a saída do apartamento o estouro da arma perfurou meus ouvidos.

Senti uma dor lacerante tomar meu braço por completo. O filho da puta havia me acertado.

Fernanda não estava mais presente e eu só tive tempo de colocar Heloisa atrás de mim para protegê-la. Virei-me para Ricardo e ele estava tentando levantar mesmo com o rosto todo deformado e eu não tive escolha a não ser usar a arma que havia levado.

Aproveitei seu desequilíbrio e as minhas aulas de tiro para destravar a pistola que peguei no cós da calça e dei um tiro, que pegou no centro de sua testa. Fazendo com que ele caísse sem vida e eu me senti em paz.

Só dessa maneira Heloisa teria tranquilidade, sem aquele homem em seu caminho. E era apenas isso que eu queria dar a ela. A paz que tanto

merecia.

Porque quem amava, cuidava, e fazia de tudo para que a outra parte da sua felicidade, a pessoa que completava seu coração nunca mais sofresse.

Capítulo 31



Meu corpo ainda tremia, mas agora era por lembrar tudo que havia passado depois de ver o corpo de Ricardo sem vida. A polícia como sempre, chegou atrasada, mas antes de pegarem nossa declaração, chamaram uma ambulância para levar Pedro para um hospital.

Antes de poder acompanhar o amor da minha vida, tive que dar um depoimento e Fernanda também. Minha amiga, mesmo desesperada, chamou um advogado para nós e eu não sabia direito como as coisas iriam prosseguir depois daqui.

Pois realmente não me importava, eu só queria saber como Pedro estava. Só ele que valia minha atenção naquele momento, por isso, quando soube que não seríamos detidas, eu parti para o hospital em que ele estava.

Meu amor, meu ruivo sedutor, o homem que matou outro para me manter a salvo.

Fernanda estava ao meu lado, mesmo que os seus pais estivessem furiosos por saberem o que havia acontecido. Logo tudo sairia na mídia e as coisas seriam piores, pois eram duas famílias conhecidas tanto os Montauban, quanto os Conrado. Eu estava muito lascada por estar no meio daquela bagunça toda.

Assim que chegamos ao hospital, pude ver de longe os pais de Pedro Henrique na sala de espera. Mas diferente de pessoas comuns, não caminhei até eles, e sim, até a recepcionista.

— Boa noite! — murmurei, enquanto a moça sorriu gentilmente para mim. Havia passado mais ou menos umas três horas na delegacia e o tempo havia voado.

— Boa noite! Em que posso ajudá-la?

— Não sei se você pode me dizer como está Pedro Montauban.

— Você faz parte da família?

Engoli em seco e neguei.

— Sou namorada, não sei se isso conta.

— Bom, consideramos só quem é família direta.

— Ok! — respondi sem força alguma.

— Moça, passamos por tanta coisa. Você não pode nos dizer só se ele está bem? — Fernanda tentou intervir por mim.

A mulher olhou para os lados e sussurrou:

— Eu vou falar, mas não diga que sabem, tudo bem?

— Nós nunca te entregaríamos — foi a minha vez de sussurrar.

— Ele já saiu da cirurgia e até o momento está estável. Os pais já o viram, mas não sei o motivo de não terem ficado no quarto com ele.

Senti como se um peso saísse dos meus ombros. Pedro estava bem e era isso que me deixava feliz.

— Heloisa? — Voltei-me em direção da voz masculina que me chamava.

Era Humberto, o que me fez ficar um pouco amedrontada. Aquela família não gostava muito de mim e agora seu filho havia levado um tiro para me defender. Eles iriam acabar comigo.

— Sim, senhor — tentei soar simpática, para não perder a razão na discussão iminente em que iria se tornar aquilo.

— Por que não se senta com a gente? — Eu realmente não esperava

aquilo.

— Como?

— Sim, descemos para cá. Para esperarmos você chegar e tentar entender o que aconteceu.

Olhei para Fernanda e ela acabou assentindo, então se minha amiga, que era mais esperta do que eu, naquele assunto havia concordado, eu também iria.

Caminhei ao lado de Humberto até chegar próximo a Lilian. Ela me olhou de cima a baixo, mas não disse nada. O pai do meu namorado voltou a sentar ao lado da esposa e logo indagou:

— Você pode me contar o que ocorreu?

Eu não queria falar daquilo novamente. Não agora que eu já tinha dado um depoimento que detalhava todo o terror que eu havia passado.

— A Heloisa não está bem, senhor Montauban. Mas eu vou dizer. — Novamente Fernanda tomou a frente daquela situação e eu só fiquei de cabeça baixa, encarando meus saltos altos que eu nem tive tempo de tirar. — O meu primo, Ricardo Conrado, era um monstro que tentou abusar dela duas vezes.

— Meu Deus! — Lilian exclamou. — Aquele rapaz frequentava o nosso círculo de amizade.

— Para a senhora ver que não é um nome e nem dinheiro que demonstra caráter — Fernanda cuspiu.

E se eu estivesse um pouco mais animada, até soltaria uma risadinha, pois minha amiga era sempre certeira em suas palavras.

— Estou percebendo — Humberto comentou.

— Bom, pela segunda vez, Pedro salvou Heloisa de ser violentada. Minha amiga o denunciou, mas não sei como eles conseguiram deixar esse assunto abafado da mídia, pois ninguém ficou sabendo. Mas sinto que tinha dinheiro envolvido nisso. — Fernanda segurou minha mão para continuar. — Hoje Ricardo nos enganou, e acabamos parando em um lugar que não era muito seguro. Que no caso é o apartamento de Helô, já que ela fica no meu. E ele estava armado e se não fosse pelo Pedro, eu tenho certeza que quem acabaria morta seríamos eu e ela. Vocês deviam se orgulhar do filho que tem, ele é um herói.

— Meu filho parece realmente te amar, garota — Lilian voltou a se manifestar.

Levantei meus olhos até que eles encontraram os dela.

— E eu também o amo, mesmo que a senhora não acredite. Pedro é o meu porto seguro, o homem que me ensinou o que é a palavra amor e me fez ter certeza que existe esse sentimento entre as pessoas.

Falavam que milagres não existiam, mas ao ver aquela senhora abrir um sorriso em minha direção, foi o que presenciei… um belo de um milagre.

— Acho que está na hora de parar de ser uma chata e aceitar que vocês se amam e parecem que vão ser felizes. Porque o meu filho se jogou na frente de uma bala por você.

Não foi bem assim, mas ele havia se colocado à minha frente mesmo. Aquele homem era único.

— Então quer dizer que vamos levantar uma bandeira branca e dar um fim nessa guerra que se formou? — indaguei.

— Eu aceito a bandeira branca, e você? — Lilian estendeu sua mão para mim, para selarmos aquilo que estava se formando ali. Talvez uma aliança, ou talvez não, mas agora acho que não nos mataríamos mentalmente mais.

— Aceito — estendi minha mão e toquei a dela no cumprimento.

— Quero que você nos perdoe, Heloisa. Por termos agido tão mal com você — Humberto pediu.

— Tudo bem! Vamos começar de novo e dessa vez com o pé direito.

— Me sinto até melhor por ver que vocês estão se entendendo — Fernanda murmurou.

E dessa vez eu consegui abrir um leve sorriso para minha amiga.

— Bom, o doutor disse que logo Pedro despertaria da anestesia, você quer vir conosco? — Lilian perguntou.

Olhei para Fernanda, pois imaginei que ela não poderia ir, pois não sabia a quantidade de pessoas que eram aceitas para visita.

— Pode ir, amiga. Logo o Marcos estará chegando aqui, eu já avisei para ele onde estava.

— Tem certeza?

— Absoluta. Vai ver o seu amor — sorriu em minha direção.

— Ok!

Levantei-me e caminhei ao lado dos pais do meu namorado. Subimos em silêncio pelo elevador e fomos até o quarto quinhentos e dois. Assim que entramos vi a razão dos meus suspiros deitado sobre a cama, meio pálido, com o braço enfaixado e um cateter em seu braço que injetava algum remédio.

Quando nos aproximamos de sua cama, parecendo ter um sexto sentido,

Pedro abriu seus olhos lentamente. Ele demorou a focar seus olhos, mas eu já estava feliz por vê-lo bem.

— Amor — foi a primeira palavra que disse, com a voz rouca.

— Oi, meu lindo — deixei as lágrimas caírem por meu rosto.

— Como você está se sentindo, querido? — Lilian questionou.

— Estou bem, mamãe. Sentindo somente um pouco de dor em meu braço, mas acho que deve passar em breve.

— Claro que sim, é devido ao ferimento recente — seu Humberto respondeu.

— Com quem está Gael? — Eu era uma péssima madrasta, como tinha me esquecido do meu pequeno pedacinho de gente, com tudo aquilo que aconteceu?

— Eu pedi para Ana Clara ficar com ele, até que descobríssemos o que aconteceria com você — Lilian, respondeu.

E eu senti um pouco mais de gratidão por ela ter pensado em tudo. Para me tirar dos meus devaneios, Pedro segurou minha mão e eu o encarei.

— Como você está, feiticeira?

— Maluca por não ter notícias suas, enquanto estava na delegacia, mas agora estou em paz. A razão da minha respiração está bem, então é só isso que me importa.

— Provavelmente eu vou precisar de um advogado — Pedro murmurou.

— Já resolvemos isso, filho. Logo tudo vai estar acertado — seu pai o tranquilizou.

— Foi legítima defesa. Eu confio que nada vai acontecer com você, senão eu nunca me perdoaria. Você é meu mundo e eu não quero ver o meu mundo desabar — deixei que as palavras saíssem com a minha voz embargada.

— Eu te amo — ele disse mais uma vez as três palavras que me tiravam dos eixos e só de ouvi-las senti uma calmaria recair sobre mim.

E parecia que havíamos entrado em um mundo paralelo, pois eu até me esqueci de seus pais, ao ficar encarando aquele homem.

— Eu também te amo, ruivo sedutor.

— Agora podemos ser felizes em paz.

— Sem nenhum maluco para nos perturbar.

— Acho que gosto dessa ideia.

— Eu também gosto.

— Talvez sejam os remédios falando, mas você quer casar comigo?

Lilian tossiu e eu gargalhei, quebrando todas as regras do hospital, afinal

silêncio era só o que o pessoal pedia.

— Acho que você está sendo muito apressado. Estamos juntos somente há três meses — respondi.

— Eu não preciso de mais meses para saber que quero passar o resto da minha vida com você.

Tinha como não amar aquele homem? Nunca! Ele me deixava completamente feliz e me fazia sentir cada vez mais amada com tudo que falava.

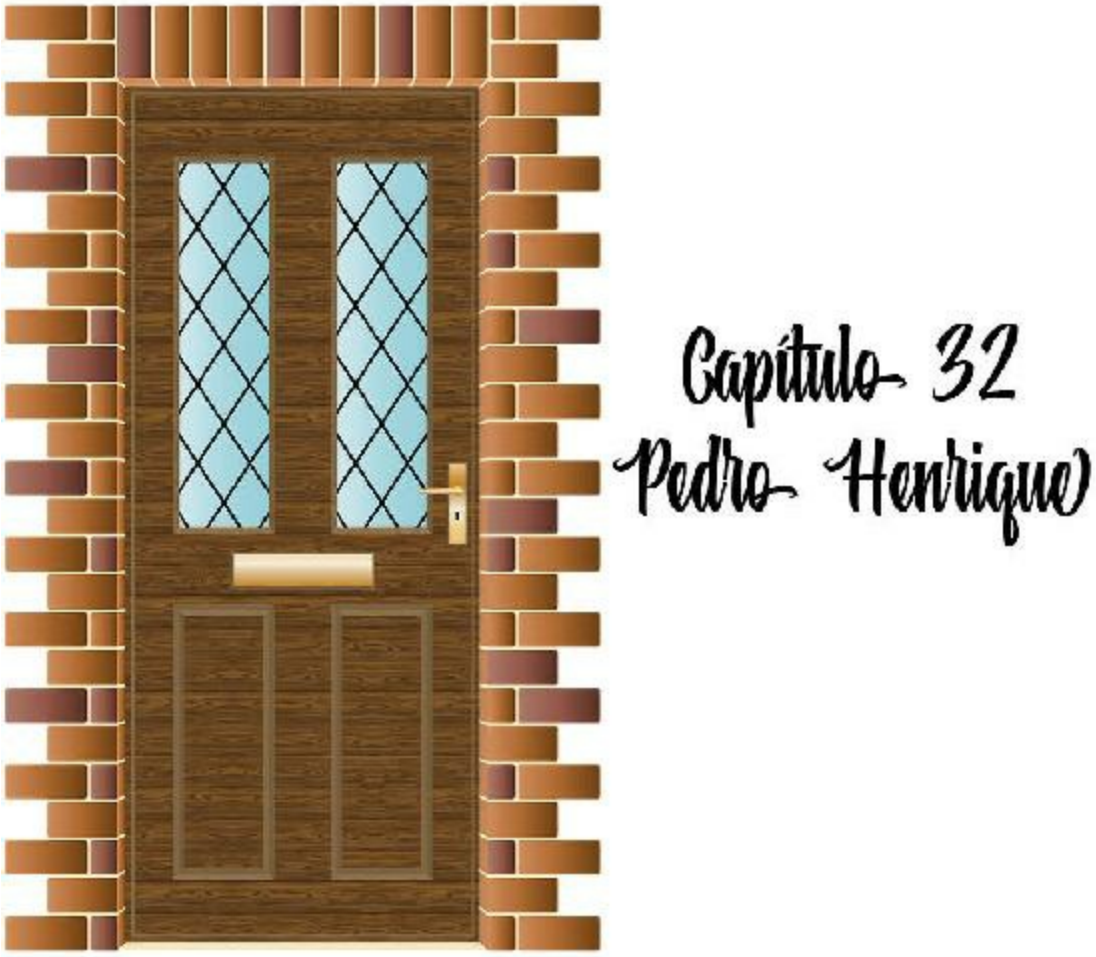
— Depois voltaremos a conversar sobre isso — respondi.

— Eu não vou desistir — ele finalizou.

Eu sabia que ele não desistiria, no entanto eu iria pensar com carinho em seu pedido e responderia no momento certo. Não em frente aos seus pais, que haviam acabado de levantar a bandeira branca para mim.

Responderia no momento que estivéssemos somente nós dois, em um lugar especial, onde o nosso amor reverberasse ainda mais por todos os lugares.

Capítulo 32



Eu sentia cheiro de paz, de felicidade, sentimentos bons transbordando por todos os lugares. E sentia o quanto a mulher que eu amava estava ansiosa ao meu lado.

Haviam se passado oito meses desde que tudo aconteceu, desde que matei um homem para salvá-la, mas que foi uma decisão certa em meio ao caos. Acabei sendo inocentado pelo fato de ter sido legítima defesa. Mesmo assim ainda tinham dias que eu me lembrava de tudo que fiz e ficava meio nervoso, porém em qualquer momento que eu olhasse para Heloisa e a visse tranquila e feliz, eu me sentia melhor.

Era somente daquilo que eu precisava. Daquela mulher realizada e como agora, ansiosa porque sua mãe iria receber alta da clínica, após um

longo período de internação. Nos últimos meses, Bárbara mostrou uma melhora significante e hoje ela seria liberada para voltar a viver em sociedade.

Ela não estava curada, pois o vício se tratava em etapas, mas nós ficaríamos ao lado dela para que a mãe de minha namorada – que ainda não havia aceitado meu pedido de casamento, mesmo que eu o fizesse todos os dias – ficasse bem logo.

Quando Bárbara apareceu na porta e nos encarou com um sorriso estampado em seus lábios, eu senti uma emoção me tomar. Lágrimas desceram pelo rosto de Heloisa e ela não se conteve e correu para os braços da mãe.

— Ah, querida! Você não sabe como contei os dias nesse último mês — Bárbara comentou.

— Eu também, mamãe. Como a senhora está?

— Feliz por estar conseguindo enxergar o mundo por uma nova perspectiva.

— E é exatamente isso que nós queremos que aconteça. Um mundo cheio de coisas boas para a senhora.

— Quanto tempo, Pedro.

Bárbara me estendeu a mão e eu a aceitei de bom grado. Ela parecia outra pessoa, totalmente diferente dos primeiros meses. Completamente mudada, era isso que eu via.

— Vamos para casa? — Heloisa indagou.

— Estou louca para conhecer o cantinho novo onde você disse que iríamos morar.

Bárbara foi poupada dos detalhes sórdidos de oito meses atrás. Em algum momento ela ficaria sabendo, mas com calma e com cuidado. Não queríamos que ela tivesse alguma crise devido ao que aconteceu.

Por isso, ela moraria com Heloisa na cobertura ao lado da minha, que por muito custo ela tinha deixado que eu ajudasse pagarà sua amiga. Como minha namorada conseguiu vender o seu antigo apartamento por um valor extremamente baixo, acabou quepegou essa quantia e deu para Fernanda, que nem queria aceitar, mas teve que fazê-lo por insistência de Heloisa.

A outra parte da cobertura eu lhe dei, mas ainda estava tendo que ouvir até hoje que me pagaria. Mal ela sabia que Fernanda pegou todo o valor e transferiu para uma instituição de caridade.

Não é como se precisássemos, então era melhor dar o valor a quem

realmente necessitava.

— Tenho certeza que a senhora irá amar.

Saímos da clínica e partimos em direção à cobertura, assim que chegamos Fernanda estava lá para esperar Bárbara e Heloisa. Elas se cumprimentaram e começaram a colocar o papo em dia.

— Bom, acho que vou para casa. Mais tarde volto para trazer o Gael para conhecer a senhora.

— Vou ficar extremamente feliz, por conhecer seu pequeno, Pedro.

— Fico muito contente por saber disso, senhora.

Assim que saí do apartamento e me direcionei para o meu, ouvi a porta sendo aberta e Heloisa murmurou:

— Vai embora sem me dar um beijo, ruivo sedutor?

Abri um sorriso malicioso e me voltei para ela.

— Pensei que os que havia te dado a noite toda tinham te satisfeito — brinquei.

— Então, até me senti saciada, mas isso já tem horas. Por isso, você tem que me dar mais alguns para que eu me sinta melhor. O que acha?

Alcei uma sobrancelha e comuniquei:

— Acho que você é uma manipuladora, feiticeira.

Heloisa se aproximou de mim e ficando na ponta dos pés me deu um selinho.

— Já que sou manipuladora, quero muito mais beijos, neste instante.

— Estou sendo forçado a te beijar — passei minha língua por meus lábios.

— Ah, é? Tudo bem, então!

Eu adorava cutucar aquela onça com vara curta. Assim que ela fez que voltaria para o seu apartamento, puxei seu braço e fiz seu corpo vir de encontro ao meu.

— Eu não vou te beijar — Heloisa esbravejou, mas um sorriso brincava em seus lábios.

— Como você quiser.

Aproximei-me lentamente de sua boca, passei minha língua por seus lábios e logo ela estava desfazendo toda as suas amarras e se jogando em meus braços.

Nossas bocas se grudaram e eu senti o desejo que toda vez tomava meu corpo, me atingir. Eu amava demais aquela mulher. Necessitava dela, quase pedia a Deus todos os dias para que ela nunca saísse da minha vida.

Empurrei seu corpo até a parede do corredor e comecei a devorar sua boca, sua língua brincava com a minha de forma safada, de um jeito que só ela sabia me levar ao delírio.

Em poucos minutos eu já queria arrancar sua roupa ali mesmo e fazer amor com ela naquele corredor, onde qualquer pessoa podia nos ver, mas que no momento eu achava aquilo sexy.

No entanto, Heloisa sabia brincar comigo do jeito certo. Ela se afastou dos meus lábios, sorriu e murmurou:

— Te vejo mais tarde, ruivo sedutor.

Afastou-se de mim e me deixou no corredor morrendo de vontade de possuí-la. Antes de sumir dentro do apartamento, ainda me jogou um beijinho no ar, e eu fui obrigado a fazer a cena mais clichê que existia, de pegar o beijo.

— Tão brega — brincou.

— Um brega que você ama.

— Amo mesmo.

Fechou a porta e eu voltei para o meu apartamento, para encontrar meu filho todo lindo, correndo de um lado para o outro. Eu me sentia completo e para finalizar toda a perfeição da minha vida, só faltava Heloisa aceitar se casar comigo.

∞∞∞



Heloisa

Eu olhava para a mulher que por muito tempo me fez acreditar que não nutria um pingo de sentimentos por mim e ela também me olhava. Fernanda já havia ido embora e eu ainda estava meio insegura, quanto a saída da minha mãe da clínica.

Não que eu não estivesse feliz. Só tinha medo de que tudo voltasse a ser como antes. Porém, para me surpreender ainda mais, minha mãe segurou minhas mãos nas suas e começou a dizer:

— Eu sei que você está com receio e eu também estou, mas eu vou fazer o melhor para voltar a ser a mãe que você merece, meu amor. Sei que me perdi no caminho, só que agora eu quero curtir minha nova vida. Porque nessa minha jornada existiram três Bárbaras. A Bárbara que vivia com seu pai e que o amava demais, a Bárbara que não soube lidar com a partida

abrupta dele e agora a Bárbara que quer voltar a viver e ver a vida com cores novas.

Aquelas palavras me emocionaram um pouco mais. Pois eu passei por todas as fases que ela comentara, e todas elas mexeram comigo de uma forma, mas a que mais me machucou foi a segunda Bárbara. Aquela era malvada e eu nunca mais queria que voltasse.

— Quero estar ao seu lado sempre, mamãe. Para nunca mais deixar que a segunda Bárbara volte, se você sentir que terá uma recaída, fale comigo que eu vou mover céus e terras para deixá-la bem.

Minha mãe soltou uma de minhas mãos e passou por uma lágrima teimosa que escorreu de meus olhos.

— Eu vou sempre conversar com você, sobre todos os meus sentimentos. Mas agora eu quero saber de coisas novas. Como vai sua vida amorosa com o seu *vizinho*, pelo que entendi.

Abri um sorriso e eu tinha certeza que era exatamente aquele de mulher apaixonada que quase apareciam corações nos olhos.

— Ah, mãe! O Pedro Henrique é tão perfeito, que eu nem sei como não o conheci antes, eu estou tão apaixonada por ele. Que agora entendo como a senhora se sentiu quando perdeu o papai, pois eu sinto que perderia toda a minha motivação se não o tivesse ao meu lado.

— Quando o amor é verdadeiro, ele nos transmite esse sentimento mesmo, minha linda. Mas eu aprendi que mesmo se o perdermos, devemos nos manter firmes, pois como você me disse uma vez: o meu amor nunca iria querer me ver perder a batalha devido à sua partida.

Estava amando ver o quanto minha mãe havia amadurecido naquele tempo. Ela realmente havia se tornado outra pessoa.

— Mamãe, eu estava com tantas saudades de você.

— E eu de você. — Ela abriu seus braços e eu me joguei dentro deles.

Amava aquela mulher e agora me sentia totalmente realizada por estar com ela bem ao meu lado. Tinha certeza que de onde meu pai estivesse, ele estaria sorrindo por nós.

Assim que nos afastamos, minha mãe questionou:

— Você vai me contar o motivo de agora morarmos aqui?

Aquilo era uma novidade até para mim, pois ainda não acreditava que havia comprado aquele lugar, com a ajuda de Pedro. Mas ao menos ali eu me sentia melhor e nunca me lembraria do corpo daquele monstro estirado no

chão da minha casa.

— Um dia irei contar, mamãe. Mas agora não é o momento. Vamos curtir a nossa paz e esquecer de todo o mal que nos cercou.

— Acho que gosto da sua ideia.

Voltei a abraçar minha mãe e ela acabou retribuindo o gesto. Eu precisava tanto daquele abraço que foi só recebê-lo, que me senti em paz e completa. Agora minha vida estava perfeita e eu podia seguir com meu futuro, sem me preocupar com o meu passado.

Eu podia me entregar de vez ao amor da minha vida.

Capítulo 33



Era o grande dia.

O dia que Pedro inauguraria a sua nova empresa.

A sua própria automobilística, que iria se chamar Create.

Aquele era o assunto mais comentado do momento e haviam muitos jornalistas espalhados pelo lugar. Fazia somente uma semana que minha mãe havia saído da clínica, por isso, ela resolveu não comparecer, pois ainda tinha medo de como seria sua reação no meio de tantas pessoas.

Eu podia compreendê-la. Ela estava voltando a viver livremente somente agora, então podia ficar em paz em casa, curtindo qualquer coisa que quisesse. Havia contratado outra cuidadora para lhe fazer companhia – já que Alessandra estava em outro emprego – e dessa vez ela não se importou.

Acho que minha mãe havia entendido o quanto ela ficou doente e parecia que a partir de então ela aceitaria qualquer ajuda.

— Se você não for apressar o Pedro eu juro que mato ele. Nunca vi um homem tão enrolado para decidir o que falar para as pessoas — Daniel cochichou perto de mim.

— Você tem que lhe dar um crédito, ele está há meses planejando esse lançamento e não quer que dê nada errado.

— Eu entendo, mas as pessoas já estão ficando cansadas e ele não aparece.

Daniel tinha razão, já estávamos há quarenta minutos aguardando. E todos que estavam presentes, queriam saber como a automobilística concorrente a de seu pai funcionaria.

E mesmo sabendo que a empresa de Pedro poderia desbancar a Automobilística Montauban como sendo a melhor do Brasil, seu pai – que havia deixado a aposentadoria – estava presente e parecia muito orgulhoso, assim como Lilian que no fim havia se tornado realmente uma amiga.

Eu não queria mais esganá-la e agora até trocávamos algumas piadas de quando nos conhecemos.

— Vou chamá-lo.

— Obrigado!

Passei por Fernanda, que estava com Marcos e joguei um beijo no ar para ela que correspondeu. Eu me sentia feliz por ela realmente ter encontrado o seu grande amor, como eu encontrei o meu.

Subi as escadas que levavam até o escritório de Pedro, que estava com as persianas abaixadas e não se podia ver nada por dentro, devido a porta de madeira maciça também não deixar que eu espionasse.

Dei duas batidinhas e abri a porta.

— Daniel eu já disse que estou indo — Pedro esbravejou e eu agradeci por seu escritório ser longe o suficiente das pessoas.

— E você vai me expulsar também?

Pedro se voltou para mim com o cenho franzido e depois fechou os olhos.

— Acho que estava precisando de você — murmurou.

Entrei, tranquei a porta e me aproximei dele.

— O que está acontecendo? — indaguei, enquanto me aproximava e o abraçava.

— Estou nervoso e não sei como me sentir seguro para falar com

essas pessoas.

Tadinho! Ele estava com medo, nunca havia dado um passo tão grande e era super compreensível.

— Amor, você é ótimo em se comunicar com as pessoas. Vai tirar esse discurso de inauguração de letra e a Automobilística Create já começará bombando nos noticiários.

— Você acha? — perguntou e eu me afastei para encará-lo.

— Claro! Mas você precisa ir lá para inaugurar tudo isso que criamos.

Ele engoliu em seco e eu tive uma ideia bem pervertida, mas que eu sabia que funcionaria.

— Vem cá — peguei sua mão e o levei até o sofá que ficava no canto de seu escritório. — Vou te acalmar.

Sentei-o no lugar e Pedro me olhou sem entender nada. Sorri para ele e comecei a dançar sensualmente, mesmo que estivesse sem música. Passava minhas mãos por minhas curvas que eu sabia que o enlouqueciam e rebolei vagarosamente para que ele apreciasse.

Levantei a barra do meu vestido e mostrei o fio dental que usava. Vi o momento que seu membro começou a ficar ereto, mordi meu lábio inferior e me aproximei dele.

Abri o botão de sua calça, desci o zíper e logo abaixei sua boxer, libertando seu pau que saltou para fora.

Comecei a masturbá-lo com veemência e Pedro gemeu. Continuei fazendo o movimento de vai e vem, enquanto ele começou a mexer seu quadril lentamente. Levei minha boca até o seu membro e o levei até o fundo da minha garganta.

Chupei-o com ganância, vontade, necessidade e quando percebi que Pedro estava perto de se libertar me afastei.

Esperei por algum momento, até que sentei-me em seu colo, afastei minha calcinha para o lado e me posicionei sobre o seu membro.

Gemi ao senti-lo tão fundo, tão dentro de mim, entregando-me toda para ele. Comecei a rebolar de forma lenta e Pedro gemeu mais uma vez. Levei minha boca até o lóbulo de sua orelha e a mordi.

— Eu te amo — sussurrei.

Ele entrou com mais força dentro de mim e eu precisava de mais.

— Me fode como só você sabe fazer — pedi em forma de gemido.

— Seu pedido sempre será uma ordem, feiticeira.

E foi assim que ele enlaçou um braço em minha cintura e me fodeu com força, desejo, amor. Seus movimentos me deixavam louca, mais molhada, desesperada. Eu amava quando ele me fazia sua por completo.

Mordi seu pescoço carinhosamente, enquanto o sentia ficando mais e mais duro dentro de mim. Não queria deixar uma marca nele, antes que fizesse o seu discurso, por isso afastei minha boca de sua pele.

— Amor, eu preciso mais forte — pedi de forma esganiçada.

E ele me deu com toda a força do mundo, da forma que toda vez que ele entrava e saía de dentro de mim, era possível ouvir o barulho da nossa lubrificação. E aquilo estava mais carnal, da forma que mostrava que nos amávamos.

Quando gozamos, um devorando os lábios do outro, eu ainda fiquei um tempo sentada sobre ele para me recuperar. Pedro olhou nos meus olhos, segurou meu rosto e disse:

— Se em uma outra vida, se é que existe isso, eu a vivesse cometeria novamente todos os erros que já fiz, se soubesse que iria te encontrar. Te amo demais, garota linda. Minha feiticeira. Sei que não sou o melhor homem do mundo, mas quero ser o melhor para você, se eu ainda tiver algum defeito, pode me dizer que consertarei, para que você nunca saia do meu lado.

Como ele podia dizer aquilo?

Ele era perfeito para mim.

— Seria impossível, falar para você consertar algo que não existe. Você é meu amor, Pedro Henrique e é perfeito para mim.

— Fico muito feliz por saber disso, amor. — Ele me deu um leve selinho e murmurou: — Você aceitaria passar o resto da sua vida ao meu lado? Porque eu tenho certeza que te quero pelo resto do tempo que viverei nesse mundo. Você e meu filho são o meu ponto de felicidade e eu queria muito que nos tornássemos uma família feliz. Então, dona Heloisa Marinho, a mulher que roubou meu coração e me mostrou um sentimento que eu nunca tinha sentido despertar, aceita se casar comigo?

Eu tinha certeza que aquele dia não terminaria sem que Pedro me fizesse aquela pergunta.

— De todos os pedidos que você fez, esse é o menos romântico, sabia?

— Estou tentando aproveitar todos os momentos que tenho com você e como o nosso sexo é divino, achei essencial te perguntar nesse momento.

Uma coisa que Pedro não sabia, era que eu só estava esperando o

momento certo para dizer sim. Eu sabia que ele era meu futuro, mas eu só lhe responderia, quando me sentisse preparada, pronta e completamente realizada. E isso aconteceu no dia em que minha mãe saiu da clínica, por isso, eu disse:

— Hoje será o dia que direi a você um grande sim. Porque eu te amo perdidamente e quero passar o resto da minha vida com você. Quero ser a mãe do seu filho, que está lá embaixo com a babá, ser a mãe dos futuros filhos que tivermos e quero ser a sua mulher por você ter me ensinado a amar e ter me mostrado que esse sentimento existe. Então, Pedro Henrique Montauban, meu ruivo idiota e sedutor, sim, eu aceito.

Pedro abriu um sorriso gigantesco e depois que seus olhos ficaram lacrimejados, ele murmurou:

— Acabei de me tornar o homem mais feliz do mundo.

Ele me tirou de cima dele, levantou-se, ajeitou-se dentro da sua calça. Ajudou que eu me limpasse e eu fiquei sem entender o que ele estava fazendo, até que quando estávamos totalmente arrumados, ele foi até a gaveta da mesa de seu escritório, tirou uma caixinha e trouxe até mim.

Abriu e lá estava um anel lindo, com uma pedra exagerada, mas que representava muito bem o amor de Pedro por mim. Ele sempre foi extravagante ao falar que me amava.

— Posso?

— Sim!

Estendi minha mão para ele, e quando o anel estava em meu dedo o admirei.

— Serei a mulher do homem que um dia pensei que sempre odiaria. Afinal ele nunca gostou de música alta.

— Não tenho culpa de ter ouvidos sensíveis.

— É um fresco, isso sim.

Gargalhamos e ele me beijou.

— Estou pronto para enfrentar os leões.

— Vai lá e arrasa, meu noivo. Estarei te esperando perto do nosso filho.

— Não poderia ter escolhido uma mãe melhor para ele.

Caminhamos juntos para o andar debaixo e assim que Pedro foi para o palco, eu parei ao lado de Ana que estava com Gael. Quando o garotinho me viu estendeu os braços para mim.

— Vem cá, meu amor.

Gael estava bem maior, com seus dois anos e agora falava bem mais.

— Gael, amô da Lôlô.

Sim, ele me chamava de Lôlô. E eu sempre tinha que ouvir piadinhas de como eu era um chocolate bom, mesmo que o chocolate não tivesse o mesmo nome, literalmente.

— Posso te contar um segredo? — perguntei para Gael, enquanto Pedro começou o seu discurso.

O bebê assentiu e ficou esperando que eu dissesse.

— Vou casar com seu papai. Você me aceita como sua mamãe?

Gael arregalou os olhos e depois um sorriso enorme se abriu em sua boquinha com vários dentes de leite. O menino me abraçou tão forte que por um momento pensei que ficaria sem ar.

— Acho que isso é um sim.

Depois do nosso pequeno momento, observei meu noivo discursar e ele realmente era muito bom no que fazia. Estava orgulhosa de tudo que ele tinha feito naquele ano, ele era um homem para ser admirado.

Assim que finalizou o discurso todos o aplaudiram e até Gael bateu as mãozinhas uma na outra.

Aquele era mais um passo para a nossa perfeição.

Logo Pedro estava ao meu lado e Gael murmurou:

— *A Lôlô vai sê minha mamã…*

Pedro olhou para o filho e perguntou:

— E você gosta da ideia, filho?

— *Dosto…*

— Acho que esse é o passo que precisávamos para os felizes para sempre, não é mesmo?

— Com toda certeza — respondi, sentindo-me a mulher mais feliz do mundo.

Éramos um casal improvável que quebramos todos os paradoxos e no final acabou que deu certo. E nos tornamos quase um conto de fadas. Uma maluca e um idiota que no fim, tornaram-se uma feiticeira e um sedutor, que foram de encontro ao amor.

Epílogo



Linda seria uma palavra fraca para expressar o quanto ela estava perfeita. Toda de branco, com um vestido tomara que caia, e um sorriso contagiante naqueles lábios maravilhosos. As covinhas estavam aparecendo de forma que todos podiam ver o quanto ela ficava maravilhosa daquela forma.

Os olhos que sempre foram expressivos, hoje irradiavam felicidade. Ainda esperamos dois anos para nos casarmos, depois que ouvi o sim sair de sua boca e enfim tinha acontecido nossa cerimônia íntima.

Com poucos convidados, somente as pessoas que realmente eram importantes para nós. Estávamos em nossa recepção e agora Heloisa conversava com Fernanda algo que eu não entendi muito bem, mas era sobre

comida. Aquelas duas sempre falavam sobre isso, e eu não sabia como conseguiam se manter em forma, comendo o tanto de porcaria que estavam acostumadas.

Olhei mais adiante e meus pais estavam sentados juntamente com a mãe de Heloisa. Eles também sorriam de algo e aquilo me trouxe paz. Tudo estava no lugar certo, meus pais tinham se tornado pessoas melhores, a mãe de Heloisa nunca mais colocara uma gota de álcool na boca e tudo não podia ser melhor do que já parecia. Até quando Bárbara descobriu o que aconteceu no seu antigo apartamento, ela se controlou e não teve uma recaída. O que foi uma grande vitória para Heloisa.

— Você tá parecendo um velho babão de tanto que sorri para tudo — Daniel comentou.

— Estou feliz, hoje é um dos melhores dias da minha vida.

— *Papai, papai…* — Gael veio correndo em nossa direção.

Ele tinha sido nosso porta-alianças e foi tão lindo que eu nem consegui segurar a emoção e chorei, enquanto ele entrava na igreja.

— O que foi, meu amor?

— *Eu posso tomêr um docinho?*

— Acho que o senhor já comeu, não? — A boca do pestinha estava repleta de chocolate.

— *Comi só cinco* — ele me mostrou a mãozinha com dedos gordos.

Olhei para Heloisa que havia parado de falar com Fernanda para nos observar.

— Pergunta para sua mãe o que ela acha disso.

Ele olhou com os olhos culpados em direção a Heloisa e indagou:

— *Mamãe folam só cinco, eu posso tômer mais cinco?*

Amava ouvi-lo chamar Heloisa de mãe, aquilo me deixava tão satisfeito, por saber que Gael havia aceitado a mulher que eu amava como sua mãe. E que ela o amava como se fosse realmente seu filho. Heloisa se aproximou de nós, no mesmo momento que Fernanda murmurou:

— Acho que estragamos essa criança, Helô.

A amiga da minha mulher, tinha casado um ano antes que nós e estava esperando um menininho de Marcos e eles não podiam estar mais felizes. Ao contrário, Daniel continuava na putaria. Ele nunca tomaria jeito.

— Hoje é um dia especial, meu bebê. Então acho que você pode comer mais cinco docinhos. Só que quando não forem dias assim não pode, tá bom?

— *Tá bom, mamãe. Te amo*! — Ele beijou o rosto da mulher e fez que queria sair do meu colo.

— E o meu beijo e o meu eu te amo? — perguntei me fazendo de bravo.

Gael teve a capacidade de rolar os olhos para cima, mas logo falou:

— *Eu tamém te amo, papai.* — Beijou meu rosto e desceu.

— Acho que ele me ama mais — Heloisa implicou.

— Pelo jeito perdi meu filho.

— Larga de ser ciumento.

Ela me abraçou e beijou minha bochecha.

— Fazer o quê? Esse é meu jeito de ser — brinquei.

— Então quando o bebê que está em minha barriga nascer, talvez ele ou ela te ame mais — sussurrou em meu ouvido.

Encarei seus olhos assim que ela se afastou. Sem acreditar no que havia dito.

— Heloisa…

— Você será papai de novo, ruivo sedutor.

Fiquei em choque por um momento, mas logo gritei de felicidade. Existiu uma época em que eu nem sabia o que era ser pai, depois veio Gael e me ensinou a ser um homem melhor. Nunca imaginei que poderia ter outro filho, até conhecer o amor da minha vida.

Com a notícia que ela havia acabado de me dar eu soube que o que eu mais queria era ter outro filho e deixar aquela família ainda maior.

Eu estava completo. O garoto quebrado havia sido consertado. A mulher que não sabia amar, aprendeu da melhor forma.

E como diziam do ódio nasceu o amor, fomos vizinhos que se odiavam, mas foi exatamente por isso que o nosso desejo nasceu e também foi por isso que nos apaixonamos perdidamente um pelo outro.

— Estamos completos — sussurrei.

— Estamos completos, meu ruivo sedutor.

— Feiticeira do amor.

Beijei seus lábios delicadamente e no mesmo momento Gael voltou com as mãos cheias de doces, oferecendo alguns para Heloisa.

Aquele realmente era o final feliz do nosso conto de fadas, que começou completamente torto, mas no fim só tínhamos uma única certeza: Eu amava aquela mulher e ela me amava.

Fim



Outras Obras



Compre ou alugue: clique aqui

Sinopse: Eu tinha várias fãs, era conhecido mundialmente e meu nome constantemente estampava a capa de revistas de fofoca. Mas essa fama já começava a desgastar, transformando-me em um homem solitário e sem

muita vontade de conquistar coisas novas.
Queria uma mudança, e foi exatamente isso que aconteceu justo na noite em que eu estava a ponto de mandar todos se ferrarem. Uma mensagem enviada por engano mudou minha vida e trouxe para meus lábios o sorriso que havia desaparecido há muito tempo.
O problema era que eu não sabia como revelar à mulher que me encantou que ela trocava mensagens com uma celebridade ou, como os tabloides diziam, o homem mais cobiçado do momento: Bryan Baxter.
Megan, uma CEO em ascensão, precisou batalhar muito para levar sua empresa digital ao topo enquanto cuidava sozinha de sua filhinha de dois anos. Uma verdadeira mulher que lutou pelas suas conquistas. No entanto, nunca imaginou que uma mensagem errada a faria conhecer um dos atores mais badalados de Hollywood.
E foi assim que sua vidinha pacata mudou de uma hora para outra.

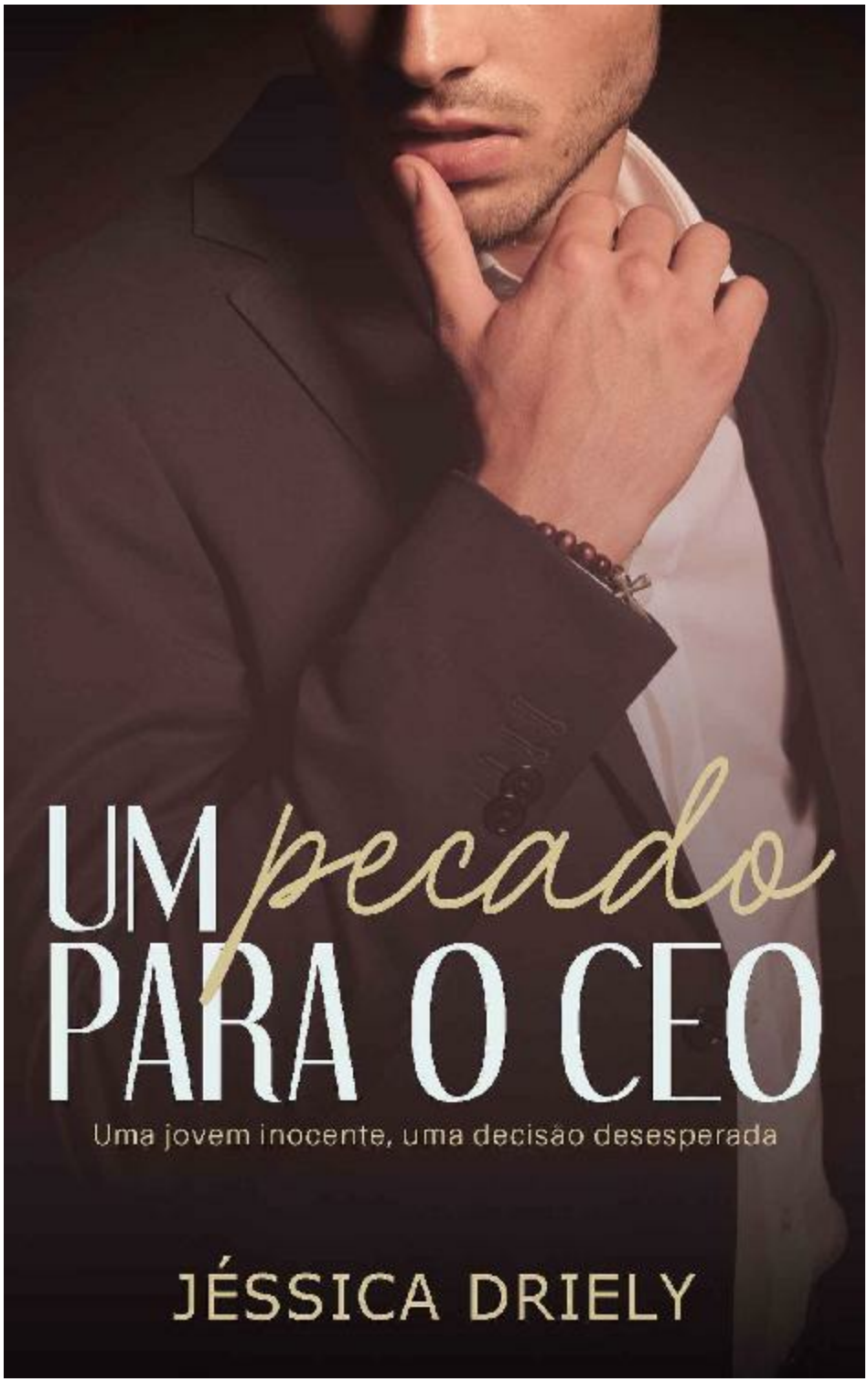


Compre ou alugue: clique aqui

Sinopse: Um CEO que precisava cuidar de sua filha.
Uma babá que nunca havia cuidado de uma criança.
Roberto Martini era frio, calculista, só pensava em trabalho e um completo

idiota como todos falavam. Porém que culpa ele tinha de ter sido escolhido pela vida para perder uma das partes mais preciosas que possuía? Um homem que não conseguia ter empatia por ninguém, e sua filha era a única pessoa que prezava a dar um pouco de afeto. Além de ser um controlador, para que nada de ruim acontecesse à pequena.

Só que tudo mudou quando Nicole entrou em suas vidas, com seu jeito torto a mulher começou a encantar todos que rondavam a mansão Martini. E conhecendo bem o gênio de Roberto, todos sabiam que mais cedo ou mais tarde aquela babá também sumiria de seus caminhos. Mas ninguém esperava que depois de tanto tempo Roberto começasse a sentir uma parte do gelo que tomava seu coração começar a se derreter.



Compre ou alugue: clique aqui

Sinopse: Eu era um gênio dos negócios. Exatamente por isso, fui chamado ao Brasil para salvar a empresa do meu falecido pai. Esperava não

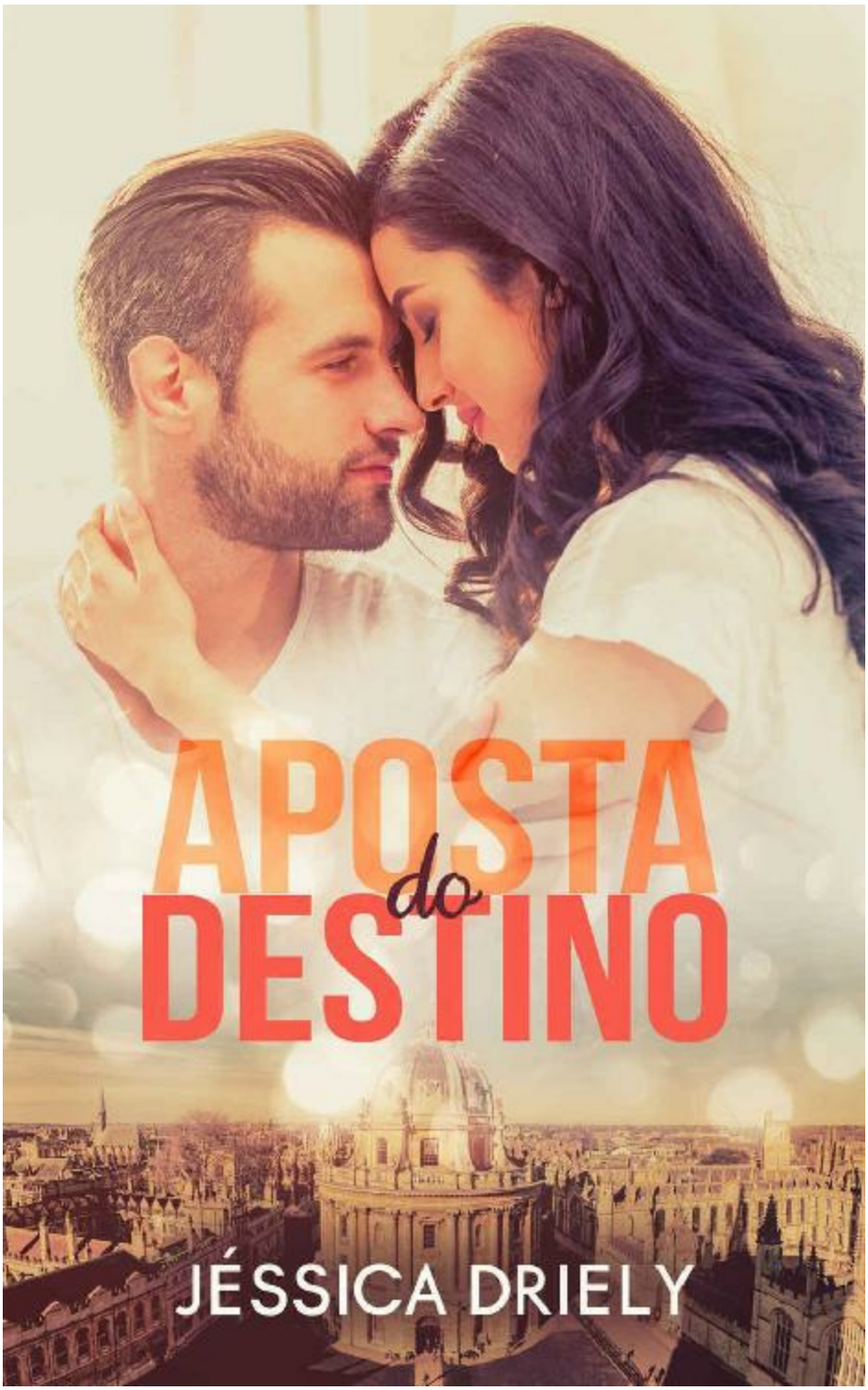
passar mais tempo do que o necessário no país do qual há anos havia fugido, mas não imaginava conhecer uma prostituta amedrontada, inocente e virgem, que dominaria meu coração e que tinha tantos segredos guardados que poderiam me levar à destruição em um piscar de olhos. Foi por esse motivo que a evitei o quanto pude, mas quando percebi que a sua profissão estava a colocando em perigo, tive que intervir, e isso poderia custar muito caro... para nós dois.



Compre ou alugue: clique aqui

Sinopse: Quando saí da minha amada Itália para vir para o Brasil há 16 anos, não imaginava que minha pacata vida de cozinheiro mudaria tão drasticamente, muito menos que uma linda loira entraria pela porta do meu

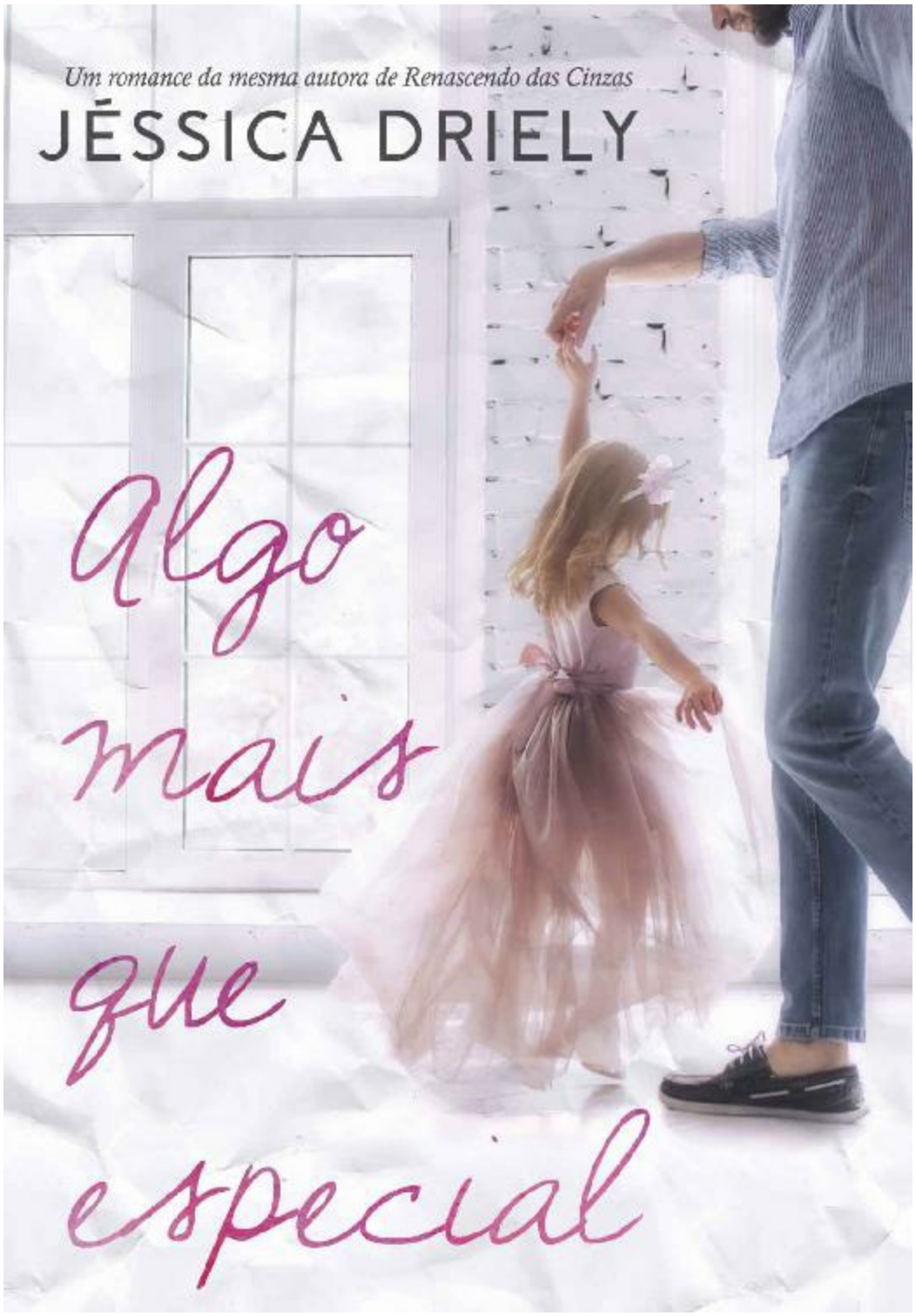
restaurante, vestida de noiva e fugindo de alguém.
Tudo bem, eu nunca deixaria de salvar uma mulher, só não imaginava que, com isso, colocaria minha vida em risco. No entanto se fosse para ganhar ao menos um sorriso daquela mulher misteriosa eu faria tudo, até protegê-la de um homem perigoso, disposto a tudo para tê-la para si.



Compra ou alugue: clique aqui

Sinopse: Amei irrevogavelmente um homem que me prometeu o céu, as estrelas e todos os maiores sonhos do mundo. Uma pena que esse mesmo

homem tivesse destruído meu coração sem chance de conserto.
O amor machuca, fere a nossa alma de uma forma inexplicável, além de deixar cicatrizes incuráveis. Por isso, achei por bem me afastar, mas o destino não quis que meus planos dessem certo. E eu nunca poderia imaginar que uma aposta seria capaz de me levar às piores consequências.



Compra ou alugue: clique aqui

Sinopse: Sonhar com uma vida feliz e sem problemas é o que todos desejam, inclusive Caio. Só que na maioria das vezes a vida não está pronta

para dar o que você deseja, muito menos o destino. Ainda mais quando você é diferente da maioria, quando tem algo que faz as pessoas olharem com acusações ou pena em sua direção. Tudo o que Caio quer é ser normal, mas, afinal, o que é a normalidade, se cada um é normal à sua maneira?

Caio precisa provar ao mundo, mesmo com seu diferencial, que consegue cuidar sozinho de sua filha Bella, porém o destino poderá fazer a sua vida – que já está de ponta a cabeça – dar ainda mais voltas com a presença de uma vizinha que tem uma história um tanto conturbada para contar.

Algo Mais que Especial é a prova de que as pessoas, mesmo com suas limitações, podem viver no mundo real sem o julgamento da sociedade.